A CIGARRA
magazine
MARÇO · 19
2$
Nº 36

Até o Genio!

Uma Calamidade!

Muitas mulheres sofrem de molestias graves, que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martirio!

Para evitar e tratar estes padecimentos e as complicações internas perigosas ou inflamação do Utero, use *Regulador* **Gesteira.**

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

ANNO XXIII —— RIO - SÃO PAULO, MARÇO DE 1937 —— NUMERO 36

Direcção de
MENOTTI DEL PICCHIA
Editada pela Sociedade
Anonyma "A CIGARRA"

MENSARIO
ILLUSTRADO
Fundada por
GELASIO PIMENTA

Assignaturas registradas para todo o Brasil:
Anno .... 27$000
Semestre .... 15$000
Para o Exterior:
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL RS. 2$000
Redacção: Rua Sete de Abril, 62 — Telephone: 4-4272 (São Paulo)
Administração: Rua 13 de Maio 33/35 — Telephs.: 22-6580 e 22-6581 (Rio)
Agentes na EUROPA: Compotoir Inter. de Publicité—9 rue Tronchet — PARIS
Soc. Mutuelle de Publicité — 14, rue Rougemont — PARIS

Indice das Materias

CONTOS

THEATRO

CHRONICAS E NARRATIVAS

SUPPLEMENTO CRIMINAL

SUPPLEMENTO CINEMATOGRAPHICO

SUPPLEMENTO FEMININO

VARIEDADES

O DISCO

Conto de ANN BRIDGE

"Com o amor de Nigel"

"P. S. — Querida, virás, Não digas "não" sem pensar, movida por algum impulso puritano e errado. Não te esqueças que será como gostas."

* * *

Mrs. Congrave deixou cahir a carta de Nigel Durnford e fechou os olhos, reclinando a cabeça no encosto da poltrona. A pressa faminta com que devorara a carta deu logar a um estado em que se sentia como meio adormecida ou desfallecente, excepto por dois pontos de intensa consciencia — um era o coração, batendo com força e rythmo exaggerados, como um animal preso; o outro ficava em uma parte qualquer de seu espirito, e a fazia comprehender, de maneira inexoravel, que a sua hora chegara.

O sol de outomno penetrava pelo faceiro salão da casa de campo, escamoteando o fogo na lareira de marmore branco e verde, batendo em um ou dois moveis e mostrando os poros da sua superficie envernizada, fazendo resaltar o desbotado do cretone das cortinas. Mas naquella manhã ella não via nada daquillo, mesmo depois de abrir os olhos; continuou sentada muito quieta, pensando em si mesma e em Nigel.

O plano de Nigel, em sua simplicidade e ousadia, era de tirar o folego. Ella o fizera sciente de que emquanto George estivesse caçando em Suffolk tencionava passar com Sheila em Somerset, imaginando que elle pudesse ir no fim da semana se reunir a ellas. Mas Nigel suggeria agora que ella sahisse da casa de Sheila na sexta-feira, sob qualquer pretexto, e fosse encontral-o num pequeno hotel de Dartmoor, onde ficariam até a segunda-feira seguinte, quando ella voltaria para casa, como se só então houvesse deixado Sheila. "Não vejo nenhum impossivel nesse projecto", escrevia elle. "E quando falo em week-end não lhe dou **necessariamente** um sentido especifico ou de sala de jury, porque ainda não sei ao certo o que pensa e o que sente a esse respeito. Mas ao menos estariamos juntos, em paz e liberdade".

A idéa de ficar "em paz e liberdade" com Nigel por quasi tres dias dava-lhe vertigem.

Esforçou-se por apreciar friamente o projecto, por ver se não haveria "nenhum impossivel" na sua realização; mas em meio ás suas reflexões do que poderia dizer a Sheila e do que poderia dizer a George se — o que não era provavel — elle lhe pedisse que narrasse em detalhe como havia passado o tempo da separação, o seu espirito voltou, com a teimosia de um animal sedento que retornasse para perto dagua, as scenas em que se via só com Nigel, num pequeno quarto de hotel, sem receio de interrupções — parecia incrivel.

Havia mezes que não sabia o que era peior: se estar perto ou longe de Nigel. A ausencia delle era como um fardo pesado que arrastasse atraz de si onde fosse — não, era como viver meio morta, com um interesse reduzido pela vida. De qualquer maneira, era fatigante, pois tudo que não tivesse ligação com Nigel não tinha nenhum interesse. Mas quando Nigel passava, a intervallos respeitaveis, alguns dias em Rosewell, ou se encontravam na casa de Sheila ou na dos Champneys, ainda era peior. Então ella acordava, de subito, sentia-se de novo viva, sentia em

Illustrações de GEORGE MITCHELL

si o desejo intenso de se deixar levar, com uma força dolorosa. Quando tinham sorte, conseguiam dar um passeio a pé ou de automovel juntos e a sós — horas que faziam com que Geraldine, que havia sido educada com simplicidade, ficasse imaginando como poderia ser o paraiso. Mas em outros momentos eram apenas, quando as cortinas estavam corridas e a sala vasia, aquelles longos abraços, em que ella tinha a impressão de se afogar na amplidão de sua felicidade — e de subito passos, uma voz, uma pancada em uma outra porta os fazia voltar com um sobresalto á realidade e se separarem bruscamente. Era como ter o coração arrancado do corpo, aquella separação rude, Nigel em pé ao lado da lareira, esforçando-se por manter uma attitude natural mas na verdade tremulo, com a angustia da privação no olhar. Os passos seguiriam outro caminho, as vozes morreriam na distancia, uma outra porta se abriria — e tremulos e exhaustos, odiando toda a especie humana, elles se

viam novamente arrastados pela terrivel necessidade, pelas mãos e pelo olhar, a um novo abraço, apenas para terem que se separar outra vez. Esforço tremendo. Não poderiam continuar assim. E depois de mezes daquelle estado de coisas, um pouco de paz para os dois unidos — não, não seria possivel. Algum obstaculo surgiria, pensou Geraldine.

Mas não era assim que devia reflectir, disse a si mesma. Devia encarar a realidade, resolver alguma coisa. Sempre tinha a impressão de ser mais velha e mais responsavel que Nigel, o que era curioso, pois na verdade elle fizera vinte e nove annos em março e ella só faria vinte e nove em maio. Talvez por ser casada e ter filhos pensasse conhecer melhor a vida que elle.

Apanhou novamente a carta que deixara solta no collo e releu-a até o **postscriptum;** "Não digas **não** sem pensar, movida por algum impulso puritano e errado." Sorriu, tinha a impressão de ouvir a voz de Nigel pronunciando aquella phrase, de sentir a sua impaciencia deante das resoluções impulsivas que costumava tomar; mais vivamente, porém, imaginava o terror que devia ser o seu de que ella dissesse *não*.

Se tivesse realmente a possibilidade... e sabia que tinha... poderia, em face da força daquelle desejo, dizer que não? Nem mesmo que ella mesma não desejasse tanto poder estar só e em paz com elle. Seria o paraiso — e não seria bastante? Obteria que Nigel promettesse que não fosse um week-end "especifico"; e se promettesse, cumpriria a promessa, ella o sabia. Poderia, então, responder que sim?

Agitou-se na poltrona. Mas seria justo tentar obter aquella promessa? A despeito dos seus pontos de vista, da sua idade e do seu juizo, Mrs. Congrave não era pessoa de grande experiencia — seu casamento aparte, as idéas que tinha sobre as relações entre homens e mulheres se baseavam em leituras de livros e no que ouvia dizer; além disso, só o seu instincto a poderia guiar. Esse pouco lhe dizia que talvez não fosse justo arrancar de Nigel aquella promessa — talvez fosse uma coisa tão injusta que chegasse a ser impraticavel. E de qualquer maneira, pensou, para effeito de divorcio, e para outros effeitos o facto de se hospedar com Nigel num hotel seria o sufficiente.

E George... para elle uma ou outra coisa seriam igualmente graves, pois se fosse ao encontro de Nigel, agindo depois dessa ou daquella maneira, seria porque o amava. Era preciso que George não soubesse, que não soffresse.. Não tinha culpa de ser vinte annos mais velho que ella, e apezar de se mostrar por ultimo muito paternal e vago, era indiscutivel que a amava com loucura, que era bom para ella e que — cegamente, descuidadamente, distrahidamente — confiava nella.

Irritou-se ao pensar na confiança distrahida de George; sentiu-se má. Estranho, depois de tantos annos de felicidade calma e morna, admittir que chegasse a trahir o marido. Seu espirito voou para o passado, para ver como era possivel que assim fosse a vida. Só conseguia pensar em seu amor por Nigel como sendo uma doença fatal, adquirida de subito. Conhecera-o tanto tempo sem que a perturbasse — gostara sempre delle, sem duvida, e apreciara a sua conversa, mas sentindo-se em perfeita segurança por ser a esposa de George e estar portanto immune de qualquer amor extra-conjugal.

E afinal sentira que o amava antes que o amor por elle, como idéa, penetrasse em seu espirito. Recordava-se perfeitamente de como descobrira que amava Nigel. Passavam todos juntos a Paschoa em casa dos Champneys — e depois do almoço, que prosaico! Rose Champney, que estava de anniversario, experimentara na victrola uns discos que havia recebido de presente.

Um dos discos era "Deep River", cantado por Paul Robeson. Nigel estava sentado na grande poltrona de vime á esquerda da lareira, um pouco rigido, com um ar de retrahimento e ligeiro aborrecimento, pois não gostava muito de musica de victrola, com a luz dando em cheio no perfil, sem olhar para ella quando as notas graves, tremendas, foram enchendo a sala. Geraldine, que residiu sempre no campo, nunca ouvira antes a voz de Robeson, e as profundas harmonias, as immensas resonancias daquella voz extraordinaria a invadiram como um exercito conquistador. Mas a invasão não operou nenhuma destruição e sim uma ac-

celeração muito forte do rythmo de vida. Quasi inconscientemente, ella pousava o olhar em Nigel emquanto ouvia, mas não pensava nelle, ouvia apenas e se sentia invadir. Ao terminar tinha consciencia de uma grande emoção confusa que a enchia como a musica enchia ainda o ambiente. Mas não ligou o que sentia á pessoa de Nigel.

Nigel sahira depois em companhia dos outros homens e Rose repetira o disco. Quando os mesmos sons marcharam através della, fechara os olhos para deixar que se effectuasse de novo a invasão; e reviu então mentalmente Nigel sentado na potrona de vime, o perfil batido de luz, os hombros na attitude caracteristica, a expressão de retrahimento, superioridade e leve fadiga. Com um aperto no coração que era ao mesmo tempo de horror e suavidade, comprehendeu o que lhe acontcia. Surprehendida, alarmada, passou a examinar Nigel disfarçadamente, procurando em sua physionomia tão conhecida o motivo daquelle inesperado desastre, tão doce, e não encontrando nenhum. Conhecia tanto aquella physionomia que jamais a ferira; porque adquirira Nigel repentinamente aquelle poder?

Antes do fim daquelle week-end de Paschoa ella ficara sabendo melhor o que se passava comsigo propria. Nigel tivera vontade de visitar uma igreja e convidara-a para acompanhal-o. Atravessaram a pé uma floresta cujas folhas e flores pareceram estrellas a Geraldine — mas Geraldine não dissera o caso a Nigel, com o receio, que antes não existira, de lhe dizer coisas daquelle genero.

Estiveram na igreja e ao sahir elle a convidara para sentar num tronco cahido. Sem preambulo, voltara-se para ella e perguntara:

— Você por acaso gostará muito de mim?

E emquanto ella o fitara, surprehendida, procurando palavras para responder áquella pergunta inesperada, elle proseguira:

— Amo-a tanto que não me parece possivel que não goste um pouco de mim. Mas não sei porque haveria de gostar. De qualquer maneira, preciso saber.

Era estranho, pensou Geraldine, que embora o houvesse encarado emquanto elle dizia aquellas coisas, não se recordasse da sua expressão. Mas quando George punha na victrola o disco de Robesons era-lhe justamente impossivel deixar de ver o rosto de Nigel. George gostara immensamente do disco e o havia comprado. Tocava-o quasi todas as noites, e ella ouvia, sentindo-se prisioneira num carcere estranho:

Rio profundo, moro para lá do Jordão.

Rio profundo, Senhor — devo atravessal-o para o campo além.

E sempre que ouvia, via Nigel sentado na poltrona de vime, ligeiramente enfastiado, as costas direitas, o perfil sereno, a massa negra da cabelleira ondulada dividida ao alto da testa ampla.

Mas não lhe adeantava nada recordar, pensou. Tinha que tomar uma resolução, que responder a Nigel. Levantou-se, abriu a escrivaninha, puxou uma folha de papel, reflectiu para saber em que data estava, annotou-a, escreveu "Querido Nigel" — e parou. Em sua incerteza, correu o olhar pelo salão, o salão que continha tanto della, da sua vida e tão pouco de Nigel. Raramente os dois escolhiam para ficar ali, porque pela janella larga se via da varanda a sala toda — ficavam em cima, no boudoir, ou no salão de bilhar. Seu olhar deu com a victrola — levantou-se, mudou a agulha e fez gyrar o disco de Robeson. A victrola tinha tudo que havia de Nigel na sala! Deixou-se cahir na beira do sofá para ouvir. Pretendia apenas evocar a figura de Nigel — nunca mais depois da primeira vez prestara attenção ás palavras da canção. Mas dessa vez as palavras lhe appareceram com um sentido pesado e solemne:

Rio profundo, moro para lá do Jordão...

Sim? Teria que atravessar o rio para o campo além? Um rio tão profundo? Fechou os olhos e ouviu até o fim. Depois, voltou para a escrivaninha e escreveu simplesmente:

"Sim, irei. Sexta-feira, 17, á hora do chá.

"Com muito amor,

"Geraldine."

* * *

Uma estrada longa que se percorre carregando um grande problema fica sendo como uma pessoa em quem se confia — percorrel-a de novo é rememorar o primeiro estado de espirito em que se a atravessou. Mrs. Congrave, guiando o automovel de volta do hotel "Three Tors", na segunda-feira, teve a corrente dos seus pensamentos constantemente invadida pela lembrança das suas preoccupações ao vencer em sentido inverso, na sexta-feira, a mesma estrada.

Mas dominava-a, sobretudo a preoccupação de não chegar atrazada. O hotel "Three Tors"

ficava a umas sessenta milhas da casa de Sheila, o que dava cerca de duzentas milhas ao percurso completo até sua casa. Imaginara partir muito cedo, mas dormira demais e acordara tão phantasticamente fatigada que se sentira na impossibilidade de se vestir, arrumar as malas ou fazer outra qualquer coisa depressa. Extraordinaria, aquella sensação de fadiga, quando se sentia tão feliz! Mas na vespera estivera tão cançada, tambem, que não pudera passear com Nigel. George não voltaria senão á hora do jantar, era verdade; mas assim mesmo preferiria chegar a casa para o almoço, como lhe acontecia sempre que passava o week-end com Sheile.

Dirigia com velocidade sempre igual, observando com um olhar distrahido o movimento do trafego, com uma impressão curiosa, todo o tempo, da irrealidade de tudo que a rodeava. Deviam estar ali, realmente, aquellas collinas distantes e onduladas, que as arvores desgalhadas do inverno não conseguiam vestir — apenas, pareciam tão alheias a ella como se estivesse atravessando um paiz de fantasia. A realidade ficara para traz, no hotel, na saleta da lareira, como a sonhara, no rosto e nas mãos e nos olhos de Nigel, nas palavras que ella não esqueceria nunca; a realidade estava dentro della naquelle momento, na dor que lhe confrangia o coração, na sensação de plenitude e ligeira indisposição que tinha ao recordar um ou outro momento de extase ou de medo.

Ao subir uma encosta, um tufo de pinheiros escossezes lhe prendeu o olhar — e se lembrou de que o notara na viagem de ida, o tom escuro das folhas contra o céo prateado; isso a fez mergulhar nos pensamentos que a haviam agitado durante a primeira viagem. Encorajada pela locomoção rapida e pelo brilho do dia, sentira-se tomada de coragem e resolução — decidira, com firmeza e facilidade, que o week-end não seria "especifico", segundo a expressão de Nigel; não, não feriria George com aquelle golpe invisivel. Como se sentira feliz com essa decisão! Aquelle lago com patos — lembrava-se de que passara por ali radiante, achando que tudo seria facil; pensando no amor e na lealdade de Nigel, na alegria sufficientemente grande de poder ficar a seu lado, em paz e liberdade... Embora se admirasse de mesmo então não deixar de sentir uma afflicção soterrada e vaga.

E não havia sido nada facil. Suas mãos tremeram um pouco no volante ao reviver na imaginação a noite longa que se seguira á sua declaração da resolução firmada e ao silencio com que Nigel a acceitara. Haviam ficado sentados em frente á lareira, na paz e na segurança que tanto haviam desejado; mas a alegria havia sido morta. A desolação que a esmagava respondia ao silencio infeliz que Nigel conservara; embora estivessem juntos, no mesmo quarto, no mesmo sofá, o simples acto da sua vontade parecia interpor entre ambos montanhas, oceanos, milhares e milhares de milhas.

(Continua no fim da Revista)

VILLA VERETON

Conto de O. HENRY

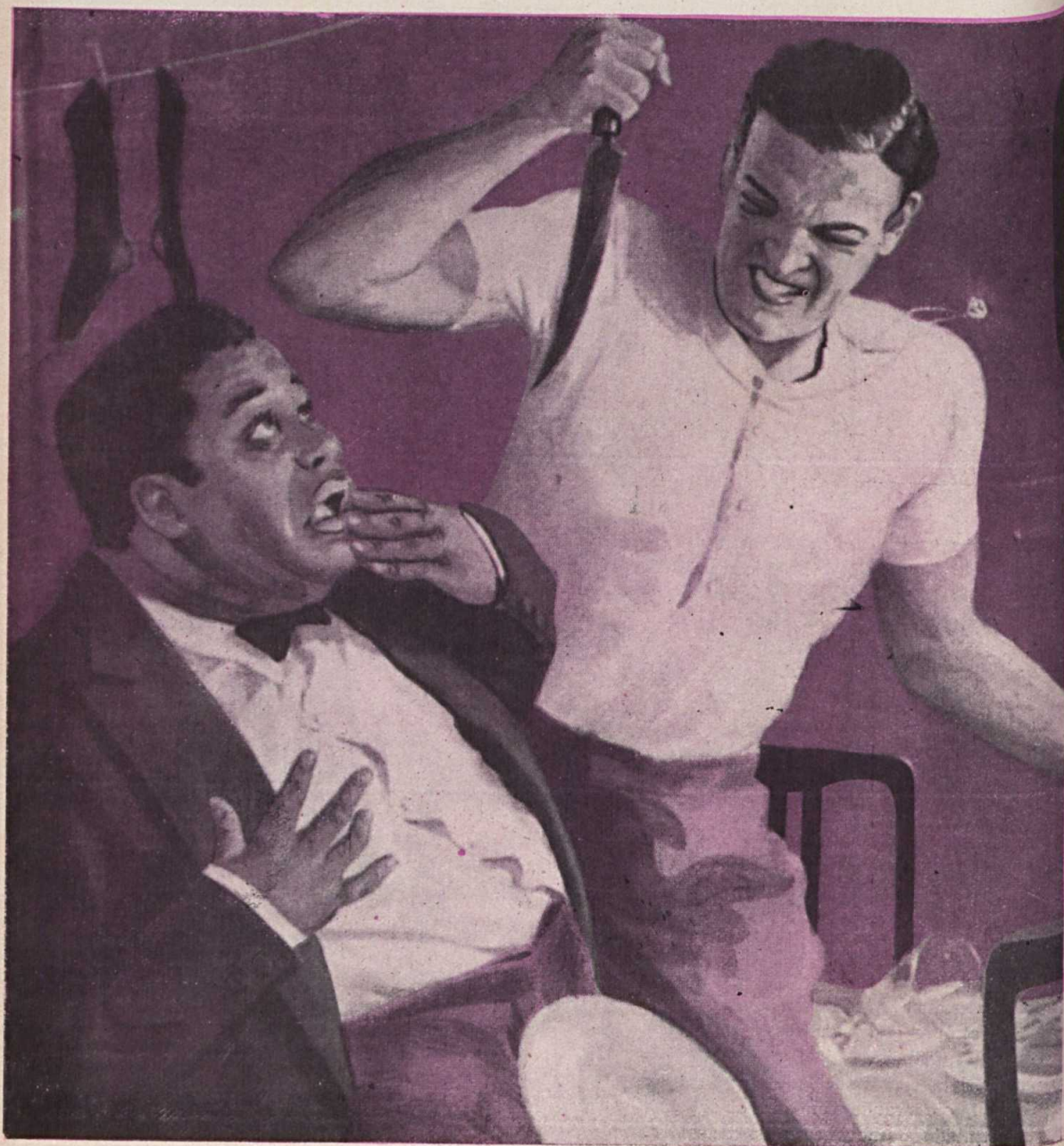
— Você vae, Penelope? — perguntou Cyrus.

— E' um dever, — repliquei. — Considero uma grande missão ir ao Texas para esclarecer na medida do possivel a cega população local. Serei bem paga e se puder transmittir áquelles selvagens um pouco da nossa cultura sentir-me-ei feliz.

— Bem, adeus, então, — disse-me Cyrus, extendendo-me a mão.

Nunca o vira agitado por paixão maior.

Minha mão demorou na sua um segundo e depois o trem partiu, levando-me para o meu novo campo de actividade.

Cyrus e eu eramos noivos havia quinze annos. Cyrus era professor de chimica numa universidade do leste. Eu recebera uma proposta de quarenta dollares por mez para leccionar numa

escola particular numa fazenda do Texas — e acceitara-a. Cyrus ganhava vinte dolares por mez. Esperavamos havia quinze annos que as nossas economias nos permittissem casar. Aproveitei aquella opportunidade de ir ganhar mais no Texas, resolvida a viver economicamente; com mais quinze annos, se conservasse a minha situação, poderiamos realizar o nosso matrimonio.

Não teria que pagar hospedagem, pois os De Veres, uma das mais antigas e aristocraticas familias do sul, me offereciam um logar em sua casa. Havia innumeras creanças na fazenda e o desejo de seus donos era manter uma professora competente que as instruisse.

Saltei numa estação chamada Houston e encontrei um carro á minha espera, para me conduzir a Vereton, para onde me destinava, situada a seis milhas dali.

O cocheiro era um homem de côr, que se approximou respeitosamente de mim e me perguntou se o meu nome era Miss Cook. Minha mala foi collocada no vehiculo, uma velha carroça puxada por duas miseraveis mulas e eu me sentei ao lado do cocheiro, Pete, segundo me disse elle chamar-se.

Illustrações de ALLAN FOSTER

Em meio á estrada sombreada que iamos percorrendo, Pete prorompeu subitamente em lagrimas, soluçando como se seu coração estivesse estalando.

— Meu amigo, — disse-lhe, — não quer me confiar a razão do seu desespero?

— Ah, **missis,** — disse elle entre soluços, — olhei por accaso para aquella corrente que ligava os dois vagões e de repente me lembrei de Master Lincoln, que stá no paraiso, coitado, e que nos deu a liberdade, a nós, pobres escravos.

— Pete, — disse-lhe, — não chore. No Alto, entre os bemaventurados, o seu bemfeitor o espera. Cantando com os outros hospedes celestes, Abrahão Lincoln tem na cabeça a mais faiscante corôa de gloria.

E passei com ternura o braço pelos hombros de Pete.

O pobre homem, cuja pelle negra revestia um coração puro como a neve, soluçava ainda ao se recordar do martyrisado Lincoln e eu o fiz repousar a cabeça em meu seio, tomando-lhe as redeas e dirigindo as mulas até Vereton.

Vereton era uma residencia typicamente sulista. Eu fôra informada de que os DeVeres eram ainda ricos, apezar do que haviam perdido durante a rebellião, e que continuavam vivendo dentro dos moldes habituaes de vida da verdadeira aristocracia das plantações.

A casa era quadrangular e ti-

Este conto, flagrante da vida no sul dos Estados Unidos, foi escripto por uma moça de Boston, professora de uma das escolas superiores dessa cidade. Ella nunca havia ido ao Sul; mas a fidelidade do ambiente e os typos mostram um conhecimento perfeito das obras de Mrs. H. B. Stowe, Albion W. Tourgee e outros chronistas famosos da vida sulista. Todos aquelles que residam ou tenham demorado sufficientemente no extremo sul da nação americana reconhecerão nos personagens de ficção, figuras reaes e a fidelidade de reproducção da vida dos agricultores da região. — O AUTOR

nha dois andares, com a entrada ao centro da fachada ladeada por columnas brancas. Uma grande varanda circumdava inteiramente a casa, protegida por densa folhagem de hera e madresilva.

Ao saltar do carro, ouvi um tropel e vi um jumento sahir pela porta de entrada afóra, afugentado por uma senhora armada de vassoura. O jumento deitou-se na varanda e a senhora veio ao meu encontro.

— E' Miss Cook? — perguntou-me, com o sotaque doce e cantante do sul.

Fiz uma reverencia.

— Eu sou Mrs. DeVere, — disse ella. — Entre, e tome cuidado com esse desgraçado jumento. Não consigo expulsal-o de casa.

Entrei para o salão da frente e olhei surprehendida em torno. Era uma peça luxuosamente mobiliada, mas o desmazelo sulista resaltava ao primeiro exame. A um canto, havia um carrinho de mão com argamassa secca, deixado ali desde que os pedreiros haviam construido a casa. Cinco ou seis gallinhas rodeavam o piano e um par de calças pendia do candelabro central.

Mrs. DeVere tinha uma physionomia pallida e aristocratica, de feições gregas e cabellos alvissimos, graciosamente arrumados em anneis. Estava vestida de setim negro e ostentava brilhantes admiraveis nos dedos e no collo. Seus olhos eram escuros e penetrantes, suas sobrancelhas negras. Quando me sentei, ela apanhou um grande pedaço de fumo de rolo de uma salva de prata e tirou uma mascada.

— Permitte-me? — perguntou sorridente.

Fiz um gesto com a cabeça.

— Ora, com os diabos, logo se vê que está assustada! — replicou ella.

Nesse momento um cavallo se approximou da varanda — ou galeria, como dizem no Texas — e o cavalleiro desmontou, entrando pouco depois no salão.

Jamais esquecerei o meu primeiro encontro com Aubrey DeVere.

Tinha sete pés de altura e seu rosto era muito bello, a imagem perfeita de S. João de Andréa del Sarto. Seus olhos eram enormes, escuros, profundamente tristes, e a pallidez, a finura das feições, o ar altvo denunciavam-no á primeira observação como o descendente de uma longa linhagem de aristocratas.

Vestia um terno do ultimo corte, mas notei que estava descalço e que cada lado da sua bocca descia um fio negro de saliva misturada com fumo.

Tinha na cabeça um grande **sombrero** mexicano. Não usava camisa, mas o casaco, aberto sobre o peito forte, deixava ver um grande brilhante preso por uma linha grossa entre as malhas da fina camiseta.

* * *

— Meu filho Aubrey, Miss Cook, — apresentou languidamente Mrs. DeVere.

Mr. DeVere tirou com a mão da bocca um chumaço de fumo mastigado e jogou-o para traz do piano.

— A senhora que teve a gentileza de vir assumir entre nós a posição de professora, se não me engano, — disse em voz de barytono, cheia e musical.

Inclinei a cabeça.

— Conheço os seus conterraneos, — observou elle com uma ruga funda na testa ampla. — Ainda se apegam ás velhas tradições, á ignorancia e aos preconceitos. Que pensa de Jefferson Davis?

Cruzei o meu com o seu olhar ardente e declarei sem pestanejar:

— Foi um trahidor.

Mr. DeVere riu musicalmente e abaixando-se tirou uma farpa de um dos artelhos. Depois acercou-se da mãe e saudou-a com o respeito e a cortezia cavalheiresca que ainda conservam alguns filhos do sul.

— Que teremos para o jantar, mamãe? — perguntou.

— O que bem se te dê desejar, — respondeu Mrs. DeVere. Aubrey DeVere esticou a mão

e pegou uma gallinha que subira para cima do piano. Quebrou-lhe o pescoço e atirou o seu corpo, em convulsões, sobre o delicado tapete de Bruxella. Fez um curto passeio de longas passadas e se collocou deante de mim, dominando-me com a sua altura e a sua attitude de deus vingador, um braço erguido, a mão que segurava a cabeça apontado para o gallinaceo que se debatia nas agonias da morte.

— Assim somos no sul, — tonitroou, — O sul sangrento e agonizante, segundo Gettysburg. Esta noite a senhora fará um festim desta carcassa, como vem fazendo os seus conterraneos da nossa terra nos ultimos trinta annos.

Jogou-me ao rosto a cabeça da gallinha, com uma praga tremenda, e depois poz um joelho em terra, inclinando a magnifica cabeça de dominador.

— Perdoe-me, Miss Cook, — implorou. — Não a quiz offender. Faz hoje vinte e oito annos que meu pae foi morto na batalha de Shiloh.

Quando tomou a sineta do jantar eu fui convidada a passar para uma sala comprida, sombria, de paredes revestidas de carvalho e illuminada por valas de parafina.

Aubrey DeVere estava sentado ao pé da mesa, trinchando. Tirara o casaco e a camiseta justa revelava os musculos de um dorso tão robusto como o do **Gladiador Moribundo** do Vaticano. O jantar foi caracteristicamente sulista. Batatas doces, couves preparadas de varias maneiras, gallinha assada, bolo de frutas, biscoitos quentes, bananas, bacalhau frito, doces em calda, pão fresco, abacaxis, maçãs, uvas.

Pete, o negro que eu conhecia como cocheiro, servia a mesa e ao passar um prato a Mrs. DeVere deixou pingar um pouco do molho sobre a toalha. Com um rugido de leão, Aubrey DeVere se ergueu e enterrou a faca até o cabo no peito do pobre homem, que cahiu ao chão. Corri para seu lado e amparei a cabeça de carapinha nos meus braços.

(Continua no fim da Revista)

— Na Inglaterra é differente, — disse o coronel Hepplethwaite. — De noventa assassinatos commettidos na área metropolitana de Londres, no anno passado, em sessenta e sete casos os criminosos foram apanhados e só um foi absolvido· Quarenta e tres foram enforcados, vinte condemnados á prisão perpetua, tres dados como loucos e, como já disse, só um foi absolvido. Em quinze dos restantes vinte e tres casos a policia sabia quem eram os criminosos mas não tinha provas sufficientes para prendel-os, o que deixa apenas oito crimes sem solução, numa cidade como Londres.

O Dr. Peabody estalou os dedos chamando o copeiro.

— Traga-me um cocktail de champagne... Este desgraçado navio está jogando de novo... E quero poder apreciar o almoço. Sim, coronel, tem razão. Mas na Inglaterra não grassaram as delicias dos gangsters. E temos que levar tambem em conta a grande percentagem de estrangeiros na nossa população. No anno passado houve duzentos e cincoenta crimes de morte em Boston, e mais da metade commettidos por estrangeiros e negros. Houve poucas condemnações, estou certo, e apenas tres assassinos travaram conhecimento com a cadeira.

— Mas é preciso fazer uma distincção, — disse o francez, Dubois. — O senhor falou em mortes e o coronel em assassinatos. Parece-me que muitas dessas mortes, em seu paiz, se devem a verdadeiras guerrilhas entre grupos de gangsters. São...

— São assassinatos, sem duvida, — interrompeu Hepplethwaite, — da mesma maneira que os seus **crimes passionaes** na França são tambem assassinatos, embora muitas vezes quem ma-

Illustrrações de CLIVE UPTTON

O Fugitivo

Conto de WALTER DURANTY

ta seja absolvido, sobretudo se fôr mulher, jovem e bonita.

— Ora, isso tambem acontece no meu paiz, — observou rindo o americano. — Não só absolvemos as bellas criminosas mas ainda lhes damos gordos contractos para trabalhar no cinema ou no theatro. Mas com tudo isso a policia franceza é admiravel, não, Dubois?

O francez fez um gesto de assentimento.

— Sim, sabemos capturar os criminosos na França, o que não tem nada a ver com a absolvição das mulheres bonitas. E em grosso, poucas escapam na realidade, sem punição.

— O crime denuncia sempre o criminoso. Difficilmente os criminosos escapam, a sua propria obra conserva os vestigios que os trahirão, — disse o coronel. — Tomemos para exemplo os noventa casos de Londres...

— Um momento, coronel, — interrompeu o quarto membro do grupo, um homem alto e magro que até então não tomara parte na conversa. — Está esquecendo muita coisa. Fala de noventa assassinatos em Londres, mas esses são somente aquelles que foram levados ao conhecimento da policia. Espuece os outros, que não se tornaram publicos.

E o homem magro passou meditativamente a mão de longos dedos pela cabelleira grisalha.

O coronel não poude dominar a indignação:

— Está insinuando que a policia londrina não sabe quando uma morte se deve ou não a um acto criminoso?

— Justamente. Direi mais que o facto de que a policia chegue a saber do crime é signal de que o crime foi um fracasso... do seu ponto de vista artistico, se assim posso me exprimir. — Fez um gesto vago e displiscente com a mão. — Bem sabe que a condição maxima de successo de um crime, e sobretudo de um assassinato, é que não seja descoberto.

— Não comprehendo, — disse o Dr. Peabody. — Se ninguem chega a saber de nada, como diz que é crime?

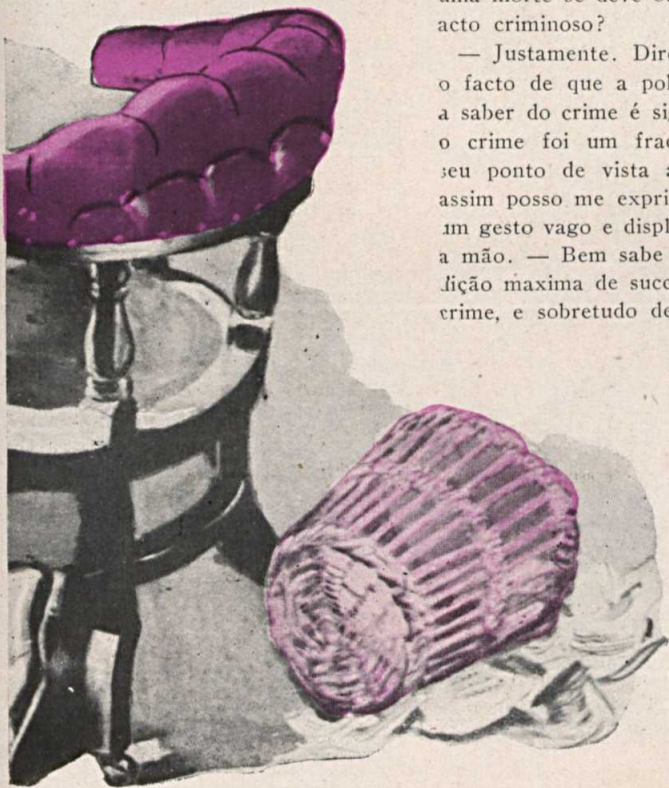
— Não se póde dizer, ahi é que está. Ninguem póde dizer nada, ninguem sabe de nada... excepto o criminoso. Vou tirar um exemplo das noticias recebidas hoje pelo radio de bordo.

Apanhou o boletim impresso das noticias radiographicas do dia e leu:

MORTE DE UM EMINENTE PHILANTROPO — O senador Hoskins, doador do Instituto Hoskins de Detroit, cahiu da varanda de seu appartamento, no ultimo andar, ao decimo setimo andar do Edificio Atlas, naquella mesma cidade, e teve morte instantanea. O fallecido havia estado sob cuidados medicos em consequencia de ter soffrido uma vertigem seguida de pertinaz dor de cabeça, attribuidas ao excesso de trabalho. Seus negocios ficaram em perfeita ordem. Imagina-se que tenha tonteado e perdido o equilibrio ao se debruçar sob a balaustrada da varanda. Quando deram a noticia a Mrs. Hoskins, que tomava banho na occasião, a pobre senhora desmaiou.

Que horror! — exclamou o Dr. Peabody. — Ora, eu conhecia tão bem o senador Hoskins! Que coisa tremenda! E a sua pobre esposa! Entendiam-se tão bem! Eu...

O coronel Hepplethwaite olhou gravemente para o homem magro.

— Não sei a que conclusão pretende chegar, — disse. — Leu a noticia de um accidente, mas que tem isso a ver com...?

— Pretendi apenas illustrar o meu racicoinio. Não conheci o senador Hoskins e admitto que a noticia relata exactamente a verdade. Elle póde ter tonteado e cahido, ou pode se ter suicidado. Deve ter notado que o proprio redactor da noticia considerou essa hypothese, pois salienta que os negocios do senador ficaram em perfeita ordem.

— Conheci o senador e posso affirmar que elle seria o ultimo homem a pensar em dar cabo da propria vida, — declarou solennemente o Dr. Peabody.

— Não disse que elle se tenha suicidado, mas que se póde ter suicidado, — frizou o homem magro. — E ha ainda uma terceira possibilidade. Não conheço sua esposa, que talvez seja até mais velha que elle. Mas imaginando, apenas imaginando, que fosse muito moça e que não gostasse do marido idoso poderemos admittir que gostasse de algum homem ainda jovem. Assim, num momento em que os empregados estivessem occupados em outra parte da casa, ella poderia ter sahido do banheiro, dito ao marido para olhar qualquer coisa "lá embaixo" e empurrado o velho, voltando a se metter no banheiro, para ahi esperar que lhe levassem a noticia do desastre e então se entregar a um desespero ostensivo.

— Mas isso é quasi uma infamia...

— Meu caro, não tem o direito...

Essas duas phrases, que se chocaram, partiram respectivam nte dos labios do Dr. Peabody e do coronel Hepplethwaite.

O homem magro aparou-as com um gesto.

— Por favor, — pediu pacientemente. — Nem por um momento quero dar a impressão de que o caso apresentado como exemplo não tenha sido realmente um accidente. Mas imaginemos apenas que não houvesse sido. Imaginemos que houvesse uma vontade criminosa que chegasse á acção. O crime teria sido commettido e sómente a criminosa delle teria conhecimento... — Voltou-se para o francez. — Sem duvida percebe onde quero chegar. E' um caso hypothetico. Digo que **poderia** ter havido assassinato num caso como esse, embora nem por um momento queira levantar suspeitas de especie alguma.

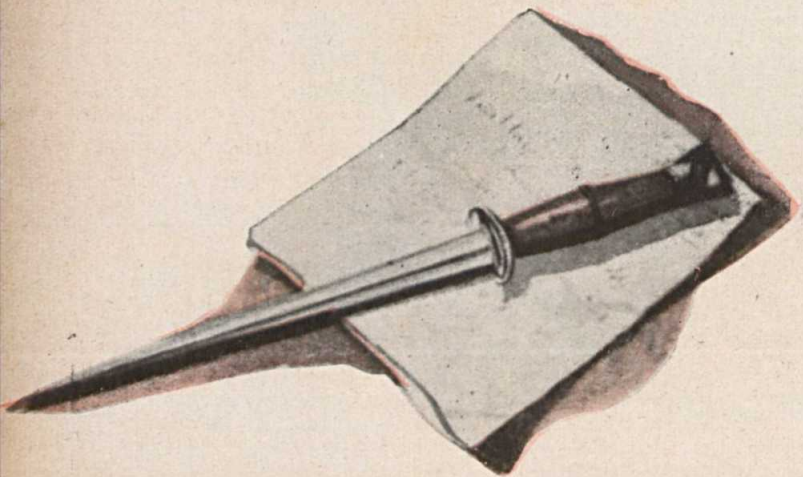
A physionomia do inglez conservava o seu ar de incomprehensão, o Dr. Peabody evidentemente não se deixara convencer, mas antes que elles tivessem tempo de protestar o homem magro proseguiu:

— Bem, deixemos esse caso de lado. Vejo que o exemplo escolhido não illustrou com a força que eu desejava o meu raciocinio. O que quero affirmar é que o assassinato artistico, o assassinato perfeito, é aquelle que tem a apparencia da morte natural, em que o assassino, embora com excellentes motivos para matar, consiga realizar o crime sem se denunciar.

Esvasiou o copo de whisky com soda, o terceiro em quinze minutos, e depoz as duas mãos sobre a mesa, curvando-se para o coronel Hepplethwaite.

— O que o atrapalha, meu caro, é ser inglez e portanto não ter nenhuma noção do que seja a arte sob qualquer aspecto. "O crime denuncia o criminoso", disse o senhor, citando um dictado da sua terra. Muito bem. Mas esse dictado só póde ser applicado aos crimes banaes, executados pelo "homem da rua" para usar outra expressão typicamente ingleza. Mas até mesmo na Inglaterra ha outros homens além do "homem de rua", e alguns delles são artistas. Garanto que o crime artistico não denuncia coisa nenhuma, pois o bom artista toma o cuidado de impedir que isso se dê, como faz o bom pintor com os seus quadros, realizando-os simples, naturaes, convincentes... Copeiro, outro whisky e soda, com um pouco mais de whisky e menos de soda desta vez.

"Sei que Scotand Yard se gaba de que muito poucos crimes deixam de ser punidos na Inglaterra e ridicularisa a policia americana de Nova York, de Chicago, e mesmo de Boston... realmente, Dr. Peabody... alinhando cifras e armando estatisticas. Mas Scotland Yard não diz que a arma predilecta do assassino inglez é o veneno, principalmente o arsenico, que produz um resultado facilmente comparavel a uma inflammação intestinal banal aos olhos de um medico jovem e inexperiente ou descuidado. Em geral o medico assigna mesmo o attestado de obito e tudo iria até o fim muito bem se um novo casamento, por exemplo, não se desse cedo demais e os vizinhos começassem a falar, fazendo com que finalmente um dia o cadaver seja exhumado. O medico legista declara então que o arsenico encontrado no cadaver daria para matar meio pessoal de toda Sco-

tland Yard. E bem sabem, — continuou, tomando mais whisky, — que esse é o inconveniente do arsenico: permanece para confirmar a sua acção."

A assembléa se sentia inteiramente presa ás palavras do homem magro. O rosto pesadão de bulldog do coronel estava rubro de indignação e seu bigode branco se agitava, mas elle não encontrava expressões para impedir o outro de continuar. O Dr. Peabody tinha um ar alvoroçado, mas inclinava-se para ouvir melhor. Dobois estava austeramente reclinado na sua poltrona, com os braços esticados e as pontas dos dedos unidas, mas seu olhar brilhava de interesse.

— Copeiro, outro whisky, — pediu o homem magro, — mas sem soda. Com gelo, sim, vá lá. Bem, senhores, — continuou, —

vejo que não percebem onde pretendi chegar com o exemplo do caso Hoskins e assim vou lhes dar um exemplo mais preciso, que me coube observar ha varios annos passados. Embora tenha chegado ao conhecimento do caso por um mero acaso, que não vem a pello detalhar, garanto a sua authenticidade.

"O caso envolve a figura de um americano correspondente de imprensa em Paris, que era o que chamam de "segundo homem" de uma agencia importante de um grande jornal americano em Paris. Era um incansavel trabalhador, de intelligencia média ou pouco acima de média, casado com uma mulher encantadora. Seu chefe, que chamaremos de Watkins, apesar de não ser esse o seu nome verdadeiro, era um velho amigo de Anderson, o rapaz que nos interessa, um velho amigo mesmo da familia de Anderson. Haviam estudado os dois na mesma universidade, de onde Watkins sahiu pouco depois de Anderson entrar. Watkins é que arranjara

o logar de correspondente em Paris para Anderson, ensinando-lhe os segredos da profissão. Os dois homens eram amigos no melhor sentido da palavra. — Tomou um gole de whisky e accrescentou com firmeza: — Sim, eram amigos, os melhores amigos do mundo, mas só até quando a vida domestica de Anderson começou a se transformar num inferno. Anderson amava a esposa profundamente, mais que o trabalho e a si mesmo e a vida. Elle pensou que ella o amasse até que em Paris começou a notar que ella se ia modificando.

"Começou notando que quando chegava a casa á noite ella não se interessava em saber o que elle havia feito durante o dia. Antes, costumava pedir que lhe contasse as novidades e o que havia escripto. Sabem como são esses jornalistas: não são bem pagos mas quando são bons mesmo na sua profissão tomam um grande interesse no trabalho. Pois a mulher de Anderson participava desse interesse... até que um dia deixou de participar. Foi essa a primeira differença que Anderson notou. Depois, pareceu-lhe que nelle tambem ella havia perdido o interesse. Sabia perfeitamente o que isso significava, mas não podia fazer nada. Quando um homem e uma mulher estão apaixonados e depois esfriam bruscamente, os dois, é triste e muita coisa fica perdida mas nenhum dos dois soffre realmente. Se, no emtanto, um continua apaixonado e o outro se apaixona por uma terceira pessoa, então aquelle que não deixou de amar soffre o diabo. Anderson soffreu o diabo, mas não podia fazer nada a não ser observar e procurar saber.

"A primeira coisa que lhe serviu de pista foi que sua mulher

(Continua no fim da Revista)

ESQUECER

Conto de MERCEDES SILVEIRA PAMPLONA

Ante-hontem, quando entrava na rua do Ouvidor, tive uma surpresa — mixto de alegria, espanto e porque não dizer — deslumbramento. A' minha frente, loira e linda, com aquelle ar inconfundivel de graça, minha amiga Mme. P. de L. que eu julgava ainda lá num cantinho romantico da Suissa, admirando o encanto das montanhas ennevoadas.

Ha vinte dias della recebera noticias directas. Falava-me de tudo menos de sua volta. Externava-se sobre as bellezas do paiz do sonho, do azulado dos lagos incomparaveis e de sua bizarra idéa de passar o inverno numa cabana occulta entre pinheiraes branquinhos de neve, depois de uma estadia num velho castello medieval onde estudaria motivos novos para seus ideaes de pintora. Jovem, viuva e com largos recursos financeiros, todo o seu desejo agora era viver para sempre na Europa, inteiramente só e com o firme proposito de esquecer tudo que lhe recordasse o seu paiz onde tanto soffrera desde a infancia, orphã e opprimida no lar de um tutor pouco escrupuloso, até á perda do esposo que lhe amenisara as tristezas em seis mezes apenas de convivio matrimonial. Depois, a luta na viuvez, entre os interesses pouco dignos dos advogados e as desconfianças por parte dos parentes do marido quanto ao inventario, tudo isso lhe lançára no espirito uma amarga desillusão.

E, no entretanto... eil-a, bem viva, mais elegante e muito mais formosa na sua toillete rosa-pallido, lindamente completada por uma capelline azul hortensia...

Está surprehendida, minha amiga? - disse-me sorrindo. Que quer você? Não pude esquecer! Em dois annos de estadia no estrangeiro consegui unicamente atordoar-me. Do bulicio das cidades, passei ás delicias do campo... Todo o meu espirito de artista vibrou com intensidade. Mas, não consegui dar vida a uma téla, siquer. Faltava-me **alguma coisa.** Daqui, a unica lembrança que me chegava ás mãos eram suas cartas, aliás tão raras. A meu pedido só me falava de você e de seus filhinhos para mim tão queridos. Eu queria esquecer, esquecer tudo, até a minha patria. Naturalmente que apenas a sua pessoa eu não excluia da minha vida. Queria esquecer, mas... não é facil. Ha vinte e cinco dias, mais ou menos, recebi sua ultima missiva em que dizia que nas entrelinhas da minha estampava-se bem clara a saudade, este sentimento tão exclusivamente brasileiro, a saudade do nosso sol carinhoso, do nosso céo acolhedor, tão azul, tão azul... e, finalizando, aconselhava-me a procurar no paiz dos Latophagos o delicioso fructo que faz esquecer, unico meio de alcançar o meu fito. Não cria em mim, nas minhas affirmativas... Em summa: desnudava-me a alma, mostrava-me a verdade, derrubava a illusão em que me quizera manter! Foi você, pois, a culpada de minha volta repentina, da quebra de minhas aspirações!

— Eu, minha querida! Pequei então pela sinceridade?

— Não. Fez muito bem. Aliás, provou mais uma vez sua habilidade de bôa psychologa. Fez-me ver o que me ia dentro d'alma. Eu apenas me estava procurando illudir. Após a leitura de suas opiniões sahi a passeio, contrafeita. Acontece que as freiras da Chassotte iam quasi a meu lado com duas filas de collegiaes. Logo percebi entre ellas duas meninas brasileiras. Instinctivamente, acerquei-me.

Falavam baixinho. Dizia a mais alta: Sim, tudo isto é muito bello, mas não posso me esquecer do meu Brasil. Tenho a impressão perfeita de um exilio eterno... Si ao menos me alentasse a consolação de uma volta provavel! Mas sei que nunca mais sahirei daqui e esta certeza não me deixa estudar. Falta-me estimulo... — Foi a revelação. Ainda com o papel lilás que me viera de você, minha amiga, entre minhas mãos tremulas, tirei passaporte e providenciei para o meu regresso. Voltei já noite para casa, exhausta, mas vinha tão satisfeita! Algo de novo palpitava em mim! Conheci que só a nostalgia quasi me anniquillara. Ia rever a minha terra, aspirar o ar puro das mattas brasileiras, sentir o calor da nossa "patria morena"!

Em Paris, visitando exposições da arte que cultivo, **senti** que poderia fazer muito ainda! Aparte a modestia, minha querida amiga, as minhas télas agora, bem retocadas, estão magnificas, são de um effeito deslumbrante. Vá vêl-as. Estou no Palace, por emquanto. Vou remodelar uma linda vivenda que readquiri em Santa Thereza... Lembra-se? Aquella dos canteiros de magnolias...

— Você está linda...

— Para os seus olhos, talvez. No emtanto, acceitando o elogio digo-lhe que é sómente a alegria de não ter esquecido, que me transfigura... devo-a, pois, a você... E abrindo a bolsa perfumada della retirou minha carta.

— Ouça este trecho. Nunca falou com tanto acerto: — Você não poderá esquecer nem mesmo

(Continúa no fim da Revista

Elle Crescerá

Um acto por PAUL NIVOIX

Escriptorio classifico de homem de negocios. Poltronas imponentes. Pain está sentado á sua mesa; ar imponente. A seu lado, está de pé a jovem secretaria, que lhe passa a correspondencia.

SCENA I

PAIN, A SECRETARIA

Pain, lendo — **... contando com o seu bom coração, muito respeitosamente...** (Amarrota a carta e joga-a dentro da cesta. Palavra, seria até para acreditar que o Bureau Internacional é uma instituição de benemerencia... E depois?

A Secretaria, afflicta. — A carta tinha o sello para a resposta.

Esta divertida comedia, que obteve um grande successo no Grand Guignol em Paris, mostra ao vivo a inconsciencia de um homem de negocios sem escrupulos, que sempre encontra um geito de "virar" as circumstancias quando ellas não lhe são favoraveis.

Pain, apanhando a carta de dentro da cesta· — Sim, realmente. (Indignado). Veja a que se fica exposto. E corre-se o perigo de deixar amollecer o coração. Um individuo que diz nada ter e desperdiça os cincoenta centimos do sello. Tome. (Devolve a carta á secretaria).

A Secretaria — Responde?

Pain — Naturalmente. Que pergunta! Já devia saber que o director do Bureau Internacional não é capaz de desviar cincoenta centimos de seja quem fôr, nem mesmo de um miseravel.

A Secretaria, seccamente. — Sei, senhor director.

Pain — Devolva-lhe o sello, sellando o enveloppe, está claro... E depois?

A Secretaria — E' só, senhor director. Ah, ia esquecendo. O boletim mensal de seu filho.

Pain — Pois vejamos as notas do senhor meu filho: (Recebe das mãos da secretaria o boletim, abre-o sobre a mesa, examina-o rapidamente)· Historia, 0. Zoologia, 0. Geographia... 0. Patife! Sempre disse á sua mãe: não ha nada a fazer de tamanha inutilidade.

A Secretaria, indulgente. — Ainda é muito creança. ..

Pain, com raiva concentrada. — Que horas são?

A Secretaria — Cinco horas.

Pain — Tenho tempo. Toque para minha casa e veja se minha senhora está.

A Secretaria — Sim, senhor. (Ella telephona).

Pain, lendo o boletim. — Geographia, 1.

A Secretaria — Já é melhor.

Pain, fulminando-a. — E' para hoje?

A Secretaria — Prompto, senhor. (Ao telephone). A Sra. Pain? Sim, minha senhora... E' que o senhor lhe deseja falar. (Passando o apparelho). Sua senhora está ao telephone.

Pain, ao telephone. — Leontina? Bem. Adolpho está ahi? Nada de perguntas, por favor. Quero saber se Adolpho está ahi. Bem. Traze-o aqui ao escriptorio. E' isso mesmo. Vae saber para que. (Desliga, levanta-se, anda de um lado para outro.) Vamos ver... Mas quando eu penso! Fazer tantos sacrificios por um vadio que colleciona zeros.

A Secretaria, conciliante. — Elle ainda é muito creança.

Pain — A infancia é um tempo perdido. Quando se quer chegar a ser alguma coisa é preciso cedo deixar de ser creança. Hoje mais do que nunca. E depois, elle tem quinze annos. (Os olhos no tecto). Quinze annos! (Os olhos recaem sobre o boletim. E zero em zoologia!

A Secretaria — E' a idade ingrata.

Pain — A senhora raciocina da mesmo maneira que minha mulher. Idade ingrata! (Iniciando uma dissertação). Mas a senhora não quer comprehender... (Pára bruscamente). E depois, que tem a senhora com isso? Não lhe pedi a sua opinião.

A Secretaria — Desculpe-me, senhor director.

Pain — Aos quinze annos eu já trabalhava para ganhar a vida.

A Secretaria, servil. — Os homens como o senhor são raros.

Pain, desconfiado. — Como?

A Secretaria — São raros. O senhor tem uma intelligencia invulgar.

Pain, alliviado. — Ah, está bem... Mas isso não explica os zeros do meu filho.

SCENA II

PAIN, LEONTINA, ADOLPHO

Entram Leontina e Adolpho Pain. Leontina é uma senhora vestida com certa preoccupação, insignificante, submissa ao marido. Suas unicas velleidades combativas são em defesa do rebento do casal, o jovem Adolpho. Este apresenta, realmente, os aspectos exteriores da idade dita ingrata. Mas tem um olhar vivo e astucioso, dissimulado sob uma mecha rebelde de cabellos, que elle atira a todo momento para traz, com um gesto brusco de cabeça. Mãe e filho entram de má vontade, imaginando que uma convocação tão inesperada seja signal de tempestade.

Pain — Ah, até que emfim! (A' Secretaria). Quando os meus socios chegarem, previna-me immediatamente.

A Secretaria — Elles devem chegar ás cinco horas, conforme o senhor marcou.

Pain, consultando o relogio. — Tenho dez minutos. E' mais do que bastante para me entender com aquelle rapaz ali. Póde ir! (A Secretaria sae). A Adolpho, que parou perto da porta). Approxima-te um pouco. Leontina, senta-te. (Leontina senta-se numa das imponentes poltronas, mas na beirinha. Adolpho dá alguns passos, de perna molle, e olhar no chão). E olha-me, por favor. (Mas Adolpho continua fascinado pelo tapete). Que estás procurando no chão? Que habito de não encarar jamais. Quando é que perdes esse habito?

Adolpho — Li a historia de um sujeito que ficou rico porque olhava para o chão.

Pain, interessado. — E achou uma carteira?

Adolpho — Não, um alfinete.

Pain — Não é hora para gracejos. Attenção!

Adolpho — Não estou gracejando, papae.

Pain — Basta, cala-te, por favor.

Adolpho, insistindo com a historia. — Mas eu te garanto...

Leontina, intervindo. — Adolpho, não respondas a teu pae.

Pain — Quando conseguires alguma coisa delle, será tarde.

Adolpho — Papae e mamãe são engraçados. Pois se foi num livro escolar que li... O sujeito apanhou o alfinete, o capitalista viu e lhe proporcionou a fortuna.

Leontina, abalada. — Se está no livro escolar...

Pain — Historias de se dormir em pé. Nem é essa a questão. Se tu apanhasses do chão dez, quinze, vinte alfinetes, não adeantarias nada com isso. Portanto, olha-me. (Mas Adolpho se mostra cada vez mais interessado pelo tapete, que esfrega com a ponta do pé, hesitante.)

Leontina, presentindo a trovoada. — Adolpho, olha para teu pae como elle te pede. (Adolpho consente em contemplar o autor dos seus dias).

Pain — Endireita esse cabello. (A' Leontina). Quando pretendes lhe mandar cortar decentemente o cabello?

Leontina — Elle foi ao cabelleireiro ante-hontem.

Pain — O cabelleireiro só fez roubar o nosso dinheiro.

Leontina — Adolpho está resfriado, não era aconselhavel cortar mais curto.

Pain — Com esse cabello cahido nos olhos, tens o ar de um perfeito cretino.

Adolpho, que tem o seu amor proprio. — E' como o de Hitler, Hitler não é tão cretino assim, já que se fez dictador.

Leontina, supplice. — Adolpho cala-te.

Pain — Calar-se, elle? Queria ver! E' um orador. Elle **tem** que falar. Leontina. Déste ao mundo um orador.

Leontina, esmagada pela sua maternidade infeliz. — Elle não vae dizer mais nada, não é, Adolpho?

Adolpho, que já disse o que tinha a dizer. — Sim, mamãe.

Pain — Bom. Felizmente. Não tenho tempo a perder com discussões estereis a respeito de alfinetes ou do cabello de Hitler.

Adolpho, seguro de si. — Mas não fui eu quem...

Leontina, severa dessa vez. — Adolpho! (Adolpho fecha a bocca).

Pain — Acabo de receber o teu boletim mensal. Não imaginaste o effeito, que produziria em teu pae o tal boletim?

Adolpho — Preferi não pensar nisso.

Pain, á Leontina. — Prompto! Admira essa desenvoltura! Inteiro desconhecimento das proprias responsabilidades! Despreso pela familia! Está optimo, o teu Adolpho.

Leontina, dividindo as responsabilidades. — Elle tambem é um pouco teu.

Pain — Não. Não é meu filho. E' impossivel!

Leontina, choramingando. — Oh, Julio. Não deves dizer assim. Não fica bem.

Pain, novamente pae de Adolpho. — E' meu filho. Seja. Mas é uma paternidade pouco lisongeira. Desejo que para o futuro os nossos laços de parentesco se mantenham, na medida do possivel, confidenciaes.

Leontina, enxugando os olhos. — Então o boletim é tão horrivel assim?

Pain — Vae ver. Ouve. (Approxima-se da mesa, ajusta os oculos e, sem se sentar, lê o boletim que ficou sobre a mesa). Historia. (Olha a Adolpho, por cima dos oculos). Historia, O. Por que, zero?

Adolpho, pezaroso. — O professor me perguntou se eu sabia em que data morreu Henrique IV...

Pain — E que respondeste?

Adolpho — Respondi: "Sinto muito, mas não posso informal-o".

Pain — E então?

Adolpho — E então, toda a classe se poz a rir. O professor não me perguntou mais nada e me deu zero. Prompto.

Pain — E por que, depois de tantos sacrificios que tenho feito por ti, ignoras a data da morte de Henrique IV?

Adolpho — Vou me explicar. Estudar a historia de França, é perder tempo com uma porção de gente morta. E eu não posso. Com tantos mortos, fico triste.

Leontina, commovida. — Elle é sensivel. Como a minha pobre mãe.

Pain — Leontina, cala-te. Elle está mas é se divertindo á nossa custa.

Adolpho — Oh, não, papae. E sabes, procurei saber: Henrique IV morreu em 1610.

Pain, desconfiado. — Em 1610?

Adolpho — Juro. Morreu assassinado.

Pain, deixando-se impressionar pela noticia. — Oh!... (Depois de um breve instante de reflexão). Por um communista?

Adolpho — Não. Por Ravaillac.

Leontina, orgulhosa — Mas elle sabe...

Pain, preferindo não lutar sobre esse terreno. — Seja. Adeante. Mas procura não esquecer o que ficaste sabendo. (Novo olhar lançado ao boletim). Geographia, 1. Por que, um?

Adolpho — Acho que estudar geographia é perder tempo...

Pain, indignado, a Leontina — Estás ouvindo?

Adolpho — Eu explico. Aposto que vae me dar razão, papae. Os jornaes sempre falam da ultima guerra e da proxima. E agora, pergunto: para que perder tempo, se as fronteiras serão alteradas mais uma vez?

Leontina, conciliante. — Elle tem o teu espirito pratico, Julio. Não deves ficar aborrecido.

Pain, vencido por esse argumento, abandona a geographia e prosegue. — Zoologia, 0. Qual será a desculpa, desta vez?

Adolpho, entregando os pontos. — Nenhuma. Eu não sabia.

Pain — Até que emfim confessas a tua nullidade! Que infelicidade! Desdenhar todas as opportunidades que tens tido, de ir ao collegio, adquirir uma instrucção solida! Ah! (Soffredor). Se eu tivesse tido a mesma sorte! Sabes com que idade foi obrigado a deixar a escola?

Adolpho, que sabe perfeitamente. — Sei. Aos sete annos.

Pain — Sim, aos sete annos.

Adolpho, com admiração. — Assim mesmo, fizeste muito.

Pain — E' verdade.

Adolpho — Portanto, não adeanta nada ir á escola. Por que fazes questão que eu vá?

Pain — Não admitto perguntas. Sou eu quem está te interrogando. Por que, zero em zoologia?

Adolpho, sinceramente arrependido. — Não sabia como faz o camello.

Pain — Ahi está! Lições particulares, aulas pagas á parte. Tudo isso, para que? Para que, chegando a essa idade, não saibas nem mesmo como faz o camello.

Adolpho, mordaz. — E tu sabes?

Pain. — Naturalmente, não ha quem não saiba. O camello... o camello... berra.

Adolpho, triumphante. — Zero.

Pain — Como?

Adolpho, sorrindo. — Já disse, zero. Desculpa-me, papae, mas o camello não berra. (Resolvido a se divertir). E tu mamãe? Só para ver. Como faz o camello?

Leontina, tonta. — Não sei. Nunca ouvi. Mas o camello... grita.

Adolpho, rindo francamente. — Zero.

Pain, fóra de si. — Zero, zero! Estás nos fazendo perder a paciencia com o tal camello. Que

diabo, quem é que vae á escola? Tu ou nós?

Adolpho — Henrique IV e o camello te convidam a fazer um breve estagio por alguma escola.

Leontina, severa. — Adolpho!

Pain — Perdeu todo o respeito pela familia. E' um bolchevista, Leontina, sinto te dizer. Déste ao mundo um bolchevista.

Leontina, esmagada por tal declaração. — Ah, meu Deus!

Pain — Tu que nasceste Du Pont! Du Pont, em dois nomes!

Leontina, naufragando no desespero. — Julio, por favor.

Pain, tragico, a Adolpho. — Olha. Fizeste tua mãe chorar. Estás satisfeito?

Adolpho — Lê o meu gráo em mathematica. Ella ha de ficar consolada.

Leontina, agarrando-se ao que póde. — Lê, Julio.

Pain, lendo. — Mathematica, 10.

Adolpho, atirando a mecha para traz, com ar victorioso. — Em mathematica, não temo ninguem.

Leontina, enxugando os olhos. — Dez?

Adolpho — Está claro. Dez.

Leontina, voltando á vida. — Que bom!

Pain — Sempre é melhor, confesso. Mas por que ignoras como faz o camello?

Adolpho — Mas agora já sei.

Pain — Estás mentindo.

Adolpho — Palavra.

Pain, louco para saber como faz o camello. — Pois diz, quero ver.

Adolpho — Não.

Pain — Adolpho, ordeno-te que digas immediatamente a teu pae como faz o camello.

(Adolpho, teimoso, olha de novo o tapete, esfregando-o com o pé).

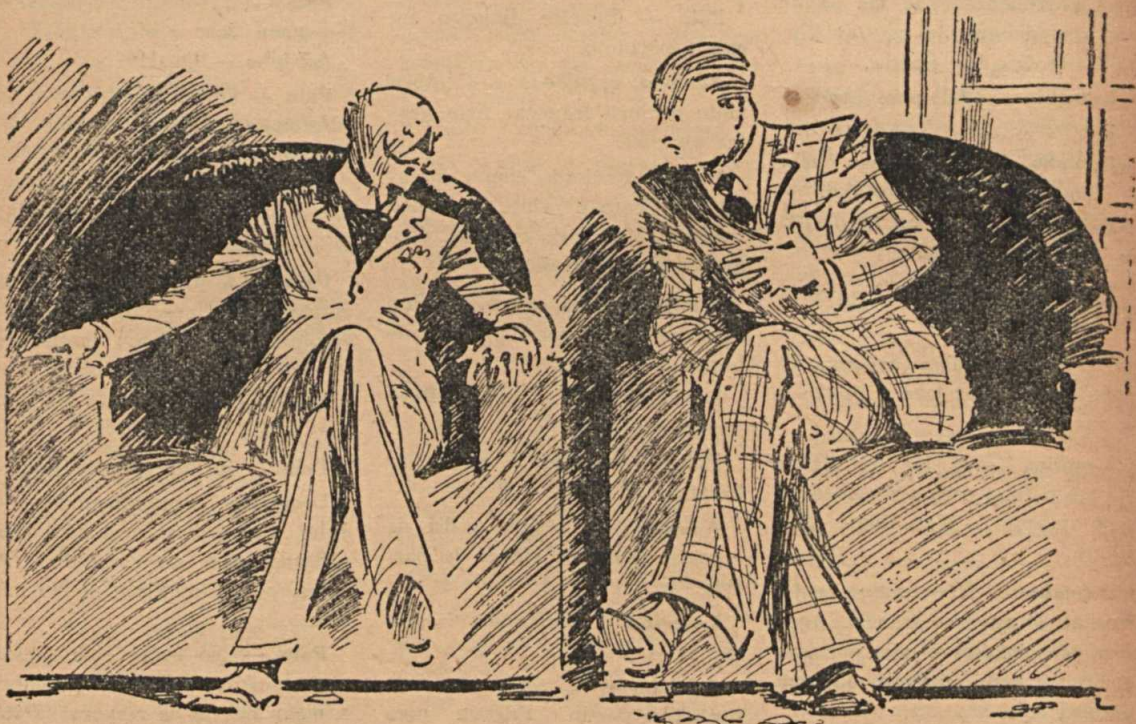
Pain, á Leontina. — Estás vendo? Não sabe.

Adolpho — Sei, sim.

Pain — Pois diz, então. Não te faças de malcreado. Confesso a minha ignorancia nesse particular. E mais: isso me irrita. Sei como sou: vou levar pensando nisso o dia inteiro. Vae, diz. (Silencio de Adolpho). Adolpho, attenção... Bem sabes o que póde acontecer.

Leontina, protegendo o seu Adolpho. — Não, não. Nada de brutalidades. Não vês que elle se resentiu, o pobrezinho? Conheço-o melhor do que tu. Está sentido. Mas vae dizer a mamãe, não é, filhinho? Diz a mamãe como faz o camello?

Adolpho, rancoroso. — Direi quando sahirmos.

Pain, com raiva. — Pois vae-te! Vae-te! Leva-o, Leontina, antes que o ebofeteie, que o espatife! (Adolpho corre para a porta). Prompto. O boletim. Leva-o tambem. Manda fazer um quadro. (Apanha o boletim, dobra-o para o entregar a Leontina, o que o faz ver o reverso, que ainda não vira). Que é isso agora? Ah, mas agora sim! (Adolpho, perto da porta, segura o trinco

para abril-a e fugir). Larga immediatamente essa porta e vem aqui! (O tom não admitte replica. Adolpho obedece).

Leontina, acabrunhada. — Meu Deus! Que haverá ainda?

Pain — Ouve. (Lê). "Adolpho Pain, além de ser inaproveitavel para o estudo, usou de methodos dolosos para com os seus collegas, demonstrando assim um caracter inacceitavel num lyceu. Recebemos queixa dos paes dos alumnos lesados, mas o escandalo foi abafado. Assim mesmo, ficou resolvida a expulsão de Adolpho Pain. O Director está á disposição do responsavel pelo alumno, afim de lhe dar informações mais detalhadas."

Leontina, no auge da infelicidade. — Meu Deus!

Pain, distillando todo o horror da palavra. — Dolosos.

Leontina, chorando. — Que quer dizer isso, Julio, "methodos dolosos"?.

Pain, gravemente. — Leontina, isso quer dizer que déste ao mundo um ladrão (Leontina geme. A Adolpho). Aguardo as tuas explicações. Vae me explicar immediatamente em detalhe as operações que fizeste.

Leontina — Adolpho, obedece a teu pae.

Adolpho, de nariz para o chão. — Organizei um sweepstake.

Pain, horrorisado. — Jogo! Elle joga! E' um jogador!

Leontina — Não será proprio da idade?

Pain — Não digas asneiras. O jogo que elle fez leva á prisão e á morte.

Leontina — E' horrivel. (Ella abraça o filho para protegel-o de taes ameaças). Meu filho! Meu filho!

Adolpho — Não tenhas medo, mamãe. O governo francez organiza sweepstakes e nem por isso Lebrun e seus ministros soffrem alguma coisa.

Leontina, timidamente. — Julio, elle tem um pouco de razão.

Pain — Por favor, não o defendas. Esqueces os methodos do-lo-sos.

Adolpho — Não é verdade. Tudo estava direito. Foi Cabeça-de-assobio, com o seu ar falso, quem espirrou tudo. Os outros sabiam que era caso de força maior, não diriam nada.

Pain — Se entendi bem, os outros tambem se queixaram.

Adolpho — E', mas só depois de "trabalhados" por Cabeça-de-assobio.

Pain — E por que esse tal Cabeça-de-assobio haveria de te prejudicar?

Adolpho — Fui eu quem inventou o seu appellido. E depois, elle tem raiva de mim.

Pain — Elle não se chama de facto Cabeça-de-assobio?

Adolpho — Que idéa!

Pain — Mas afinal, contas-me ou não, tudo quanto fizeste, em detalhe?

Adolpho — Organizei um sweepstake.

Pain — Já sei. E depois?

Adolpho — Fiz uma emissão de bilhetes e os vendi.

Pain — Puzeste dinheiro em caixa, portanto.

Adolpho, orgulhoso — Cento e vinte e cinco francos. Sem gastar um seu.

Pain, horrorisado com a quantia. — Cento e vinte e cinco francos! Mas e os cavallos, desgraçado, e os cavallos!

Adolpho — Os cavallos... eram baratos. Sim, uma corrida de baratas.

Leontina — Mas como elle é imaginoso, Julio!

Pain — Cala-te. E então, as baratas...?

Adolpho — Chegou o dia da corrida. Demos o signal da partida.

Leontina, interessada pelo sport. — E...?

Adolpho — E as baratas não quizeram partir. Fugiam para um lado, para outro, mas em linha, não havia meio.

Pain — Tanto tu como os teus collegas são um bom bando de cretinos. Era coisa de se prever. Ninguem havia pensado nisso?

Adolpho, piscando um olho. — Ninguem, a não ser eu. Um caso de força maior. Portanto, estava certo.

Pain — E, naturalmente, as victimas pediram o reembolso das apostas?

Adolpho — Sim, mas eu não podia fazer nada. Comprei uma bicycleta.

Pain — Muito bem. Quero saber os nomes e os endereços. Indemnizarei a todos.

Adolpho — Pois fazes mal. Entramos em accordo. Puz a minha bicycleta em loteria.

Pain — Eis ahi as tuas actividades escolares: sweepstakes e loterias.

Adolpho — Uma loteria dá menos trabalho. Fiz os bilhetes e vendi-os.

Pain, com um sobresalto. — Recebeste mais dinheiro?

Adolpho — Ora. Cincoenta francos.

Pain — E foi Cabeça-de-assobio quem tirou a bicycleta?

Adolpho — Qual!

Pain — Quem foi?

Adolpho, piscando o olho. — Foi eu, naturalmente.

A Secretaria, entrando. — Desculpe, senhor director, mas os seus socios chegaram.

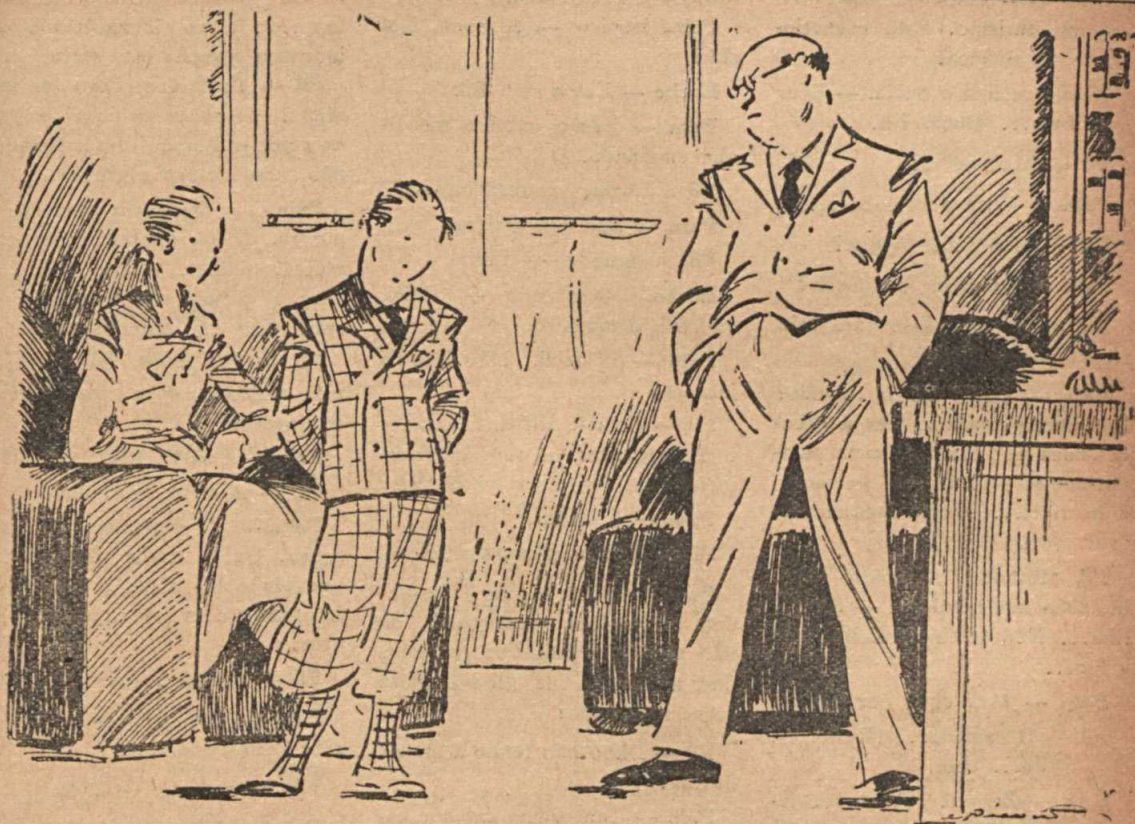
Pain — Muito bem. Faça-os entrar. (A Secretaria sae. A Adolpho.) Fica no teu quarto até eu resolver qualquer coisa.

Leontina — Que vaes lhe fazer, Julio?

Pain — Resolverei esta noite.

Leontina, choramingando. — Julio, tenho sido fraca com elle, quantas vezes me disseste... A culpa, portanto, é um pouco minha...

Pain — No becco sem sahida onde nos encontramos, procurar a quem cabem as responsabilidades é coisa difficil e superflua. O que é preciso, se ainda fôr tem-

po, é salvar o nome da familia. Adolpho, onde está a bicycleta?

Adolpho — Não sei. Vendi-a.

Pain — Por coisa nenhuma, naturalmente.

Adolpho — Não vê!... Cabeça-de-assobio ficou com ella por duzentos francos. Lucro liquido: setenta e cinco francos.

Pain, fóra de si. — Vae-te! Vae-te! Leontina, leva-o de uma vez! Depressa! Não respondo mais por mim. (Leontina e Adolpho, executando uma retirada precipitada, desapparecem. Pain bufa violentamente, enxuga a testa com o lenço, aperta a cabeça entre as mãos, vae até á porta da esquerda, abre-a).

Pain — Senhores, estou á sua disposição.

SCENA III

PAIN, FIL E LOCHE

Entram Fil e Loche. Fil é pequeno, ar distincto, velha guarda. Palavra lenta, rebuscada. Loche é grande e jovem. Expressão inquieta, surprehende-se facilmente.

Pain — Sentem-se... Com licença... Um minuto... Uma informação que vou pedir á Secretaria. (Sae).

Loche — Que irá nos dizer?

Fil — Que o negocio fracassou.

Loche, angustiado. — Acha?

Fil — Empregou muito capital?

Loche — Regular.

Fil, apertando-lhe a mão. — Meus pezames.

Loche — Os negocios andam mesmo ruins. A deshonestidade grassa por toda parte e todos desconfiam. Mas eu tenho uma idéa, uma grande idéa.

Fil, com ironia. — Realmente?

Loche — E' preciso inventar um negocio honesto. Para despistar!

Fil — Não é uma idéa original, a sua. Conheço financistas que tentaram voltar á honestidade. Não puderam. E depois, acredite na minha vasta experiencia: seria um erro. Quando um emprehendimento honesto cae por terra, ninguem estende a mão. O que adeanta é comprometter gente de situação. Os cumplices são mais uteis que os commanditarios. Com um ministro dentro da escripta é possivel uma boa defesa, com um presidente de Conselho fica-se inexpugnavel.

Loche — Pain tem boas relações.

Fil — Aqui entre nós... Elle me parece muito... diminuido.

Loche, angustiado. — Sim?

Fil — Um certo desequilibrio provocado pelo excesso de trabalho. Não notou... (Entra Pain).

Pain, preoccupado. — Tenho uma secretaria que não sabe de nada. E não ha nenhum diccionario aqui neste antro. (Voltando aos presentes). Desculpem-me. Pouchnic não veiu com vocês?

Fil — A abertura do inquerito sobre as fraudes aduaneiras des-

pertou nelle um gosto muito vivo pelo turismo. Está excursionando na Belgica.

Pain, que mal o ouviu. — Bem, está bem... Ouça, Fil.

Fil — Meu velho?

Pain — Você deve saber...

Fil — Mas saber o que?

Pain — Como faz o camello?

Fil, dando um passo para trás, assustado. — Como?

Pain — Como faz o camello? Diga-me, por favor. Ter a cabeça zonza por causa de uma palavra que se procura e não se acha, é horrivel... Nunca lhe aconteceu?

Fil, tentando acalmal-o com tapinhas nos hombros. — Sim... Sim... Não se impressione, meu velho...

Pain — Mas diga, por favor...

Fil — O camello... (Reflecte). O camello... bale.

Pain — Zero... Não, não é isso... E você, Loche?

Loche, collocando-se prudentemente por trás de uma das poltronas. — Não sei, confesso... (Procurando desesperadamente, olhos arregalados e narinas offegantes)... Rincha.

Pain — Qual. Quem rincha é cavallo. (Fil atira um olhar de desespero a Loche). Emfim, deixemos passar. Mas como é irritante!

Fil, acalmando-o. — Faça um esforço. Pense noutra coisa.

Pain — Tem razão. Sentem-se, senhores.

(Encaminha-se para a mesa. Assim fazendo, dá as costas para os outros dois, que se entreolham e abanam a cabeça. Fil bate discretamente na cabeça com um dedo, inquieto e desolado. Pain installa-se por trás da sua mesa. Fil e Loche sentam-se nas duas poltronas).

Pain, novamente homem de negocios sereno e preciso. — Então, que pensam da situação?

(Fil e Loche repetem o gesto de abanar a cabeça, penalizados.)

Fil — Desesperada.

Pain, ironico — A você, Loche?

Loche — Estou com Fil.

Pain — Então eu não me tinha enganado.

Fil e **Loche,** penalisados — E'

Pain — São dois cretinos.

Fil, indignado. — Pain!

Loche, esperançado. — Deixe que elle demonstre.

Pain — E' facil. Não lêm os jornaes?

Fil — Eu leio todos. Francezes e estrangeiros. Os seus conhecimentos de linguas o permittem.

Pain — E então?

Fil — E' desoladora a situação.

Pain — Você é que é desolador. Os jornaes conseguem ou não provar a todos os patriotas que a ameaça da guerra paira sobre a Europa?

Fil — Disso não tenho a menor duvida.

Pain — Concordam em que essas perigosas offensivas pacificas estão inteiramente desmanteladas?

Fil — Onde quer chegar?

Pain — As nações se desarmam ou não desarmam?

Fil — Não se desarmam.

Pain — E num momento, num momento destes é que você diz que tudo vae mal. (Num tom de profunda commiseração). Qual, Fil!

Loche, com calor. — Perdão. Perdão. A ameaça da guerra paralysa o commercio.

Pain — Loche, você fala como um caixeiro de armazem.

Loche, esperançoso. — Gostaria bem de estar enganado.

Pain — E' claro que a preparação da guerra não é ainda a guerra... A guerra é um negocio da China. Mas, acreditam, agora tambem se póde fazer muita coisa.

Loche, esperançoso. — Parece-lhe?

Pain — Os patriotas de todos os paizes procuram se defender contra o ataque possivel. E' uma fonte de lucros inexgottavel. A industria européa está salva.

Fil — Perdão, eu devo ser um idiota. Mas mesmo para salvar da ruina o Bureau Internacional não posso desejar a guerra.

Pain — Ninguem deseja a guerra. Todos querem viver em paz. E' tudo... e basta. (A Loche). E depois, não adeanta discutir. Elle não entende nada.

Fil — Emquanto se espera, uma nação européa fez guerra aos negros.

Pain — Perdão. Ella os civilisa.

Fil — A tiros de canhão.

Pain — E' impossivel discutir assim. Quero expôr o negocio que tenho em vista, precisamente a fazer com esses mesmos negros.

Fil — Pobres negros!

Pain — Um negocio que offerece lucros enormes.

Fil, interessado. — Diga.

Pain — Esses negros, tão caros ao nosso amigo Fil, se resentem da falta do aço. Um industrial alertado por mim permitte que o Bureau Internacional sirva de intermediario entre elle e os negros.

Fil, desconfiado. — Mas porque não fornece elle directamente?

Pain, irritado. — Ha a necessidade do negocio ser feito por intermedio de um paiz neutro. Você não tem nenhum tino. Elle não pode fornecer abertamente á nação que está sendo combatida pela sua.

Fil, indignado, levantando os braços. — Como? Mas o industrial de que fala é filho do paiz civilisador?

Pain — E que tem isso? (A' Loche). Elle não entende patavina de negocios.

Loche, enthusiasmado. — Continue, Pain, eu estou entendendo.

Pain — Sem gastar um sous, receberemos milhares de toneladas de aço. Carregamos um navio e vendemos tudo aos negros.

Loche — Com lucro.

Pain — De cem por cento, conforme combinei. O pagamento será effectuado no nosso banco antes da partida do navio, está claro. (Triumphal). Que me dizem?

Fil — Espero que o aço possa ser de utilidade aos pobres negros.

Pain — Não creio que seja.

Fil — Por que?

Pain — Porque desde já prevejo que o carregamento não lhes será jamais entregue, que a licença de exportação não será concedida. (Piscando um olho). Contem commigo! No dia da partida, o navio não poderá largar. Caso de força maior, não haverá nada a fazer.

Fil — E o aço?

Pain — Leilão. Compramos por quasi nada. O industrial ainda se dará por muito satisfeito.

Loche — E o aço?

Pain — Nós o venderemos aos negros sob outro nome.

Loche — E pode-se repetir o truc.

Pain — No maximo tres vezes. Já previ tudo.

Loche, enthusiasmado, atirando-se a Pain, abraçando-o. — Mas você é um genio!

Fil — Confesso que me enganei, quando pensei que elle estivesse diminuido. Mas o negocio é muito pouco honesto.

Pain — Lucro liquido: vinte milhões.

Fil, delirando — Vinte milhões! Ah, mas deixe-me abraçal-o!

(Pain, cordeal, se deixa abraçar. Entra a secretaria.)

A Secretaria — Desculpe. Mas é que seu filho esqueceu a boina e veio buscal-a.

Pain — Elle está ahi?

A Secretaria — Sim. Vou lhe entregar a boina.

Pain — Não! Faça-o entrar!

(A Secretaria abre a porta).

A Secretaria — Senhor Adolpho, seu pae o chama. (Entra Adolpho).

Pain — Vem aqui. Não tenho nenhum inconveniente em te deixar envergonhado deante dos meus amigos.

Loche, batendo no hombro de Adolpho. — Então, rapaz... Por que, envergonhado?

Pain — Pergunte-lhe! (Adolpho abaixa os olhos para o tapete).

Fil, sorrindo. — Que diabo! Qual foi o crime?

Pain — Eu que sou seu pae tenho vergonha de dizer.

Fil — Peccadilho de juventude! Não deve ser coisa grave.

Pain — Infelizmente, é grave. E' horrivel confessar, mas o senhor meu filho é um pequeno patife.

Fil, indulgente. — Não se preoccupe... Elle crescerá!

PANNO

CAMINHO

Conto de GERALDO GALLEGOS

— Vês, Petrica? Aconteceu o que eu disse desde que soube da historia: Topazio já está de volta...

— Sem vergonha! Se eu fosse o irmão, dava-lhe até ficar de braço moido.

— E depois, por causa de uma falam de todas

— Ah, isso não, "misiá" Rosita, que de mim não ha quem diga nada! Não faltava mais nada que por uma...

Não termina a phrase. Não encontra a palavra adequada para exprimir bem a sua indignação.

A outra a olha demoradamente, como se a estudasse. Afinal desvia o olhar e accommoda a lenha no fogão. A chamma cresce e crepitam as achas ainda verdes.

— Ai, ai! — faz Petrica, levando a mão á bocca.

Uma chispa queimou-lhe a mão.

— Vês? Não te approximes do fogo, mulher, que te queimas! — sentencia "misiá" Rosita, mexendo a panella, e com voz bastante suave para que transpareça a ironia.

——

E' grande a cozinha, com a sua chaminé e o seu fogão de tijolos vermelhos. Fervem os molhos nas panellas. Cheiram bem os assados nos fornos. Sobre a mesa tosca, de madeira de pinho sem pintura, está a massa prompta para ir ao fogo. Por toda parte, bancos de madeira e de couro. Entre os aparadores com utensilios de cozinha, pendem das paredes duas espingardas e varias facas de caça.

Creadas acocoradas ajudam as patroas na faina culinaria.

As ultimas palavras de "misiá" Rosita foram seguidas de um prolongado silencio.

"Misiá" Rosita chegou a essa madureza sã e opulenta que é uma trincheira, o ultimo reducto da juventude contra a velhice. Sob os cabellos que branqueiam como algodão em rama, as faces são lustrosas e lisas No olhar castanho ha o brilho de uma vontade emprehendedora.

Petrica é joven. Luz dos tropicos nos olhos negros, sentimentaes, cheios de desejos. O calor do fogão pintou rosas em seu rosto. Está linda.

Olha o relogio de parede e se admira de que o tempo haja passado tão depressa!

— "Misiá" Rosita! São quasi seis horas! Vae já escurecer.

— E' verdade! Os homens estão ahi estão chegando. Depressa, Petrica, bate os ovos!

PERDIDO

Illustrações de GALINDO

Mas em vez de bater os ovos, Petrica fica olhando a outra. Como se arrancasse as palavras muito do intimo, diz?

— Mas, afinal, que vae dizer a meu marido?

— A verdade... Que outra coisa lhe poderia dizer?

Petrica meneia a cabeça. Outro silencio. "Misiá" Rosita põe mais sal na panella. Rosita passa os ovos batidos sobre os pasteis. Petrica insiste:

— "Misiá" Rosita, não acha melhor que digamos a Topazio para ficar na casa da vizinha?

— Porque?

— Até que meu marido se acalme.

— Não, mulher. Topazio veiu para esta casa, que é della. Voltou infeliz, e, com culpa ou sem culpa, não podemos afugental-a a pedradas, como a um cão leproso.

— Só disse pelo desgosto que Alcides vae ter... Até parece que não conhece meu marido!

E, com um muchocho, Petrica accrescenta:

— Para que voltou Topazio!... Só para nos trazer aborrecimentos.

— E's joven, Petrica, demasiado joven para saber o que são os infortunios da vida.

Taes palavras foram ditas em tom grave e tremulo.

Um tropel de cavallos irrompe sobre as pedras do pateo. Os olhares das duas mulheres se cruzam, involuntariamente. Talvez as duas sentissem o coração desassocegado por uma onda mais forte de sangue. Petrica lava as mãos na agua da tina e sae apressadamente, enxugando as mãos no avental.

Da mesma maneira e cinco annos antes, Nicolas e Alcides, dois dos tres irmãos de Topazio, chegam juntos do trabalho. Sob a labuta incessante dos annos, seus rostos se tornaram mais energicos. Cavalgam desempenadamente.

Engordaram um pouco e a fazenda augmentou. A casa de campo rustica que Topazio abandonou cinco annos antes foi accrescida de duas alas de paredes caiadas, mais limpas que as outras. Portas envidraçadas e janellas grandes de venezianas se abrem para a varanda. Pelas pilastras de madeira sobem trepadeiras até as telhas.

Petrica é mulher de Alcides, o mais velho. Nasceu em Catacaos e seus paes — como foram seus

avós — são trabalhadores da terra peruana. Conheceram-se meninos. Quando ella completou os quinze annos já eram noivos. Petrica dizia não ter conhecido outro amor que não fosse o de seu marido. Casou-se e não houve mudança de rythmo na sua vida de camponeza, nas suas idéas simples, sadias e rectas.

Não acontecera o mesmo á mulher de Nicolas, Fidelia, da cidade de Piura. Não se acostumava á vida do campo e passava grandes temporadas na casa de sua familia. No momento, lá estava havia mais de mez. E seu marido pensava que teria que emigrar. Não gostava da cidade nem conhecia o trabalho nas fabricas, mas — pensava elle — as mulheres acabam sempre por conseguir o que desejam.

Dos tres, só Mario, o menor, continuava solteiro. E dos tres era o unico que sahira farrista. Um tocador de guitarra. Gostava de bebidas e de mulheres. Achava-se no porto de Payta, para onde partira quinze dias antes, afim de cuidar de um embarque de algodão. Mas não era o algodão e sim uma bailarina de cabaret, que o prendia.

Isso preoccupava os irmãos mais velhos. Viam que o rapaz

não aprumava. Mas tinham confiança. Confiavam na madeira de lei que resistiria ás intemperies.

Cinco annos depois, era assim que viviam os irmãos de Topazio.

——

Nicolas vae até a estrebaria. Alcides desmonta e abraça a mulher. Enlaçados, os dois entram na sala da casa nova, que haviam occupado depois do casamento. Atraz delles entra "misiá" Rosita. E' uma parenta afastada de Petrica. Vive com elles para que haja uma mulher "de respeito" na casa — dizia — já que se fôra a tia Andrea, atraz da sobrinha

Sentam-se os tres.

Com o tempo, os amores, como os odios, se esquecem. E até uma punhalada se perdôa. Mas que não se avive nunca na memoria a recordação de uma affronta. Os homens de tempera altaneira, nascidos nas montanhas, e aquelles dos povoados do deserto não a esquecem jámais.

Os irmãos de Topazio eram honrados lavradores das margens ferteis do rio Piura, á orla do deserto. Seu nome sem brazões tinha uma raiz profunda que afundava em suas vidas como mergulham as raizes dos algarrobos centenarios na solidão dos areiaes. Seu sangue é o sangue de antepassados honrados e exemplares.

— Que se vá!

Foi essa a resposta do homem, sem a vacillação de um segundo, sem nenhum tremor nos labios que ficaram brancos ao ouvir a noticia.

Mas "misiá" Rosita falou muito. Topazio era de seu sangue. O mesmo ventre os havia engendrado. Desde muito cedo ficaram orphãos de pae e mãe. Juntos se haviam creado. Mais que irmã, ella havia sido filha para Alcides, o mais velho. E Alcides fora tudo: pae, mãe e irmão para ella. Topazio voltava á casa que era tambem sua, em uma hora de perigo para ella. Procurava o amparo dos unicos seres que lh'o poderiam dar numa hora daquellas. E esses seres eram seus irmãos. Não voltava por ter sido abandonada pelo homem que a raptara. Era que em redor de Topazio se debatiam as vinganças implacaveis, os odios de morte dos malfeitores do deserto pelos outros homens da cordilheira fronteira. Topazio chegava ao solar de seus paes fugindo dos inimigos de Cachorro, que a haviam sequestrado para levar a effeito contra aquelle os seus planos de vingança. Não seria humano abandonal-a numa hora de perigo ..

Alcides coçou o queixo com a mão. Seus olhos brilharam. Percebia-se que não acreditava nem queria acreditar numa só palavra daquellas "historias". Interrompe, raivoso e tragico de colera:

— E quem mandou Topazio se metter com essa gente? Agora, que procure o amante para que a defenda. Não tenho nada a ver com isso.

"Misiá" Rosita insiste. Diz que são os irmãos que devem julgar e muito menos castigar quem amou tanto a um homem, chegando ao sacrificio de honra. Fez mal, mas não praticou nenhum crime.

— Muito bem. Encerremos o assumpto, — impacienta-se Alcides. — Dar-lhe-emos tudo quanto queira, e se não bastar o dinheiro que ha em casa que venda o que houver para satisfazel-a. Mas saiba, "misiá" Rosita, que esta é uma casa honrada. Não culpo Topazio da sua debilidade de mulher. Tenho filha, e amanhã Deus poderá me castigar. Mas nesta casa uma

irmã minha, concubina de ladrão, e esse ladrão e seu bando entrando e sahindo por estas portas — nunca... Não me torne a falar no assumpto, ou julgarei que tem o proposito de me insultar.

A mulher comprehende que é inutil qualquer explicação. Faz-se uma pausa, durante a qual se ouvem os passos do homem no pavimento. Elle para finalmente em frente á mulher e pergunta:

— Quanto quer, de uma vez? Diga-me logo, e não haverá necessidade de mais historias

— Agora, não quer mais nada. Não é de dinheiro que Topazio necessita. Leval-a-ei para a casa de uns parentes meus que moram em Zorritos.

— O mais depressa possivel.

— Amanhã mesmo. São velhos. Mas farão tudo quanto puderem para proteger a infeliz.

Cala-se "misiá" Rosita. Mas sua garganta está entupida pela narrativa pathetica e terrivel do que acontece a Topazio. Se o homem lhe perguntasse... Mas Alcides não quer saber uma palavra "dessas historias".

— Que se vá!

Tal é a sua decisão.

Quando Alcides, Nicolas e Mario se inteirarem da verdade do perigo, serão elles, então, que,

angustiados, sahirão em busca da irmã.

Mas antes outras coisas iam acontecer.

— Que se vá!

Foi o que disse Alcides.

Mas não poude ser. Logo no dia seguinte, desconhecidos rodearam a fazenda. Occultaram-se. E quando Alcides e Nicolas partiram para a plantação de algodão, chegaram á casa uns viajantes mal encarados, sujos de pó das estradas e com o olhar carregado de más intenções. Com o pretexto de que acabara a agua de seus cantis, entraram até a cozinha e enfiaram os olhos por todos os cantos. Fizeram perguntas disfarçadas, para saber se na casa não havia mais do que duas senhoras. Seus cintos appareceram, cheios de balas. Estavam bem armados. Depois de um bom pedaço, montaram os seus cavallos e se afastaram. Mas do alto ainda olhavam através da vegetação para o terreiro.

E então as mulheres puzeram trancas nas portas e soltaram os cães. Armaram de carabina um velho creado. E com o coração em sobresalto se puzeram a esperar que á tarde chegassem os irmãos: Alcides, Nicolas e Mario, pois este na mesma tarde regressou de Payta.

Topazio não sabe do que se passou. "Misiá" Rosita não lhe disse nada. Esquecida num quarto, ella se acha só com a ansiedade que lhe fecha a garganta. Nenhum de seus irmãos a quiz ver. Nem sua cunhada, que conhecera quando solteira. Sómente "misiá" Rosita a vae ver uma vez ou outra, nos intervallos dos seus affazeres domesticos. Topazio espera. Não sabe o que espera; talvez o presinta com demasiada clareza.

Teria sido melhor que "misiá" Rosita lhe houvesse communicado a resolução de Alcides.

Se o houvesse sabido, talvez Topazio houvesse evitado uma dor inutil. Mas "misiá" Rosita, de pena, preferiu guardar segredo da decisão até o ultimo momento.

Anoitecia. Tintos de negro, os algarrobos recortam suas copas frondosas no azul profundo

Topazio subiu a uma cadeira. Com os cotovellos apoiados ao peitoril da janella — alta como uma claraboia — poz-se a olhar a distancia.

Cinco annos. Passaram como um dia. E quantas transformações nesse tempo! Mas os velhos algarrobos que dão sombra ao pateo e as pedras do portão são os mesmos. As mesmas, a rajadas de vento que cortam o deserto e caem sobre seu rosto e sobre seus olhos como grandes grinaldas.

E então Topazio esquece e sonha.

E de seus sonhos a arrancam vozes proximas, de homens. Caminhando a pé, apparecem por um angulo Alcides e Mario. Mario tem o ar de quem acaba de chegar de uma grande viagem.

Topazio sente o coração bater com mais força.

O amor de irmãos é o mesmo para todos. Mas a verdade é que ha sempre um que está mais

junto ao coração. Mario é apenas dois annos mais velho que Topazio. Mario e Topazio foram irmãos camaradas. Amigos desde as palavras mal pronunciadas da primeira infancia. Talvez por isso se gostem mais.

E como o torna a ver agora! Mais guapo e mais homem.

Topazio ia correr para a porta. Mas o seu impeto é sustido. Suas mãos continuam agarradas ao peitoril. Seus olhos se estreitam entre as palpebras, faiscantes.

A mão de Alcides, o mais velho, cahe sobre o hombro do irmão E acompanha o gesto da mão o olhar de quem teve sempre voz e autoridade de pae:

— Não!

O outro insiste. Alcides torna a menear a cabeça:

— Não!

E como Mario dá de hombros za os braços e lhe barra o caminho.

Topazio sente medo. Pela primeira vez vae surgir uma violencia entre os irmãos.

Mario retrocede um passo e interroga com olhar chispante: quem é o outro e com que direito procura impedil-o de ir ver a propria irmã? Que lhe dê uma explicação de uma vez ou elle passará!

Mas Alcides, inflexivel, não quer dar mais explicações. Talvez já haja dado muitas. O outro é que não quer comprehender. Não comprehende que aquelles impulsos sentimentaes podem acabar derrubando o que elle considera rectidão justa e inappellavel. Quando Topazio sahir daquella casa, todos poderão vel-a. Antes disso, nenhum. E' essa a sua vontade. Vontade que os irmãos sempre respeitaram.

Mario contem a propria violencia. Não retruca uma palavra. Dá de hombros. Afasta-se com o olhar acceso e os punhos crispados.

Topazio o vê afastar-se. Qualquer coisa se quebrou em seu peito. Já não é necessario que "misiá" Rosita lhe explique: já comprehendeu. Não é mais que um ser immundo e desprezivel. O seu contacto contamina como lepra.

Sabe agora o que ha de espantoso no desamparo de uma creatura abandonada até dos seus.

Mas não chora nem protesta. O brilho do seu olhar passou a ser uma claridade dura e ardente.

E' mulher, mas tambem em suas veias corre o sangue dos "cholos" peruanos, quente do sol do deserto.

Não esperará que lhe communiquem a sentença. Antes disso irá para longe. Não esperará que lhe encham a mão de um punhado de ouro — como esmola — para a viagem.

Sobre a cadeira, a mulher se ergue, esbelta, segura de si mesma. Depois desce e senta á beira da cama.

Suas pupillas ardentes se fitam no quadro da alta janella, que recorta um pedaço de céo livido e tremulo.

De Catacaos para Piura, á noite, parte um rapido ás oito menos um quarto. As madrugadas piurenhas vibram com os mantos daquelles que se dispõem a partir para a fronteira.

Hospedam-se nos hoteis os batedores do deserto, offerecendo seus serviços. A matricula no Quartel de Carabineiros assegura que são de confiança. Carregam carabinas. Isso e suas caras trigueiras e curtidas provam que esses homens estão habituados ao combate com os bandoleiros.

Batem as ferraduras dos animaes sobre as ruas calçadas de os viajantes bebem os ultimos goles de café, ao qual foi misturada uma dóse de pinga. Gritos asperos. Relinchos.

As madrugadas são frescas e por ellas se avança rapidamente.

Quando rebentam as claridades da alvorada, já as silhuetas dos viajantes se desenham distantes sobre o alaranjado do Levante, que amadurece em largas manchas vermelhas.

Mas Topazio, embora partindo de casa apressadamente e sem se despedir de ninguem, perdeu o rapido e teve que tomar o trem da madrugada.

Quando chgou a Piura, até o pó da ultima caravana se havia desfeito na distancia, sob o sol de fogo.

Toma informações e fica sabendo que, como é fim de semana, só na segunda-feira proxima partirão outras grandes caravanas. Mas quando ha vontade nada é impossivel. Sempre ha batedores dispostos, em troca de boa paga, a metter-se em qualquer dia e a qualquer hora pelo deserto a dentro.

Juan Chico, cognominado "Machito", apresentou-se com a matricula em regra e bons cavallos. Por algumas libras, não muitas, preço razoavel, compromettia-se a levar Topazio e alcançar com ella a ultima caravana, que sahira um pouco atrazada, antes do sol tombar para o poente.

Topazio foi em pessoa ao quartel de carabineiros. Informou-se de quem era o homem e acceitou-o.

Cae a tarde e duas silhuetas a cavallo movem-se por entre as dunas do areial.

Com as sombras da tarde, sobem os pensamentos aos olhos. Sobem e param nas pupillas, como esses grupos longinquos de nuvens no terno regaço de um céo pallido e melancolico que abriga a planura.

Topazio esquece a affronta do irmão. Isso ficou tão definitivamente distante em sua vida que não ha mais motivo para a lembrança. Ha outras coisas e outros sêres que occupam a sua memoria: Myrta, por exemplo.

Que haverá entre Cachorro e aquella mulher de olhos escuros e olhares fulgurantes? Não comprehende bem. Amor e odio. Quando Myrta falava de Cachorro a Topazio, sorria com sarcas-

(Conclue no fim da revista)

— Patrão, esta é a nova empregada. O Sr. acha que serve?... E a patrôa, o que disse?...

— Bem, minha senhora, duvido que alguem diga que não esteve numa estação balnearea!

LUISE REINER A INEGUALAVEL

Por NANETTE KUTNER

Francamente, Luise Rainer sente muito que lhe tenha acontecido tudo quanto aconteceu e vem acontecendo ultimamente. Sente muito estar separada do homem a quem ama. Sente muito que os jornalistas americanos sejam tão... bruscos, que os caçadores de autographos sejam tão frios, que o poder do departamento de córte dos studios seja tão devastador, que os homens americanos tenham uma logica tão **terra-a-terra.** Sente muito ter assignado um contracto para cinco annos. Sente muito ser tão impulsiva, o que a leva a enrascar-se em tremendas embrulhadas. Sente muito estar afasatda do palco, prisioneira — embora regiamente paga — dos studios californianos. E mais que tudo... sente muito ter que viver em Hollywood.

Luise Reiner numa de suas ultimas e mais bellas photographias.

Poucas estrellas teriam a coragem de ter a franqueza que Luize Rainer demonstra na presente entrevista

— Hollywood é uma cidade morta, — disse-me. — Tudo aqui é morto, até as bellas montanhas.

Apontou para as montanhas, verdejantes, arenosas, avermelhadas — como se viam pela janella da sua casa de Brentwood, que parece construida bem no meio dellas.

Disse mais:

— Olho para essas montanhas. Sei que são bellas, pergunto a mim mesma porque não me agradam... e descubro que são mortas. O ar que as rodeia é pesado, não é o mesmo ar das outras montanhas. Não ha expansão, não ha viço, aqui. A gente aqui tambem é assim, impessoal, fria sem sentimento.

"Muito frequentemente vou passear nas montanhas. Não é coisa facil, pois os moradores de Hollywood não costumam andar a pé. Andar a pé é muito pessoal, e por isso Hollywood anda de automovel... A gente daqui passeia de automovel, como cadaveres, que se deixassem transportar. De automovel, podem se distanciar da vida. Andar a pé é demasiado humano, é fi-

Luise Reiner e Paul Muni em "The Good Earth" e Luise ao lado de seu marido, Cliford Odets, escriptor.

car perto demais da terra, das outras pessoas, das pessoas communs... das verdadeiras.

"Quando meu amigo, Clifford Odets, o dramaturgo resolveu passear aqui, quasi foi preso! Era tarde da noite. Um policial perguntou-lhe o que fazia e quando elle respondeu que estava passeando o policial quiz saber onde ficara o seu carro. Como Odets replicasse que não tinha carro, foi preso! Assim é Hollywood! Em nenhum outro logar do mundo uma coisa dessas aconteceria, estou certa!"

Luise Rainer suspirou. E sentou-se na beira de um largo sofá amarello. Usava um casaco de linho, de corte esportivo, aberto no peito, e uma saia muito curta, de pregas. Seus cabellos negros estavam penteados naturalmente, sem ondulação de especie alguma.

Sua voz vibrante encheu a sala:

— Vasio de aluguel... — murmurou. — Hollywood é como um hotel, com quartos onde se póde entrar e sahir de um momento para outro.

* * *

A voz da estrella tremia um pouco. E' uma voz rica, harmo-

A magnifica mascara de Luise Reiner em "The Good Earth".

Luise num momento de "The Good Earth", a grande obra prima do cinema americano que veremos ainda este anno.

niosa, que completa a personalidade da artista, que enleva quem a ouve. Em certos momentos chega a tirar quasi o folego, e fica ecoando depois, muito tempo depois, aos ouvidos felizes que a puderam sentir. E' uma voz nervosa, que ás vezes quasi grita e quasi arranha. A voz de uma mulher de forte temperamento, toda nervos e calor e energia e impulso e anseios, de uma mulher cujo physico por sua vez dá valor á sua voz. Os olhos negros não param, circulam, olham para aqui, para ali, observando tudo. Os hombros ondulam ou se erguem e caem rapidamente, conforme o estado de espirito da dona. As mãos executam um acompanhamento vivo, rythmico, dramatico.

Luise Reiner tal como é, e numa caracterização em "The Good Earth".

rente. Lá, a vida intima de uma artista é respeitada.

"Por exemplo, fiquei de ferias. Estava cançada, tendo terminado pouco antes a filmagem de "O crepusculo dos Deuses". Tomo um avião e vou para o E'ste Quero visitar Nova York. Quero ir ao theatro. Quero estar com os meus amigos. Mas as minhas ferias são prejudicadas, estragadas, compleatmente. Por que? Sinto muito, mas o studio se communcou com os reporters, de maneira que quando o avião aterrissou eu nem pude me occupar de Clifford Odets, que estava de pé, esperando, depois de fazer todo o caminho até Jersey só para me encontrar. Não, nem sequer pude olhar para Odets. Não pude, porque tive medo, porque estava cercada pelos reporters, que são como lobos. Então, saltei para um taxi e fuji!

Como todas as mulheres que amam, Luise deixa adivinhar facilmente o nome do amado, que nunca leva muito tempo longe de seus labios.

O corpo todo tenso, ella fecha os dedos de uma delicada mãozinha.

— Poderia lhe dizer tanta coisa... — diz, e parece querer arrancar as palavras da garganta. — Sinto muito certas coisas que me acontecem...

"Não gosto de ficar em pé, emquanto uma porção de gente me pergunta coisas que não são da conta de ninguem! Ha innumeros assumptos que eu discutiria, assumptos que mereceriam ser discutidos. Mas em vez de aborda-los, pedem-me que discorra sobre o amor! Certamente o amor é muito importante, mais importante que a minha carreira, para mim, mas não tenho nenhuma intenção de usar do amor como thema para historias de jornaes! Na Europa é tão differente.

"Mais tarde, quando fui visitar Odets, os reporters entraram pela casa a dentro. Veja só! Pela casa a dentro! — e Luise riu. — Mas eu os enganei. Sabe o que fiz? Fiquei toda a manhã

(Continua no fim da revista

CINE MAGASINE

Correspondencia dos studios de Hollywood
por Marius Swenderson

Greta Garbo e George Brent jantavam diariamente juntos, á luz de uma vela de cêra, no jardim de Brent, durante a filmagem d'"A Dama das Camelias". Presentes, além dos dois astros, só os cães de caça do ex-marido de Ruth Chatterton. Quem o affirma e jura em cruz para testemunhar que é verdadeira é uma vizinha do felizardo.

Henry Armeta garantiu que era "faixa preta" em jiu-jitsu, e o resultado foi ser "aggredido" nos studios da Nova Universal, onde trabalha, por uma troupe de japonezas que trabalha para aquella fabrica. E ficou amarrotado...

—

E do studio da Warner Brothers tivemos a seguinte noticia: "Ruby Keeler arranjou as coisas com o studio de maneira a poder dar uma fugida á casa de tres em tres horas, para ver Al, Jr." Ora, se Al, Jr. já fosse um gentleman, elle é que arranjaria as coisas de maneira a ir ver Ruby de tres em tres horas no studio.

Os francezes são engraçados... já é um dictado que corre entre os americanos de Hollywood. Em certa noite, achavam-se no Club Casanova o novo astro francez da Warner Brothers, Fernand Gravet, e outra mercadoria importada tambem da França, Ketti Gallian. Monsieur Gravet e Mademoiselle Gallian levaram se atirando champagne um no outro o tempo todo... Bonito esporte, sem duvida: mas ha muita gente que preferiria beber o champagne.

Noticias de ultima hora sobre o caso Taylor-Stanwyck: Bob Taylor disse a um amigo que ia passar um mez sem ver Barbara. O que só pode significar uma de duas coisas: ou o jovem galã quer saber se dessa vez é mesmo amor, ou acha que a sua situação não pode ficar prejudicada, embora romanticamente, por nenhuma mulher. No emtanto, depois de ter sahido uma noite com outra pequena, telephonou no dia seguinte para Barbara, mandando ás favas as proprias resoluções!

Quando "Parnell" estava para ser filmado, o director John M. Stahl annunciou que Clark Gable teria que deixar crescer uma barba para fazer o film. Clark Gable declarou publicamente que não deixaria crescer barba para coisa alguma nem por coisa alguma. A disputa promettia. Mas depois o pessoal que contava se divertir desanimou, pois director e astro entraram em accordo: Gable deixou crescer suissas e bigodes.

Contando vantagens... Hugh Herbert numa folga de filmagem de "Pintando o sete", na Nova Universal, conta a George Murphy que costuma a pescar peixes assim...

A separação do casal Errol Flynn-Lili Damita não foi um acontecimento que causasse surpreza aos seus intimos. Errol gosta de calma e socego, ao passo que Lili é francamente do barulho.

No Café LaMaze, no dia seguinte á separação Flynn-Damita, Errol Flynn jantava com um grupo de amigos quando Lili entrou. Não estando ao par das encrencas domesticas de Hollywood, o garçon guiou a franceza para a mesa do Capitão Blood. Errol se levantou e sorriu, mas Lili explodiu:

— Não! Não! Aqui não!...

E deu uma reviravolta, deixando o astro e o garçon boquiabertos.

Sonia Nemje executa lindas dansas sobre o gelo no seu film

Um trio infernalmente desafinado — Hugh Herbert, Henry Armeta e Gregory Ratoff, na Nova Universal.

"One In A Million", para a 20th. Century-Fox.

— Sonia não tem muito descanso neste film, — disse Don Ameche, — mas eu nunca fiquei tanto tempo sentado na minha vida.

Don toma parte nas scenas de patinação, mas do lado de fóra do gelo, o que nunca acontece quando o gelo está misturado a whisky com soda.

—

A prova mais concreta de que Katie Hepburn e Leland Hayward não se casaram secretamente é que Margaret Sullavan passou a ser Mrs. Hayward. O que faz pensar: a carreira matrimonial de Margaret tem sido accidentada. Quando o seu ex-marido Henry Fonda appareceu em Hollywood, Margaret, casada com William Wyler, passou a sair todas as noites com Henry Fonda. Depois de um divorcio apressado de Wyler, deixou de sair com Henry e passou a sair com Wyler. Um conselho a Leland Hayward: se quer ser um maridinho sempre juntinho com a mulherzinha, divorcie-se de sua esposa.

—

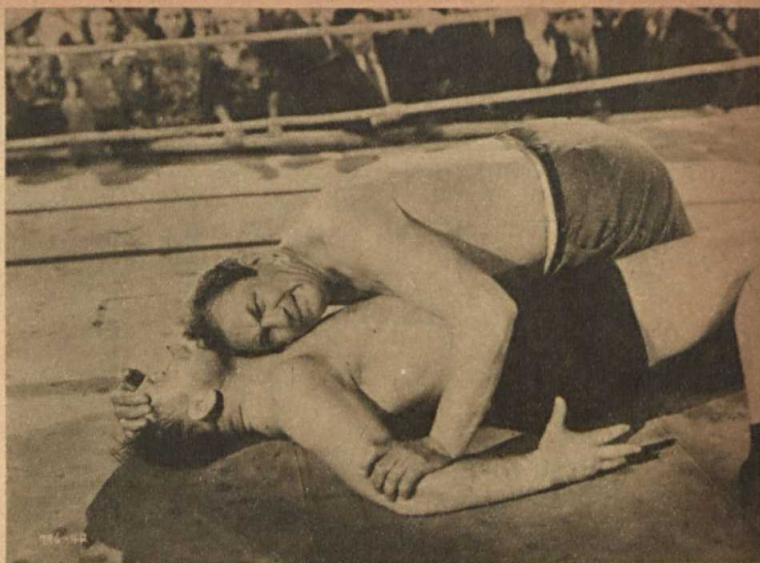
Hollywood está se transformando numa creche. Irene Dunne visitou um orphanato, resolvida a adoptar um garoto, os Frederic Marches vão receber um filho de encommenda, Miriam Hopkins acha que o seu filho adoptivo precisa de um irmão que não seja adoptivo e Al Jolson e Ruby Keeler estão radiantes com Al, Jr.

—

Grace Moore tambem arranjou uma filha: Luizita Perara, sobrinha de quatro annos do cabeça do casal Moore-Parera.

—

Joan Crawford ia fazer "Parnell" com Clark Gable mas trocou subitamente de papel com Myrna Loy, que ia fazer "The Last of Mrs. Cheyney". Uns dizem que Joan preferiu o papel de Myrna, outros que o director Stahl preferiu não ter lá Crawford no film que vae dirigir.

Vejam como se ganha a vida em Hollywood... Este tem pela frente nada menos que Victor Mc Laglen!

A ultima acquisição do menage Hornblew-Loy é um mordomo. Chama-se Samuels e foi copeiro de bordo nos ultimos dez annos.

— E' o primeiro emprego que tem em terra, — conta Myrna. — E elle faz tudo muito bem, menos servir sopa. O seu andar balanceado só dá certo com gelatina de consommé.

—

No primeiro dia passado no de "The Last of Mrs. Cheyney", antes de ter carregado a sua caixa de make-up para o set de "Parnell", Myrna se poz a tricotar attentamente entre as scenas. Com ares mysteriosos, puxou um novello de lã angorá azul claro, que foi rapidamente se transformando num rectangulo. Depois Myrna fez outro rectangulo, e depois uniu os dois rectangulos, formando um afghan. Um afghan, se não sabem o que é, é uma coberta para gentinha muito meuda. Todos ficaram surprehendidos. Mas depois o mysterio se aclarou: o afghan era para a empregada de Myrna, Verosa, que está esperando qualquer coisa que vae com o afghan.

Norma Shearer e seus dois filhos estiveram no deserto do Arizona, onde Norma foi convalecer de uma seria grippe. Sobre o futuro cinematographico de Norma, nada ainda está resolvido.

Agora que Buddy Rogers e Mary Pickford declararam finalmente as suas intenções, a questão é saber: serão felizes? E que nome vão dar a Pickfair? Pickfair, como se sabe, foi o nome dado por Douglas e Mary á sua residencia de Beverly Hills. Pickrog, decididamente, não é nome que preste, mas talvez Buddyfair? Alguem terá uma suggestão a fazer?

Francis Lederer continua sendo o maior beijocador de mãos de Hollywood. Numa recente visita ao studio da Columbia, para cumprimentar uma amiga, beijou todas as mãos que havia na sala com excepção apenas da de um porteiro que observava da sua porta o progresso do tcheco pela peça

---

Quando Madeleine Carroll foi escolhida para o primeiro papel feminino de "On the Avenue" não conhecia o director Roy Del Ruth. Alan Mowbray chamou-a a um lado e preveniu-a de que Roy é muito surdo.

No primeiro dia em que Madeleine falou a Roy, não falou, gritou:

Conhecem? Garantimos que não. Pois trata-se simplesmente de Ginger Rogers no inicio de sua carreira cinematographica!

— Espero que seja muito agradavel trabalharmos juntos!

— Como? — fez Roy.

Madeleine se approximou mais um pouco, sorriu melosamente e gritou com mais violencia:

— Vae ser optimo trabalharmos juntos! Não acha?

— Sim, — replicou Roy, — se perder o habito de falar gritando!

Madeleine está até hoje procurando um rapaz de sobrenome Mowbray.

Dolores del Rio é uma sentimental. A prova é que deixa seccar para guardar uma flôr de cada ramo que Cedric Gibbons lhe leva.

Examinando um trecho de film, Barbara Stanwyck olha os negativos do ultimo film desta estrella.

Simone Simon tem sido menos vista por Hollywood. Talvez por se attribuir a ella a seguinte declaração:

— "Leading-man" são os homens mais faceis de encontrar. Tudo quanto é preciso é um rostinho bonito, geito para lisonjear e paciencia para ouvir.

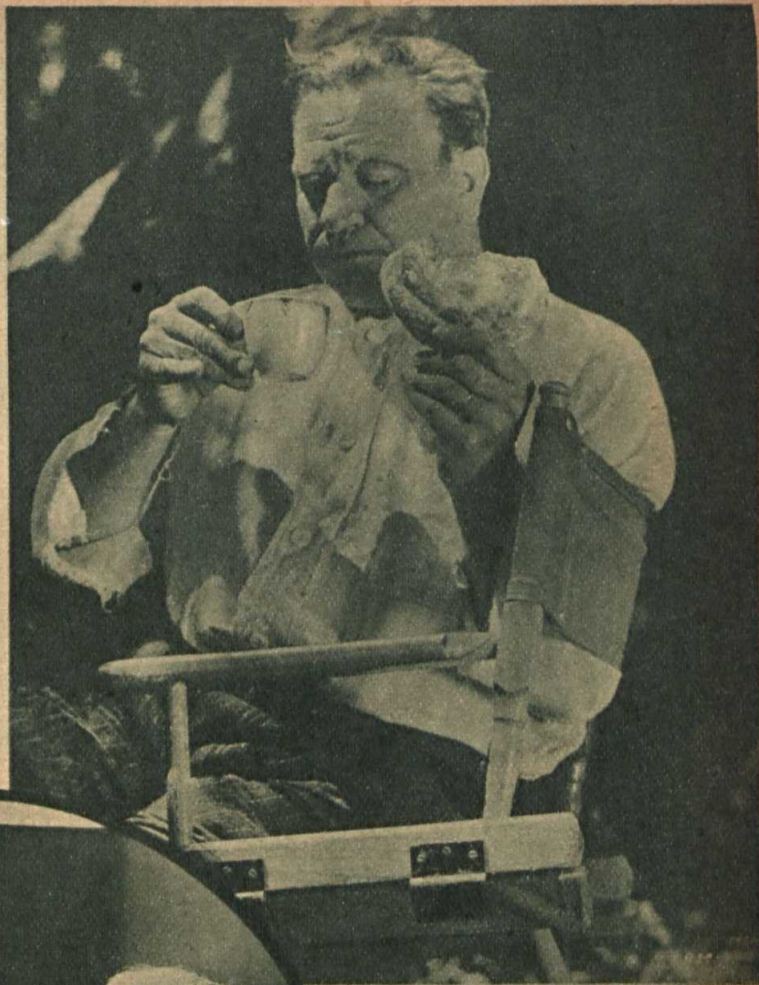
Essas são palavras de desaf'o e luta, mademoiselle.

—

Estivemos visitando Jeanette Mac Donald no set do boudoir, para o seu ultimo film, Mayfair. A proposito, perguntamos se a estrella alguma vez havia feito um film que não tivesse pelo menos um boudoir á vista.

— Fiz um, — informou-nos ella, — mas foi um fracasso.

—

Spencer Tracy vendeu os seus cavallos de polo e comprou um yacht.

Comilão! Vejam só a gulodice de Wallace Beery durante uma folga quando filmava "Malandro velho" nos studios da Metro. Que formidavel brôa, "seu" Wallace!

Depois de cada beijo os labios devem ser retocados, pois existem galãs que "comem" a pintura... Aqui temos um maquillador em funcção. Quem terá beijado esta deliciosa loura?

Flagrante de Palm Springs: Dick Powell e senhora comprando roupinhas meudas.

Mas não é o que imaginam.. As roupinhas meudas eram mesmo para Mrs. Powell.

Talvez para lembrar que não é Mr. Swarthout, Frank Chapman deu a Gladys uma pulseira e um collar. A pulseira formava um nome: Gladys. E o collar outro Chapman.

—

A artista que mais sae e tem mais amiguinhos é nem mais nem menos Mae Robson. Todas as noites ella é vista aqui ou ali e todos os rapazes da vizinhança lhe mandam flores e gulodices.

— Não é necessario um rostinho bonito, — affirma ella. — Pode-se até ter cabeça molle, com tanto que o coração tambem seja molle.

Da mesma fórma Katte Hepburn que por isto apanhou um formidavel resfriado que a deixou de cama nada menos que uma semana inteira.

Dodie, a pequena que toma conta dos chapéos no Trocadero, é uma das mais bonitas pequenas de Hollywood. E adora livros. Vae fazer seis mezes que um admirador lhe fez presente de um livro, que ella pretende ainda chegar a ler um dia.

Está cansada de ouvir dizer:

— Você devia tentar o cinema.

E para não ouvir mais a repetição dessa phrase, apparecerá na producção da Selznick-International "A Star Is Born". Mas, pelas duvidas, conserva o seu logar de chapeleira no Trocadero.

Custa muito a gloria... William Powel teve que trabalhar algumas horas dentro dagua em seu ultimo film. E o director tambem...

Kay Francis anda dizendo que não se casará emquanto trabalhar para o cinema. Não se sabe se é uma questão de principios ou se se trata apenas de má noticia para Delmer Davis.

E agora que ella está em férias, vae aproveitar para viajar pela Europa em companhia de Delmer. Se os dois voltarem de lá casados, por favor... finjam que não leram a presente nota.

Não duvidem do que contam a respeito de Errol Flynn da operação que elle teve que praticar em um nativo de Nova Guiné, no correr de uma de suas viagens de exploração áquella apartada região, pois é inteiramente verdadeiro que Flynn tem innumeros conhecimentos de medici-

São mesmo feios assim? Lawrence Tibbett, Gladys Swartout, Lily Pons e seu marido André Kostalentz numa festa intima. O que ha com Lily que está tão zangada?

na, por ter cursado dois annos a Universidade de Dublin, nos dias em que seu pae fazia "força" para ver o filho medico.

Viajando, depois, pela Nova Guiné, Flynn teve occasião de exercitar-se na medicina, prestando soccorros aos enfermos nativos, que lhe chamavam "o doutor".

Tudo isso serviu muito a Flynn, agora, que teve que filmar "Green Light" (Luz Verde), ou "Trafego Livre", em que tem o papel de medico.

A operação levada a effeito por Flynn foi a amputação do dedo maior do pé de um nativo, que estava ameaçado de gangrena. O infeliz se salvou, e Flynn augmentou sua fama de bom medico entre aquelles que tão implicitamente confiavam em seus conhecimentos.

Assim, se você não tem fé no medico que actualmente cuida de sua saude, escreva a Flynn, contando o seu mal, que receberá um bom conselho!

E a "deliciosa" Joan Crawford? Você casaria com ella assim descabellada? Mas Franchot Tone teve coragem...

Dentro de poucas semanas terá inicio o curso preparatorio em differentes universidades norte-americanas e muitas celebridades lá se inscreveram como alumnos.

Olivia de Havilland, por exemplo, pretende voltar a seu curso de desenho architectonico.

Por sua vez, Winfred Shaw voltará novamente ás aulas de literatura, na Universidade de Columbus, pois seus maior desejo é ser escriptora de novellas.

Paul Muni, Edward G. Robinson, Dick Powell, Sybill Jason e muitos outros voltaram para seguir seus cursos favoritos.

Linda Perry, a graciosa estrella que apparece em "The Fighting Parson", lindo "short" em côres, tem como amuleto para

Aqui temos mais dois "bellos" — Myrna Loy e William Powell irradiando. Felizmente ainda não ha televisão.

conservar-se com boa sorte um pedaço de vidro de um espelho, quebrado pelo saudoso Lon Chaney, quando filmava "O Corcunda de Notre Dame". Alguem

perguntou a Linda como conseguiu aquella recordação e ella informou que uma sua amiga, que trabalhava como "extra" naquelle velho film, lhe dera de presente, quando era ainda uma menina. Desde então, Linda attribue todos os seus triumphos theatraes e cinematographicos a esse magico pedacinho de espelho.

—

Esse gorducho das comedias desmioladas da Warner, está profundamente aborrecido porque alguns de seus amigos teimam em dizer que elle está ficando p'ra lá de velho"!

Kibbee não tem muita idade, porém a maldita careca é que o faz parecer tão avançado em annos. Agora Kibbee vive explicando aos amigos, que começou a ficar calvo aos doze annos e que em sua familia, mesmo os meninos têm a cabeça igualzinha a uma bola de bilhar, limpinhas e reluzentes...

— Quando eu tinha apenas 22 annos — explica Kibbee — era tão calmo como hoje, o que significa que por ser careca, eu ainda não sahi inteiramente da juventude!

—

Antes de ter começado sua carreira artistica, a bella Kay Francis tinha sido secretaria particular de algumas ricas senhoras do grande mundo norte-americano. Esses postos, Kay os conseguia por ser magnifica tachygrapha. Depois, veio seu glorioso triumpho no cinema e a tachygrapha guardou seus blocos de papel e seu lapis de duas pontas: no emtanto, como o saber nunca occupa logar, actualmente Kay utiliza sua arte tachygraphica, para escrever repetidas vezes o dialogo, que tem que decorar, o que muito facilita seu trabalho, além do que, segundo declarou a linda Kay, não deseja perder a pratica por que, algum dia, talvez venha a precisar novamente de appellar para seu primeiro ganha-pão...

—

Ann Sothern, a loura cheia de "sex appeal", ageitou-se melhor na poltrona onde se achava e meditou a minha pergunta.

— Qual o conselho que eu daria á moça moderna que procura ter uma carreira? Por que acha que eu poderia aconselhar os outros? A minha propria carreira foi obra do acaso! Talvez algumas carreiras sejam planejadas. Isto não sei, admittiu Ann. A minha ao menos, não o foi. Apenas aconteceu! Minha mãe foi cantora e é natural que me tivesse proporcionado uma educação musical. Mas como muitas outras meninas da minha idade, eu me divertia continuamente e pouco trabalhava. Creio que tinha alguma idéa vaga de tomar o logar de minha mãe, mas era muito vaga. Nunca, porém, sonhei trabalhar no cinema... Depois de tres annos na Universidade de Wahington, visitei Hollywood com minha mãe. Ella estava trabalhando como instructora de canto nos studios da Warner Bros., e, como era a minha primeira visita a esta cidade, senti-me intensamente in-

Novos da Nova Universal. Jack Dunn e Phylis Dobson na praia de Santa Monica em Hollywood. Triumpharão?

teressada em conhecer todos os milagres de um studio cinematographico.

Lá encontrei um amigo, Bill Koening, que havia conhecido antes em Minneapolis, que indagou-me se teria vontade de me submetter a um "test". Por curiosidade, aceitei, e fiquei verdadeiramente surprehendida com os resultados, que decidiram a minha ingressão no cinema. A principio, fiz pouco. Recebia o meu cheque de setenta e cinco dollares por semana e trabalhava pouquissimo. Finalmente, a Me-

Jack Dunn, Phylis Dobson e Lynn Gilbert, artistas jovens da Nova Universal na Praia de Santa Monica em Hollywood.

tro me deu outro "test" e o fallecido Paul Bern começou a

(Continua no fim da revista)

OS MARIDOS DAS «ESTRELLAS»

Dualidades indispensaveis segundo Maurice Dekobra

Nesse mundo ha profissões estranhas, como por exemplo, constructor de navios lilliputianos para garrafas vazias, instructor de sapos saltadores do Texas ou alisador de carapinhas de negras elegantes.

Mas uma das mais bizarras entre as profissões da época actual é a de marido de estrella.

O marido de uma estrella, sobretudo em Hollywood, é um phenomeno digno de ser conservado num museu de historia natural. Quando o marido da estrella é por sua vez um astro, tudo vae muito bem até o dia em que o nome da estrella é escripto nos cartazes em letras uma pollegada maior que as do nome do marido. Mas quando a estrella se casa com um homem modesto, insignificante, inodoro e paciente, então o drama se transforma em comedia-vaudeville.

Conheci uma estrella de Hollywood que, tendo feito uma aposta perfeitamente estupida, casou-se com um excellente rapaz, obscuro empregado do commercio. Os cerebros esquentados são capazes de apostas absolutamente ridiculas, como comer doze ovos duros sem beber ou ler uma phrase de Marcel sem respirar.

O marido em questão era uma especie de fantasma na sumptuosa residencia da bella Gina Furrell.Não era um fantasma de preço, caro a René Clair, mas um fantasma alugado ao anno pela estrella. Ninguem o via nunca, entrava na villa de Gina quando os outros saiam. Parecia desses bonequinhos de barometro. Chegava a Beverly Hills para o "week-end" e acompanhava a mulher aos domingos á Santa Monica. Occupava-se dos seus cães, dos seus passaros, dos seus peixes japonezes e das suas contas correntes.

Imagino que devia ter o direito de penetrar no quarto da deusa em ponta de pés, executar cortezmente, rapidamente, discretamente, as suas prerogativas de marido e se retirar mansamente, dizendo:

— **Thank you very much!**

O acaso me poz um dia em face desse rapaz modesto e sympathico. Elle havia bebido. O alcool lhe dava animo. Disse-lhe:

— O senhor deve ser o homem mais feliz do mundo! Casado com Gina Furrell! E' formidavel! E' uma batida de dados que conta na vida de um americano.

Elle me respondeu:

— Não se trata de bater os dados... Mas de bater com a cabeça. Gina apostou um dia que se casaria com o primeiro individuo que entrasse no bar do Derby. Foi bom que um vende-

Um casamento que se desfez e quasi... se refez. Henry Fonda e Margareth Sullivan. Aqui vemos os dois, depois de divorciados, num mesmo film.

Um casal feliz, e que não pensa em divorcio — Al Jolson e Ruby Keeler. Aqui vemos os dois grandes actores numa rua de Hollywood.

dor ambulante não houvesse entrado naquelle momento!

— Serei muito indiscreto perguntando-lhe se se sentiu... como direi?... muito commovido, na noite do seu casamento, a sós com uma estrella?

Elle me lançou um olhar de soslaio, abaixou a cabeça e murmurou:

— Commovido? Eu fiquei foi simplesmente atrapalhado. Ella me deu um copo cheio de gin, bateu-me nas costas e disse para me animar: "Coragem, Sidney..." Fiquei envergonhado da minha timidez. Depois, como o gin não produzisse resultado, ella me aconselhou que lesse algumas paginas de "L'Amant de Lady Chatterley".

— Com o tempo, conseguiu vencer essa timidez perfeitamente comprehensivel?

— Qual. Não consigo.

— Porque?

— Porque Gina não é natural. Diz sempre: "Olha o meu rimmel, "darling". Estás quebrando as minhas pestanas postiças, **darling**". Fico sem geito. Tenho a impressão de que um director vae surgir de um momento para outro e vae gritar pelo phone: "Cortar!... Está horrivel. Vamos recomeçar!"

Certas qualidades são indispensaveis aos maridos de estrellas. Elle não deve nunca:

1° — Chegar sem se fazer annunciar.

2° — Ir vel-a trabalhar no studio.

3° — Abrir a sua correspondencia.

4° — Interrompel-a quando ella fala.

6° — Inquerir os seus chauffeus.

6° — Tomal-as as mãos, a menos que ellas insistam

7° — Fatigal-as nas vesperas das tomadas de scenas.

Um casamento perigoso e que qualquer dia dará em divorcio segundo dizem as más linguas — Joan Crawford e Franchot Tone.

Conheci um bom sujeito, na California (havia sido cow-boy), que se casara com uma semi-estrella, encarreirada para a celebridade. Em vez de obedecer ao regulamento, elle era indiscreto, gabola, falastrão e insistente. Era Mme. Cardinal com uma barba de oito dias. Conferia as contas, telephonava aos admiradores, assignava as photographias da mulher. Introduzia os pretendentes no seu camarim. Tossia como um cachalote antes de entrar, mas entrava — e sempre que havia whisky para beber elle não estava longe.

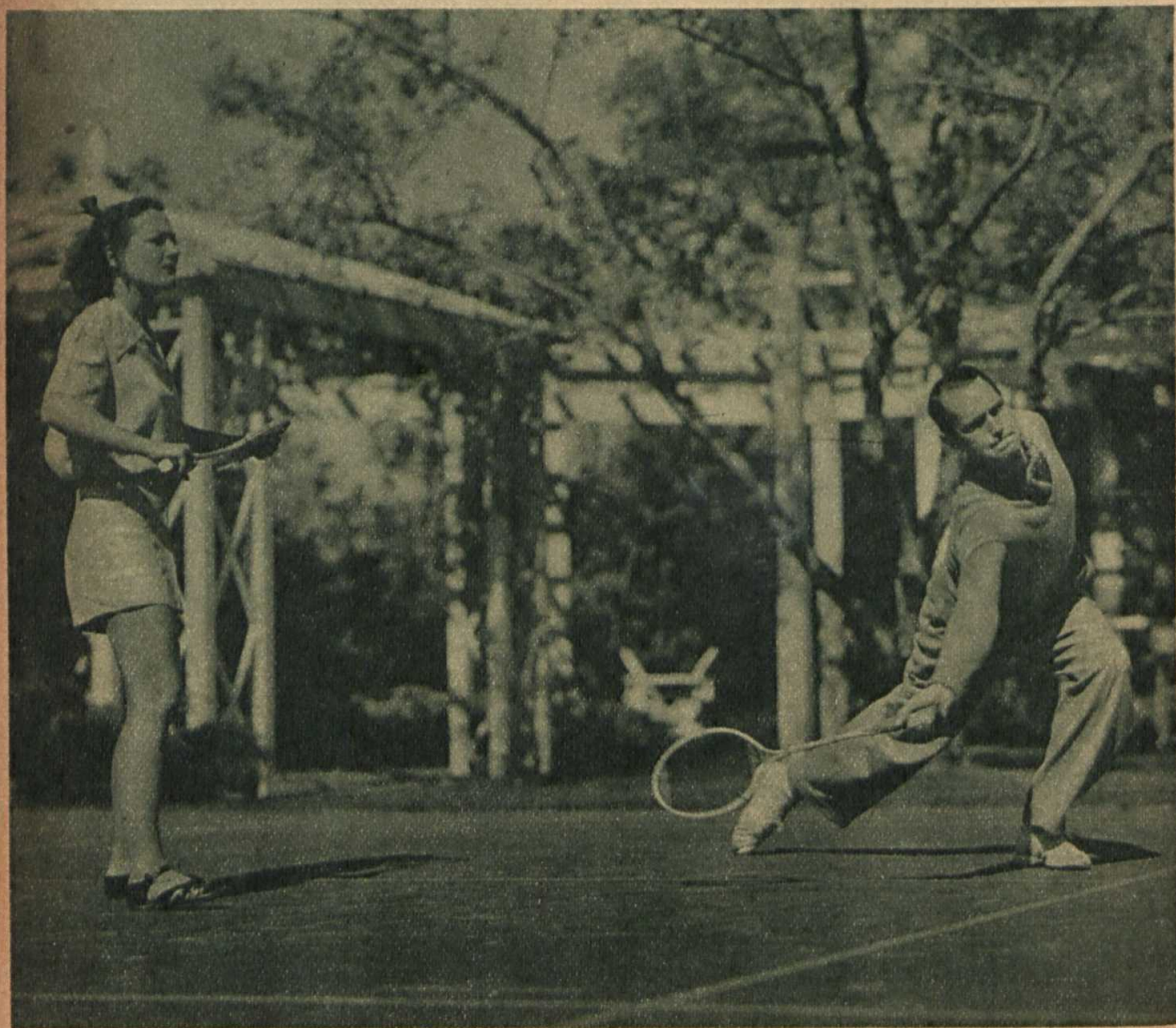
Quando se referia ao ultimo film da mulher dizia:

— Viram-**nos** no **nosso** ultimo film? **A Viuva do Gangster? Representamos** muito bem aquella scena em que o bandido rasga o **nosso** decote para encontrar a chave da frigidaire... não foi? Gostam da **nossa** nova franja?

Sua mulher e elle eram uma só pessoa. Não havia individuo mais accommodado. Fechava os olhos aos amores da mulher com o director da "Couic Film Corporation". Os amigos do casal murmuravam com ares ultrajados:

— O cynismo desse sujeito passa as medidas! E' elle quem guia o carro quando o presidente os acompanha! E não olha para traz sem prevenir. No ultimo "week-end", emprestou um pyjama ao presidente e lhe cedeu a chave do seu quarto, ao lado do da mulher.

Foi esse mesmo heroe de vaudeville que disse um dia, erguendo o copo de "scotch":

— E' melhor fechar os olhos durante cinco minutos do que viver na miseria a vida toda!

A SORTE...

O' chance, tu que cumulas os ignorantes e os loucos, que te ris do merito, que desprezas a moral e semeias a injustiça, tu que destroes tudo que a razão humana penosamente construiu, tu que não és nem boa nem imparcial, que foges quando te chamam e te desvaneces no ar quando te querem agarrar, ó chance, mais imponderavel do que o vento e mais perfida do que o amor, tu és a unica deusa que ainda cultuam os homens, a unica que elles, tenazmente, esperam ver apparecer deante de seus olhos maravilhados.

Ó chance, desgraçado é aquelle que não responde ao teu chamado, maga, fada caprichosa, enviada de um deus desconhecido, felicidade que cae do céo!

Maurice Pailleton

"A SORTE" NA HISTORIA

Conto por ROBERT BURNARD

Gente curiosa de tudo, e sobretudo de estatistica, quiz saber como se dividem os leitores numa bibliotheca. Parece que o numero dos pesquizadores dos mysterios que regem a sorte ultrapassa de muito a imaginação. Assim, muitos desses trabalhadores de aspecto sereno que vemos curvados sobre grossos volumes, a fronte pesada de reflexão, procuram simplesmente um meio de ganhar nas corridas ou na roleta. A leitura e a comparação das listas de partida, de apostas, de cotação das apostas, que sei mais? contêm ensinamentos fructuosos e inapreciaveis. Um mundo existe do qual o acaso é senhor; senhor de uma multidão de escravos que todos se esforçam, senão por alcança-lo e domina-lo, mas pelo menos por entreve-lo e delle conservar na memoria o perfil e o contorno. Consultei na Bibliotheca livros dedicados ao acaso e á sorte e não entendi coisa nenhuma, a não ser que é um facto a ansiedade que muita gente (que passa por séria) tem de tentar pôr em formulas mathematicas e que é subtil e irreal, de fixar o que não se fixa. Acaso ou sorte, que será **isso,** qual será a sua definição? Onde começa um, onde termina o outro? Poder-se-ia philosophar dias e dias, demonstrar que existem homens, emprehendimentos, periodos assignalados pelo brilho de uma bôa fortuna indisfarçavel, mas não devemos esquecer que essas mesmas pessoas e series podem em seguida passar por uma onda de azar nitidamente caracterisada e que no emtanto quasi nunca é mencionada. Tudo é relativo neste mundo, nada absoluto.

Mas, o que dirão os historiadores? Os historiadores são gente séria, pouco dada a fantasias e hypotheses philosophicas. Fazem mal, acho eu, de não querer jamais procurar apoio senão em argumentos perfeitamente solidos e declarar que se as coisas aconteceram de uma determinada maneira não poderiam ter acontecido de outra. Mas que loucura pretender fechar a porta ao inesperado, ao sonho, á fantasia!

* * *

Os historiadores deveriam seguir o exemplo dos guerreiros. Estes, depois de porem, em preto sobre o branco, os seus planos sobre o papel, planos de alta sabedoria onde nem uma nesga é abandonada ao imprevisto, sabem que terão ainda de enfrentar dois elementos, duas incognitas no problema tão bem armado: o inimigo, em primeiro logar, que não se sabe ao certo o que faz e o que pensa, e depois esse outro adversario, o acaso, divindade de rosto encoberto por véos, que tem gestos furtivos e cujos passos são sempre silenciosos, mas que de repente colloca em meio á estrada a sua pedra invisivel contra a qual se arrebentam os mais bem equipados exercitos de conquistadores.

O acaso na historia? Quando se pensa nas possibilidades que elle offerece, a imaginação se exalta. De "se" e de "mas" é feita a historia, diz um velho proverbio não sei de que procedencia. Pensava em tudo isso ha poucos dias, lendo a biographia da duqueza de Bourgogne, a trigueira, vivaz e encantadora princeza que illuminou de um ultimo sorriso a côrte monotona do velho Luiz XIV. Se um mal mysterioso não fizesse desapparecer com poucos dias de intervallo a duqueza e o duque de Bourgogne, este ultimo teria sido Luiz XV e, sob esse nome em logar de um amavel e seductor sacripanta, a posteridade teria sem duvida celebrado um rei tremendamente virtuoso, virtuoso até o enjôo.

Quanta coisa se pode imaginar com o auxilio de um "se"!

Já pensou alguma vez, leitor, no que teria acontecido se, num certo domingo de junho de 1914, o archiduque Francisco Ferdinando, herdeiro presumptivo da dupla monarchia, preferisse iniciar o seu passeio em Serajevo pela direita e não pela esquerda ou se houvesse recusado dar uma segunda volta pela cidade, a primeira lhe tendo valido já um attentado a dynamite? Teria, sem duvida, escapado ás balas de Pritchip — e talvez ainda continuassemos vivendo na euphoria de antes da guerra, sem crise e com o cambio pelas alturas.

Repete-se sempre a historia de grão de areia na bexiga de Cromwell, do nariz de Cleopatra. Aqui fica bem recordar a famosa phrase de Pascal: "Se o nariz de Cleopatra fosse mais curto teria sido differente a face do mundo".

Assim, pois, aos olhos dos antigos, dos de Antonio e mesmo aos de Pascal um nariz longo era signal de belleza, capaz de virar imperios de pernas para o ar; o gosto dos francezes, por exemplo, hoje em dia, é sem duvida nenhuma pelos narizinhos arrebitados. Pascal, no emtanto, ti-

nha um nariz bem comprido e talvez baseasse o seu gosto esthetico nas proprias feições — fraqueza perfeitamente desculpavel num homem de tanto valor.

E' necessario, aliás, saber distinguir entre a sorte que se deve ao acaso e ás circumstancias accessorias que rasgam ás vezes na Historia perspectivas tão curiosas. As pequenas coisas: ha uma escola que nellas baseia todos os grandes acontecimentos da vida. Esses observadores munidos de microscopios escutam por traz das portas, espiam pelos buracos das fechaduras, cheiram os fundos das panellas e remexem na roupa suja mas, se surprehendem certos detalhes, recusam-se no emtanto a considerar os conjunctos; saberão dizer a influencia que teve sobre a guerra da França com a Allemanha em 1870 o mal que minava Napoleão III; interessam-se mais por essas pequenas miserias do que pelos proprios acontecimentos.

Quando falam do acaso — e falam muitas vezes — enganam-se. Não é do acaso que descobrem os traços, mas do lado humano e insignificante que, apenas esse, os interessa. Quanto ao clarão fugaz que bruscamente rasga as trévas, á pequena alteração do rythmo que altera a marcha — esses são detalhes demasiado subtis para lhes chamar a attenção.

O momento, a sorte, o acaso muitas vezes têm sido comparados a um imperceptivel fio de cabello. Lembram-se da historia de Kala Nag, o elephante, de Kipling? Para conseguir que elle ficasse quieto era preciso amarrar-lhe a pata com uma comprida folha de fino capim. Todos nós somos muitas vezes prisioneiros de um sopro, de um nada que oriente e pode fazer mudar as nossas vidas.

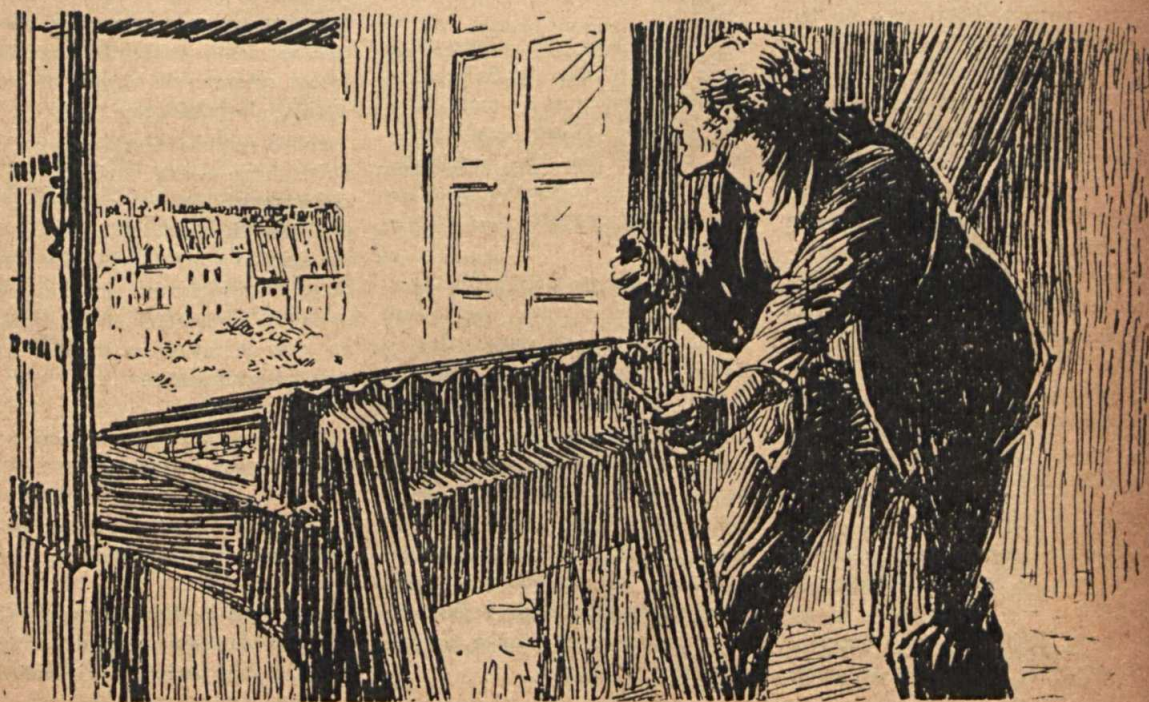
O FATAL ESCUDO DE SEIS LIBRAS

Se, no dia 26 de junho de 1791, Luiz XVI não houvesse sentido a necessidade de desenferrujar as pernas, teria, sem duvida, conservado a cabeça...

A berlinda real rolava pela estrada de Lorraine. Havia partido das Tuilleries em plena noite, á hora em que a vigilancia é afrouxada, em que as sentinellas descansam o queixo no cabo do fuzil, as costas na parede da guarita e fecham um momento os olhos, hora em que mesmo os criminosos sentem pezar as palpebras. Passa uma carruagem confortavel, com a pesada mala imperial, dois postilhões, um cocheiro, um creado. Quem prestará attenção a esses viajantes? Os guardas especiaes é que terão de exigir os passaportes. Mas a hora é morta e a carruagem passa o fosso, as rodas correm já sobre a estrada do Rei.

E mesmo então, se algum passante mais curioso tivesse a idéa de olhar para dentro das altas vidraças, que teria visto além de uma mulher jovem ainda, um homem de certa idade, um tanto vermelhaço, abotoado no collete triplo do seu carrick, uma menina adormecida, um menino nos joelhos de sua mamãe, uma creada com a sua touca? No banco da frente, ao lado do cocheiro, ia um creado. Esses viajantes iguaes a tantos outros eram o rei e a rainha de França que fugiam á furia de Paris, com destino primeiro a Metz, á fronteira depois, talvez, afim de reunir os ultimos subditos fieis á corôa.

A lua percorria no céo de verão a sua ronda silenciosa; brilhando através da folhagem, de-

senhava no chão circulos prateados. A sombra movediça que era a carruagem corria pela faixa clara da estrada, os quatro cavallos a trote sempre igual; o ar estava carregado de um perfume nocturno de tilia e feno cortado.

As mudanças de animaes se operavam sem difficuldades. Nenhum olhar indiscreto perturbou o somno dos viajores. De dentro da berlinda, elles ouviam os ruidos habituaes a todas as postas: as ferraduras batendo, as correias da atrelagem atiradas ao solo, as pragas do cocheiro. O chicote vibrava no ar e a carruagem proseguia a viagem. Já haviam sido atravessadas diversas cidades adormecidas, ricas da historia de França. Em Reims, a estatua de Luiz XV continuava sobre o seu pedestal. Seu netto, que cochilava ao embalo da berlinda, teria aberto os olhos deante da cathedral negra? Terá revisto as pompas da sua sagração, a igreja ornamentada como um theatro, com as armas de França, pombas esvoaçando sob as arcadas, o arcebispo vestido de téla dourada humedecendo dos oleos santos a testa, os olhos, a bocca reaes? Luiz XVI dormia, continuava dormindo, embora o dia houvesse despontado, ao atravessarem Chalons. O carro passou sob o arco do triumpho erguido para a recepção da bella archiduqueza Maria Antonietta, pela qual todo o reino se apaixonára antes mesmo della se consorciar com o delphim. A rainha, esta, não dormia; ergueu os olhos para a pomposa inscripção: **"Maria Antonia, Austriae filia..."** Como parece distante aquella época... Hontem acclamada, hoje fugitiva e ameaçada...

A carruagem rodava sobre a grande estrada que ia direito para Saint Menehould, Varenne-en-Argonne, Verdun, para a fronteira, para a salvação.

Somme-Sons, primeiro posto de mudança de animaes depois de Chalons.

O rei despertou, todo dormente, bocejou, espriguiçou-se, bocejou novamente. No pateo da cavallaria, o cocheiro de ar tão imponente, sob o tricornio, mostrava-se atarefado:

— Depressa, depressa...

E' que rebentara um arreio da atrelagem real.

— Depressa, depressa... — repetiu o cocheiro ao rapazola que cosia o couro, estendendo-lhe um escudo de seis libras.

— Quão apressado estás e quão generoso sois! — observou um latagão que fumava encostado ao portal, o filho do dono da hospedaria. — Um escudo de seis libras, só para remendar um arreio! Levaes sem duvida o marquez de Carabas. Passa-me o escudo, rapaz, sou, de natureza, bem curioso...

O rei, que se inquietara com a demora, sentindo tambem as pernas duras, resolvera descer um pouco da carruagem e andava, a pouca distancia, de um lado para outro.

O filho do hospedeiro examinou o escudo com o perfil real, levantou o olhar para fixar o perfil do homem que caminhava em frente á berlinda.

A carruagem partiu. Mas partiu tambem o filho do hospedeiro, para avisar Drouet, o chefe da Posta em Saint Menehould.

A carruagem real escapou á furia da multidão de Saint Menehould, entretanto, mas apenas para se chocar, em Varennes, com as ruas em barricada, para que os soberanos soffressem o interrogatorio das autoridades.

O rei foi feito prisioneiro — e deu-se então a volta, sob o sol escaldante, sob os apupos de cidades e cidades, para o silencio mortal de Paris.

Ah, se o pobre Luiz XVI houvesse supportado mais um pouco os joelhos enrijecidos, os musculos dormentes! Nada do que aconteceu teria talvez acontecido e o fosso de sangue real não existiria, separando o velho do novo regimen, a França antiga da jovem França.

UM CACHIMBO E UMA FIVELLA

SE, no dia 25 de maio de 1846, uma fivella não se houvesse aberto, a França não teria tido o Segundo Imperio...

Havia seis annos que o principe Luiz Napoleão Bonaparte, prisioneiro na fortaleza de Ham, perdia a sua juventude vendo passar as aguas do Somme, ao pé das muralhas, acompanhando o vôo alternado dos corvos ou das andorinhas, cultivando num jardim minusculo violetas imperiaes ou myosotis, que são as flores da recordação. "Prisão perpetua", havia sido o veredicto implacavel da Côrte de Paris, por uma tarde de outomno. E depois de terem condemnado á morte lenta o herdeiro de Napoleão, os grandes senhores que haviam subido graças ao grande imperador haviam ido jantar em companhia do rei Luiz Phillippe.

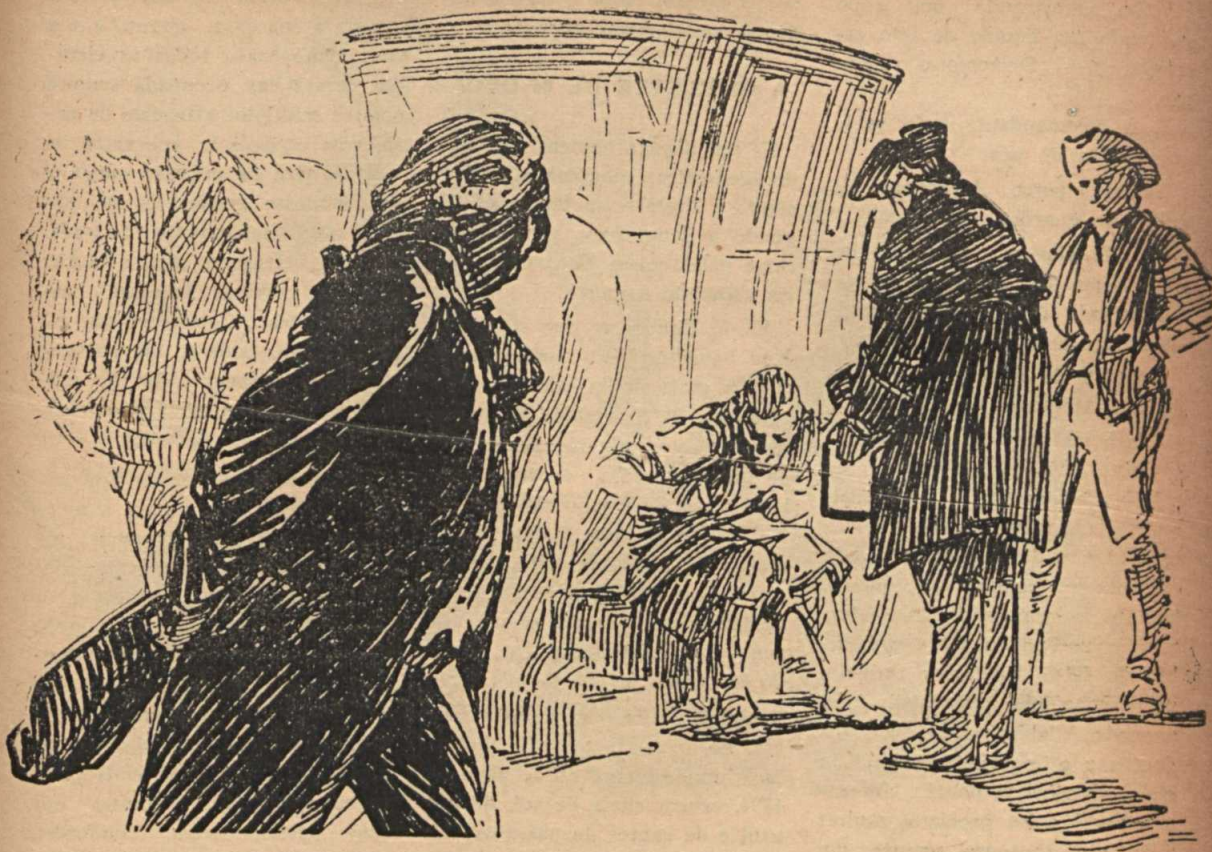
Luiz Bonaparte fracassara duas vezes: em Strasburgo e em Boulogne os seus esforços para levantar o exercito haviam sido vãos. Perdera — pagava, e era demasiado fatalista para se indignar contra o destino.

Mas a espessura das muralhas, as fechaduras de duas voltas, as sentinellas que guardavam todas as portas e as rondas nos corredores, nada conseguia impedir certos rumores de chegarem aos ouvidos do prisioneiro.

Sob o reinado do rei-cidadão a atmosphera estava cheia da gloria imperial. O retorno triumphal das cinzas de Napoleão havia agitado a opinião publica. Os cafés regorgitavam de antigos soldados, abotoados até o queixo, que narravam as suas aventuras de campanha.

"Era uma vez um homemzinho
Vestido de côr de cinza..."

Cantavam aquelles bravos, bebendo ao regresso do rei, de Roma.

Mas o rei de Roma morreu. O herdeiro da idéa, o herdeiro do Imperio era aquelle prisioneiro

de Han que perdia o olhar nas brumas que se erguiam do valle e que fazia jardinagem para matar o tempo.

Não havia ninguem mais obstinado do que aquelle sonhador, ninguem que tivesse mais fé na propria estrella; do alto da sua janella, ficava até tarde procurando no céo aquella que brilharia em seu caminho quando fosse livre.

E resolvido a conquistar a liberdade, a responder ao appello indistincto e profundo que sentia subir até elle, não perdeu um minuto para realizar o seu designio.

Para fugir, necessitava de cumplices: tinha-os. Um plano: compoz um, immediatamente. Um disfarce: seu creado lhe arranjou o disfarce.

* * *

Havia mezes que um velho operario, páo para toda obra, era bombeiro, ora pedreiro, ora marceneiro, trabalhava na fortaleza, realizando reparações meudas.

Não trabalhava com rapidez, o velho Badinguet, que dedicava muito do seu tempo a conversações interminaveis com um e com todos e a estagios demorados na cantina do 24° de linha, que tinha um destacamento na fortaleza. Mais de uma vez o principe se entretivera falando com o velho operario e ouvindo-o falar. Badinguet era bom homem, mas incapaz de ver um palmo adeante do nariz, enorme e arroxeado.

Foi ao velho trabalhador cordial e falastrão que Thielin, criado de quarto do principe, roubou o disfarce — as proprias roupas que o operario costumava usar. E quando, pela manhã do dia 24 de maio de 1846, Luiz Napoleão se mostrou a Conneau, seu companheiro de captiveiro, vestido com uma larga camisa e velhas culottes, calçado de chinellos, de rosto pintado, maravilhosamente vermelho, um bigode em desordem, o topete entrando pelos olhos e um cachimbo nos labios, tinha de facto o ar de um Badinguet muito apresentavel.

Ás seis horas da manhã o velho operario desceu a escada e se dirigiu para a entrada da fortaleza: era preciso atravessar dois grandes pateos, um corpo de guarda e uma ponte levadiça. O emprehendimento era de grande ousadia, mas todos conheciam o velho Badinguet. Se naquelle dia levava uma taboa sobre o hombro, uma taboa lhe occultava o rosto, bastava olhar para as suas calças sujas e amarrotadas e para os chinellos que se arrastavam para não ter mais a menor duvida. Um pateo foi assim atravessado sem que nada occoresse.

Lá em cima, no quarto que servia de cellula a Luiz Bonaparte, o commandante, terminando a renda, havia sem duvida penetrado, como todas as manhãs. Teria visto um vulto deitado no leito do prisioneiro.

— Psiu, meu commandante, o principe está adoentado, tomou remedio. Olha, — teria dito

Thielin, mostrando um copo contendo um liquido de tom estranho. — Deixemol-o repousar.

E o commandante teria saido em pontas de pés.

Segundo pateo. A' entrada do corpo de guardas, exclamam:

— Ahi vem o velho Badinguet. Bom dia, Badinguet.

Por traz da taboa, um rugido indecifravel como resposta.

— Está de máo humor, o cidadão. Até logo, urso velho.

Vinte metros ainda. E depois, a ponte levadiça, inundada de sol. Seria necessario atravessal-a em plena luz. Um velho soldado que não devia brincar com o serviço, de jugular no queixo, barrava o caminho. A taboa tremeu um pouco sobre o hombro do falso operario; em seu nervosismo, elle entreabriu um pouco os labios, descerrou os dentes e o cachimbo cahiu ao chão, já sobre a ponte. Um cachimbo é coisa preciosa, muitas vezes um thesouro, sempre um amigo. Um operario verdadeiro não abandonaria jamais sobre o caminho o seu cachimbo, mas um fugitivo, para quem os segundos valem tudo, jamais se abaixaria para apanhal-o.

Mas era preciso parar, depôr em terra a taboa, exhibir ao soldado o rosto cujo disfarce ao sol era uma denuncia gritante.

O principe se abaixou. Esperou sentir sobre o hombro a mão do soldado, esperou ouvir as palavras terriveis:

— Que diabo de cara é essa?

Esperou, mas nada aconteceu. O soldado não viu nada. Só tinha olhos para o seu fuzil. Abrira-se uma fivella da correia que o prendia ao hombro e elle encostara a arma ao chão, para reparar o mal; prompto, a correia estava de novo afivellada. E o falso Badinguet, de pernas tremulas, rosto alagado de suor frio, embrenhouse pelos campos...

Dois annos mais tarde o principe Luiz Napoleão Bonaparte foi eleito presidente da Republica por 5.434.226 votos e tres annos depois proclamado imperador.

A OMELETTE DE 24 OVOS

Se um illustre homem de Estado, geometra, economista, philosopho e literato, se houvesse dignado a demonstrar algum interesse pelas coisas de cozinha, teria escapado á morte.

E' de Condorcet que se trata. Não havia espirito mais aberto, cultura mais ampla, coração mais generoso. A Assembléa já ecoara tantas vezes palavras de ira ou de loucura! Mas ecoara tambem a voz de Condorcet, que jamais se rebaixava a um pensamento vil ou interesseiro, tendo em vista apenas a justiça e a felicidade dos homens, o que talvez fosse imprudente em época de revolução.

Aquella bella manhã do 7 Floreal do anno II, que nós chamamos simplesmente 27 de abril de 1794, estava cheia de sol, de céo azul e de cantos de passaros. Os sinos de Saint-Sulpice se mantinham silenciosos desde varios mezes; nenhum cantico subia do Seminario, mas o quarteirão conservava o seu aspecto conventual. Altos muros coroados de verdura, sinos immoveis e mudos dos quaes levantavam vôo bandos de pombos côr de chumbo ou côr de neve. Nas ruas desertas, quasi monacaes, algumas sombras deslisavam ao longo dos muros, com passos abafados. Não era preciso ser psychologo para adivinhar em muitos daquelles passantes, burguezmente vestidos, antigos padres, obrigados pelos tempos que corriam a vestir os trajes de todo o mundo.

Entre todas aquellas ruas discretas, a mais discreta era, sem duvida, a rua Servandoni, toda de casas sombrias, de venezianas meio cerradas, das quaes não escapava jamais nenhum ruido, nenhum vozerio; em seus tectos, fumegavam chaminés patriarchaes.

Não era possivel encontrar abrigo mais seguro e mais sereno.

Mme. Vernet era tão discreta quanto a sua casa, quanto a sua rua; symbolizava todas as virtudes domesticas, occupada sempre com os multiplos affazeres de casa, com tricots e concertos de roupas para os pobres; nunca a sua modesta residencia lhe parecia sufficientemente lavada, varrida, esfregada, encerada; nunca as cortinas estavam bastante brancas. Condorcet, que ella abrigava, poderia ali, socegadamente, escrever e ler de manhã á noite e mesmo invertendo essa ordem.

Condorcet, membro da Convenção Nacional, não votara a morte do rei. Era um daquelles girondinos que proclamavam com uma imprudente eloquencia a sua fé na liberdade; era, pois, culpado, marcado para a guilhotina. Mas encontrara aquelle abrigo em casa de Mme. Vernet, antiga creada do vigario de Saint-Sulpice, onde se conseguira furtar por mezes e mezes aos seus perseguidores. Condorcet, philosopho e voltariano, sabia que Mme. Vernet pedia por elle todas as noites em suas orações; não se zangava, não querendo, de maneira alguma, causar o menor desgosto á boa mulher que o acolhera.

No emtanto, pareceu um dia a Condorcet que o perigo que o ameaçava feriria tambem Mme. Vernet, desde que o attingisse emquanto se abrigasse em sua casa: abrigar um suspeito dava carta de suspeito a qualquer um, habilitando além disso á grande viagem via guilhotina.

E por isso naquella manhã de Floreal do anno II o cidadão Condorcet, vestido de camponez, com um gorro com as côres da nação, saiu de Paris pelo lado de Fourneaux, empurrando com ar despreoccupado um carrinho cheio de palha.

Onde ia? Elle mesmo não o sabia.. Só tinha um fito: não compromettter a boa Mme. Vernet. Chegou assim a Clamart, entre bosques e jardins.

Passou a noite num pavilhão de

seccar feno. O proprietario tinha ar de bom sujeito; no dia seguinte, ou no outro, deveria ir a Chartres levar grão para o moinho.

— Se o coração te disser, cidadão, levar-te-ei commigo, rebocado pela minha carroça!

* * *

Condorcet dormiu bem no seu leito de feno perfumado. Poucas horas depois, seria arrastado por uma rustica carroça de aldeia até uma provincia distante onde ninguem o conheceria e onde poderia fazer vida nova.

Mas, emquanto esperava, a fome o martyrizava. Sentiu saudade dos ensopados cheirosos de Mme. Vernet. O ar do campo abre o appetite dos citadinos. Por que não comer qualquer coisa? Ali, justamente, havia um albergue: **Ao boi patriota hospeda-se quem venha a pé ou a cavallo. Crepinet, hospedeiro.**

Sob a taboleta onde se via um animal estranho com um gorro vermelho entre os chifres, Crepinet fumava o seu cachimbo. Sua mulher cuidava do fogão. uma creada esfregava negligentemente as mesas com um panno molhado: tinha a attenção presa ás palavras que lhe dirigia um bello gendarme de garboso uniforme.

— Saude, cidadã, — disse Condorcet, — saude e fraternidade.

Sentou-se a uma das mesas. Sobre a madeira com manchas de gordura e de vinho esvoaçavam moscas pesadas.

— Minha filha, enxugue esta mesa... Não se tem onde pôr as mãos.

A creadinha resmungou:

— Ora! Um camponez bem cheio de coisas. Que vae comer, cidadão?

— Uma omelette com toucinho.

— Quantos ovos?

A pergunta surprehendeu Condorcet. Depois de tantos annos de estudo das questões graves do mundo, depois de tantos annos que levou alinhando cifras e formulas, depois de tanto pesquisar a razão das coisas, aquella pergunta o deixava perplexo. Quantos ovos para uma omelette? Era preciso que se entregasse... á mercê de Deus.

— Quantos ovos? Parece-me, cidadã, que duas duzias bastam...

A moça deixou escapar o panno das mãos: vinte e quatro ovos para uma omelette, e era um homem dos campos quem pedia!... O gendarme se levantou:

— Então, rapaz, tens bom appetite, ao que parece, e não deve ser o trabalho quem o dá, pois são bem brancas e lisas as tuas mãos... Mostra-me os papeis.

Condorcet não tinha muitos papeis no bolso, apenas o sufficiente para que lhe cortassem o pescoço. O que a Republica não teria deixado de fazer, não tendo, como se dizia, necessidade de sábios.

Levaram Condorcet para a prisão do districto, em Bourg-Egalité (que sob o tyranno tivera o nome de Bourg-la-Reine).

Sem duvida as preces de Mme. Vernet foram ouvidas, pois umas gotas de veneno salvaram Condorcet da morte ignominiosa e o enviaram suavemente para o paiz dos sonhos, onde não se sabe nada da ingratidão dos homens.

UMA RUGA NA MEIA DE SEDA

Se num certo dia de verão, a meia de seda do duque de Mortemart não tivesse feito uma ruga, a França teria economizado uma revolução.

O rei abriu a sua alta sacada. O soldado suisso que montava guarda no angulo do terrasso de Saint-Cloud endireitou as costas sob o uniforme escarlate e, de longe, apresentou armas. Carlos X vestia casaco preto e calças de nankin; uma medalha do Espirito Santo brilhava através das rendas. O velho monarcha inclinou para o lado de Paris a cabeça de cabellos brancos, o rosto comprido, jovem e risonho apesar dos annos. O vento trazia o éco de rumores longinquos, de rugidos surdos.

— Que barulhada, — disse o rei ao duque de Blacas, primeiro gentilhomem da Camara, cujo vulto se adivinhava através da seda das cortinas. — Que barulhada! As minhas tropas atiram de canhão, signal de que tudo vae bem.

E Carlos X, fechando a sacada, continuou a partida de bezigue interrompida.

De facto, em Paris os canhões funccionavam, o que não significava, no emtanto, que a monarchia não corresse perigo.

Quando o rei, naquelle fim de verão de 1830, época em que a capital, a Côrte, o reino inteiro se deixavam embalar ao doce aceno das férias, havia assignado as ordens fataes, estava certo de ter agido lealmente para com o "seu povo", como bom pae que castiga, mas cujos sentimentos paternaes nem por isso devem ser negados. "Quem sabe amar, sabe castigar", disse Carlos X ao ouvir as observações da Camara. "Sente-se lá, senhor chanceller, e dê-me uma resposta crua e dura, uma resposta digna de um rei de França". As leis de julho de 1830 supprimiam de facto todas as liberdades. Mas quem teria a coragem de falar franco com o rei, o mais gracioso, porém o mais obstinado gentilhomem do reino? O rei não queria acreditar que houvesse tumulto em Paris, como não acreditava, tambem, que houvesse exorbitado fosse o que fosse da Constituição.

— Que gritem, — dizia, — tudo acabará bem. E' a sua vez de jogar, Casimir.

E continuava a jogar o seu bezigue.

* * *

Em Paris, as coisas se aggravavam de minuto para minuto. A ira popular degenerava em tumulto, em revolta, em revolução. Começaram gritando "Viva a Carta!", depois "Abaixo Polignac!" e dahi a "Abaixo o rei!" não tardou muito. Não era mais apenas do vinho e da cerveja que a multidão se embriagava, mas de um enthusiasmo que tinha raizes profundas, sincero e irresistivel.

Contra o caudal popular nenhuma palavra adeantaria nada. Contra as barricadas as cargas de cavallaria foram impotentes.

Muito poderia ter sido feito, se houvesse sido feito com tempo. Mas os relatorios enviados a Carlos X em Saint-Cloud eram lidos apressadamente e logo enfiados sob a coxa, como era costume do monarcha. Saint-Cloud ficava longe de Paris. O rei não soube que as flores de lis estavam sendo arrancadas e que os cocheiros estalavam os chicotes sobre os cavallos dizendo "Tch, Carlos X! Tch, Polignac!" Elle não sabia de nada, ou melhor, preferia não acreditar no que lhe contavam. Andando de um lado para outro no terraço de Saint-Cloud, dizia:

— Se eu afrouxasse, cortar-me-iam a cabeça, como fizeram a meu irmão.

As forças de Marmont investiam contra as barricadas. Mas foi uma investida sem resultados favoraveis ao rei. A guarda real tinha no chapéo, na verdade, um penacho branco, e flores de lis nos botões do casaco, mas se compunha em duas terças partes dos antigos granadeiros de Napoleão. Sob um sol inclemente, aquelles bravos marchavam sob um pavilhão que não amavam contra um pavilhão que havia sido o seu, que continuava sendo o seu no intimo do coração. Muitos delles, tendo sido despresados pelas balas russas, prussianas, austriacas, foram mortos por balas francezas. Outros affrontavam impassiveis a morte que chovia de todas as janellas.

No emtanto, ninguem achava o duque de Orleans do qual cada vez se falava mais, pois que uma revolução precisa ter sempre um nome á frente. Em tres dias, tudo parecia perdido, a monarchia franceza ia ser extincta, substituida por outra monarchia sob a fórma de republica.

Em Saint-Cloud, o rei comprehendera finalmente a gravidade da situação. Resolveu desfazer as ordens que haviam ateado fogo á polvora. Com algumas concessões talvez se salvasse ainda a patria. E para não deixar duvida quanto ás suas boas intenções, Carlos X substituiu tambem o seu ministro: "O senhor duque de Mortemart é nomeado ministro de Estado, presidente do nosso Conselho de ministros em substituição ao senhor duque de Polignac. Assignado: Carlos".

Feitas taes concessões, o que importava era tornal-as conhecidas da população. Todas as communicações estavam cortadas entre Saint-Cloud e Paris e os insurrectos aprisionavam todos aquelles que carregassem as insignias da monarchia. A bandeira tricolor tremulava por toda parte.

Não havia gentilhomem mais sério, mais devotado, mais corajoso que o duque de Mortemart. Tendo recebido ordem de salvar a Corôa não levou em conta as proprias conveniencias. Era necessario que Paris soubesse das medidas tomadas pelo rei. O duque iria a Paris. Pelas estradas era impossivel passar. Iria, portanto, pelas florestas. As carruagens não atravessavam as florestas. Iria a cavallo. Não havia nenhum cavallo disponivel. Iria, então, a pé. E, tendo gritado em voz possante "Viva o rei!" e feito a sua reverencia deante de Carlos X, o duque de Mortemart, primeiro ministro, vestido em traje não cerimonioso e com sapatos de salão, partiu para Paris, de onde o separavam tres leguas bem contadas.

Em 1830 o Bois de Boulogne não era um parque de passeio, tratado, de aleas revestidas de areia, florido como um jardim de residencia nobre; era antes uma sinistra floresta, com moitas altas como cathedraes, barreiras, elevações inquietantes, casas isoladas, arvores cahidas. Arriscava-se a cada passo tropeçar nas raizes a ser esbofeteado pelos ramos mais baixos. Era preciso vencer excavações e transpor riachos. Os sapatinhos do duque de Mortemart não haviam sido feitos para semelhantes proezas. Elle mesmo não era pessoa apta a caminhar por florestas ao cahir da noite. Caminhava o mais rapidamente que lhe permittiam a fadiga, o calor e a emoção. No bolso do casaco, contra o coração, sentia se crispar a carta real· Dar-lhe-ia ella o poder de fazer cessar aquelle tumulto longinquo que chegava até elle, aquelle rumor immenso de cidade revoltada, o poder de fazer calar a voz menor da fusilaria e a voz mais rouca dos canhões? Chegaria a tempo de impedir a desgraça? Em seus ouvidos soava ainda a voz do velho rei ao lhe confiar o leme do seu governo: "Vá, meu filho, e que Deus o ajude". Os sapatinhos soffriam com as pedras do caminho, a empreitada era dura demais para elles. Sem contar que as meias faziam rugas terriveis, pregas que martyrisavam a carne dos pés — uma placa escarlate gottejavam sob a seda branca.

O duque de Mortemart não pensou em repousar. Que importancia tinha o seu soffrimento. O essencial não era chegar a Paris? Que lhe importava o sangue que manchava a sua meia de seda branca? Não corria o sangue dos soldados do rei? Era preciso fazer cessar o massacre, salvar a Corôa. Poderia elle pensar em parar, lavar os ferimentos dos pés, esperar... esperar o que?

E soffrendo como um damnado, semimorto de fadiga, o duque de Mortemart chegou a Paris. Teve que fazer um grande rodeio, desesperando de encontrar um carro nas ruas cheias de barricadas, de tumulto, de fumaça e de morte. Arrastando os pés doentes, gemendo a cada passo. elle chegou finalmente á séde do governo provisorio: era tarde. Paris não queria mais nada de

Carlos X, a não ser a sua abdicação e a nomeação do duque de Orleans para tenente-general do reino.

Como, de uma tal situação, chegou o duque de Orleans ao throno? Essa é uma historia muito differente, na qual sem duvida o acaso não teve papel de relevo. Assim ,se Mortemart pudesse ter caminhado mais rapidamente, se seus pés não houvessem sido feridos no percurso talvez a grande nova que elle levava chegasse ao seu destino a tempo de evitar a queda do rei Carlos X.

NADA A ASSIGNALAR

Se um só granadeiro, no dia 27 de fevereiro de 1815, houvesse levantado a cabeça, talvez não tivessemos ouvido falar de Waterloo e de Santa Helena.

A noite de 26 de fevereiro de 1815 era uma noite de lua cheia. o mar calmo e prateado batendo de leve contra os rochedos.

Sob o céo tremulo de estrellas destacava-se a massa negra da fortaleza, as arestas agudas das fortificações do caes e o amontoado das casas de Porto Ferrajo, de portas e janellas fechadas. Nenhuma luz visivel pelas frestas das janellas e portas, nenhuma lanterna nas ruas que desciam para o porto. Mas não estavam desertas as ruas: uma multidão silenciosa nellas fervilhava. O baque, ás vezes, de um sabre sobre a calçada, um clarão na ponta de uma baioneta mostravam que se tratava de um exercito em armas á espera. Quando chegasse o signal, sem ruido, o exercito marcharia, passaria da sombra para o caes e o luar então bateria sobre os seus casacos azues ou cinzentos, os altos gorros de pello, os shakos, muchilas, sellas onde luziriam as tachas prateadas.

Ao longe, nas aguas do porto um navio se balouçava, de velas abertas como as de um bello passaro nocturno. Chalupas agitavam-se presas no caes. O embarque foi feito em silencio, os cavalheiros carregando as suas sellas, granadeiros, infantaria ligeira, officiaes, quatro pequenos canhões: mil e quinhentos homens ao todo, sem artilharia sufficiente, sem cavallos, quasi sem viveres — mas era com aquelles homens que Napoleão jogaria o seu destino.

O exercito minusculo embarcou. Ouve-se sobre a agua um rumor de remos. Vozes de commando, cabos que batem contra o casco.

— Apresentar armas!

Entre o clamor marcial dos clarins e dos tambores Napoleão appareceu. Immovel, na prôa, elle se ergueu sob a claridade da lua, com o seu aspecto legendario, o chapéo de través, uniforme verde e branco, casaco cinzento. Assim elle conquistou o mundo e fixou a sua imagem na memoria dos homens, assim se apresentava mais uma vez para que o seguisse a França. Não duvidava de coisa nenhuma, elle, ou pelo menos não deixava transparecer a menor duvida. Levando a mão ao chapéo correspondeu á saudação dos seus homens e disse simplesmente:

— A caminho.

* * *

A ordem era mais facil de dar do que de executar. Não havia a menor brisa e as velas do "L'Inconstant" pendiam inertes, ao longo dos mastros. Esperando que soprasse o vento, os soldados se extenderam sobre o tombadilho e adormeceram. Napoleão, porém, não podia dormir: passeiava no castello da pôpa com o capitão Taillade, commandante do navio. O "L'Inconstant" boiava sobre as aguas. Não era mais o bello cysne de asas cheias que se via ao luar; era um passaro ferido.

— Sire, acho que vos equivocaes. O barometro sobe. Quero que me enforquem no mastro grande do meu navio se não tivermos vento em uma ou duas horas.

Dentro em pouco, realmente, a brisa encrespava o mar.

O "L'Inconstant" se poz em marcha, finalmente, a lua dansando sobre o seu rastro prateado. Por trás da massa escura do Cabo Corso o navio desappareceu.

Pela manhã, a brisa estava preguiçosa e embaladora. O sol brilhava feericamente.

Uma vez ou outra Napoleão se mostrava no tombadilho.

— Viva o Imperador! — gritavam os soldados.

— Viva o Imperador! — gritavam os officiaes e a equipagem de bordo.

E Napoleão levantava a mão, sorrindo e agradecendo.

A's quatro horas da tarde a sentinella do mastro grande lançou o alarme:

— Navio de guerra a bombordo!

O commandante empunhou o porta-voz:

— Preparar para o combate.

E foi um corre-corre a bordo do "L'Inconstant". Os canhões foram postos em mira, promptos a se mostrarem de um momento para outro. Os granadeiros, os caçadores, de armas na mão, os marinheiros, sabre de abordagem ao lado, aguardavam ordens. O navio suspeito, com vento por detrás, rumava para o "L'Inconstant". Este ergueu o seu pavilhão, com as cores da Ilha de Elba, todo branco com uma faixa vermelha e abelhas douradas. O outro navio estava cada vez mais proximo.

Em seu mastro fluctuava o pavilhão das flores de lis. Era o "Zephir", da marinha real, commandado pelo capitão Andrieux. O imperador ordenou que os seus homens se occultassem contra a amurada. Se fosse visto um só dos seus chapéos caracteristicos, o unico remedio seria a luta, e o naufragio depois.

Os soldados obedeceram. Deitaram-se sobre o tombadilho como saccos informes. O "Zephir" estava bem perto, passava rente pelo "L'Inconstant". Os dois commandantes se saudaram. Que um gorro de "ourson" se mostrasse e tudo estaria perdido. Não

(Continua no fim da Revista)

A SORTE NO AMOR

Pastoras que desposaram Reis

Por A. DESMORILLON

Muito se falou em Barbara Hutten, essa mulher — a mais rica do mundo — bella entre todas e cumulada pelos deuses. O cinema e a imprensa de todo o mundo a mostraram sob todos os seus aspectos e os seus traços são conhecidos de toda a gente civilisada. Mas poucas pessoas sabem que a "herdeira dos milhões de Woolworth" — princeza Mdivani em primeiras nupcias, depois condessa de Reventloff, reunindo assim ao prestigio de sua fortuna o de um titulo de nobreza — é a proprietaria das "Casas Nada Além" dos Estados Unidos, que lhe proporcionam lucros consideraveis.

Essas lojas empregam um verdadeiro exercito de vendedoras e nada póde ser mais impressionante do que o contraste que se observa entre a vida luxuosa que leva a condessa Reventloff e a vida laboriosa, a luta incessante para assegurar o pão quotidiano que são o quinhão das jovens empregadas desses magazines gigantescos.

A vida de taes moças não é côr de rosa, por certo. E no emtanto numerosas dessas americanas não perderam a esperança de melhorar para o futuro. Respondendo amavelmente aos freguezes, embrulhando com dextreza os pequeninos objectos que não custam nunca mais de cinco ou dez centimos, ellas acariciam sempre, no intimo, um sonho, invariavelmente o mesmo: "Se hoje a fortuna me sorrisse!"

Não é preciso dizer que a fortuna, quando lhes sorri, sorri sob o aspecto de um principe encantador...

Quando se candidatam a um logar de vendedora, são obrigadas a encher um questionario, onde se trata da religião, idade, estatura e profissão dos paes. O questionario inclue tambem a seguinte pergunta: "Tenciona casar-se?"

E a resposta de quasi todas é: "Sim, se a sorte me sorrir!"

O mais engraçado é que essa resposta, na apparencia ingenua, não é absolutamente ingenua. A Gata Borralheira não é uma figura dos contos de fadas: existe em carne e osso por trás dos balcões das "Lojas Nada Além". Temos a prova na historia de Nora Hampton, celebre cantora

de opera· Nora começou a vida vendendo lenços numa das taes lojas e assim foi que veio a conhecer aquelle com quem se casou, e que lhe proporcionou ao mesmo tempo que a felicidade, a fortuna e a fama.

Vamos narrar agora a deliciosa aventura que occorreu a "Dinkie".

Esse era o appellido de Miss Winnifred Mann, uma loura formosissima, o typo da "beauty" ingleza popularisada pelas gravuras. Dinkie trabalhava num magazin elegante de Londres, situado no celebre Piccadilly. Porque não fosse apenas bonita e elegante, mas possuisse além disso um gosto muito acertado e grande tino commercial, seus patrões lhe confiaram um cargo que exigia muito tacto e muita finura: ella foi encarregada do "Livro dos Casamentos", invenção original e muito ingleza cujo fim era evitar que todos aquelles que pretendessem adquirir um presente de casamento quebrassem inutilmente a cabeça. O "Livro dos Casamentos" era simplesmente um registro onde as noivas annotavam tudo quanto desejassem receber como presente de nupcias. As pessoas conhecidas e amigas consultavam a lista assim formada, onde iam sendo riscados os desejos satisfeitos, não correndo o risco de fazer uma offerta que não agradasse ou fosse repetida.

Naquella occupação que lhe convinha admiravelmente, Miss Dinkie participava obrigatoriamente do afan que acompanha sempre os preparativos de um casamento. E se ás vezes um pensamento amargo lhe occorria, sem duvida consolava-se fazendo a mesma reflexão das suas collegas americanas: "E se a fortuna me sorrisse, a mim tambem, um dia?"

E a fortuna lhe sorriu, realmente, na pessoa do jovem Barney Baruch, filho do grande financista, que a conheceu quando consultava o "Livro dos Casamentos" para escolher um presente que devia fazer.

Escolher numa lista um presente que se deseja fazer, parece coisa facil. Mas, qual!

E para isso é que Dinkie era preciosa. Intelligente e observadora, auxiliada por uma grande experiencia, ella sabia com grande habilidade guiar a escolha do comprador hesitante, que sahia da loja sempre encantado, convencido de ter adquirido justamente o que devia.

Quando Barney Baruch pediu conselho para o presente que pretendia fazer, admirou-se ao ouvir de Dinkie:

— Antes de lhe responder, **sir**, gostaria de saber se a noiva installa casa para nella construir um lar ou para receber as suas relações mundanas?

— **By Jove!** Eis ahi uma pergunta fina e intelligente, — surprehendeu-se o rapaz, observando com interesse a vendedora.

Conversaram e Dinkie deu provas de tanta finura de espirito que o filho do millionario ficou seriamente abalado: deixou nas mãos da gentil empregadinha, além do cheque no valor do presente que ia fazer, o seu coração.

E pouco tempo depois Miss Winnifred Mann disse definitivamente adeus ás suas companheiras de loja e annotou, não sem um sorriso ironico, os proprios desejos no "Livro dos Casamentos", que tanta sorte lhe dera.

* * *

Não é apenas em terra firme que as modernas Gatas Borralheiras travam conhecimento com os seus principes encantadores: elles tambem se encontram ás vezes a bordo dos grandes transatlanticos, como por exemplo num desses magnificos navios que fazer a travessia de Nova York a Napoles. A bordo de um delles embarcaram certo dia o maradjah de Bacwalpour e a senhorita Vlasca La, nativa de Pola, no Adriatico — esta ultima na qualidade de modista manicura. A sorte, o accaso, a fortuna ou o deus malicioso — como queiram — poz em presença um do outro, em pleno oceano, a bella dalmata e o hindú riquissimo. O maradkah ficou loucamente apaixonado pela sua manicura e, cavalheiresco á moda antiga, começou por visitar Trieste, onde moravam os paes da moça, para lhes pedir a mão de Vlasca em casamento e autorização para que ella se convertesse ao islamismo.

O consentimento não foi difficil de arrancar da boa gente offuscada por tão grande felicidade e o jovem par não tardou a rumar para o Oriente cheio de mysterios e de encantos.

"COUPS DE FOUDRE" E CASAMENTOS POR AMOR, MAS SEM CONVENIENCIA

O deus do accaso, travesso e gostando de variar as suas surpresas, não desdenha de ser ás vezes romantico.

Em Atlantic City uma jovem beldade, prestes a se afogar, soltava gritos desesperados:

— Soccorro! Soccorro!

Sua voz era cada vez mais debil e as vagas ameaçavam tragal-a de um momento para outro.

— Aguente-se mais um pouco! Vou em seu auxilio! — exclamou uma voz masculina.

E ao mesmo tempo um rapaz atirou-se todo vestido de bordo de um yatch de recreio que passava pelas proximidades, nadando vigorosamente em sua direcção. Teve a sorte de agarrar a moça no momento em que ella perdia os sentidos, e de leval-a para a lancha que os marinheiros do seu yacth haviam posto no mar.

Qual terá sido o fim desse idyllio tragico? O casamento, naturalmente!

E o millionario William Leeds, filho do rei do chumbo e da princeza Anastasia da Grecia, proprietario do yatch "Romance", consorciou-se com a jovem Olive Hamilton, empregada dos escriptorios do Atlantic City Hotel, que elle salvara de morte certa.

A historia não nos diz se elles tiveram, como nos contos de fadas, muitos filhos. Mas estamos certos de que foram muito felizes.

* * *

Ha algum tempo, corria nos salões mundanos das grandes capitaes europeas que o principe Henri Stolberg-Stolberg — illustre descendente de uma das mais antigas familias principescas do velho mundo — ia se casar com uma soberana européa.

E inesperadamente, para consternação geral, a imprensa publicou que o principe, considerado um partido excepcional, se consorciara no castello de seus antepassados com Fraulein Irma Erfert, filha de um modesto empregado.

O casamento com moças de familia sem nobreza se tornou de tal maneira um gosto dos principes suecos, que o parlamento da Suecia votou uma lei assegurando a continuidade dos seus direitos e privilegios, ainda que elles realizassem um casamento como os dos contos de Anderson."

Não é atôa que a Suecia é vizinha da patria do rei do conto!

* * *

Nos contos de fadas, no emtanto, são sempre os reis que se casam com pastoras. A nossa época realista faz melhor, consorciando rainhas com pastores.

Foi o que aconteceu no caso de Miss Beatrix Blackwell, jovem millionaria americana.

Miss Blackwell, aos vinte e dois annos, estava no esplendor de sua belleza e encantava a alta sociedade novayorkina com a elegancia de seus vestidos. Era festejada, adulada, contava com uma côrte de adoradores que não queriam outra coisa senão a mão da encantadora jovem e a posse dos seus milhões. Parecia destinada a um casamento brilhante... Qual não foi a estupefacção, a indignação mesmo de todos os seus amigos e pretendentes ao terem conhecimento de seu casamento com um... simples policeman!

Conduzindo a sua magnifica limousine, Beatrix seguia um dia por uma das grandes avenidas de Nova York, quando num cruzamento um signal luminoso a obrigou a parar. O accaso, fantasista incorrigivel, quiz que nesse dia Sam Weschler, agente encarregado do trafego, estivesse de serviço justamente naquelle ponto. Sam Weschler era um esplendido typo de homem: grande, robusto e bem construido, satisfeito comsigo mesmo e com o resto da humanidade, encarnava a alegria de viver. Notando a bella pequena sentada ao volante da limousine, a pouca distancia, sorriu-lhe... roubando-lhe para sempre o coração.

Mas esse moderno conto de fadas não poderia ter, no paiz dos arranha-céos, um fim que não fosse inesperado: o "pastor" só concordou com o casamento com a condição de não abandonar a sua profissão.

— Gosto da minha profissão, — declarou Sam Weschler, — e não pretendo abandona-la. Ambiciono subir de posto, e aquella que me quizer para marido terá que se conformar com uma vida muito simples e sem luxo.

— **All right**, Sam! — exclamou Miss Beatrix. — Não quero outra coisa! Estou farta de bailes, de jantares, de recepções!

E assim os moradores de Nova York puderam continuar a admirar o bello policeman que se encarrega conscienciosamente das suas tarefas, que cumpre conscienciosamente o seu dever, emquanto a sua esposa millionaria o espera na casinha em que habitam, de aspecto bastante modesto.

* * *

Agora, uma outra historia que poderia ter sido tirada das **Mil e Uma Noites** e fará a delicia dos ultimos romanticos perdidos na nossa época. Referimo-nos á historia verdadeira mas surprehendente da princeza Aischa, irmã mais velha do jovem principe do Irak, que raptou em Rhodes — a lha de Aphrodite e das rosas — o porteiro grego do Hotel das Rosas, para com elle se casar.

Foi em Bagdad, a capital do Irak, tostada pelo sol, abanada pelos leques das suas palmeiras, banhada pelo Tigre, enfeitada pelos minaretes de suas mesquitas, esmaltados de azul, que a princeza Aischa viveu enclausurada, não ha muito tempo, conhecendo da vida exterior apenas o que via pelas janellas de **moucharabieh** do Palacio da Rainha.

Quando o rei Fayçal, seu pae, ascendeu ao throno do Irak, deixou todas as esposas na Arabia, com excepção de uma, a rainha Housseinyah. Enviou o principe herdeiro, então com nove annos de idade, para estudar na Inglaterra e contractou professores estrangeiros para cuidarem da instrucção de suas tres filhas. Mas ao mesmo tempo que proporcionava ás filhas uma educação européa, como bom musulmano descendente do propheta, continuava mantendo-as presas no harem. As infelizes princezas levavam no palacio de sua mãe uma existencia cheia de contrastes. Vestidas á européa, educadas por professoras inglezas e suissas, distrahiam-se ouvindo um phonographo munido de discos gravados com vozes femininas — dos homens, nem a voz podia penetrar naquelle retiro —, não sahiam nunca, nem mesmo com véos, nem mesmo em automoveis fechados. E só a muito custo a embaixatriz da Inglaterra obteve do rei permissão para que as jovens princezas a visitassem uma vez por anno, no dia de Natal!

Ao mesmo tempo, uma das professoras inglezas, que era de um certo modo quem dirigia a vida no harem, sahia todos os dias, montava a cavallo, jogava tennis, e ao voltar do club inglez que frequentava trazia ás pobres prisioneiras um odor de **flirt**, de cocktail e de liberdade!

Uma romancista franceza, em visita a Bagdad e apresentada ao rei Fayçal, ousou perguntar-lhe:

— Magestade, não seria melhor incentivar um pouco o feminismo no paiz?

O rei replicou gravemente:

— Não é possivel abolir sem riscos em poucos annos treze seculos de tradições. A mulher do nosso paiz não se acha preparada para a emancipação, não tem a menor idéa a respeito do que é na verdade a vida que se leva na Europa. Se passasse sem transição da vida do harem á vida de liberdade, acontecer-lheia o mesmo que ao prisioneiro que sae da prisão subterranea para o sol: cegaria!

O rei Fayçal era um sabio e sabia o que dizia. Morreu e poucas semanas depois o principe Ghazi, seu filho, educado na Inglaterra e imbuido das idéas occidentaes, abriu de par em par as portas do harem. As princezas suas irmãs tiveram autorização para viajar, para conhecer o mundo. Não se fizeram de rogadas, naturalmente. Em maio do anno que findou a princeza Aischa, já com trinta annos, acompanhada da sua jovem irmã Radjihah, hospedou-se no Hotel das Rosas, na ilha de Rhodes, onde já se haviam hospedado no anno precedente.

Uma semana não havia ainda transcorrido quando a princeza Radjihah constatou com surpresa o desapparecimento de sua irmã.

Coincidencia impressionante: ao mesmo tempo que Aischa havia desapparecido do hotel o jovem Rnastasias Charalambi, de vinte e cinco annos, grego de origem, mas subdito italiano!

Depois de algumas horas de pesquizas, a princeza Radjihah e a direcção do hotel chegaram á mesma conclusão: era quasi certo que o porteiro houvesse raptado a princeza. Descoberta que encheu de vergonha e tristeza a princeza mais jovem e causou sensação entre os directores do hotel.

A princeza Radjihah tratou immediatamente de saber qual teria sido o destino da irmã, avisando sem perda de tempo o rei Ghazi.

Encontrou os fugitivos em Athenas, onde soube que a irmã renunciando á crença dos antepassados, se convertera á religião grega orthodoxa, adoptando em substituição ao nome de Aischa o de Anastasia!

Antes mesmo de poder voltar a si deante de um tal sacrilegio (uma descendente de Mahommet que renegara a sua crença!) a infeliz Radjihah se sentiu ferida por um novo golpe: sua irmã se consorciara com o porteiro do Hotel das Rosas, Anastasias Charalambi, na igreja grega de Kephassia, ponto favorito de villegiatura dos athenienses!

Afobada, pediu ao ministro turco em Athenas que fizesse sentir a sua intervenção. A seu pedido, a policia grega deu uma batida no hotel em que se haviam hospedado o sr. e a sra. Charalambi. Tempo e trabalho perdidos: os papeis dos dois es-

(Continua na pagina 65)

OS SIGNOS DA "CHANCE"

Póde a chance se revelar nos diversos dominios que constituem actualmente as sciencias esotericas? Foi essa a pergunta feita recentemente a uma graphologa, uma chiromante, um astrologo e um physiognomista, que responderam dando as condições ideaes para a felicilade de um ser humano.

* * *

O sr. Gaston Durville, que consagrou uma excellente obra á "Arte de ler o caracter pelo estudo da psysionomia", acha que existe realmente um typo ideal: o typo solar. A testa das pessoas desse typo é abahulada, a mais bella testa segundo affirmam os esthetas. Os olhos são grandes, abertos, franjados de espessos e longos cilios; o olhar, energico e doce, magnetico e leal.

O nariz, elegantemente e ligeiramente recurvo, é fino. A bocca, de tamanho medio, bem desenhada; não exprime nem despreso nem pessimismo. O sorriso é sobrio, distincto, bom.

Moralmente, o typo solar tem todas as superioridades; é ao mesmo tempo altamente intellectualizado e admiravelmente sereno e forte. Irradia um dominio completo de si mesmo, a felicidade, a força. A palavra que melhor exprime o seu estado de alma é "serenidade". No olhar do typo solar lê-se uma energia inabalavel que se une sem choque a uma captivante doçura: o simples olhar de uma pessoa desse typo basta para esmagar ou exaltar. As mulheres do typo solar possuem intelligencia masculina, são cultas, equilibradas, feitas para os postos de direcção; frequentemente a sua superioridade faz com que não encontrem o companheiro que lhes convem, mas a sua organização lhes permitte perfeitamente se desembaraçar na vida sem um marido. A palavra dessas mulheres é vibrante, timbrada e sonora; sa-

---

posos, passaportes, certificado de casamento, estavam em perfeita ordem e as autoridades não podiam nada contra elles.

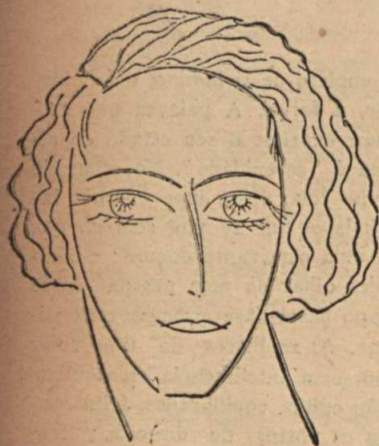
Foi em vão que Radjihah implorou a Aischa que lhe concedesse uma entrevista. Em vão, igualmente, que o ministro Tachsin Pacha, enviado pelo rei Ghaza, offereceu, depois de tentar pela persuasão a dissolução do casamento, uma importante somma para que o porteiro eleito consentisse em se afastar. Tudo foi inutil. O casal permaneceu surdo a todos as ameaças e declinou todas as offertas de dinheiro.

— Adoro meu marido, — declarava Aischa, ou melhor, Anastasia, a quem a quizesse ouvir. — Graças a elle conheço emfim a felicidade, a alegria de viver. A vida que levava em palacio era triste e estupida, como a de um passaro engaiolado. Se exigirem, renunciarei a todos os meus direitos, a todos os privilegios que comporta a minha posição de irmã do rei.

(Continua no fim da Revista)

bem conquistar, reprehender, perdoar. A physionomia do typo solar revela o maximo de harmonia.

* * *

A astrologia é muito menos precisa que a physiognomia quan-

Mme. Fraya

do se trata de estabelecer o thema astrologico ideal reunindo um maximo de influencias favoraveis. Paul Mailley, autor de um interessante estudo sobre a "Pesquiza de si mesmo", declara que o thema ideal não existe de maneira absoluta. Um thema assim comportaria uma disposição planetaria tal que cada um dos planetas deveria estar situado no ponto de onde irradia o seu effeito mais poderosamente benefico. E para isso seria necessario que a mecanica celeste fizesse algumas concessões... Mas a questão não é bem essa. O essencial é que cada um tenha a possibilidade, desde que esteja de posse do seu thema, de o comparar com o mappa astrologico que illustra estas paginas, no qual se vêem os differentes planetas nos pontos em que propiciam o maximo de influenza favoravel.

Para uma leitura correcta desse mappa é preciso saber que o traçado de planetas mais proximo do circulo interno os situa no signo zodiacal, no seio do qual se encontram no maximo de expansão da alegria.

No segundo traçado, a cada planeta se junta a indicação do gráo do signo no qual elles se encontram em estado maximo de exaltação. No circulo externo, emfim, os planetas se acham nos seus domicilios diurnos e nocturnos. Esses tres factores da chance se graduam da seguinte maneira: domicilio, alegria e exaltação.

* * *

Mme. Fraya offerece-nos o desenho e a analyse da mão ideal.

Trata-se de mão feminina de fórma harmoniosa, palma rosada, dedos ligeiramente pontudos, que indicam concepção facil de idéas geraes. O quarto dedo, denominado o dedo artistico ou solar, domina toda a mão. Essa não é ligeiramente carnuda e as linhas não têm interrupções nem desvios. A linha da vida é dupla, o que é signal de saude perfeita. O pollegar de phalanges longas revela felicidade no casamento e successo nas questões de dinheiro. A linha do destino, terminando na raiz do dedo medio, confirma essas indicações. A mulher que tiver mão igual a essa fará sem duvida um casamento de amor e ignorará as preoccupações materiaes. Aliás, a linha solar que se vê nessa mão termina pelo que se denomina "forquilha do diabo", o que é signal de prosperidade, da mesma maneira que as tres linhas curtas que apparecem na primeira phalange do annullar. Quanto á linha do coração e da cabeça, seguem rectas sem encontrar obstaculos, o que é prova absoluta de que a mulher privilegiada que posssuir semelhante mão não conhecerá as complicações e os tormentos sentimentaes. Sua vida será facil e risonha como um dia de primavera.

* * *

Paulo Helles, membro do conselho de administração da Sociedade de Graphologia de Paris, mostra sempre um exemplar da escripta de Pasteur, quando se pergunta qual a graphia que revela qualidade para uma felicidade maior, fazendo o seguinte commentario:

— "Tudo lhe sorri", disseram um dia a Pasteur... "Confesse que teve chance". "Talvez", replicou o sabio, "mas é preciso não esquecer que a chance só auxilia os espiritos bem formados".

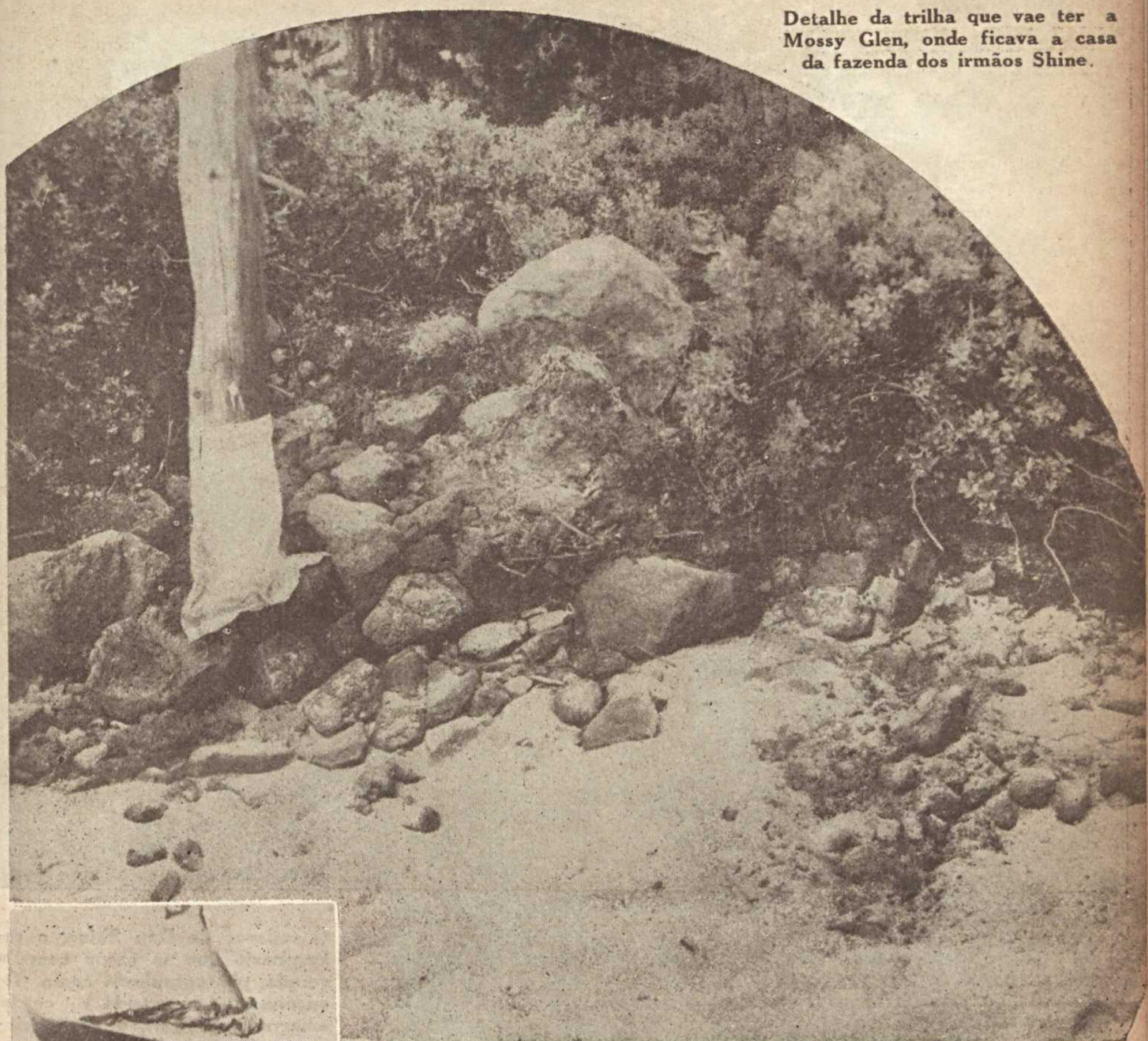
O exame de um autographo qualquer do illustre scientista revela as mais altas qualidades intellectuaes, moraes e voluntarias.

As barras dos **T** em ascenção indicam a tendencia para impor idéas, um senso critico muito desenvolvido, queda para a pesquiza scientifica e energia na luta.

E' uma escripta clara, equilibrada, vertical, sobria, ordenada e homogenea, revelando nitidamente clareza de espirito, sensibilidade viva e profunda, grande dominio alliado a uma extraordinaria frescura de alma, equilibrio permanente, serenidade favoravel á observação.

Em resumo, o autographo de Pasteur que reproduzimos para os nossos leitores synthetisa de um certo modo a graphia ideal do sabio, do homem de coração e de pensamento.

A LETRA IDEAL

Detalhe da trilha que vae ter a Mossy Glen, onde ficava a casa da fazenda dos irmãos Shine.

Tim Shine, que recorreu ás autoridades quando deu pelo desapparecimento do irmão.

LUA DE MEL MACABRA

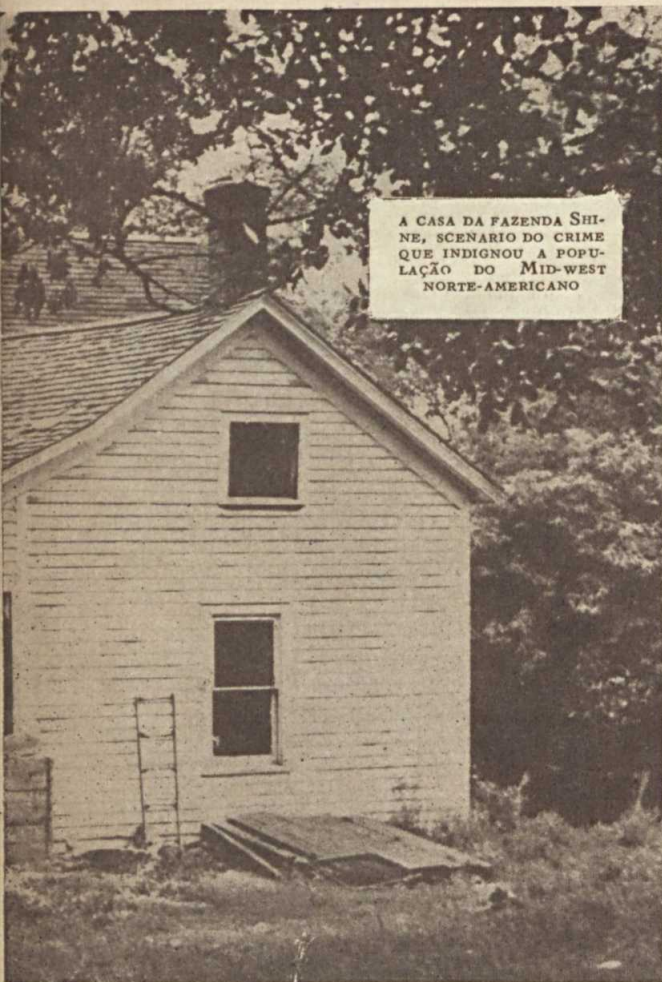
pelo sheriff L. J. Palas

Dan Shine completara já sessenta annos quando se consorciou com a sua creada, uma jovem de vinte e quatro annos, no dia 30 de abril de 1936.

Cinco dias depois achava-me em casa e preparava-me para dar um pulo á cidade, quando o telephone tocou. Era o sheriffe R. C. Fitzpatrick, que me disse:

— Tim Shine está aqui no meu gabinete. As coisas não vão bem lá pela sua fazenda. Gostaria que viesse nos falar.

O tom de voz do meu collega alarmou-me. Respondi-lhe que iria immediatamente.

Tim e Dan Shine haviam sido dois irmãos muito unidos até que surgira um motivo de desentendimento, na pessoa da creadinha que

A CASA DA FAZENDA SHINE, SCENARIO DO CRIME QUE INDIGNOU A POPULAÇÃO DO MID-WEST NORTE-AMERICANO

virou a cabeça de Dan: Pearl Hines.

Tim chamara a attenção do irmão, apontando que com tão pouca idade ella já tivera dois maridos e que portanto não podia ser coisa boa.

Mas Dan cada vez se deixava prender mais pelos encantos da moça, até que resolveu casar com ella, mesmo contra os conselhos do irmão.

Logo depois do casamento explodiu outra noticia não menos sensacional: os irmãos Shine haviam feito a partilha da fazenda, ficando cada um com a metade das terras.

O casamento foi numa quinta-feira e na segunda-feira seguinte, depois da separação official dos dois irmãos, Pearl teve uma briga violenta com o marido e abandonou o lar, refugiando-se em casa de uma tia.

Era isso o que informava, afflicto, na quarta-feira, o irmão mais velho, Tim, ao meu collega Fitzpatrick, dando a noticia do desapparecimento do irmão.

Não achei que houvesse motivo para alarme, propriamente, ao saber de todos esses detalhes. Dan, provavelmente, havia se retrahido para supportar melhor a dor causada pela perda da jovem esposa.

Tim o vira, de relance, pela ultima vez, sahindo de casa na manhã de terça-feira.

Mandámos pedir informações na fazenda de Jim Hines, tio de Pearl, imaginando que Dan para lá se houvesse dirigido, tambem, afim de tentar se reconciliar com a mulher.

Mas lá não se sabia de Dan e nos declararam que justamente Pearl e Minnie Hines se haviam botado para a cidade, para dar a noticia do desapparecimento de Dan Shine.

O cadaver de Dan Shine, o sexagenario que se casou com a creada, photographado como foi encontrado, segurando o cordel amarrado ao gatilho da espingarda.

Fitzpatrick perguntou a Pearl quando vira por ultimo o marido.

— Segunda-feira pela manhã. Quando o deixei fui para casa de Minnie, — replicou ella. — Mas Tim estava furioso com elle e receio que tenha acontecido alguma coisa...

* * *

Pearl ainda se achava na delegacia quando eu voltei com a noticia da tremenda verdade: Dan Shine havia sido encontra morto na sua casa da fazenda.

* * *

A descoberta tinha sido feita pelo shiriff Fred Jungblut e por mim. A cozinha da casa estava numa

desordem velha de varios dias: pratos sujos e restos de comida por toda parte. Sobre a mesa, um bilhete de Pearl:

Tim — Faça o favor de se retirar. Sou agora dona da fazenda e não quero ninguem aqui além de Dan e eu. — Pearl.

Emquanto passava uma revista no quarto que havia sido de Tim e Dan, Fred subiu para pesquizar o andar de cima.

— Louis! — chamou-me logo depois. — Venha aqui!

Fui. E vi o que o fizera me chamar.

A um canto do patamar da escada havia uma especie de armario de parede, com porta de tecido corrido. Por sob o tecido, todo manchado de sangue, escapavam duas pernas rigidas. Suspendendo o tecido, vimos que se tratava de um cadaver. Era Dan Shine.

Estava meio deitado, meio sentado, as costas dobradas pela cintura, tendo numa das mãos uma espingarda e na outra uma fieira, cujo extremo se prendia ao gatilho da espingarda. Um ferimento horroroso destruira-lhe o olho esquerdo.

Dan Shine se suicidara, pensámos no primeiro momento.

* * *

Fitzpatrick voltou-se para Pearl:

— Seu marido foi encontrado, Pearl. Ou melhor, o seu cadaver.

A jovem olhou estarrecida para elle, mas não disse nada.

Minnie se adeantou e sacudiu Pearl.

— Faça com que elles tirem as marcas digitaes da espingarda, — disse. — Não hão de encontrar as suas, Pearl!

— Como sabe que foi morto por tiro de espingarda, Minnie? — perguntou Fitzpatrick seccamente.

Por um momento o queixo da mulher cahiu. Mas logo ella retrucou:

— Por isso é que lhe falamos da desavença de Tim com Dan. Ouvimos um tiro de espingarda, hontem. Podia ser alguem caçando, naturalmente, mas Pearl ficou assustada.

* * *

O exame do corpo de Dan Shine na posição em que foi encontrado destruiu a hypothese de suicidio. O tiro fôra detonado antes de ser amarrada a fieira ao gatilho e depois enrolada ao dedo do morto!

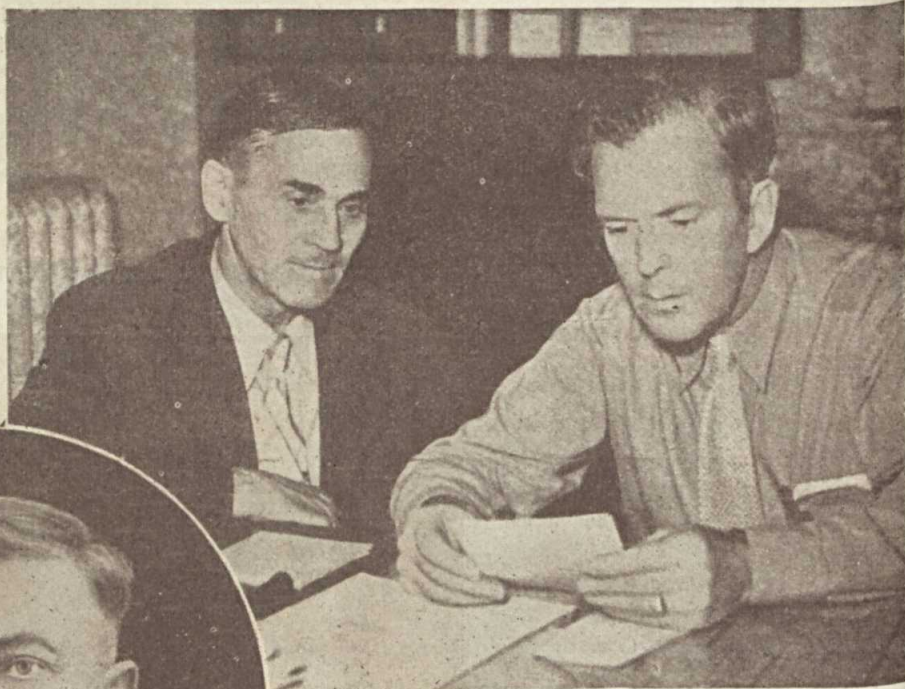
* * *

Tim, posto ao corrente da descoberta, mostrou-se abatidissimo.

— Já esperava que isso acabasse da peior maneira possivel! —

Nesse recanto foram vistos o tocador de gaita e a joven esposa do sexagenario.

O sheriff Fred Jungblut e o sheriff R. C. Fitzpatrick, que prendeu um dos criminosos, em conferencia

Fred Jungblut é um dos mais atilados sheriffs "yankees". Sua acção no presente crime, como investigador, foi decisiva, tendo sido feita a prisão por seu companheiro, o sheriff Fitzpatrick.

L. J. Palas, sheriff de Clayton e autor da presente narrativa.

exclamou, vencido pela dor e pela revolta.

Quem conhecesse bem Tim, como eu, não podia desconfiar que fosse elle o autor da morte do irmão.

* * *

Pearl repetia sempre as mesmas palavras: não vira o marido depois de segunda-feira; não estivera na fazenda no dia do crime, terça-feira; Tim é que tinha raiva de Dan: talvez elle...

* * *

Duas descobertas importantes foram feitas: Pearl comprara liquido para limpar espingardas, na terça-feira, em Strawberry Point, perto da fazenda, e registrara o titulo de propriedade da fazenda, que Dan passara dois dias depois de casado para o seu nome!

* * *

Outros factos não menos importantes vieram depois á baila: Dan mandara sua joven esposa dormir sozinha no quarto do segundo andar, na noite de nupcias, e dormira com Tim no quarto de solteiro!

Corria que os irmãos Shine, fazendeiros que trabalhavam com successo e pouco gastavam, possuiam dinheiro escondido na fazenda.

Pearl brigara com Dan na manhã do dia do casamento, por causa de dinheiro: queria que o noivo passasse antes da cerimonia o titulo de propriedade da fazenda para o seu nome, e elle se recusara!

Quanto ao passado da moça, tambem havia muito que pesquizar: dizia-se que tinha desde tres annos antes o mesmo amante, um jovem de dezenove annos, trabalhador em fazendas de East Dubuque e tocador de gaita.

* * *

Preso, Maynard Lenox, o amante de dezenove annos de Pearl, demonstrou ser um cretino absoluto.

Dissemos-lhe que havia sido preso por indicação de Pearl.

Isso bastou para que elle se exaltasse e perdesse a cabeça. Accusou Pearl. Disse que ella havia disparado o tiro e que elle apenas amarrara a fieira á espingarda para dar a apparencia de suicidio ao crime.

Parecia não ter a consciencia pesada de coisa nenhuma. Ao passar commigo e outros pelo Mississipi, observou:

— Espero não ficar detido muito tempo. Gosto muito de pescar.

Em seus bolsos encontrámos cinco gaitas.

— Aprecio a boa musica, — declarou-nos elle.

Tim o conhecia. Depoz dizendo tel-o visto, com grande surpreza, trabalhando na fazenda do irmão logo no dia seguinte ao do casamento, sabendo então que havia sido contractado por Pearl, para ajudar nos serviços mais pesados. E o vira em attitude suspeita com a moça.

* * *

E Pearl? Se amava Lenox e se casara com Dan, o objectivo só podia ter sido o dinheiro!

Informada das declarações do joven amante, indignou-se e accusou por sua vez:

— Foi Lenox quem matou Dan e depois deu uma busca na casa para ver se encontrava dinheiro.

No emtanto, nenhuma dessas duas versões me satisfazia. Não me parecia que nem Pearl nem o jovem Lenox houvessem assassinado Dan. O que ambos pareciam era despeitados um com o procedimento do outro.

Albert "Deke" Cornwall sendo identificado logo após a sua prisão.

Jim Hines, moço casado com a tia cincoentona da esposa do assassinado, o cerebro da trama criminosa. Hines disse ter visto pela janella da casa ao lado os assassinos passarem. Mas as autoridades encontraram a dita janella fechada por sarrafos.

* * *

Concentrei a attenção na figura de Jim Hines, tio de Pearl, com o

Dois dos sheriffs a quem ficou affecto o caso pesquisam o terreno.

qual Minnie se casara em quartas nupcias, sendo já mãe de dezoito filhos.

Jim casara indubitavelmente pelo dinheiro que Minnie lhe traria com a mão de esposa.

Porque não imaginar que a sobrinha, mais moça do que elle apenas dois annos — Jim tinha vinte e seis — fizesse o mesmo?

Apertei o cerco em torno delle e levei-o a cahir em contradicções.

Perguntando-lhe onde estivera na manhã do crime respondeu-me que ficara em casa até o momento de acompanhar, com sua mulher, sua sobrinha Pearl ao cartorio de registro de titulos. Affirmou-nos ter visto Pearl e Lenox, á hora provavel do crime, passarem a caminho da fazenda Shine, da janella do quarto do forro da cabana em que residia com Minnie.

Mas quando mandei examinar a janella, os meus auxiliares a encontraram tapada por sarrafos, com pregos já enferrujados!

Jim Hines mentia.

Fiando-me na curta intelligencia do jovem casal de presos, chameios ao mesmo tempo á minha presença e disse-lhe que estavam livres da parte peior das accusações, pois Jim Hines confessara ter instigado o casamento e depois o crime, dirigindo-o intellectualmente e tendo mesmo estado presente na casa da fazenda Shine no momento em que havia sido executado.

Pearl desfez-se em lagrimas, sem dizer nada, como se só então soffresse realmente depois que fôra presa. Era visivel que o mais importante para ella era manter Jim fóra de difficuldades. Que estranha affeição pelo tio!

Lenox, apavorado, lamentou-se, dizendo entre outras coisas:

— *Elle* e Deke vão pensar que fui eu quem disse e me matarão!

Surgia assim um novo personagem, Deke, ou melhor, Albert Cornvall, casado com uma filha de Minnie.

* * *

As investigações tomaram portanto rumo certo com a nova carta apresentada neste caso intrincado. Investigações sobre investigações foram realizadas pelos detectives, destruindo-se varios preciosos alibis laboriosamente forjados. De denuncia em denuncia, dos bandos criminosos contra seus rivaes, que em muitos casos deixaram os policiaes em sérias difficuldades, mas que depois vieram lançar preciosa luz sobre certos factos ainda obscuros, e a verdade surgiu finalmente.

Foi portanto o crime em que perdeu a vida em sua fazenda, o velho Dan Shine, em plena lua de mel. Póde ser descripta da seguinte maneira:

Pearl não queria casar com Dan. Se Dan lhe houvesse cedido o titulo de propriedade da fazenda na manhã do dia marcado para o casamento, o acto não teria chegado a se realizar e tambem o sexagenario não teria morrido. Jim exigira que a sobrinha, sobre a qual tinha estranho poder, conquistasse de qualquer maneira o titulo de posse da fazenda, ainda que para isso se tivesse que casar com o velho. Lenox, indo trabalhar na fazenda do novel casal, mostrara-se enciumado, obrigando Pearl a abandonar o lar em sua companhia.

Jim os recebera aborrecido, com receio de que Dan desse algum passo para impedir o registro do titulo já passado em nome de Pearl. Para rehaver esse documento, havia ido em companhia dos dois amantes e do marido de uma das filhas de sua mulher entender-se com o esposo abandonado. Dera-se então uma luta, provocada pela resistencia de Dan, e Deke vibrara na cabeça do velho, com uma garrafa de cerveja, uma pancada que o fizera cahir. E ahi passavam a não concordar de maneira absoluta os depoimentos dos criminosos. Pearl e Lenox affirmavam que Dan morrera em consequencia dessa pancada e fôra carregado já cadaver para o andar de cima, Deke affirmava que elle só viera a fallecer em consequencia do tiro desferido por Jim, antes de Lenox preparar a scena do pseudo suicidio.

Maynard Lenox, tocador de gaita, jovem amoroso de dezenove annos, e que demonstrou ser um perfeito cretino. Um simples estratagema policial fez com que deitasse tudo a perder, denunciando tudo.

Agora o epilogo — o jury que tomou aspectos sensacionaes, com abundancia de publico, e combate oratorio entre os advogados e o promotor, muito explorados pela imprensa amarella, como é costume na America do Norte, terra do sensacionalismo.

Mais uma vez os quatro accusados procuraram lançar confusão no espirito do publico e dos jurados. Todos porém foram condemnados a penas que variaram de dois a oito annos. Jim Hines foi, porém, mais seriamente visado. A accusação que pesava sobre elle era demasiadamente grave, e, se escapou por verdadeiro milagre, da cadeira electrica, foi condemnado á prisão para toda a sua vida.

Albert "Deke" Cornwell, accusado por Lenox, casado com uma filha de Minie, e que surgiu á ultima hora, lançando uma grande luz sobre o caso.

A fachada da casa da fazenda Shine para onde dão as janellas dos quartos dos irmãos e da fatal Perl Hines

"EPIDEMIA"

Qual seria a causa de tantas mortes mysteriosas?

O commissario Pujci, de Saint-Gilles, no sul da França, estava preoccupado com a série de mortes successivas que vinham abalando a população da cidade, a ponto de se propagarem conceitos supersticiosos para explicar tão desagradavel phenomeno.

Depois de se deixar ficar longamente reflectindo no seu gabinete, tocou a campainha e deu uma ordem ao continuo:

— Desejo falar ao medico assistente de Marie Drouard, que falleceu á noite passada. Se elle puder vir immediatamente, tanto melhor.

Não conseguira descobrir nenhuma ligação entre as diversas mortes occorridas nas ultimas seis semanas. Pessoas sadias adoeciam de improviso, aggravando-se em pouco tempo os seus padecimentos, que terminavam sempre com a morte.

Na semana previa, dada a onda de terror que se espalhara pela cidade, Pujci chamara os medicos de melhor reputação local e tivera com elles uma conferencia. Todos concordavam em que as mortes occorridas, embora estranhamente numerosas, se haviam dado todas por causas naturaes. Mas o commissario de policia observava com inquietude os grupos de populares que se formavam com ar sombrio pelas esquinas de ruas e trocavam impressões em voz baixa.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma pancada na porta. Era o medico assistente de Marie Drouard, annunciou o continuo. Pujci ordenou que o fizessem entrar.

— Obrigado por ter attendido tão promptamente ao meu chamado, doutor. Gostaria de conversar sobre a morte de Marie Drouard com o senhor.

O medico fitou o rosto do commissario, de expressão extremamente grave. Inclinou a cabeça. O commissario falou ainda, antes que elle se manifestasse:

— Disse-me no outro dia que até aqui as mortes occorridas têm tido todas causas naturaes. Continua com a mesma impressão?

— Sim, declarou o medico com firmeza, — continuo pensando da mesma maneira. O nervosismo que se espalha pela cidade não tem fundamento. Marie Drouard morreu de influenza. Annualmente ha innumeros casos fataes de influenza. Não ha nada de mysterioso a respeito de sua morte, asseguro-o.

— Mas é difficil transmittir a mesma convicção ao povo, — observou o commissario. — Espalha-se a crendice de que um monstro mysterioso e desconhecido se encarniça contra a gente desta cidade.

* * *

Naquelle momento o monstro mysterioso e desconhecido preparara-se para desferir um novo golpe. Ao anoitecer do dia seguinte, dia de Natal, um casal edoso, monsieur e Madame Chappelle offereciam em sua casa chá a dois visitantes. Um

O casal que recebeu Antoinette Sierri e o noivo na vespera de Natal.

A enfermeira Sierri fez uma pausa. Os outros ficaram esperando anciosamente que ella terminasse a phrase. Ella, porém, apanhou novamente a chicara e tomou um gole.

— E no emtanto...? — insistiu Monsieur Chappelle.

A enfermeira não respondeu immediatamente, olhando para a sombra atraz de si, como se tivesse

DE CRIMES

por NIGEL TRASK

delles era Antoinette Sierri, prestimosa enfermeira de Saint-Gilles e o outro o noivo de Antoinette, Henri Rosignol, um bello rapagão de negros cabellos ondulados e hombros de athleta.

Uma pequena lampada de pé ao centro da mesa creava um circulo de luz que abrangia as quatro pessoas; em redor, as sombras da noite que cahia tomavam fórmas estranhas e ameaçadoras. De quando em quando, interrompendo a conversa preguiçosa, uma ou outra das pessoas ali reunidas se voltava a inspeccionar os cantos sombrios da sala. Madame Chappelle serviu o chá com mãos tremulas, emquanto seu marido, bastante edoso, se inclinava para sussurrar a Antoinette Sierri:

— Está de accordo com os medicos, Antoinette? As mortes são mesmo devidas a causas naturaes?

Antoinette Sierri inspeccionou todas as physionomias. Todos os olhares se fixavam sobre ella, uma das mulheres mais respeitadas e queridas da população. Pousou lentamente a chicara no pires e disse gravemente:

— Tenho um certo receio de responder á sua pergunta. Os medicos não acceitariam o meu serviço se eu não confiasse nelles. E devo confessar que todos aquelles de quem tratei e que vieram a morrer apresentavam realmente os symptomas das molestias que lhes eram attribuidas pelos medicos. Por exemplo, não notei nada de suspeito na morte de Marie Drouard. E no emtanto...

Qual seria o papel dessa figura insinuante e considerada por toda a população na serie de mortes estranhas?

Antoinette Sterri, a dedicada enfermeira chamada sempre que uma figura da sociedade de Saint-Gilles adoecia.

medo de que a ouvissem. Afinal murmurou:

— E no emtanto, tenho medo. E' como se a magia negra dos velhos tempos voltasse a dominar a cidade.

A expressão de pavor se accentuou nas physionomias dos presentes, as sombras que os cercavam accentuavam a sensação geral de inquietante espectativa. Henri Rosignol ergueu-se, estremeceu, deu alguns passos pela sala, procurou firmar o tom da voz:

— Antoinette, acho que não deverias dizer uma coisa dessas. Todos em Saint-Gilles confiam em ti para ajudar a debellar a crise, tem de ti a maior confiança. Se te ouvissem dizer que acreditas tambem num poder mysterioso, o resultado seria o peor possivel.

Monsieur Chappelle continuou sentado, calado, torcendo com dedos tremulos o bigode. A enfermeira inclinou-se para elle, afagou-lhe o hombro com mão subtil e disse com a inflexão de voz que usaria para falar a uma creança:

— Não se impressione.

Era um dos encantos da jovem enfermeira a sympathia e a ternura que sabia demonstrar aos seus doentes. Seus doentes a adoravam sempre.

Rosignol observou-a, depois beijou-lhe impulsivamente o rosto.

— Perdão se te magoei, querida, — disse.

Antoinette ergueu o rosto e recompensou-o com o sorriso pleno de felicidade. Pouco depois se despediam do casal de velhos e sahiram de braço dado.

Nessa mesma noite, altas horas, a campainha da pequena casa em que morava Antoinette Sierri vibrou com insistencia. Apressada, a enfermeira enfiou um roupão e foi ver quem era. Monsieur Chappelle surgiu tremulo deante della, mal abriu a porta, e balbuciou uma phrase inintelligivel.

Ella acalmou-o, fel-o sentar-se numa cadeira da saleta de entrada. O horror se pintava nos olhos do velho.

— Depressa, Antoinette, minha mulher está á morte!

— Tambem não me está parecendo muito bem, — disse Antoinette. E sahiu da sala, voltando logo com um copo.

— Tome um pouco de cognac, —

Elle, Marie Martin, cujo fim inesperado alarmou a população.

A multidão cercou o tribunal de Nimes por occasião do julgamento sensacional.

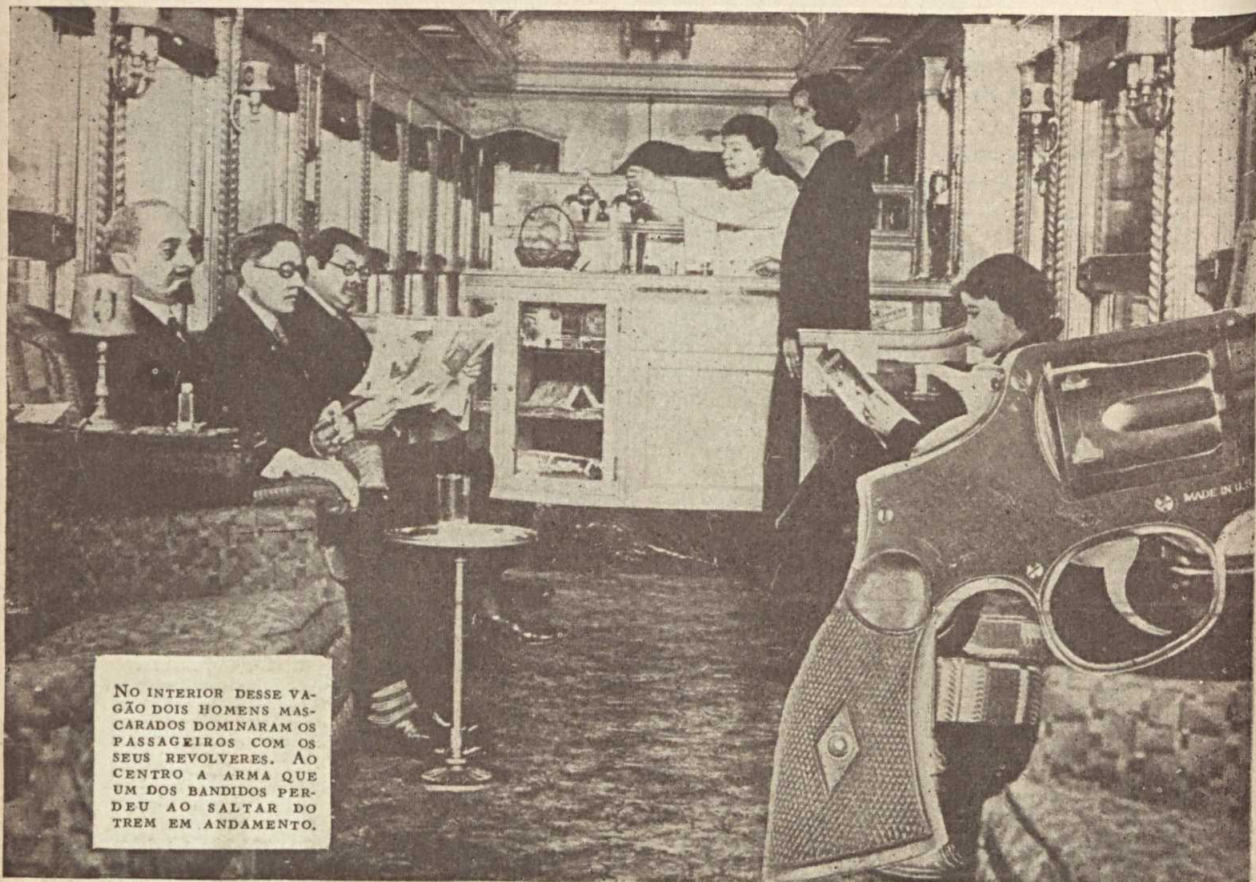
Monsieur e Madame Chapelle, subitamente fallecido numa mesma noite, em uma photographia tirada pouco depois de seu casamento.

disse, — ha de se sentir logo mais forte.

O pobre velho obedeceu. Antoinette deixou-o um momento, vestiu-se em poucos minutos e voltou com o seu filhinho de quatro annos nos braços.

— Vamos passar pela casa de Mademoiselle Martin para deixar lá o menino, — disse.

Quando chegou á cabeceira de Madame Chappelle viu que o temor de seu marido era justificado — ella estava realmente muito mal. Monsieur Chappelle tambem peorava de segundo em segundo. A enfermeira attendia incançavelmente ora a um, ora a outro.

(Continua no fim da Revista)

NO INTERIOR DESSE VAGÃO DOIS HOMENS MASCARADOS DOMINARAM OS PASSAGEIROS COM OS SEUS REVOLVERES. AO CENTRO A ARMA QUE UM DOS BANDIDOS PERDEU AO SALTAR DO TREM EM ANDAMENTO.

DOIS HOMENS

Narrativa feita pelo Chefe Agente Especial Daniel O'Connell e Eugene B. Block

"A Toutinegra" — expresso da linha do Pacifico — fazia o trecho do seu percurso que fica entre São Francisco e Los Angeles.

De subito, surgiram dois homens mascarados, empunhando revolveres, á entrada do carro-salão, onde se encontravam vinte e cinco passageiros, entre homens e mulheres J. Horsman, por um dos mascarados, foi intimado a entregar o chapéo. E esse chapéo serviu para receber a collecta feita pelo mesmo mascarado, emquanto o outro ficava de sentinella á entrada.

Terminada a collecta, aquelle que a fizera foi se reunir ao companheiro, intimidando os presentes com o revolver. E logo, agilmente, os dois se atiraram do trem em movimento.

Immediatamente, os passageiros se precipitaram para a campainha de alarme.

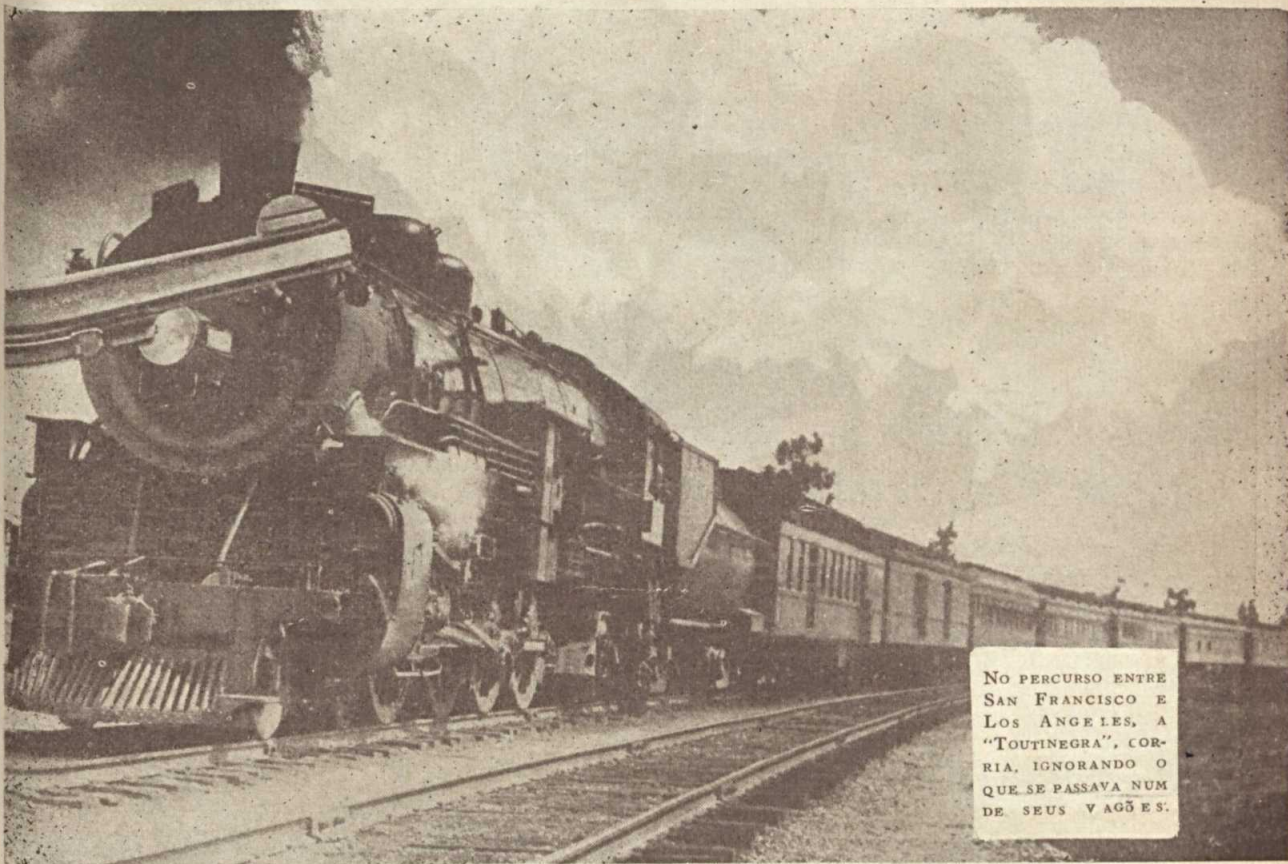
O expresso entrava num tunnel, no emtanto — o Tunnel n. 1. O machinista, admirado com a successão de signaes, imaginou que houvesse algum desarranjo na installação de alarme e só foi parar depois da sahida do tunnel, a milhas de distancia do local onde haviam saltado os bandidos.

* * *

Recebi a denuncia do occorrido no meu gabinete de S. Francisco e telephonei para o posto policial das immediações do Tunnel n. 1. Meia hora depois do roubo, o local onde haviam descido os dois bandidos formigava de policiaes.

A caçada humana tivera o seu inicio.

Sempre pelo telephone, recebi as descripções contradictorias dos ladrões feitas pelos passageiros. Aquelle que procedera á collecta, concordavam todos, era o menor dos dois e menos robusto, com cerca de quarenta e cinco annos. Usava terno azul marinho e chapéo de feltro. Alguns diziam que seus cabellos eram grisalhos, outros que eram pretos. O homem que ficara de sentinella devia ter trinta annos, era de constituição media, vestia terno marron e o chapéo que usava era da mesma cor. Parecia nervoso. O primeiro transformara um lenço azul de bolas brancas em mascara, o segundo fizera o mesmo com um lenço todo branco.

Do tunnel os policiaes se espalharam em todas as direcções. Ha-

No percurso entre San Francisco e Los Angeles, a "Toutinegra", corria, ignorando o que se passava num de seus vagões.

MASCARADOS

Daniell O'Connel

viam tirado moldes das marcas dos pés dos bandidos, feitas ao saltarem. O segundo bandido cahira tão perto da entrada do tunnel que por poucos segundos morreria esmagado.

Uma descoberta sensacional foi feita por um dos homens, mal se afastou alguns passos do local: um revolver!

— O primeiro indicio serio, — observou um dos agentes.

* * *

Não foram encontradas impressões digitaes no revolver.. Tudo que elle nos dava para auxiliar as investigações era o numero.

Da fabrica e dos distribuidores, aquelle Smith & Wesson, calibre 38, havia passado no dia 21 de fevereiro de 1929, ás mãos do seu primeiro proprietario: G. D. Billings, residente em Middletown, Ohio.

A rêde dos meus auxiliares na investigação do caso se estendia por essa época sobre toda a area do paiz, já que não havia um posto policial que não houvesse recebido a descripção dos bandidos, e se apertava sobretudo no espaço comprehendido entre Middletown e o local do crime.

Em breve se sabia que G. D. Billings mudara-se de Middletown para Winchester, Kentucky, onde morava o seu sogro, O. Powell.

Encontrado finalmente e interrogado, elle declarou:

— Sim, o revolver me pertenceu, mas antes de abandonar Middletown vendi-o a Charles Profitt.

No dia seguinte recebi um relatorio, informando que Profitt negava ter comprado de Billings o revolver.

Ordenei então que estabelecessem vigilancia cerrada em torno de Billings e de Profitt.

Dias depois uma carta aerea era enviada por Billings para Otis Powell, 230 1-3, Grand Avenue, Los Angeles.

— Procurem Otis, — ordenei.

Powell confessou que recebera a arma de Billings mas que a empenhara por seis dollares em Las Vegas, Nevada, no seu caminho para a California.

Em Nevada os meus homens apuraram que a casa de penhores, no dia 16 de Janeiro de 1932, havia vendido em leilão o revolver em questão e mais tres outros a um tal Charles C. Wilson.

Southern Pacific Company
(Pacific Lines)
$2000 REWARD

This Company will pay a reward of $500.00 for information leading directly to the arrest and conviction of each person who participated in the holdup of the passengers of the "LARK," train No. 76, in San Francisco, California, about 8:10 p.m., March 26th, 1932, total reward not to exceed $2,000.00.

Following is the best available description of those who boarded the train:

Communicate immediately with D. O'Connell, Chief Special Agent, Southern Pacific Company, 65 Market Street, San Francisco, California, or J. J. Jordan, Superintendent, Southern Pacific Company, 3rd and Townsend Streets, San Francisco, California.

F. L. BURCKHALTER,
General Manager.

San Francisco, California,
March 28th, 1932.

Diversos agentes encarregados da solução do mysterio, verificando o numero do revolver encontrado.

A Southern Pacific não perdeu tempo, despachando immediatamente circulares com a descripção dos bandidos e a offerta de um premio para quem os capturasse.

— Conseguiram alguma descripção de Wilson? — perguntei pelo telephone.

— Sim. E' um sujeito que corresponde exactamente ao typo que procedeu á collecta no trem.

O dono da casa de penhores informou mais que Wilson se fizera acompanhar de dois homens por occasião da compra, que haviam assignado no registro os nomes de Lawrence Harrell e A. F. Harris.

O trio, descobriu ainda a policia, havia se hospedado no Overland Hotel de Las Vegas annotando no livro da portaria: "Jesse C. Rumsey e companheiros, de Long Beach". A descoberta foi feita comparando a assignatura de Wilson e a de Rumsey. O punho que as firmara não podia deixar de ser o mesmo.

Os tres homens haviam viajado numa sedan Ford. Seguimos a sua pista até a California. Numa garage onde a sedan havia sido guardada o seu proprietario dera o nome de Jesse Rumsey e um endereço de Long Beach.

Mas no numero dado jamais havia residido nenhum Rumsey. Afinal, achou-se a casa onde elle re-

sidira. Mas já batera as asas. A pista nos parecia emfim quente, embora escabrosa.

E de subito entrou em scena um novo personagem que muito nos auxiliou: um velhote que sabia mais do que qualquer um a respeito de Rumsey.

— Elle chegou á California precedente de Las Vegas, — disse o velho, — acompanhado de dois jovens amigos, Larry e Eddie. Soube que tinha ganho no jogo, certa vez, oito mil e quinhentos dollares. Mas isso não é nada. Mostrou-me um dia recortes de jornaes que o davam como um perigoso bandido assaltador de trens. Gabou-se de ter cumprido sentença por varios roubos que levara a effeito.

— Rumsey é o nosso homem, não ha duvida, — disse eu, depois disso.

* * *

Mas onde estaria Rumsey?

O serviço dos Correios nos dava pouco depois a resposta: Rumsey recebera uma correspondencia que lhe havia sido endereçada sob o nome de Charles C. Wilson, o mesmo que usara para a compra do revolver, em Los Angeles.

Providenciei para que lhe fosse mandada, com o mesmo endereço, uma carta forjada por nós e em cujo enveloppe se lia: *Entregar em mão propria.*

* * *

Um velho abriu a porta. Disse ser tio de Rumsey e informou que o sobrinho partira alguns dias antes para Las Vegas.

Por esse tempo já sabiamos com detalhes do passado de Rumsey: em 1906 assaltara o expresso de Missouri, servindo por isso 15 annos na penitenciaria do mesmo estado. Em 1921 assaltara e roubara o agente de Leawenworth, atirando um liquido perigoso no rosto do mesmo agente. Era um criminoso altamente perigoso, do qual havia preciosa documentação nos archivos policiaes: photographias, impressões digitaes, etc.

Varios dias se passaram — e nada.

Recorri novamente ao expediente da carta.

Arthur Rumsey, o tio do nosso homem, disse-nos mais uma vez que o sobrinho não estava em casa.

Um agente dos Correios, no emtanto, deu-nos uma informação providencial: Entregara uma carta a Arthur Rumsey, e como sabia que nos interessavamos pelo homem havia tomado nota do remettente: Charles C. Wilson, Lincoln Heighte Jail — o bandido que procuravamos por todo o paiz estava na prisão!

* * *

Wilson havia sido preso como vendedor de drogas. Obtivemos afinal uma confissão assignada — mas que surpresa a do homem ao saber que um numero de fabricação de um revolver havia sido a pista que levara a elle através de uma grande parte do paiz!

Seu companheiro tinha sido Joseph Johnson, disse. Fôra Johnson quem deixara cahir o revolver.

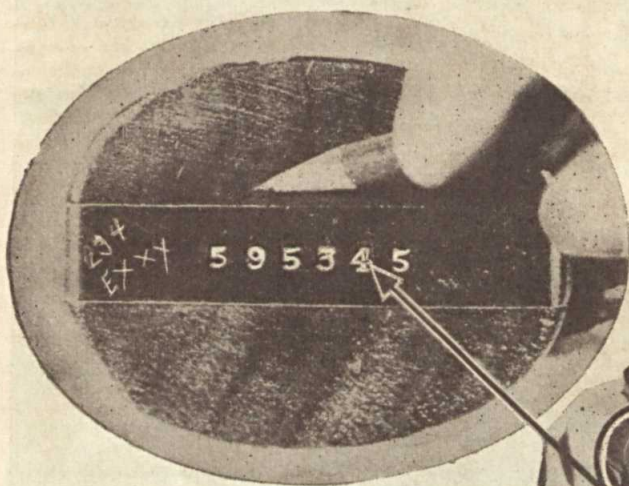
* * *

O acaso foi o nosso maior auxiliar para a prisão de Joe Johnson.

Rumsey nos revelara apenas que elle havia sido marinheiro. As nossas buscas em sua perseguição foram infructiferas.

Mas um dia um motocyclista de Seattle deixou no posto uma pasta perdida que encontrara, contando documentos de um tal Joseph Johnson.

Immediatamente fomos avisados e ficamos á espera.

O numero da arma, unico indicio conseguido, e que levou através de muitas peripecias á descoberta dos assaltantes.

Johnson não sabia nada da confissão do seu cumplice e cahiu como um pato.

Dois dias depois elle comparecia ao Departamento de Objectos Achado e reclamava a sua pasta, que soubera por um annuncio de jornal encontrar-se ali.

* * *

No dia seguinte, ainda sem saber do que acontecera a Rumsey, Johnson nos deu uma confissão que confirmava em todos os pontos as affirmações do seu companheiro.

* * *

Foram ambos condemnados, Jesse Rumsey a cumprir uma pena de quinze annos e Joe Johnson outra de cinco annos..

Quando sahir da prisão, Johnson talvez não possa mais contar com os carinhos de uma bella loura que o procurou pouco depois de preso, dando mostras de grande desespero com a prisão do namorado.

E eis ahi como um numero de revolver foi o bastante para que um punhado de homens conscientes do seu dever entregassem á justiça dois perigosos bandidos.

* * *

Um interessante detalhe ainda resta do assalto do "Toutinegra" e que ainda não foi elucidado — uma das armas estava fóra de uso!

A maior parte do publico não sabe exactamente a significação desta denominação que significa que a arma em questão constava nos archivos da policia, como dormindo no fundo do mar, isto é, tendo sido apprehendida, fôra lançada com muitas outras, para os peixes, num local de profundidade maior que 30 metros.

Mas voltara... . E o mysterio não chegou a ser decifrado, como muitos outros desta especie, porque fatalmente existem nos Estados Unidos algumas centenas de armas "fóra de uso" capazes de matar — e por uma curiosa e tragica coincidencia, parece que justamente estas armas estão fadadas a voltar á circulação com novas manchas, para serem depois, mais uma vez lançadas ao mar, esperamos que para nunca mais voltar, pois a policia americana está tomando medidas especiaes para evitar que taes factos se reproduzam.

Perito mostrando trecho de uma viga attingida pelo projectil do revolver perdido.

O OCCASO DO SOL NEGRO

Por Fulton Grant
Illustrações de Austin Briggs

Se havia um logar em Port-au-Prince typicamente parisiense, era sem duvida o café De Reix. E é onde tem o seu inicio a presente narrativa, pois foi no De Reix que eu vi os Cuttings pela primeira vez e era lá que o Major Derwent me procurava quando queria me encontrar. Não citarei datas: o motivo dessa omissão transparecerá no decorrer da historia. Mas a época foi a da "intervenção" americana no Haiti, antes da marinha de guerra estadunidense deixar officialmente a ilha, em 1934.

Estava seriamente aborrecido naquelle dia. O cabogramma me pegara em Gonaives e eu fizera a viagem até Port-au-Prince de automovel, afim de tomar as necessarias providencias. E quando cheguei encontrei no hotel á minha espera o ordenança do Major, um nativo, que me intimou a acompanhal-o. Praguejei, mas obedeci. Derwent estava no café De Reix.

Cheguei lá preoccupadissimo. E o Major ainda por cima me fez um appello — baseando-se na minha qualidade de americano, o que era peior — para que eu emprestasse a minha collaboração no caso Hannibal Zev. Mas o que me aborrecia de facto era outra coisa.

O que me aborrecia era o cabogramma que eu recebera.

Os directores da Companhia, sentados nas suas poltronas estufadas de Nova York, haviam resolvido mandar um vale-nada de filho do presidente — um mocinho recem sahido de um dos nossos collegios — fiscalizar as minhas actividades e investigar por que diabo não haviam os poucos milhares de dollares investidos em plantações de sisal no anno precedente se multiplicado em muitos milhões de dollares.

Eu tinha mais de dez estações na gerencia das propriedades da Companhia — plantações de canna e usinas de assucar, plantações de arroz, plantações de sisal. Fôra ainda eu quem construira os diversos systemas de irrigação necessarios para o cultivo desses differentes productos. E no emtanto os senhores directores não se mostravam satisfeitos.

Entendiam do trabalho que eu estava fazendo? Entendiam coisissima nenhuma. Não sabiam nem sequer o que era desbastar florestas virgens com um punhado de nativos doceis mas insufficientes. Não sabiam nem faziam questão de saber. Em dez annos teriam um lucro surprehendente — mas exigiam pressa, pressa. Sentados commodamente numa cidade septentrional, desconheciam por completo a luta em meio á natureza tropical. E iam me mandar um technico abarrotado de leituras e sem nenhuma pratica para me ensinar a fazer o serviço!

Era em tudo isso que eu pensava, remoendo a raiva provocada pelo cabogramma. E o Major só fez levar ao extremo a tensão dos meus nervos.

O Major Hamilton C. Derwent é um excellente homem e um soldado competente. Respeito-o, admiro-o, gosto delle. Por diversos motivos nunca estive de accordo com a intromissão americana no governo da Republica haitiana, mas tambem nunca culpei de coisa nenhuma aquelles cujo papel era apenas obedecer. E hoje admitto que tenhamos feito alguma coisa pelo progresso da ilha. No emtanto, o que Derwent pretendia obter de mim extravasava das suas funcções militares.

— Comprehenda-me, Carrington, — repetiu-me elle pela centesima vez em uma hora de conversação, — não quero que imagine que lhe peço para abusar da confiança dos seus amigos de côr, ou para trahil-os. Mas acontece que você é o unico americano que se entende bem com essa gente. Os nativos gostam de você e confiam em você. E é preciso de qualquer maneira impedir que o tal Zev prosiga nos seus designios. Temos tido revoluções e o diabo, mas isto agora é peior. A nossa acção nesse sentido só poderá ser util aos nativos. Destruições e roubos como os ultimos havidos, em serie de gravidade crescente, acabarão por destruir a economia da Republica haitiana. E não acredito que o bandido seja um nacional. Os seus methodos parecem mais os de um gangster de Chicago. A infernal lenda que aureola o seu nome dá-lhe um prestigio perigoso. Por isso é que não podemos nada contra elle. Detesto confessar, mas parece-me que estamos sendo batidos desta vez. Só você tem agora probabilidades de alterar este estado de coisas.

* * *

O Major vinha repisando as mesmas palavras desde que eu chegara, uma hora antes. Cada um de nós já esvasiara meia duzia de doses de rum Barbancourt com limão. Eu ficara calado a maior parte do tempo, articulando apenas uma ou outra observação para desilludil-o, pensando todo o tempo como lhe dizer peremptoriamente, sem comtudo magoal-o, que não faria absolutamente o que me pedia. Sempre achei que os Estados Unidos não deviam ter mettido a sua colher de páo no caso haitiano e achava natural que os filhos da ilha se resentissem dessa intromissão.

O individuo que se dera o nome de Hannibal Zev era, sem duvida de intelligencia invulgar. Iniciara as suas actividades escrevendo cartas em excellente francez ao residente americano e ao presidente da Republica, sympathisante dos americanos, ameaçando-os de graves disturbios se as forças armadas americanas não abandonassem immediatamente a ilha.

Tudo isso talvez não desse em muita coisa, se não fosse o nome: Hannibal Zev. Contava-se na ilha que meio seculo antes um revolucionario com aquelle mesmo nome vencera um tal Soulouque, que se havia feito coroar rei sob o nome de Faustin. Ninguem sabe ao certo muita coisa sobre o primeiro Zev, pois em torno do seu nome se creou uma verdadeira lenda, onde alguns factos reaes se misturam a outros fantasiosos. Muitos affirmam que foi um gigante, e os camponezes o transformaram em um deus. Conservara-se a crença de que elle appareceria novamente se a liberdade na ilha corresse perigo. Os nativos acreditavam nelle tanto como acreditam em Legba e Damballah.

Assim, quando Zev "reincarnado" fez sentir os seus actos os camponezes do interior passaram a protegel-o, silenciando sobre tudo que se referisse a elle, occultando-se, seguindo-o com um fanatismo religioso.

— **Qui bo'li?** — perguntavam os marinheiros aos nativos. (Onde se escondeu elle?)

E a resposta era sempre a mesma:

— **Moins pas connai. Moun pas connai.** (Eu não sei de nada. Ninguem sabe de nada.)

E Zev não perdia tempo. Arranjou metralhadoras portateis e caminhões, atacando treze plantações — todas ellas de proprietarios estrangeiros ou ligados a estrangeiros. Carregava todo o dinheiro que encontrava e destruia as plantações, pegando-lhes fogo. Arrombou cofres. Fez pa-

rar um trem que transportava ouro para os americanos. A sua maneira de agir não differia dos methodos de um gangster de Chicago, como dissera o Major. Eu não acreditava que elle fosse um negro americano, um segundo imperador Jones, mas parecia-me incrivel que fosse haitiano, dada a sua extraordinaria technica.

Mas eu, que necessitava da amizade e do auxilio da gente do interior, não mexeria um dedo para aborrecel-os.

* * *

Continuava ouvindo o Major desenrolar a sua discurseira interminavel quando o milagre aconteceu. O "Milagre" era um jovem par. Elle e ella tinham um ar de frescura, um brilho... eram americanos cem por cento. Encaminhavam-se para o De Reix.

Elle era alto, harmonioso, cabellos louros e olhos azues. Usava calças e camisa brancas, a camisa aberta no peito. Ella não

era menos loura, muito fininha, usava calções muito curtos e sandalias vermelhas.

Caminhavam de mãos dadas, como dois collegiaes — apontando para tudo e rindo de tudo, bebendo o sol haitiano como os diamantes bebem luz. E pareciam irradiar uma luz ainda mais viva do que a daquelle sol, uma luz propria, que illuminava tudo a seu redor, inclusive os restos das mulheres nativas, que passavam com cestas na cabeça e filhos á cintura.

Deixei de entender o que o Major continuava a dizer no seu tom monotono, mas não tinha importancia. Fiquei olhando o par. E o par entrou no café, dirigindo-se para a nossa mesa.

— Desculpem-nos, — disse o rapaz, — mas queremos saber de alguem e os senhores são os primeiros americanos que encontramos. Procuramos um americano de nome Cari Harmer Carrington. E' um engenheiro, e reside ha varios annos na ilha.

Taes palavras me puzeram instantaneamente de pé e até o Major se perturbou.

— Carrington sou eu, — declarei. — Querem sentar-se um pouco e dizer qual o interesse de dois compatritoas pela minha humilde pessoa?

A moça tomou a palavra:

— Oh, mas que sorte! Desembarcámos do **Maracaibo** ha meia hora e fomos logo procural-o no hotel. Disseram-nos que devia estar aqui e viemos logo... isto é, depois de errar por duas vezes o caminho...

E antes que eu pudesse me manifestar de novo, o rapaz tornou a falar:

— O senhor comprehende, sou Cutting Junior. Sei que só me esperava na sexta-feira, mas é que tomámos um navio anterior ao **Columbo.** Esta é Mrs. Cuttings. Zelda, apresento-te o meu chefe. Achámos que a opportunidade era optima para uma viagem de nupcias, que poderiamos assim combinar prazer e trabalho.

Eu continuava de bocca aberta e Zelda me obrigou a abri-la ainda mais.

— Oh, Mr. Carrington, — fez ella, — tinham nos dito que o senhor era uma féra! Foi o velho quem disse. Nem queria que eu viesse. Disse que o senhor era violento, bruto, que era mais "nativo" do que os proprios nativos. Mas o senhor é como todo o mundo! Isto é, exceptuando a barba.

E foi assim que fiquei sabendo que aquelle rapagão louro e aquella deliciosa pequena eram Mr. e Mrs. Jason Cutting Junior, filho unico e nora do presidente da West Indies Developmente Corporation, eu, em outras palavras, o jovem theorico que ia me ensinar a trabalhar e o seu appendice legal. Pois bem, fiquei sem saber se devia rir, chorar, ou dar uma boa cusparada.

* * *

Mas os dois eram creaturas de trato agradavel, parecia indubitavel. Apresentei-os ao Major e bebemos todos juntos. E foi então que começou realmente o caso.

O Major estava a todo o panno. Era impossivel fazel-o parar. A chegada do casal de collegiaes o havia interrompido por um momento, só para que elle recomeçasse depois com mais folego.

— Desejo appellar para o senhor, Mr. Cutting, — foi elle dizendo, ingenuamente acreditando que o rapaz tivesse de facto algum poder sobre mim. — Estamos atravessando momentos difficeis aqui na ilha e necessitamos do auxilio do Mr. Carrington. Ora, como representante dos mais importantes interesses americanos na ilha, a companhia de seu pae, Mr. Cutting, seria razoavel que elle nos offerecesse os prestimos da sua notavel influencia junto aos nativos. O senhor comprehende, tem nos occorrido factos estranhos...

— "Voodoo"? — perguntou Zelda, de olhar brilhante, referindo-se á religião dos naturaes, um culto mysterioso que envolvia uma boa dose de feitiçaria. — Junior foi educado em Nova Orleans e creado por uma **mamaloi,** sabe até falar creolo muito bem. Queremos estudar o culto do "voodoo", talvez mesmo escrever um livro. Não é, querido?

Gemi baixinho, mas foi um gemido profundo, capaz de ser ouvido pelos espiritos protectores da terra. Já era ruim ter que sobre a minha especialidade, mas servir de ama secca para um casal que pretendia escrever um livro sobre a "voodoo" seria o cumulo. E mesmo os haitianos não permittem que desconhecidos penetrem na intimidade de seus ritos religiosos, no que acho que fazem muito bem.

Mas o Major se aproveitou da brecha e foi logo contando toda a historia de Hannibal Zev. O effeito de suas palavras foi surprehendente, sensacional, sobre os dois jovens á cata de aventuras.

A moça não bateu palmas, mas era como se o fizesse. Estava convencida de que ia assistir a coisa parecida com um film cujos heroes fossem romanticos bandidos. Mas Cuttings Junior me encheu as medidas.

— Major, — disse elle, subitamente muito grave, — não sei como são as coisas aqui, mas, tendo ouvido o que me contou, peço licença para discordar da sua opinião. Acho que se Mr.

Carrington se resolvesse a trahir a confiança dos seus amigos nativos e entregasse aos marinheiros o tal de Hannibal Zev, commetteria um acto tão reprovavel como espancar uma creança indefesa e confiante. Não, Major, espero que elle não faça coisa alguma, sinceramente. Afinal, Hannibal Zev nunca o importunou directamente.

O Major arregalou os olhos, abriu a bocca, fungou, despediu-se, levantou-se e se foi.

* * *

Eu estava afastado havia uma semana da plantação de sisal e, tendo tambem que ir a Gonaives, imaginei partir no dia seguinte e levar o casal commigo.

— Não, senhor meu chefe, — foi declarando Cutting com um sorriso, com o seu ar de quem não se queria valer da posição do pae, — se não se importa, ficaremos mais um pouco aqui na cidade. Queremos conhecer Haiti, não ha duvida, mas aos poucos. E depois, ainda estamos na nossa lua de mel, não esqueça.

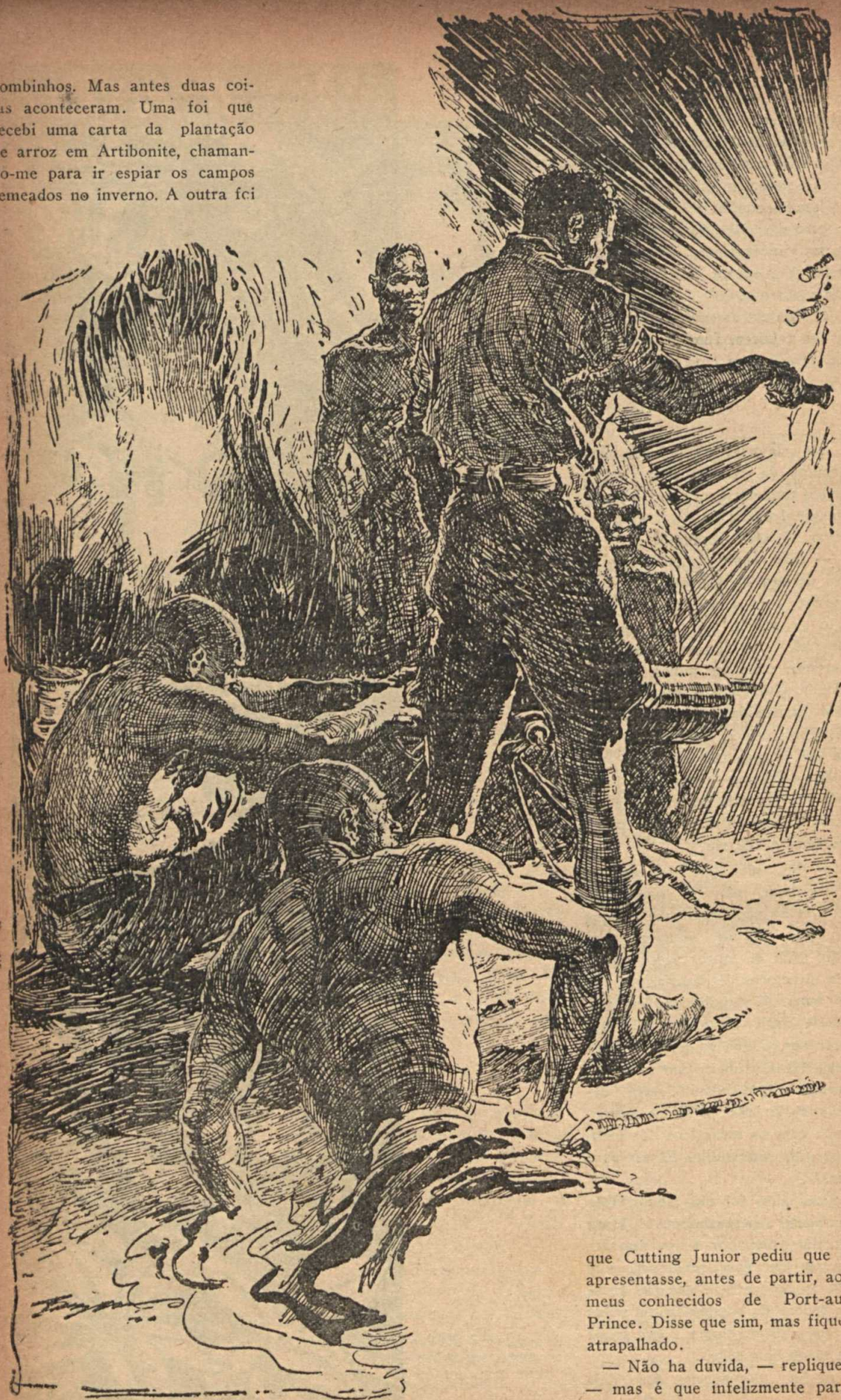
Disse-lhe que imaginava que seu pae gostaria de ter o seu relario dentro do mais curto prazo possivel e elle riu.

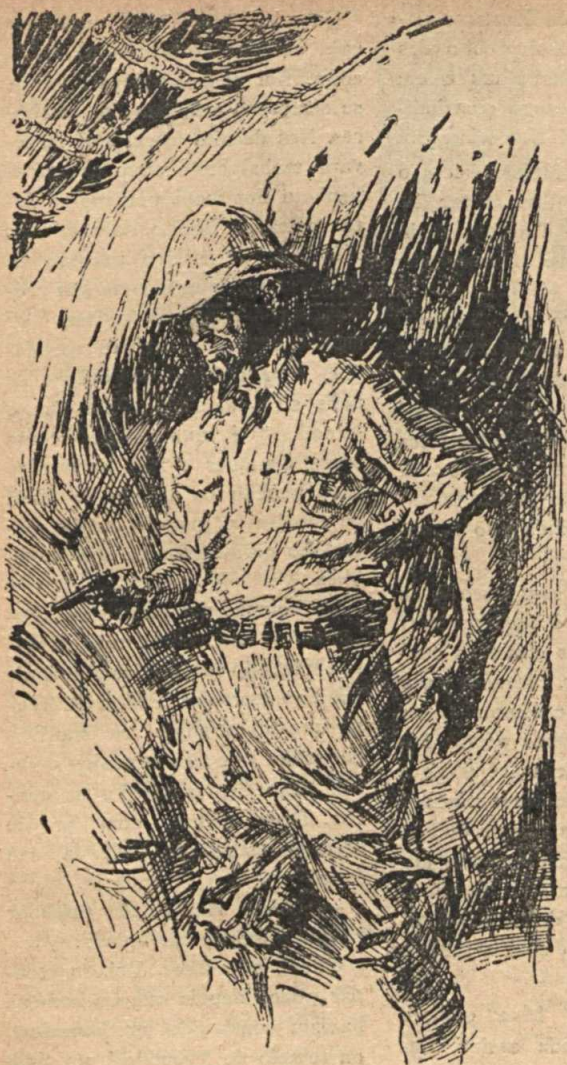
— Ora, meu pae o conhece muito bem, não se preoccupe. Confia no senhor, e sabe do que é capaz. Só me mandou para aqui afim de tapear todos aquelles directores de camisas de peito duro. E depois, que entendo eu de sisal? Na melhor das hypotheses, o que eu poderia fazer seria levar primeiro um anno observando e estudando, para depois então piar. Não se preoccupe com os mexericos dos mandões da companhia. E' só para rir.

Isso, sim, foi um allivio. Não conhecia pessoalmente Jason Cutting, mas por todos aquelles annos de correspondencia com elle convencera-se de que tinha as redeas da companhia na mão; o que não imaginara é que tivesse tanto bom senso.

Assim, despedi-me dos dois

A floresta estava povoada de selvagens e de feras

pombinhos. Mas antes duas coisas aconteceram. Uma foi que recebi uma carta da plantação de arroz em Artibonite, chamando-me para ir espiar os campos semeados no inverno. A outra foi

que Cutting Junior pediu que o apresentasse, antes de partir, aos meus conhecidos de Port-au-Prince. Disse que sim, mas fiquei atrapalhado.

— Não ha duvida, — repliquei, — mas é que infelizmente para

LARGUEM ESTA ARMA DISSE ELLE IMPERIOSAMENTE

vocês dois não tenho amigos na colonia americana. Já os apresentei ao Major. E além do Major só ha um casal que não me considere inteiramente selvagem. Todos sabem que sympthiso com os haitianos e não supporto esse pessoal que vem aqui e começa por afagal-os hypocritamente, para depois empurral-os afim de que "se ponham no seu logar. Afinal, a ilha é delles e não temos nenhum direito de bancar superioridade.

Cutting riu.

— Então está pensando que pelo facto de representarmos capital americano somos assim tão cretinos? Não, estamos fartos de americanos. Queremos é conhecer haitianos. Si elles quizerem saber de nós, haveremos de nos entender bem.

Ahi é que estava, os habitantes da ilha andavam damnados com a "intrusão estrangeira", damnados demais para que pudessem tratar bem dois americanos novos. Mas nesse ponto das minhas reflexões lembrei-me do meu amigo Hyacinthe d'Aignes.

D'Aigues era um sujeito estranho e muito interessante. Mulato, com o tom de pelle de um hespanhol ou de um italiano. Bello e diabolico. Dizia-se descendente de nobreza franceza e de uma linhagem de reis negros do Dahomey, o que talvez fosse verdade. Além disso, Hyacinthe d'Aigues era o proprietario do **Le Noir Nouveau,** um jornal violentamente nacionalista, o que mais atacava a "intervenção americana". Era viajado, culto, escriptor brilhante e dono de uma invulgar intelligencia. Corriam a seu respeito rumores alarmantes — dizia-se que era adepto do **Culte des Morts** e davam-lhe a reputação de um novo Casanova. Pessoalmente, nunca liguei ao que se dizia. A unica coisa que me intrigava em relação á sua pessoa era a extraordinaria fortuna que possuia, quando era certo que nem o seu nem nenhum outro jornal em Haiti poderia dar lucro.

* * *

No emtanto, sabia quem elle era e não tive nenhuma duvida em dar o seu nome e o seu endereço ao juvenil casal. Havia tambem nossa pontinha de interesse nisso. D'Aigues gostava de mim — mas tinha horror ao que eu fazia.

— Você não é mais do que o instrumento de uns capitalistas ladrões de terra, que fazem dinheiro facil á custa da nossa Republica, — costumava elle me dizer. — Diz que gosta de nós, que nos comprehende, e ás vezes, é mesmo sincero. Mas, **nom d'un nom,** por que diabo não deixa a sua desgraçada companhia exploradora americana, Carrington, e vae trabalhar numa das nossas?

Pretendia lhe mostrar o casal de pombinhos para que elle se convencesse de que nem sempre os "capitalistas ladrões de terras" são seres repugnantes.

Cheguei de coração leve ás plantações de arroz, perto de Las Cahobas. Mas ahi um choque me aguardava. O tal innocente bilhete acerca dos campos semeados no inverno era um disfarce, escripto pelo meu braço direito com cara de gorilla, Ti Zoune, que estava apavorado e não ousara me informar da verdade.

Sim, havia sido Hannibal Zev.

Elle chegara com um bando — Ti Zoune dizia ser um bando de milhares de bandidos, mas talvez fossem apenas uns vinte, com caminhões. Haviam incendiado toda a parte norte das plantações (cerca de setecentos acres), irri-

gando-as com kerozene. Depois haviam invadido o acampamento dos meus trabalhadores, ameaçando-os com torturas horriveis se continuassem trabalhando para a Companhia e obrigando-os a prometter que queimariam o resto das plantações.

Ti Zoune estava apavorado. Ficara só, pois os outros todos haviam seguido o leader "reincarnado". Ti Zoune disse-me que se tratava de um gigante, de pelle negra, com uma grande barba arrepiada que lhe occultava as feições e uma voz que era como trovão nas montanhas. Dei o desconto, mas fiquei convencido de que Zev devia ser mesmo uma figura impressionante.

Não havia nada a fazer senão dar parte ás forças militares americanas, e pode-se imaginar o meu embaraço para fazel-o. Eu, que me portara como se sabe com o Major Ham Derwent, era obrigado a ir lhe solicitar uma guarda para as plantações da Companhia!

Poucos dias depois recebi a visita do Major, que se fez acompanhar de um pelotão. Sympathicos rapazes, sem duvida, mas que me esquentaram os nervos, dirigindo-se a mim com um sarcasmo de gume fino. Dadas as circumstancias, não lhes podia dizer nada, mas meu rosto andou rubro por varios dias. E, como se não bastasse, o Major me passou uma descompostura por causa dos Cuttings.

— Já não é agradavel vel-os olhando de cima para toda a colonia, o que afinal é lá com elles. Mas a sua responsabilidade começa quando entra em scena o infernal Hyacinthe d'Aigues. Ouça, Carrington: fez mal. Aquelle sujeito não presta. Não tinha o direito, homem, de apresentar os pobrezinhos áquelle animal. E os tres agora são **intimos!** E' um escandalo! A infeliz moça vae ser uma victima do miseravel. Elle até a chama de "Choucoune", nome tirado de um dos poemas de Oswald Durand. E o tolo do marido nem se dá conta. Está bem que você se misture a essa gente, se é que isso é mesmo necessario para o desempenho dos seus encargos. Mas é um crime envolver essas creanças com individuos pestilentos! Um crime!

Não adeantava discutir com o Major. Não adeantava tentar lhe demonstrar que d'Aigues sabia ser um cavalheiro e affirmar que respeitaria Zelda tanto como o faria o mais puro dos brancos. Não adeantava tambem lhe dizer que a attitude insultante — e quão insultante! — de d'Aigues para com os estrangeiros era apenas uma nobre reacção de patriotismo. Deixei passar.

Mas o Major ainda não terminara.

— E depois, ha essa historia de "voodoo". Não é possivel permittir que as duas creanças continuem a assistir, levados por d'Aigues, essas ceremonias de feitiçarias. Já fizemos passar leis contra essas praticas prejudiciaes e os brancos podem ser punidos da mesma maneira que os outros. Se não me promette que nos auxilia a caçar o tal de Hannibal, por Deus, farei deportar o filho de seu patrão com a mulher da ilha.

Fiquei furioso. Mas embora furioso, tinha ainda assim consciencia de quem era o Major. Prometti-lhe, portanto, tudo quanto quiz.

* * *

Demorei-me tres semanas em Las Cahobas. Depois regressei á plantação de sisal, pelo Cul de Sac. Não receiava que lá apparecessem os bandidos, pois não havia dinheiro em caixa. Tinha que seguir a estrada até Thomazeau, perto do lago Saumatre, e ahi deixar o carro e montar a cavallo, dirigindo-se para a fronteira de S. Domingo. Não me preoccupava com a segurança dos arrozaes: o Major deixara-os guardados por um destacamento completo. Ti Zoune acompanhava-me, pois através daquellas mattas a viagem é ardua para um homem só.

Quando chegámos, notámos que estava acontecendo muita coisa. Em primeiro logar, ouviase sempre o tam-tam dos tambores. Nos dezoito mezes que eu levara trabalhando aquellas terras nenhum dos meus homens se dera nunca ao habito do tam-tam. Não que eu fizesse questão de que fossem cumpridas as leis prohibicionistas — mas talvez por mantel-os todos sempre occupados e pagar-lhes os ordenados mais altos da ilha. Acho que o "voodoo" é uma religião como outra qualquer e não ha motivo para impedir os nativos do Haiti de pratical-a, quando outros cultos são permittidos na sua Republica.

Os homens me pareceram contentes de me verem, mas nervosos, olhando-me furtivamente, de maneira estranha. Pedi a Ti Zoune que investigasse os motivos de todas aquellas mudanças subtis, mas elle se metteu na concha. Disse apenas, com ar de creança malcreada pilhada em falta:

— **Moun vini po'té tambour** (Alguns trouxe tambores).

Quem, não disse. Deixou escapar pouco depois que os homens haviam construido um **houmfort,** ou templo de "voodoo", no cimo da montanha que ficava em frente ás nossas terras. Era para lá que iam os meus homens, todas as noites. Nada disso me parecia ter nenhuma gravidade, mas... qual seria o motivo de tantas novidades?

Pensei que seria bom que o joven Cutting estivesse commigo, para lhe falar do incendio das plantações de arroz. E, como um diabo que saltasse ao se sentir lembrado, eis que o rapaz appareceu inesperadamente, um bello dia, acompanhado de Zelda, naturalmente, e de Hyacinthe d'Aigues, o que não me pareceu tão natural. D'Aigues ficava impressionante, a cavallo; devia ser mesmo verdade a sua allegada descendencia de duas nobrezas, uma branca e outra negra.

— Amigo Carrington, — foi elle dizendo assim que me viu, —

se fosse simplesmente um homem e não um patriota, estaria encantado com o seu casal de capitalistas. São... repousantes...

Não hesitei na replica:

— Pois sempre imaginei que um homem capaz de odiar com a força que deve ter um bom patriota não deixasse de mandar cozinhal-os para depois comel-os com **sauce piquante.** Você está ficando tolerante, meu caro. Talvez chege a comprehender porque trabalho para o papae das creanças.

Elle esboçou o seu sorriso volteriano, mas logo se tornou grave.

— Ouça, Carrington: quando será que vocês americanos ficarão sabendo que não comem creanças nem praticamos nenhuma outra forma de cannibalismo mais requintado? Por Deus, como ficaria radiante se você aconselhasse esses dois jovens a partirem o mais depressa possivel! Ouvi dizer que o **caco** Zev esteve nas suas plantações. Elle ha de arruinar a Companhia, e talvez o arruine tambem.

Declarei que não acreditava em perspectivas tão negras e que além disso tinha a protecção valiosa da Marinha. Zev podia ser um revolucionario, accrescentei, mas como todos os outros o que queria era dinheiro.

— Será? — murmurou d'Aigues.

E mudou de assumpto.

* * *

No dia seguinte elle nos deixou. Mas antes de partir notei que estava soffrendo de um desses males do coração que só dá nos mestiços. A' causa, sem nenhuma duvida, era Zelda Cutting. Hesitaria em affirmar que d'Aigues estava apaixonada pela pequena. Não era tão estupido nem tão anti-social. Mas soffria do complexo de inferioridade que ella lhe avivava, desejaria ser seu igual aos olhos do mundo. E' triste, isso. Já tive occasião de constatar factos como esse mais de uma vez. Aquelle homem,

verdadeiramente orgulhoso da sua ancestralidade negra, tanto quanto da branca, procurava manter a sua hostilidade patriotica á raça branca ao mesmo tempo que aspirava uma esposa como a americanazinha. Pathetico, simplesmente.

Quanto a Zelda, era encantadora para com elle. Conservava-se "no seu logar", como muita gente diz, mas tratava-o com franqueza e cordialidade. Permittia-lhe que lhe beijasse a mão á franceza, sempre que elle chegava ou se despedia. E ria quando elle se afastava cantarolando os versos do grande poeta haitiano Oswald Durand: A Canção de Choucoune.

Petits zoemeaux lan bois te oué [nous souri;
Si yo songé ça, no doué lan la [peine...
Os passarinhos das florestas nos [viram sorrir;
Se elles soubessem, afogar-se-iam [na dor...

Nesse dia, tive o presentimento de que alguma coisa devia estar errada. Uma ameaça qualquer pairava sobre o acampamento. Os tambores batiam incançavelmente o seu tam-tam. Não eram os meus homens quem os tocavam. O som vinha de um ponto qualquer nas montanhas. Não havia nenhuma aldeia, nem mesmo **cailles** solitarias, por aquellas florestas. Quem estaria tocando os tambores? E por que?

Conversei com Cutting Junior a respeito do que succedera nas plantações de arroz e redigi um cabogramma para enviar ao velho Cutting. Depois iniciei a instrucção do rapaz em coisas de sisal. Mas tanto elle como a mulher se interessavam muito mais pela mythologia haitiana (ou será theologia?) do que por agricultura.

Mal cahiu a noite o tam-tam recrudesceu, parecendo approximar-se. Todos os meus homens haviam desapparecido, de subito. Pouco depois vimos um grande incendio no cume da montanha. E ouvimos canticos — se é que se póde chamar aquillo de canticos. Reconheci a invocação do culto "voodoo", uma prece rythmica, monotona, á serpente-deusa Damballah, preliminar ao sacrificio de sangue, ou **petro.**

O casal se entregou a um enthusiasmo violento e teria escalado a montanha á procura do **houmfort** se eu houvesse permittido.

A's onze horas senti que alguma coisa não ia bem... muito proximo á minha **caille.** Fui até á janella e pareceu-me ver um clarão suspeito. Tomei da minha lampada de acetyleno e dei outra espiada.

O luar se insinuava timidamente pela nossa clareira, mas bastava para justificar os meus receios. Sombras se esgueiravam, acercando-se das nossas cabanas.

Escondi Zelda no canto onde guardava a minha roupa e cobri-a com a cortina de cretone. Entreguei uma pistola automatica ao jovem Jason, dizendo-lhe que ficasse na porta que dava para a montanha, indo postar-me na outra, que dava para a clareira.

E de subito — tão subitamente que perdi o controle dos nervos — uma luz cegou-me. E uma voz retumbante ameaçou-me em francez, não em creolo:

— **Ne bougez pas, blanc!** (Não se mova, branco!)

Não fiz nenhum movimento, realmente. Poderia ter atirado, mas a luz me cegava e sabia que quem a manejava me via perfei-

HAMILTON LANÇOU UM OLHAR ATENCIOSO SOBRE A VASTA PLANICIE VERDE

tamente. Depois a luz cahiu, batendo no chão: era uma lanterna electrica; e comprehendi que fizera bem não atirando· Apontada para a minha pessoa havia uma metralhadora portatil.

E dei com o gigante. Elle estava perto da minha porta, em toda a sua grande estatura, a silhueta impressionante desenhada contra o luar. Era muito maior do que o homem que carregava a metralhadora, a seu lado. O reflexo da lanterna em sua mão occultava parcialmente o seu corpo.

* * *

O gigante era fantastico. Usava camisa branca, de mangas arregaçadas, e colottes kaki. Seu rosto era o mais negro que já vi, ornado por uma barba preta carapinhada.

— Que quer? — perguntei, no melhor francez que pude arranjar no momento.

Elle berrou de novo — numa voz tão alta como se estivesse a meia milha de distancia:

— **Lachez cette arme!** (Solte o revolver!)

Obedeça. Obedeci, como faria qualquer um. E então elle fez um gesto com o braço e não sei quantos homens surgiram da sombra e me cercaram. Não tive muito que lutar: fui logo dominado. Ouvi detonações da arma de Cutting e um grito de mulher· Depois me deram uma pancada na cabeça e tudo escureceu ao meu redor.

* * *

Não sei quanto tempo terei ficado inconsciente, mas quando voltei a mim estava deitado em capim alto e havia uma luz rosea a meu redor. As cortinas se agitavam e através della vi o in-

cendio — labaredas enormes. Levantei-me. Todas as nossas **cailles** ardiam. As plantações, igualmente. Quanto trabalho perdido! Confesso que chorei como uma creança.

E foi então que vi Cutting. Estivera deitado a meus pés. Haviam-no amarrado com cipós. Perdera os sentidos e seu rosto sangrava. Mas... onde estaria Zelda? Tratei de libertar Cutting dos cipós e de fazel-o voltar a si. Com certeza tinham carregado com a moça. E se não o haviam feito ella estaria na cabana em chamma.

O ferimento de Cutting era ao lado da cabeça, mas sem gravidade.

— Onde está Zelda?

Foi essa a primeira pergunta que me fez e eu tive vontade de cortar a minha lingua para não poder responder. Elle, interpretando acertadamente o meu silencio, poz-se de pé, e, como um louco, correu para a cabana em chammas. Foi um custo segural-o. E então elle viu o bilhete que havia sido preso ao bolso da minha camisa, escripto a lapis. Tomou-o rapidamente, mas chorava de tal modo e estava tão nervoso que não conseguiu ler. Soccorri-o e vi que a mensagem, em francez e assignada por Hannibal Zev, era mais ou menos o que eu esperava:

Tout passe; il y a cent ans, c'était les blancs qui prennaient les ésclaves noirs. On modernise.
Hannibal Zev.

Com effeito! Dei graças aos céos de que Cutting não houvesse entendido o bilhete, pois eu proprio me sentia ferido no mais fundo do coração. A traducção do bilhete é a seguinte: **Tudo passa; ha cem annos eram os brancos que escravisavam os negros. Progredimos.**

Das duas uma: o tal **caco,** Hannibal Zev, ou pretendia fazer da linda Zelda sua escrava ou então banir da ilha a Companhia. Escravidão branca! Não ousei transmittir ao pobre rapaz o sentido lateral da mensagem. Disse-lhe:

— Bem, raptaram-na. Provavelmente vamos receber em breve um pedido de resgate com a quantia estipulada. Não vae ser facil, pois elle ha de a usar com refem. Por Deus, nunca imaginei que o homem fosse desse genero. Afinal, talvez Derwent tenha razão... talvez seja um negro americano fazendo banditismo aqui, segundo os methodos modernos.

* * *

Cutting queria partir immediatamente a pé para Port-ou-Prince ou para o primeiro posto da Marinha, mas eu o dissuadi de tal loucura. Sabia perfeitamente que os nossos cavallos haviam sido roubados e imaginava que os nossos homens não appareceriam mais, dominados por Zev. Ficámos olhando as chammas devorarem vinte milhares de dollares, procurando organizar um plano de acção. Devemos ter passado assim uma hora. E então ouvi alguem chamando.

Ti Zoune chamava por mim:

— **Cailleton blanc! Cailleton blanc!**

Era a melhor aproximação que elle conseguia do meu nome seguido da minha qualidade de branco. Respondi e elle se aproximou, a cavallo. Estava desolado e furioso. Trabalhava commigo desde que eu chegara á ilha.

Os outros homens, disse elle, haviam fugido para o alto das montanhas.

Partimos os tres e o cavallo, Ti Zoune servindo de guia. A densa floresta vibrante do tamtam de innumeros tambores; cipós como serpentes e serpentes como cipós; o luar se insinuando por entre as folhas, alternando com a mais negra escuridão; o cavallo cahindo duas vezes com Cutting, que por estar ferido fez quasi todo o trajecto montado; o horror do destino que aguardava a infeliz Zelda — tal foi a nossa viagem.

Eram onze horas da manhã seguinte quando chegámos ao posto da Marinha proximo a Thomazeau. Demos a nossa queixa e partimos num automovel que nos emprestaram. No volante, fiz loucuras para ganhar minutos. O destino de Zelda me deixava arrepiado.

Em Port-au-Prince tivemos que nos entender com o Major, o que me foi bastante desagradavel. Derwent enviou tres aviões para patrulharem a região onde Zev devia se occultar — perto ainda das terras da companhia. Entreguei-lhe Ti Zoune para que o interrogasse da maneira que quizesse, mas o pobre diabo estava tão succumbido que não podia dizer nada do que sabia, se era que sabia, o que duvido. No emtanto, Ham Derwent não se mostrou desanimado.

Redigimos dois cabogrammas que enviariamos para os Estados Unidos, accrescentando-lhes as noticias que obtivessemos durante o dia. Depois disso fomos para o meu hotel, o Belvedere. Não abandonei Cutting um minuto. Nunca vira ninguem numa prostração daquellas. Procurei fazer com que elle se deitasse e procurasse dormir, mas foi em vão.

* * *

E então o nosso telephone tocou. Era Hyacinthe d'Aigues.

— Pode vir immediatamente aqui, á minha residencia, trazendo o Cutting? — perguntou-me. — Soube do que lhes aconteceu. Por Deus, é preciso agir, seja como fôr.

— Naturalmente, — repliquei. — Já temos toda a Marinha em pé de guerra.

— Venham. E' importante. Talvez eu possa fazer alguma coisa... Por Deus, venham.

Devorámos a estrada até Bizoton, onde d'Aigues nos esperava na sua Bugatti de corrida, deante das grades do palacio que era a sua residencia.

— Vou appellar para Zev, — disse-nos elle... assim, como se fosse a coisa mais natural e mais facil do mundo. — Devem estar dispostos a todos os sacrificios para libertal-a. Todos, comprehendem?

Estava tão nervoso como se se tratasse da esposa delle e não da do meu jovem amigo.

— Está claro, — disse eu, — mas como vae fazer para se communicar com Zev?

D'Aigues se tornou mysterioso.

— Sei como encontral-o, — declarou em voz grave e abafada. — Não esqueça das minhas attitudes e da minha posição, amigo. Sei como encontrar Hannibal Zev.

Cutting quasi o beijou.

— Offereceu-lhe tudo, tudo... Possuo mais de um milhão de dollares em meu nome· Por Deus, homem, diga-lhe que lhe darei todo o dinheiro que quizer! Diga-lhe, depressa...

D'Aignes se fez solemne.

— Sei o que elle quer, — declarou.

— E o que é, por amor de Deus?

— Quer que deixe a ilha, Monsieur Cutting, e que a sua Companhia abandone os interesses que tem na nossa ilha. Quer a companhia cedida ao governo haitiano, controlada por haitianos.

— Diga-lhe... — começou o rapaz.

Mas logo ficou perplexo.

— Quer que entreguemos a Companhia ao governo haitiano? Que entreguemos, sem vender?

D'Aigues fitou-nos em silencio e depois murmurou tristemente:

— Vou ver o que posso fazer.

Subiu para a Bugatti e fez funccionar o motor. Antes de partir, disse-me:

— Amigo, se os seus soldados americanos sabem do que lhe disse, prendem-me. Sou a unica chave para Hannibal Zev. A unica, Carrington. Posso ter confiança, **n'est-ce-bas?**

Trocámos um aperto de mãos.

Na volta para o hotel, Cutting e eu não dissemos nada. A enormidade da pretensão de Zev — se d'Aigues não enlouquecera nem representara — era inconcebivel. A West Indies Development estava installada havia onze annos em Haiti. Seu capital era formidavel. O velho Cutting e o filho poderiam sacrificar as suas partes, para salvar Zelda, mas quanto ao resto dos accionistas era coisa muito differente.

— Não posso imaginar o que fazer, — disse-me Cutting, afinal — Papae, eu e John Painter, o pae de Zelda, temos nas mãos um terço da companhia. Mas assim mesmo... Oh, meu Deus, antes não houvessemos vindo.

A's nove horas Derwent me telephonou:

— Nada. Não ha nenhuma concentração visivel nem montanhas. O bandido se evaporou, não póde haver outra explicação.

Não disse nada a Cutting. Achei preferivel não dizer.

* * *

A's onze horas dessa mesma noite d'Aigues foi nos procurar ao hotel. Estava pallido e preoccupado.

— Falei a Zev, — declarou.

Cutting quasi rasga o casaco do nosso amigo, sacudindo-o como se quizesse tirar delle tudo que tinha a contar.

— Conte... Conte-nos tudo!

— A coisa não é tão má como eu imaginara... — e um sorriso enigmatico e algo tragico entreabriu os seus labios. — Eu o persuadi de que deveria modificar a suas condições.

— Como?

— Elle devolverá Mme. Cutting esta noite, se...

O rapaz sacudiu-o novamente.

— ... se o senhor, Mme. Cutting e Carrington partirem amanhã pelo **Columbo,** que já está no nosso porto.

Cutting soltou uma gargalhada nervosa, de puro allivio. Berrou a resposta affifmativa. Mas eu interpellei d'Aigues:

— Como conseguiu persuadil-o?

Elle me fitou de maneira estranha.

— Matei-o, — disse simplesmente.

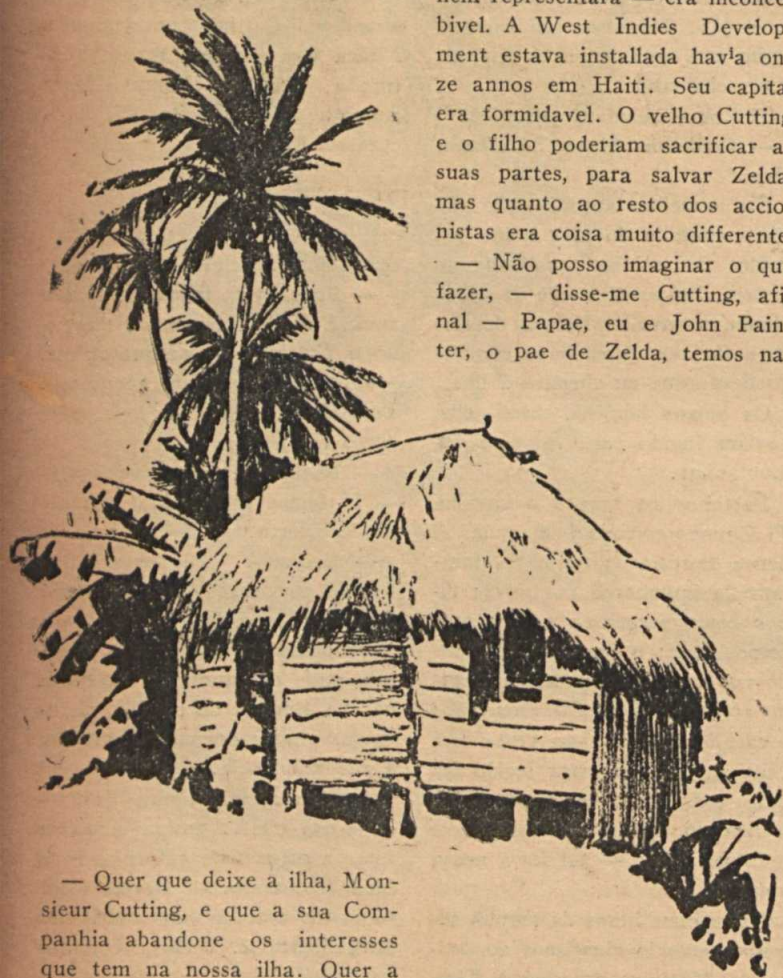
— Hein?

— Sim. E trouxe até os seus restos mortaes commigo.

— Por Deus! E Zelda... Mrs. Cutting!

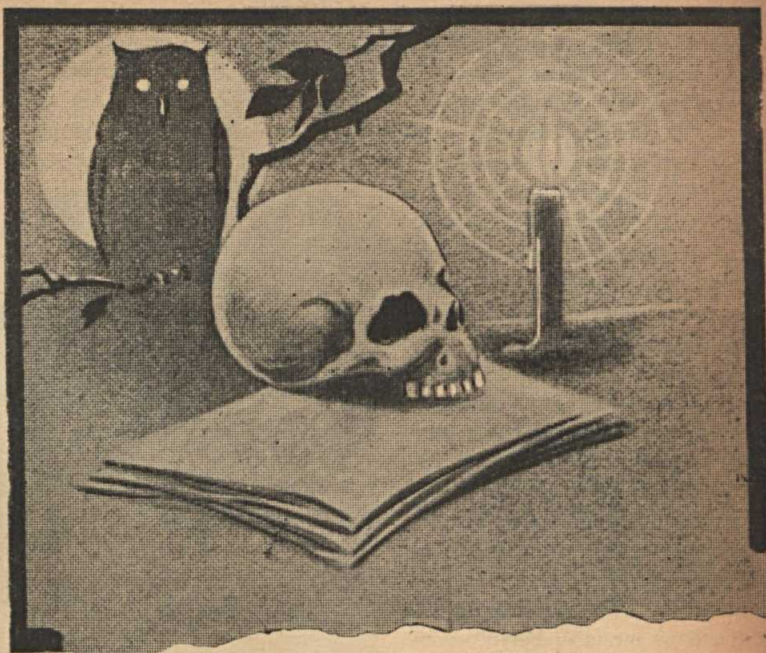
Seu rosto se illuminou:

— Está no meu carro com os restos mortaes do bandido.

Quanta coisa inesperada, pensei. Mas Cutting já correra pela porta afóra, precipitando-se es-

(CONCLUE NO FIM DA REVISTA)

A Noite

Por uma noite de verão, o filho de um camponez que vivia a umas dez milhas da cidade de Cincinnati passava pela trilha que atravessa uma espessa floresta. Perdera-se procurando umas vaccas extraviadas e á meia-noite se encontrava muito longe de casa, num logar inteiramente desconhecido para elle. Mas era um rapaz corajoso e, sabendo da situação de sua residencia, dirigia-se para elle guiando-se pelas estrellas, sem titubear. Ao dar com a trilha e observar que seguia na direcção conveniente, tomou por ella.

A noite estava clara, mas a floresta extremamente escura. O rapaz não se afastava do caminho, mais pelo sentido do tacto do que pelo da vista. E seria difficil sahir delle, pois de um lado e de outro havia matto cerrado. Andara já uma milha quando lhe pareceu que á esquerda, entre as arvores, distinguia um debil raio de lua. Aquella luz o alarmou e tornou perceptiveis a seus ouvidos as pancadas de seu coração.

AMBIENTE ADEQUADO

Conto de AMBROSE BIERCE

ILLUSTRAÇÕES DE MANOEL CORREA

— Por aqui fica a casa do velho Breede, — disse. — Este deve ser o outro extremo do caminho pelo qual chegamos a ella, sahindo lá de casa. Uff! Que quererá dizer uma luz por aqui?

No emtanto, continuou andando. Um momento depois sahia da floresta para um pequeno espaço aberto, cheio de matto rasteiro. Viam-se os restos de uma cerca pobre. A poucos metros da trilha, no centro da clareira, se achava a casa de onde sahia a luz, pelo rectangulo onde houvera uma janella. Esta havia sido completamente destruida pelas pedradas daquelles que se aventuravam por ali, que assim punham á prova a propria coragem e o despreso pelo sobrenatural: pois a casa de Breede gozava da reputação de mal assombrada. Possivelmente não seria, mas assim mesmo o mais sceptico teria que confessar que estava abandonada, o que nas regiões ruraes vem a ser quasi o mesmo.

O rapaz olhou a vaga luz que atravessava a janella e recordou com apprehensão que a sua mão tambem ajudara aquella destruição. Sentiu um pezar descabido e absurdo, sendo tardio. Esperava quasi que se desencadeassem sobre elle os espiritos ultraterrenos e incorporeos que havia ultrajado, auxiliando a destruir tanto a janella como a paz de que os espiritos possivelmente gosavam. Assim mesmo, embora lhe tremessem as pernas, não se afastou, teimoso. Circulava em suas arterias o sangue pujante e rico de ferro de seus antepassados exploradores. Estava apenas a duas gerações daquella que subjugara os indios. Pôz-se a caminho novamente, tencionando passar em frente á casa.

Quando se achava deante della, olhou e lhe pareceu ver pela abertura da janella uma visão estranha e apavorante: a figura de um homem sentado no meio da sala, a uma mesa cujo tempo estava cheio de folhas soltas de pepal· Os cotovellos do homem se apoiavam na mesa, a cabeça descoberta estava segura entre as mãos. Seus dedos se enterravam nos cabellos. O rosto era de um amarellado cadaverico, illuminado pela luz de uma vela presa á mesa e um pouco inclinada. A

chamma illuminava só um lado do rosto, o outro ficava mergulhado na escuridão. Os olhos do homem estavam fixos no espaço aberto da janella, com uma expressão na qual um observador mais velho e mais sereno descobriria uma certa apprehensão, mas que pareceu absolutamente impossivel ao rapaz. Pensou que o homem estivesse morto.

Era uma situação horrivel, mas não sem uma certa fascinação. O rapaz estacou para observar. Sentia-se baquejar, desmaiar, tremia; o sangue lhe fugiu do rosto. Entretanto, cerrou os dentes e avançou resolutamente para a casa. Não o guiava nenhuma intenção consciente. Enfiou o rosto alterado pela abertura illuminada. E no mesmo momento o silencio da noite foi rompido por um grito agudo e impressionante: o grito agoreiro de uma coruja. O homem se poz de pé bruscamente, derrubando a mesa e apagando a luz. O rapaz fugiu correndo.

No Dia Anterior

— Bom dia, Colston. Parece que estou com sorte. Dizes sempre que os meus elogios aos teus trabalhos literarios são simples cortezias, e aqui me tens preso á leitura do teu ultimo conto, publicado pel'"O Mensageiro". Se não fosse a tua mão no meu hombro ainda não teria voltado a mim.

— E' uma prova mais séria do que imaginas, a leitura de um conto, — replicou o interpellado, — A tua avidez pela leitura do meu conto é tal que te privas de todo o prazer que poderias derivar della.

— Não te comprehendo, — declarou o outro, dobrando o jornal que tinha nas mãos e mettendo-o no bolso. — De qualquer maneira, os escriptores são quasi sempre individuos muito estranhos. Vamos, diz-me o que fiz ou o que deixei de fazer, nesse caso. Em que medida depende de mim o prazer que derivo, ou poderia derivar, do teu conto?

— Numa grande medida. Permitte-me que te pergunte se gostarias muito da tua primeira refeição feita neste bonde em que estamos. Imagina que o phonographo estivesse tão aperfeiçoado que pudesse te dar uma opera inteira: o canto, a orchestração e tudo. Achas que terias muito prazer se o puzesses a funccionar em teu escriptorio nas horas de trabalho? Dás accaso importan-

cia á serenata de Schubert quando a ouves tocada por um italiano andrajoso num **ferry** matinal? Estás sempre prompto e disposto para o prazer? Conservas sempre todos os estados de espirito para qualquer solicitação que te seja feita? Dás-me licença de que te observe que o conto que me fizeste a honra de começar a ler, como simples meio de esquecerem o desconforto da viagem, é um conto de assombrações?

— Bem, e dahi?

— Homem! Não terão os leitores deveres que correspondam aos seus privilegios? Pagaste cinco centavos por esse jornal. E' teu. Tens o direito de lel-o quando e onde te aprouver. A maioria da materia que contém póde ser lida a qualquer hora, em qualquer logar, em qualquer estado de espirito. Muito do que ha ahi precisa ser lido "quente", pelo sabor da novidade. Mas o meu conto, não. Não se trata da ultima noticia sensacional da Espectrolandia. Ninguem necessita de andar ao par do que acontece no mundo dos espectros. E' uma leitura que póde esperar que te ponhas em estado de espirito para apprecial-a, o que respeitosamente sustento que não póde acontecer num bonde barulento, ainda que fosses o unico passageiro. A solidão não é o unico requisito a desejar. O autor tem direitos que o leitor deve acatar.

— Um exemplo especifico?

— O direito á attenção total do leitor. Negal-a, é immoral. Dividir a tua attenção entre a obra, os ruidos do bonde e o aspecto das ruas é uma injustiça grosseira. E' um comportamento infame, por Deus!

O homem que falava se puzera de pé e se mantinha em equilibrio seguro a uma das correias que pendiam do tecto do bonde. O outro o observava com subita attenção, passando como uma falta tão sem importancia poderia justificar uma linguagem tão forte. Notou que o rosto do amigo empallidecera de maneira insolita, que seus olhos pareciam dois carvões accesos.

— Sabes o que quero dizer, — proseguiu o escriptor, falando com muito impeto, — bem o sabes, March. O meu trabalho hoje publicado n'"O Mensageiro", tem um simples sub-titulo que diz "Um conto de espiritos". E' informação sufficiente para qualquer um. Qualquer leitor honrado comprehenderá que essas palavras prescrevem, implicitamente, em que condições o conto deve ser lido.

O homem chamado Marsb pestanejou levemente e perguntou com um sorriso:

— Mas quaes são essas condições? Bem sabes que sou um simples homem de negocios, que

ninguem poderá suppor que entenda dessas coisas. Como, quando e onde devo ler o teu conto de fantasmas?

— Sozinho, á noite, á luz de uma vela. Ha certas emoções que o escriptor pode provocar com muita facilidade, como por exemplo a compaixão e a alegria. Poderei fazer-te rir ou chorar em quaesquer circumstancias. Mas quanto ao meu conto de assombrações, para que tenha effeito é necessario fazer-te sentir o modo, pelo menos ter uma forte sensação do sobrenatural; e isso é difficil. Tenho o direito de esperar que, se leres o que escrevi, me dês a opportunidade de alcançar o meu objectivo, que te tornes accessivel á emoção que procuro inspirar.

O bonde chegou ao seu destino e parou. A viagem feita era a primeira do dia e a conversa dos dois passageiros madrugadores não fôra interrompido. As ruas ainda estavam silenciosas e desertas; os telhados das casas acabavam de ser tocados pelo sol nascente. Quando começaram a andar lado a lado, Marsh observou de perto o seu companheiro, que tinha fama, como a maioria dos homens de habilidade literaria pouco commum, de se entregar a diversos vicios devastadores. E' assim que se vingam as mentalidades obtusas das brilhantes, resentidas da superioridade das ultimas. Colston gosava da reputação de ser um homem de genio. Ha muita gente honrada que acredita que o genio é uma fórma de excesso. Era notorio que Colston não bebia, mas muitos affirmavam que elle fumava opio. Qualquer coisa em seu aspecto, naquella manhã — certo brilho do olhar, a pallidez insolita, a rapidez e a expressão exaggerada da linguagem — pareceu a Marsh confirmar aquelles rumores. No emtanto, não quiz abandonar um thema que lhe parecia interessante, por mais que pudesse enervar o amigo.

— Queres dizer então, — disse, — que se me der ao trabalho de observar as tuas instrucções, de me collocar nas condições que exiges: solidão, noite e uma vela de espermacete, poderás com o teu conto de espectros provocar em mim uma aguda sensação do sobrenatural, como dizes? Conseguirás accelerar o rythmo do meu coração quando eu ouvir ruidos subitos, fazer-me sentir arrepios na espinha e ficar com os cabellos de pé?

Colston voltou-se para o amigo e fitou-o com firmeza, não parando nenhum dos dois de andar.

— Não terias coragem para tanto, — disse, frizando as palavras com um tom de despreso. — Podes ler o meu conto num bonde, mas á noite, numa casa abandonada em plena floresta... Qual! Tenho no bolso um manuscrupto que te mataria.

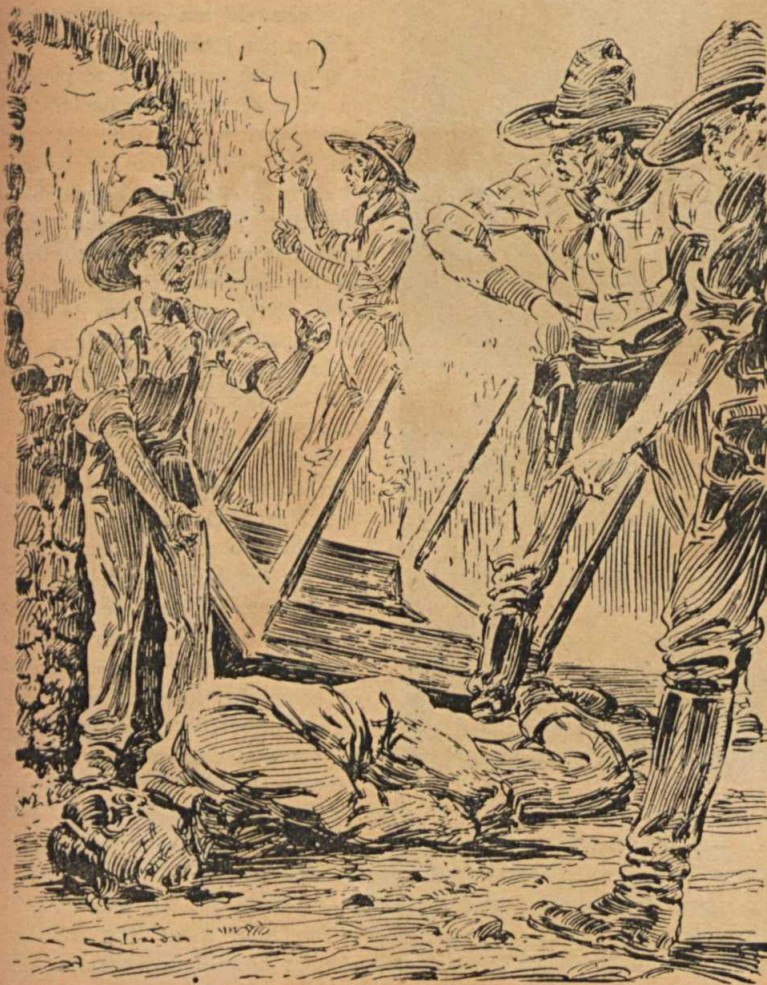
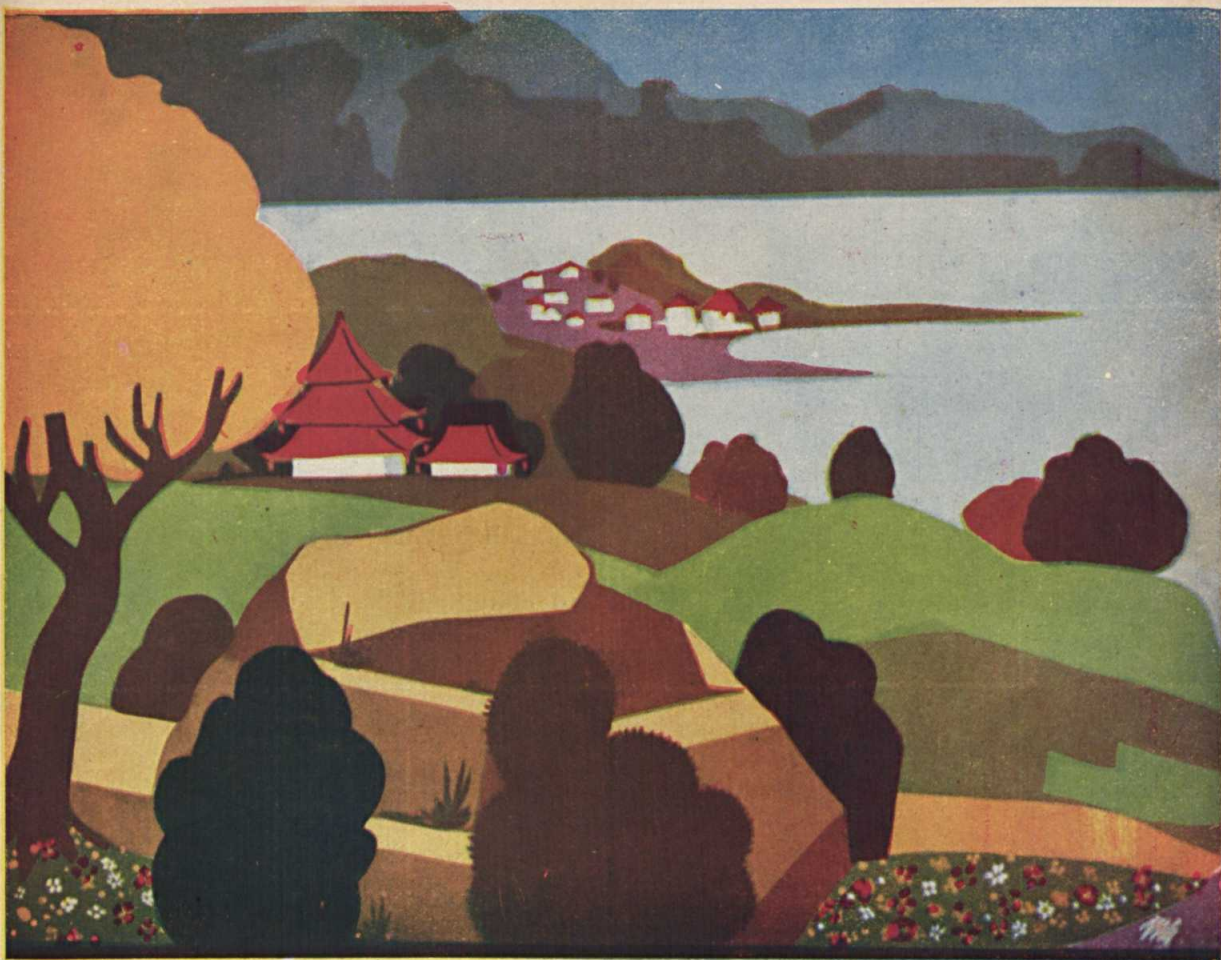
Marsh se irritou. Sabia-se valente e aquellas palavras o feriram a vivo.

— Se sabes de um logar assim, — declarou, — leva-me para lá esta noite e deixa-me o teu manuscripto e uma vela. Vae buscar-me quando houver passado o tempo necessario para a leitura e eu te contarei o enredo todo, despachando-te depois a pontapés... Verás.

E assim foi que aconteceu que o filho do fazendeiro, ao olhar pela janella vasia da casa de Breede, deu com um homem sentado á luz de uma vela.

No Dia Seguinte

Já cahira a tarde do dia seguinte quando tres homens maduros e um rapaz se approximaram da casa de Breede, da qual se acercara na noite anterior o rapaz, que havia ido em busca das vaccas. Os homens estavam de bom humor. Falavam alto e

(Conclue no fim da revista)

PAYSAGEM ORIENTAL

Desenhos para almofadões... Esta é uma difficuldade das maiores para as pessoas que desejam enfeitar artisticamente o lar. Em geral, os desenhos que existem nos figurinos, são em estylo antigo, e não se enquadram aos ambientes modernos das residencias de hoje. O que apresentamos é inteiramente futurista e de grande belleza decorativa. Ha varias maneiras de realizar este trabalho. Uma por meio de applicações de diversos retalhos de fazenda de côr, formando o desenho, completando-se os detalhes menores, por meio de tinta a oleo. Outra variante, mais moderna, é pintar todo o trabalho a duco, o que torna o almofadão muito bonito. A pintura duco é mais facil que a oleo, sómente que neste ultimo caso o tecido deve ser de material bom para se tornar mais duravel. A parte de costas do almofadão deve ser em tecido côr de barbante e rustico, para condizer com o motivo da pintura. Os dois chinezes que vemos á esquerda servem para decorar coberturas de bule de chá, e a pintura duco, neste caso, mais que no outro, é muito util, pois resiste bem ao calor. Podem ser executados tambem em ponto bordado. Para lampadas de toilette, sobre seda grossa, ficam tambem muito interessantes.

A MODA DE PARIS

A moda, depois de algumas oscillações, se fixa em tres tendencias, que são os vestidos com "godets", os "tailleurs" de saia lisa e os casacos ajustado ao corpo e amplos nas cadeiras.

O "tailleur" soffreu algumas modificações — inspira-se agora na guarda franceza, com golas amplas e adorna-se de "jabots", em caixas "soutaches", bordados.

Para a noite apparecem em rosa pallido, azul "pervinca", branco e verde, em crépe setin, "marrocain" espesso, piqué de "albina" ou em setim Rhodia, sobre saia ajustada e, ás vezes, sobre um "fourreau" decotado.

Talvez porque no estado actual do mundo as festas se tornem raras, os vestidos para a tarde occupam um logar principal, em todas as collecções parisienses.

ta no "Three Tors". Reviu o quarto, a lareira, o sofá — o corpo tremulo de Nigel, suas mãos que a agarravam, ouviu de novo as palavras entrecortadas e sentiu depois outra vez a serenidade e a ternura immensas — Oh, paraiso! Mas estaria mesmo immovel? Não podia abrir os olhos. Mas seria melhor que os abrisse. Seria melhor que os abrisse e dissesse qualquer coisa amavel a George. Seus labios tambem não se descerravam — e agora as aguas de um rio marulhavam a seus ouvidos. O Jordão — para lá do Jordão — tão longe, onde não se ouvia mais nenhum ruido, onde tudo era escuridão.

Emquanto o disco ia rodando, George observava a mulher. De olhos fechados, immovel, ella parecia ainda mais abatida. Mas quando a canção ia se desenvolvendo uma transformação subtil se deu em sua expressão, um ar de quem mergulhasse em extase extremo, quasi insupportavel. George se sentiu apavorado, sem saber porque. Nunca ella tivera aquella expressão, antes. O frio que já experimentara cresceu, gelou-o todo. Por que tinha ella aquella expressão? Por que o chamara inesperadamente de "querido"? Por que se havia atrazado tanto? Por que estava tão cançada? Todas as pequeninas surpresas e duvidas e incertezas da tarde e do começo da noite se sommaram, á vista daquele rosto mergulhado em extase, formando um tremendo — POR QUE?

Quando o disco parou, George se ergueu e foi para perto do sofá.

— Geraldine! — chamou.

Ella não respondeu.

— Geraldine!

Nem um musculo se moveu. Apanhou a mão immovel. A mão tombou pesadamente, mal a largou. Geraldine desmaiara.

A agitação para ir buscar o brandy, arranjar saccos quentes e chamar o medico fez bem a George Congrave, acalmou-o de um certo modo — dando uma feição pratica ao seu medo, afastava aquella sensação intangivel e mysteriosa que o gelara.

O diagnostico do medico tambem lhe fez bem — o medico disse que Mrs. Congrave tinha o coração fatigado, o que explicava tudo.

Nos tres dias que geraldine passou na cama, George chegou a se sentir perfeitamente feliz. Enchia-lhe o quarto de chrysanthemos avermelhados, lia para ella, entrava e sahia — e Geraldine se mostrava sempre meiga, grata, natural. Só quando ella poude se levantar e descer para o andar terreo foi que o medo gelado voltou a dominar George.

Na primeira tarde, vendo-a deitada no sofá á hora do chá lembrou-se da noite em que ella desmaiara e se apavorou ao constatar de novo o medo que o assaltara ao observar a sua expressão mergulhada em extase, de noite apavorante. Aquelle POR QUE formado de tantos pequenos porquês continuava sem resposta. Recordou-se de que havia posto na victrola o disco de Robeson. Quando ella subiu poz para tocar o disco, ouvindo-o com attenção concentrada e anciosa. Sim, era uma canção admiravel, consoladora, nobre — mas nada mais que sentimentalismo de negro, afinal. E no emtanto, a canção ficara inexplicavelmente ligada em seu espirito ao irrespondivel POR QUE.

George era um homem lerdo de movimentos e de raciocinio, e levou dois dias remoendo a questão. Depois, bruscamente, tomou uma decisão e na noite do segundo dia, sem nenhum aviso previo, tornou a collocar o disco na victrola e fazel-a funccionar. Ao fechar a tampa da victrola olhou para a mulher — e tomou uma posição de onde a pudesse observar. Quando as primeiras notas se fizeram ouvir uma rapida contracção repuxou as feições des Geraldine, que logo depois fechou os olhos, guardando uma expressão que se poderia dizer voluntariamente inexpressiva. Mas com a mudança de tom da segunda parte, quando a voz magnifica se ergueu, poderosa, aquella expressão vasia se descontrolou bruscamente — e a bocca suave tremeu; inexoraveis, relutantes, lentas, duas grandes lagrimas correram por sob as pestanas escuras que franjavam as palpebras azuladas. Consternado, com uma especie de vergonha, George viu as lagrimas escorrerem pelo pobre rosto; depois, resmungando que tinha umas cartas a que responder, foi para a bibliotheca, onde ficou sentado, com o cachimbo apagado na mão cahida, pensando. Sim, devia haver alguma coisa. Tencionara vagamente interrogar a mulher, se percebesse que a canção a emocionasse uma segunda vez, mas não se animara a fazel-o. Na bibliotheca, comprehendeu que não a interrogara porque tinha medo.

Repassou pelo espirito os ultimos factos. Homens do feitio de George Congrave não têm facilidade para suspeitarem da fidelidade de suas esposas; em suas tentativas para chegar á verdade, tropeçava na vergonha das duvidas que o perturbavam. Mas existiam, aquellas duvidas e aquelle medo; por mais sombrio que fosse o terreno de onde haviam nascido, existiam; e havia ainda os factos, insignificantes mas irrefutaveis, ligados em torno de Geraldine: o atrazo, a fadiga, o "querido" involuntario — e ao ouvir o disco, da primeira vez ella desmaiara e da segunda chorara. Mulheres como Geraldine não desmaiam ou choram por sem motivo ao ouvir musica — o dominio sereno que ella sabia ter sobre si fôra sempre um dos mas solidos baluartes da felicidade da vida que haviam levado em commum. A vida que haviam levado em commum — a esse pensamento George Congrave deixou cahir o cachimbo, segurou a cabeça calva entre as mãos e gemeu. Ha momentos na vida real em que até os graves majores de meia edade chegam a gemer. Mas não tardou a erguer a cabeça, desviando-se da contemplação daquelles

longos annos de calma felicidade que elle amara mais do que jamais dissera a Geraldine. Era preciso encarar a verdade — não poderia proseguir na incerteza.

A confiança distrahida e absoluta que sempre tivera antes na mulher não permittia a George Congrave desconfiar de nenhum homem em particular. Suspeitava apenas de uma época — aquella segunda-feira e os dias que a haviam precedido. Sheila poderia informal-o. "Sheila, Geraldine estava muito fatigada quando deixou sua casa?" Sim, seria uma pergunta perfeitamente natural. O medico quizera saber se Geraldine fizera alguma extravagancia, algum esforço maior. O telephone ali estava, ao alcance da sua mão. Apanhou-o, hesitou. Não deveria interrogar antes a propria Geraldine? Pezadamente, voltou ao salão — vasio.

Teve um momento de incerteza, foi de novo para o telephone. Deu o numero, descançou o phone, esperou o chamado. Talvez fosse melhor agir assim — se tudo não passasse de allucinação sua, não teria offendido Geraldine.

A campainha tocou. Era Sheila. E finalmente elle proferiu a pergunta:

— Geraldine estava bem quando deixou sua casa?

Um motivo qualquer impediu-o de accrescentar "segunda-feira".

— Sim, estava... Por que? Não está bem, agora?

Passara mal, explicou George, e tivera mesmo que levar tres dias na cama. Sheila sentia muito e mandava beijos e abraços para Geraldine.

— Pois estava viçosa como uma flor quando sahiu daqui sexta-feira, — concluiu ella.

Então não era allucinação! George terminou como poude a conversa e ficou sentado. Alguma coisa acontecera. Em sua dor, procurou convencer-se de que devia existir uma razão perfeitamente natural para que Geraldine houvesse deixado a casa de Sheila na sexta-feira: talvez houvesse ido para a casa dos Champneys ou para outro logar qualquer, esquecendo-se de lhe dizer, com o cansaço e a indisposição, que a tinham vencido. Mas qual, não. O disco, e o medo gelado que resintia eram indicios muito graves. Era preciso que subisse e a interrogasse. Lentamente, George Congrave subiu a escada e entrou no quarto de sua mulher.

Ella estava deitada, muito abatida. Antes que elle dissesse alguma coisa, ella perguntou:

— Quem foi que telephonou?

— Sheila, — respondeu elle.

Na luz suave da lampada de cabeceira, elle viu que a physionomia desfeita se alterava ainda mais. Mas Geraldine continuou a fital-o.

— Geraldine, — disse George, — Sheila disse que você a deixou na sexta-feira. Onde esteve entre sexta e segunda?

Conservava ainda a esperança de que ella desse uma resposta natural, que o serenasse. Mas não. Olhou-o em silencio e elle teve a impressão de que os seus ohos eram como os de uma pessoa condemnada á morte. Afinal...

— Você tem se sentido feliz nos ultimos oito mezes? — perguntou ella.

— Sim, por Deus! Mas que tem isso a ver com...?

— Apenas que por isso é que pretendia não dizer nada a você, — disse ella, juntando os dedos e torcendo-os, — para que você continuasse a se sentir feliz. Estive em companhia de Nigel de sexta a segunda. Mas amo-o e sei disso desde a Paschoa... e no emtanto você tem se sentido feliz todo esse tempo, George.

Elle não soube o que dizer, a principio. Por fim, uma pergunta formou-se em seu espirito.

— Dessa vez foi... differente? — indagou, formulando a pergunta.

Pela primeira vez ella desviou o olhar.

— Sim, foi, — disse.

— Então é isso, — murmurou George, depois de uma pausa.

Ella não perguntou o que elle queria significar com aquellas palavras, que lhe pareciam absolutamente incoherentes.

— Que é que você quer que eu faça? — perguntou, sem timidez, mas com incerteza.

Elle a fitou de maneira estranha. Naquelle segundo, George, que raciocinava tão lerdamente sempre, conseguiu pensar nella, em sua mocidade, na vida que levara com ella, na que levaria sem ella, na edade avançada que tinha, na mocidade de Nigel, de quem gostava tanto. Mas disse apenas:

— Terei que pensar. Amanhã lhe direi. Boa noite.

E desceu tão vagarosamente quanto subira. Entrou no salão, cheio della — as almofadas do sofá tinham ainda a mossa feita pela cabeça de Geraldine. Seu olhar pousou na victrola e seu espirito, saltando de um ponto a outro da sua dor, recordou alguma coisa. Havia sido durante a Paschoa que tinham ouvido pela primeira vez o disco — e ella dissera que sabia que amava Nigel desde a Paschoa. O desejo tremendo de **saber** — de saber de tudo, mesmo que se sentisse morrer — dominou George Congrave. Num espasmo de curiosidade angustiosa elle se approximou da victrola e poz para tocar o disco de Robeson.

VILLA VERETON

(Continuação da pagina 11)

— Adeus, **missis**, o velho Pete vae ter afinal um canto que será seu.

Levantei-me e encarei Mr. DeVere:

— Monstro deshumano! — exclamei. — Assassino!

Elle tocou uma campainha de prata e outro creado appareceu.

— Leve esse cadaver e tragame uma faca limpa, — ordenou. — Sente-se, Miss Cook. Como todos os seus conterarneos, demonstra uma certa inclinação pela carne negra. Mamãe, querida, quer um pedaço escolhido do peito da gallinha?

No dia seguinte travei conhecimento com as quatro creanças da familia DeVere, que achei intelligentes e aproveitaveis. Dois rapazes e duas meninas, dos dez aos dezeseis annos. O pequeno predio da escola ficava a meia milha de distancia da casa, em meio a um grammado florido. Tinha quinze alumnos ao todo e com exclusão de pequenos detalhes a minha vida em Vereton teria sido ideal. No primeiro mez economisei quarenta e dois dollares. Meu ordenado era de quarenta dollares e fiz os restantes dois dollares emprestando em occasiões diversas pequenas sommas aos meus alumnos, delles recebendo juros que variavam de dez a vinte e cinco centimos.

Interessava-me muito o typo curioso de Aubrey DeVere. Era uma das naturezas mais nobres e magnanimas que eu conhecera, mas havia a tal ponto soffrido a influencia das tradições e dos costumes da terra que muito pouco da sua bondade innata transparecia ainda.

Havia recebido uma solida instrucção na Universidade de Virginia, sendo apreciavel como orador, musicista e pintor. Em creança, no emtanto, fôra habituado a dar expansão a todos os seus impulsos, de maneira que como homem não tinha nenhum controle.

Uma noite, estava tocando Shubert no salão de musica do andar de cima, quando Aubrey DeVere entrou. Ultimamente, por algum capricho, tornara-se mais cuidadoso no modo de trajar.

Vestia só uma camisa aberta sobre o peito e um casaco de velludo enfeitado de galão dourado, formando um curioso desenho. As mãos estavam mettidas em luvas de pellica branca e reparei que seus pés, que se recusava terminantemente a calçar, haviam sido lavados recentemente. Estava em veia de grande sarcasmo e amargura e foi logo fazendo tiradas arrasantes contra Grant, Lincoln, George Francis Train e outros heroes da União. Sentou-se á mesa do centro e se poz a coçar um tornozello com o dedo grande do outro pé, coisa que sabia que me irritava.

Resolvida a não me deixar exaltar, continuei tocando. De subito elle disse:

— Perdão, Miss Cook, mas tocou uma nota errada nessa escala descendente.

— Acho que não, — repliquei.

— Mentirosa! Tocou uma nota natural, quando devia tocar um bemol.

Ouvi que qualquer coisa sibilava. E logo um bolo mascado de fumo se achatou num mi bemol do teclado. Levantei-me do banco, tremula mas sorridente.

— Offendeu-se, — disse elle com ironia. — Não gosta das nossas maneiras sulistas. Considera-me um **mauvais sujet**. Acha que nos falta **aplomb** e **savoir faire**. Com a sua cultura bostoniana, está certa de que póde notar uma falsa nota nas nossas attitudes, uma falta de finura e de requinte nas nossas maneiras. Não negue.

— Mr. DeVere, — retruquei friamente, — o que pense não me interessa. Estou aqui para cumprir uma funcção. Em sua propria casa, tem perfeita liberdade de agir como bem queira. Quer afastar a perna para me deixar passar?

Mr. DeVere ergueu-se repentinamente e tomou-me nos braços possantes.

— Penelope, — gritou numa voz formidavel, — amo-te! Sua seccarrona, desbotada, de olhos sem côr, faces encovadas, convencida, angulosa mestre-escola yankee... amei-te desde o primeiro momento em que te vi. Queres casar commigo?

Debati-me, procurando me libertar.

— Ponha-me no chão! — gritei. — Oh, se Cyrus estivesse aqui!

— Cyrus! — repetiu Mr. DeVere em voz de trovão. — Quem é Cyrus? Cyrus nunca te terá, juro!

Ergueu-se acima da cabeça e atirou-me pela janella ao grammado que havia fóra. Depois jogou todo o mobiliario atraz de mim, peça por peça, o piano por ultimo. Ouvi-o então descer as escadas e senti que um liquido corria por entre a mobilia até mim. Reconheci o cheiro do kerozene, percebi que um phosphoro era riscado, que chammas crepitavam subitamente; senti um calor abrazador e perdi os sentidos...

Quando voltei a mim estava deitada em meu leito, Mrs. DeVere a meu ado, abanando-me.

Procurei me levantar, mas estava muito fraca.

— Não se mova, — advertiu Mrs. DeVere carinhosamente. —

Ha duas semanas que está na cama. Peço-lhe que desculpe meu filho... receio que elle a tenha assustado. Ama-a tanto, mas é muito impulsivo.

— Onde está elle? — perguntei.

— Foi buscar Cyrus e não deve tardar.

— Como foi que me salvei daquella pavorosa fogueira?

— Aubrey salvou-a. Depois que amainou o surto da paixão, afastou os moveis incendiados e carregou-a pelas escadas acima.

Pouco depois ouvi passos e logo Aubrey DeVere e Cyrus Potts appareceram deante de mim.

— Cyrus! — exclamei.

— Como vae, Penelope, — replicou Cyrus.

Antes que eu pudesse responder explodiu uma confusão tremenda, a porta de entrada foi arrombada e doze homens mascarados penetraram na casa e no meu quarto.

— Ouvimos dizer que está aqui um desgraçado yankee e queremos linchal-o!

Aubrey DeVere tomou uma mesa por um pé e matou todos os homens do grupo invasor.

— Cyrus Potts! — tonitroou depois, — beije essa mestre-escola ou esfranga-lho-o como fiz a esses camaradas.

Cyrus atirou um beijo gelado, nas pontas dos dedos, em minha direcção.

* * *

Uma semana depois Cyrus e eu partimos para Boston. Seu ordenado havia sido augmentado para vinte e cinco dollares mensaes e eu economisara duzentos e dez dollares.

Aubrey DeVere levou-nos até o trem. Levava sob um braço um kilo de polvora de explosão. Quando o trem ia se afastando elle se sentou sobre o pacote de polvora e passou-lhe fogo.

Um dos seus grandes dedos do pé veiu cahir em meu collo, pela janella aberta do vagão.

Cyrus não é de temperamento ciumento e eu conservo esse dedo grande num vidro de alcool sobre a minha escrivaninha. Estamos casados, e nunca mais farei outra viagem ao sul.

A gente do sul é demasiado impulsiva.

O FUGITIVO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 16)

voltou subitamente a se interessar pelo seu trabalho e a apparecer constantemente na redacção. Muitas vezes ao voltar de um serviço na rua encontrava-a ao voltar, conversando com Watkins, que na qualidade de chefe da redacção tinha um escriptorio particular ao fundo da sala onde Anderson trabalhava com mais dois rapazes. Anderson observou e esperou até que as suas suspeitas se confirmaram. Watkins era o outro, sem nenhuma duvida. Era um sujeito alto e bonitão, conquistador astuto e ousado jogador... sempre arriscando mais do que podia.

"A principio Anderson não tinha uma segurança absoluta de que fosse o amigo, mas um dia entrou no quarto da mulher... já então tinham quartos separados... e ella, que não o esperava, metteu apressadamente uma carta que lia sob o travesseiro, mas não tão depressa que elle não pudesse verificar que o papel da carta era uma das folhas de serviço da agencia. Elle a fitou e uma onda de sangue subiu do seio á testa da mulher, que no emtanto não disse nada".

O homem magro esvasiou o copo, pediu mais whisky e apontou um dedo para o coronel Hepplethwaite:

— Acredito que um homem como o senhor não houvesse feito nada. Os inglezes preferem sempre ignorar os factos desagradaveis. E o senhor, Dr. Peabody, teria ido francamente á sua mulher e lhe offerecido um divorcio, para que ella tivesse a possibilidade de contrahir novo casamento com o amante. E um francez, sem duvida, daria de hombros e escolheria uma amante. Mas Anderson era differente. E' preciso que não esqueçam que amava a mulher mais que tudo no mundo. Amava-a e não a queria perder. Pensou muito sobre o que deveria fazer até que um dia notou que Watkins tinha em sua mesa de trabalho uma faca corta-papeis que daria uma arma perigosissima. Teve uma idéa.

"Nas agencias jornalisticas americanas do estrangeiro é habito trabalhar aos domingos, pois na segunda-feira as novidades são mais avidamente recebidas na America. Os domingos na Europa são menos mortos que nos Estados Unidos. Todas as noticias esportivas são publicadas aos domingos na America, de maneira que sobra mais espaço na segunda para as noticias do estrangeiro. Pelo menos, é o que pensam os correspondentes, e trabalham aos domingos, sem os secretarios e auxiliares, quasi sempre. Assim, quando Anderson chegou um domingo á redacção acompanhado de tres ou quatro amigos, depois das corridas, sabia que encontraria Watkins no seu escriptorio particular. Disse aos amigos:

" — Sentem-se aqui nesta saleta (perto da entrada) emquanto dou uma olhadela pelos jornaes da tarde e faço pela vida. Não devo demorar muito, pois o meu chefe está ahi e elle é um sujeito decente que se encarregará, provavelmente, da minha parte, ao saber que quero ir jantar com vocês. No maximo, meia hora. Têm ahi o **Times** e os ultimos jornaes e revistas de Nova York. Não se incommodam de esperar, não é verdade?

"Os outros disseram que não, não se incommodavam.

"Anderson passou então á sala da redacção, vasia, pois os dois rapazes estavam um viajando pelo sul da França e o outro dando serviço, áquella hora, num jornal parisiense. Anderson sentou-se, leu durante alguns minutos os jornaes, bateu algumas noticias á machina e então Watkins appareceu vindo do seu escriptorio. Perguntou:

" — Ha alguma coisa que valha a pena mandar?

"Anderson mostrou-lhe o que havia escripto, conversou um pouco e disse que estava com vontade de ir jantar com uns amigos, não lhe parecendo que houvesse nada de importante para fazer. Watkins concordou.

" — Muito bem, Joe, eu me encarregarei do resto. Traz-me para o escriptorio as noticias que escreveste e o **Temps** e vamos beber um pouco de cerveja antes de sahires.

"Anderson sabia que elle diria aquillo. Sempre dizia. A cerveja ficava numa geladeira a um canto do salão.

" — Bem, vou logo.

"Watkins carregou as noticias e o **Temps** e Anderson foi ver a cerveja. No copo do amante da mulher, entretanto, pingou algumas gottas de nitrato de methyla, se não me engano, apenas o sufficiente para fazer um homem dormir pouco mais de uma hora. Tomaram os primeiros goles e continuaram conversando.

"Depois de algum tempo Watkins amolleceu na cadeira, adormecido. Anderson sentou-se deante da machina de escrever do chefe e começou uma carta para o irmão de Watkins, em Los Angeles, nos seguintes termos: "Bill, meu velho, estou numa embrulhada dos diabos. Enterrei-me em dinheiros que não são meus até o pescoço e..."

"Ah! Anderson parou. Cantarolando a aria da pluma ao vento do Rigoletto, desabotoou o casaco do morto, segurou a corta-papeis pela lamina e fechou a mão direita do adormecido em torno do seu cabo, fazendo depois com que elle mesmo enterrasse o estilete até o cabo no coração.

"Watkins não fez nenhum ruido, mas seu corpo tombou, sacudido por tremores, sobre a mesa.

"Anderson lavou o copo do ex-chefe e amigo, agarrando-o pelo fundo com uma toalha, para não fazer novas marcas digitaes nem desfazer as deixadas por Watkins, e depois encheu-o com um pouco de cerveja. Bebeu a que ainda havia em seu copo, murmurando:

" — A' tua saude no paraiso e aos olhos azues de minha mulher!

"Sahiu depois batendo a porta e dizendo:

" — Obrigado, meu velho, e boa noite!

"Passando á saleta da entrada declarou aos amigos:

" — Isso é que se chama um chefe camarada. Havia trabalho mas elle sabendo que me esperavam, disse-me que se encarregaria de fazel-o e ainda me recommendou que me divertisse.

"Depois disso, o resto foi facil. O senhor Dubois sabe o que é um domingo em Paris. O corpo só foi descoberto na manhã seguinte.

"Uma das estenographas desmaiou e quando avisaram Anderson elle exclamou:

" — Mas é impossivel! Hontem quando me despedi elle estava alegre, ficou com o meu trabalho para fazer e ainda me desejou que me divertisse! Andava jogando na Bolsa? Sim, sabia disso, mas não que houvesse perdido tanto assim...

Foi facil.

"Os jornalistas francezes não gostam de escandalos com jornalistas americanos e abafaram o caso o mais possivel. Anderson abafou o caso o mais possivel. As autoridades abafaram o caso o mais possivel. A versão de suicidio foi acceita sem desconfianças por todos.

"Era isso que eu pretendia dizer quando começamos a conversar, senhores. A percentagem conhecida de crimes de morte não corresponde á realidade. Aquelle crime não teve para ninguem a apparencia de um crime.

"Bem, acho que devem estar com fome e eu não pretendo almoçar. Vou dar uma volta pelo tombadilho. Talvez nos encontremos á noite e possamos fazer um bridge."

Assignou para o copeiro a nota das bebidas consumidas e sahiu do salão de fumar.

Os outros tres se entreolharam em silencio. Depois Dubois riu:

— **Quel drôle de type!** Onde o encontrou, Peabody?

— Começámos a conversar no tombadilho, elle me convidou para beber e eu disse que me esperavam, trazendo-o então commigo. Mas foi um caso curioso o que elle contou, com tanta intensidade. Quem será?

O coronel Hepplethwaite chamou o chefe dos copeiros, que por acaso ia passando.

— George, — perguntou, — sabe quem é aquelle cavalheiro que estava comnosco?

O copeiro fez uma inclinação com a cabeça.

— Sim, senhor, elle tem viajado diversas vezes comnosco. E' o jornalista Howard Jackson, que escreve para um jornal americano... talvez o conheçam de nome. Um cavalheiro muito apreciavel, antes tão alegre que fazia sempre todos á sua volta rirem e parecerem felizes. — Mas — e o copeiro abaixou o tom de voz — teve pouca sorte este anno. Seu melhor amigo andou es-

peculando na Bolsa, parece, perdeu muito dinheiro e suicidou-se. Foi um grande golpe para o sr. Jackson. E pouco depois sua mulher fugiu com um dos auxiliares da agencia, um rapaz ainda muito jovem. O sr. Jackson não é de se abrir muito, mas bem vejo que está profundamente abalado com tudo isso.

Caminho Perdido

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 32)

mo, satisfeita da vingança obtida Outras vezes, ficava pensativa. Fitava-a, como se a estudasse. E então fazia perguntas. Pareceria extraordinario áquella mulher que Cachorro e Topazio se amasem como se amavam? E á medida que reflectia, Topazio ia se convencendo cada vez mais que um resquicio de paixões não esquecidas e violentas aquecia ainda o coração de Myrta.

E então tambem em suas pupillas sopra o ciume, como a areia que carrega de duna para duna o vento da tarde.

Topazio sabia já que toda aquella gente era hypocrita e malvada. Haviam caçado os dois numa armadilha, a ella e a Cachorro. Desde que a haviam levado a noticia de que o amante estava mortalmente ferido e a chamava, até quando Myrta, por força já farta de andar com ella de um lado para outro, lhe aconselhára a fugir para a sua terra, a se abrigar na casa dos irmãos, tudo havia sido uma trama de sordidas mentiras. E ella mesma, Myrta, ás escondidas de Ayarza, preparara a fuga de Topazio com a caravana que seguia para Catacos.

"O Cachorro já morreu e estás em perigo de cahir nas mãos da justiça equatoriana, que te procura como protectora de ladrões." Era isso que lhe repetiam sem cessar desde que haviam chegado á fronteira. Era melhor que fugisse. E Ayarza perseguindo-a com propostas de amor, talvez para decidil-a mais rapidamente a fugir. Topazio partira para a sau terra, em busca da protecção dos irmãos... Tivera medo.

Mas passou o medo. Uma fogueira arde em seu peito. Chicotadas de sangue esquentam suas veias. Se não tem nada no mundo além d ohomem que a ama e cuja sorte ignora, irá só á sua procura. Saberá medir-se só com a vida.

Um estampido secco interrompe os seus pensamentos. O disparo partira de ondulações distantes. Outro tiro, mais outro. Os tiros se succedem, espaçados. Bandoleiros do pampa assaltaram uma caravana. Mas os viajantes se defendim.

Não se passam muitos minutos e logo uma descarga cerrada avisa que entraram em acção os carabineiros montados que guardam o caminho das caravanas. Esse tiroteio é de armas do exercito.

Topazio e o guia desviaram-se para as dunas proximas mais elevadas. Lateja em suas pupillas o "tic tac tac" do tiroteio. Os tiros cahem em tumulto como uma chuva tamborilante de granizo nas paredes duras e crystallinas da tarde.

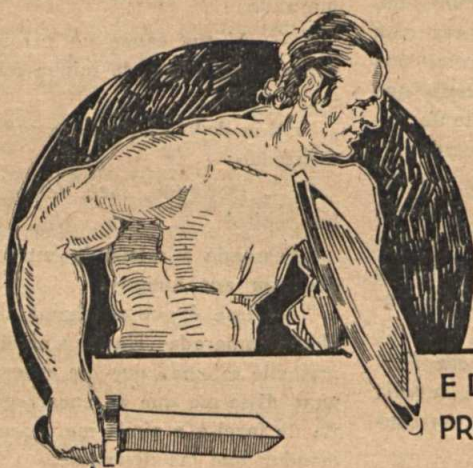
Os tiros soam mais proximos.

Provavelmente a derrota em fuga dos bandidos se produziu em direcção ás altas dunas onde se acham a mulher e o guia.

Mas "Machito" não comprehende porque se porta a mulher daquella maneira. Vae se expôr ás balas de uns e de outros! Topazio galopa para o cimo da mais alta duna.

Os dois estão immoveis, agora, no alto. Grandes franjas de sol enfeitam a planura. "Machito" perde o seu tempo procurando convencer a mulher. Topazio pesquiza o horizonte. E não encontra nada na desolação amarella das areias. A duna em que está não é bastante alta.

Se fosse bastante alta, veria entre os bandoleiros que de as-

saltantes se haviam transformado em acuados pelas forças militares e pelos caravaneiros encorajados pelo auxilio, "Mongo", um dos homens do bando de Cachorro — "Mongo" attingido por uma bala e cahindo ao chão.

Um outro homem conseguiu romper o cerco e fugir E eram os tiros dos seus perseguidores os que se ouviam mais proximos.

E surge então um cavalleiro solitario, a galope, foragido, evidentemente.

"Machito" não entende mais nada do que vê. A mulher que elle estava encarregado de defender dos perigos do deserto, dos malfeitores que o assolam, larga o seu cavallo ao encontro daquelle cavalleiro, que avançava por entre as sombras crescentes da noite.

———

Clara e marchetada de astros é a noite do deserto. O céo é uma placa de azul profundo. Um pó luminoso salpica o espaço. As estrellas ardem como tochas.

Já ha algum tempo que Topazio perdeu de vista o fugitivo. Mas parece estar certa de encontral-o, pois continua a galopar.

E' uma caçada ás cegas. Perseguidores e perseguidos se acham perdidos na amplidão do deserto. A solidão e o silencio se estendem até os horizontes.

Topazio calculou mentalmente a distancia percorrida. Acredita ter chegado onde queria. Puxa as redeas, perquisa ao redor.

E solta um grito que é uma modulação de agonia. Immediatamente se ouve outro grito igual, mais fraco — talvez para não attrahir a attenção dos carabineiros, caçadores de cabeças de bandidos e que, embora um tanto despistados, talvez não estejam longe.

Um cavalleiro surge por traz de uma duna. E' um foragido do deserto. Basta a silhueta para denuncial-o. E' o fugitivo com cujo cavallo veloz não puderam competir os cavallos dos carabineiros do Peru'

Topazio o enfrenta.

———

E' o destino. Esse destino incomprehensivel que guia os passos dos homens.

— Cachorro!

— Topazio! Não pensei te encontrar tão cedo.

A mulher se approxima. Apalpa-lhe os braços. Passa-lhe a mão pelo rosto, como se se quizesse certificar de que não se trata de um sonho ou de uma illusão.

Diz o homem:

— Depois de te procurar muito, soube afinal que estavas em Catacaos. Ia buscar-te.

— E vês?... Eu tambem vinha á tua procura.

E nada mais importa; os irmãos inflexiveis de Topazio, os carabineiros perseguidores, nada. Os dois amantes estão juntos. E o deserto é mais delles do que dos outros.

ESQUECER

(Conclusão da pag. 17)

suas dores. E' a experiencia que ellas nos dão que nos ajuda a encarar de frente, corajosamente, a vida. Só uma creatura futil, inteiramente superficial se desinteressaria de sua propria personalidade e você não pertence a esta classe de pobres de espirito, desfructaveis e inuteis que confundem progresso e civilização com a deprimencia do que é nosso... Si encontrasse o fructo de que lhe falei e persistisse na idéa de o provar, eu não lhe pediria nem mesmo as sementes, apenas quereria que me mandasse quando da excursão oriental que tenciona fazer, lá do Egypto, a lendaria flor de Lotus, secca, está claro, para que não me viesse a tentação de aspiral-a... Guardal-a-ia não só pelo exotismo de sua belleza como pela saudade da alma de uma de minhas melhores amigas que trocara pelo indifferentismo da estrangeira o seu doce feitio... sempre a saudade, triste ou alegre que quero conservar avaramente em todo o **meu eu** de verdadeira brasileira, que ama e enaltece sua patria, a brasileira que não esquece jámais a dôr ou a alegria, amando ainda que no soffrimento, tudo o que é seu...

Despedimo-nos affectuosamente. E lá se foi risonha, entre os passeantes, a minha encantadora amiga, como uma nota clara e inedita naquella tarde estival...

Luize Reiner
A Inegualavel

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 38)

escondida. Deitei-me no chão, embaixo de um divan. E os reporters passavam por perto, um delles sentou-se no divan! Mas não sabia..."

Deu uma gargalhada e logo se fez grave, para proseguir:

— Sinto muito que as mulheres americanas hajam estragado os homens americanos. Os europeus tratam as suas mulheres como se fossem delicadas, indefesas, como se fossem seres frageis. Os americanos, não. E a culpa é exclusivamente das americanas. São demasiado independentes. Por mais importante que seja a mulher, por mais dinheiro que ganhe, não deve nunca, nunca, ser independente. Os homens não gostam.

"Mas eu falo demais. Viu que quem lhe abriu a porta fui eu mesma. — Seus olhos brilharam. — Sinto muito que hoje seja terça-feira, dia de sahida da empre-

gada. Se não fosse, convidal-a-ia para almoçar commigo.

"Mas vou convidar, assim mesmo."

E levantou-se com vivacidade do sofá.

Como eu me recusasse a lhe dar qualquer especie de trabalho, ella sahiu correndo da sala, dizendo:

— Mas eu sei o que posso lhe dar!

E voltou pouco depois com uma caixa de bombons de chocolate, que abriu sobre uma mesa que ficava entre o sofá e a poltrona, onde eu estava sentada.

— O que é que eu estava dizendo? — perguntou. — Ah, as coisas que sinto. Sinto não pensar sobre cinema como os productores e directores de Hollywood. Na Europa eu era uma actriz, uma actriz **de verdade!** Representei Joanna D'Arc mais de quatrocentas vezes. Achava que o cinema só era bom para as mulheres bonitas. Mas um dia fui ver "Farwell to Arms". Depois de ver Helen Hayes, comprehendi que as verdadeiras actrizes tambem tinham o seu logar no cinema. Talvez eu tambem pudesse fazer alguma coisa, pensei.

"E vim para Hollywood. E trabalhei com afinco. Mas sinto muito que os americanos não dêem valor á arte pessoal. E' de cortar o coração desenvolver com arte um papel e depois ver o trabalho ir parar nas mãos de desconhecidos, para ser cortado. Isso não é arte! A producção de films em Hollywood é como uma fabrica, ou uma grande machina. O papel que eu desenvolvi com tanto cuidado é enviado para o departamento de corte, como um pão para ser dividido em fatias.

— E nesse ponto Liso Riner quasi gemeu. — Sabe que quizeram cortar a scena do telephone em "Ziegfeld, o Credor de Emoções"?

"Não ha comprehensão, nenhuma comprehensão. Naturalmente, não me preoccupei em parecer bonita em "O crepusculo dos Deuses!". Nem usei **make up.** As scenas de miseria me preoccupavam, pois achava que ia parecer demasiado sadia. Descobri um dentista que conhecia um processo para fazer os meus dentes parecerem sujos e cariados. Mas os productores disseram: "Não!"

"E como fiquei feia em "O Crepusculo dos Deuses", elles agora querem que eu faça um film... **sexy.** Assim, no meu proximo film serei **sexy.**

"Senti-me muito feliz na primeira noite que passei em Hollywood. Fui apresentada a Greta Garbo, Norma Shearer e He-

len Hayes. Depois, não tive mais a mesma sorte.

"Sinto muito que haja aqui caçadores de autographos. Em Vienna o publico é grato aos artistas que o divertem, mas aqui... um autographo de Hauptmann vale duzentos autographos de Luise Rainer. Ligam mais á publicididade do que á arte. Não vou mais ás estréas. Não posso supportar a frieza dos americanos.

"E quanto a roupas! Em Hollywood não ha prazer para uma mulher de sensibilidade em comprar roupas. Em Vienna, eu mesma compro a fazenda, pois para mim o que tem mais importancia é a qualidade da fazenda. Depois levo a fazenda para uma costureira, ella arma o vestido no meu corpo e o vestido fica sendo uma coisa minha. Mas aqui, entro numa loja, mostram-me um vestido e logo dizer: "Constance Bennett comprou um egual..."

"Estive ha poucas semanas em S. Francisco e passei por uma loja de antiguidades em cuja vitrine estava exposta uma fazenda. Cheguei a pensar que estava na minha terra. Entrei e comprei a fazenda. Depois mandei fazer o vestido. Um vestido que ninguem terá egual!"

Olhei para o relogio, achando que já me demorara exaggeradamente.

— Precisa ir? — perguntou a estrella.

— Sim. Parto amanhã para o Éste.

— Para Nova York? — e seus olhos brilharam, com subito interesse.

— Sim, Nova York.

— Então, quer me fazer um favor? Dar um recado a um amigo meu? Dizer-lhe que me viu, que estou bem e que espero que elle tambem esteja?

* * *

"Vou escrever, para lhe dar, o endereço. Mas não diga o nome a ninguem, sim?"

E seu olhar me interrogou com ansiedade.

— Não direi a ninguem, — prometti solennemente.

Ella escreveu nervosamente um nome conhecido e um numero de telephone no meu caderno de apontamentos.

Transmitti o recado. E espero que Luise Rainer não sinta me ter feito aquelle pedido.

Cine Magazine

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 47)

se interessar por mim. Elle foi um amigo sincero e muito contribuiu para o meu presente exito.

Depois disto, apenas continuei a trabalhar e... aqui estou!

— Mas, não quer dizer que, para ter uma carreira brilhante é necessario sómente ter alguns amigos dentro de um studio? — perguntei.

— Não. Confesso que é necessario muito mais do que isto! Alguns amigos podem ser muito uteis para abrir caminho, mas, para uma pessoa que não emprega os seus proprios esforços, nem mesmo um studio cheio de amigos poderá auxiliar! Bem, vou enumerar alguns dos requisitos que acho necessarios para se vencer no cinema. Para ser inteiramente franca, a primeira qualidade é possuir belleza. Não quero dizer especialmente belleza physica, mas sim uma personalidade inconfundivel e attrahente. Depois é necessario ter talento. Nem todas as moças podem ser actrizes, portanto é aconselhavel que as que aspiram trabalhar no cinema, conversem seriamente com alguma pessoa mais velha e experiente, alguem que possa julgar a sua capacidade artistica. Ha pessoas que passam a vida inteira tentando fazer certo trabalho, para descobrir, tarde demais, que, na realidade, eram habilitadas para outra carreira. E' necessrio, pois, que se estude primeiramente as suas proprias habilidades. Tendo a certeza sobre as inclinações que sente, deve-se, então, applicar com enthusiasmo ao serviço, nunca deixando, porém, de estar alerta, caso outra opportunidade melhor possa surgir.

Ha apenas uma coisa que ninguem deve fazer, seja qual fôr a carreira abraçada: dar-se por satisfeito e deixar de esforçar-se para alcançar um ponto mais alto. Para os ambiciosos, nunca ha feriados...

Ann tem experiencia propria, pois, nunca deixou de esforçarse, quer no seu trabalho dentro do studio como fóra delle. Nos intervallos de um para outro film, Ann continua as lições de canto e dansa e aperfeiçoa-se para as exigencias da cinematographia. Seu ultimo film é para a RKO-Radio, "Andando no Ar" (Walking on Air", com Gene Raymond. Aliás, não é este o primeiro film que Ann faz com o "platinum-blonde", pois já trabalharam juntos em "Hurrah ao amor", tambem da RKO Radio. E' mais uma opportunidade que se nos offerece de admirarmos essa creatura fragil e bonita, cantando e dansando com uma graça toda sua, exhibindo ainda toilettes maravilhosas, que mais realçam a sua belleza sem par.

Vocês sabiam que Edmund Lowe foi um official de Marinha no seu primeiro film; um sargento naval em 4 films e um sargento do exercito em 3 films?

Agora, no seu ultimo trabalho, interpreta o papel de um valente gerente, editor de um jornal, no film da Nova Universal "A Dictadora da Imprensa", que será o cartaz do Imperio na proxima segunda-feira.

Vocês sabiam que Gloria Stuart é uma excellente jornalista? Pois, antes de ser actriz, trabalhou em um jornal em Carmel, California.

Sabiam que David Oliver foi o primeiro "cameraman" a viajar em avião sobre os Andes, os quaes photographou? Que elle rica Central, num avião do exercito? Sabiam que Oliver tem mais de 1.500 horas de vôo?

Não sabiam tambem que Reginald Owen é responsavel por jogar-se mais cricket em Hollywood que em qualquer colonia ingleza?

Vocês sabem quantas palavras estão escriptas num jornal que lê? Um escandalo de chantage como o de "A Dictadora da Imprensa" occupa 1|3 de um jornal.

A "Sorte" na Historia

(CONCLUSÃO DA PAGINA 60)

era habito encontrar granadeiros da velha guarda em pleno mar.

Decididamente, o "Zephir" não percebeu nada que pudesse tornar o "L'Inconstant" suspeito. O seu commandante perguntou mesmo ao capitão Taillade, fazendo uso do seu porta-voz:

— Como passa o imperador?

E foi o proprio Napoleão, sem chapéo para não ser reconhecido, quem respondeu:

— O imperador passa admiravelmente.

— Que Deus o guarde! Bôa brisa.

E os dois navios se separaram. No horizonte, outras velas appareciam: um, dois, tres navios inglezes. Mas seguiram a marcha do "Zephir", não perderiam o seu tempo. No livro de bordo, o commandante da majestade britannica sem duvida escreveu:

"27 de fevereiro. Cinco horas. "L'Inconstant", da ilha de Elba. Nada a assignalar".

Impossivel não reflectir com certa perplexidade sobre os caprichos do accaso que justificam nascimentos, explicam victorias e desculpam derrotas. Se é verdade que não se deve ao accaso o resultado das batalhas, tambem é impossivel affirmar que seja inteiramente alheio a esse resultado. Uma bala perdida que abate um chefe, uma ordem mal comprehendida ou mal transmittida, um obstaculo material podem interromper, retardar ou accelerar um movimento. Quem sabe quantas pequenas circumstancias se sommaram pelas quaes se poderia explicar o atraso de Grouchy em Waterloo e, no mesmo dia, a chegada inesperada de Bluchor? Quem sabe o que teria acontecido se na vespera do combate Napoleão não se houvesse sentido indisposto?

E' bom observar, aliás, que essas hypotheses que se formulam têm habitualmente um caracter negativo.

Só se pensa nas calamidades que poderiam ser conjuradas e não na felicidade pela qual, muitas vezes, se passou de raspão. A felicidade, segundo a nossa obscura impressão, é coisa mais fugaz que a desgraça. Esta representa a nossos olhos a realidade de face conhecida. Mas a felicidade, como a poderemos limitar, quaes serão os seus contornos?

A Sorte no Amor

(CONCLUSÃO DA PAGINA 65)

Foi assim que, a exemplo do que acontece nos contos, a alma apaixonada de uma pobre princeza de Bagdad, cidade de Farounel-Rachid, não poude, ao sahir do harem, resistir á embriaguez da liberdade.

A RAINHA E O BELLO GUARDA

A historia de uma rainha que sacrificou o seu reino por amor a um bello guarda é a que vamos agora narrar. Essa magestade decahida reside actualmente em solo francez.

Era uma vez, em pleno oceano Indico, a setecentos kilometros de Madagascar, uma ilha verde e azul. Essa ilha se chamava Mohéli e pertencia ao grupo das Grandes Comoras que eram governadas quasi todas — antes do dominio francez — pelo sultão Said Alt, o Terrivel.

Mohéli, no emtanto, era governada por uma rainha, Tjoubé Fatima, que reinava com despotismo sobre os seus vassalos. Era uma grande rainha que só condemnava á morte os seus inimigos pessoaes e recebeu com muito tacto e deferencia o enviado de Napoleão III. Ora, essa rainha, que reinava sobre quinze mil almas, soffreu o contra-golpe das lutas travadas por Said Ali contra a França e morreu de desgosto, em plena anarchia. Deixou uma filha: Salinda Machimba, nome que traduzido significa: nossa senhora.

Aos vinte annos, Salinda Machimba era uma bella moça. Seu reino era pequeno, mas em compensação rico de bananas, de baunilha e de café. Seus subditos viviam felizes e lhe demonstravam grande affeição.

Mas um dia o conselho de ministros, reunido no palacio de Famboni, resolveu enviar a jovem rainha para se educar no convento das Damas da Conceição, na ilha da Reunião. Quando a rainha desembarcou em Saint-Denis um guarda andava de um lado para outro no caes: estava de serviço. Seus bigodes em ponta prenderam o coração de Salinda. Por seu lado, o jovem guarda não ficou insensivel á belleza da soberana e...

Não sabemos como se arranjaram para o namoro. Mas é facto que uma bella manhã, dean-

te das autoridades locaes, realizou-se na igreja de Saint-Denis o casamento de Camille Paule, guarda a pé, e Salinda Machimba, rainha de Mohéli.

* * *

Era preciso, no emtanto, que o novel esposo encontrasse a solução para um problema difficil: trocaria o uniforme pela tanga de principe consorte? Seu absoluto bom senso fel-o escolher o uniforme e, ajudando-o o amor, elle soube convencer a esposa da fragilidade dos thronos.

Salinda amava tão profundamente seu marido que por elle notificou ao seu soberano, Said Ali, que se naturalizara franceza e cedera ao governo francez a sua ilha. Reconhecido o governo francez lhe concedeu uma pensão annual de tres mil francos que foi augmentada para cinco mil francos algum tempo depois.

Salinda e Camille residem na aldeia natal do guarda hoje aposentado — Cléry, nos confins da Côte d'Or. Compraram uma pequena fazenda e vivem pacificamente. O marido se refere respeitosamente á mulher nos seguintes termos: "Sua Magestade a Rainha!"

Epidemia de Crimes

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 77)

Dois medicos foram chamados. Descobriu-se que o casal havia comido cogumellos ao jantar e os medicos concordaram em attribuir aos cogumellos o estado dos seus dois doentes. A's primeiras horas da madrugada Madame Chappelle morreu nos braços da enfermeira Sierri.

Quando foi levar a triste noticia ao marido da morta, encontrou-o de olhos virados. Um quarto de hora depois tambem elle morria.

Fatigada, a jovem enfermeira encaminhou-se para a casa de Mademoiselle Martin, para ir buscar o filhinho adormecido. Ao saber do duplo fallecimento, Mademoiselle Martin perguntou com grande nervosismo:

— Acredita que tenham sido os cogumellos a causa de sua morte, Antoinette?

— Não sei. Não me pergunte... Não sei! Tenho tanto medo, pelo meu filhinho, — gemeu a moça.

* * *

Dois dias depois Henri Rossigni mandou chamar a noiva. Sentia-se muito doente, e os medicos diziam que se tratava de um caso de grippe. Antoinette voou para seu lado, sentou-se na beirada do leito, tomou nas suas as mãos do rapaz.

— Has de ficar bom, — disse consoladoramente. — Vou te curar, Henry. Confia em mim.

Rosignol fitou-a amorosamente, suas mãos apertaram com carinho as de Antoinette. O medico deu instrucções minuciosas. Durante tres dias e tres noites Antoinette tratou do noivo, não o deixando nem mesmo para dormir e comer convenientemente. A' meia noite do terceiro dia, depois de lhe dar uma dose de remedio e deixal-o entregue a um ligeiro torpor, ella saiu do quarto em ponta de pés.

Voltou dez minutos depois, com uma bandeja onde havia uma taça, uma garrafa de champagne e uma ceia requintada. Aproximando uma pequena mesa da cama, collocou sobre ella a bandeja e serviu-se uma taça de champagne. O doente se agitou, gemeu, abriu os olhos. A enfermeira, ainda segurando a taça, inclinou-se para um lado; seu olhar brilhava estranhamente. Esvasiou a taça de champagne, ergueu-a, comeu um pedaço de gallinha fria e serviu-se de outra taça.

Rosignol não tirava os olhos della, fascinado. Nenhum dos dois falava. Antoinette se levantou e rodeou a cama com um caminhar lento e ondulante, uma especie de dansa, o olhar sempre preso ao olhar do amante. De subito, apertou com as mãos brancas fortemente a guarda dos pés da cama, inclinou-se. O rapaz ergueu a mão direita tremula, num gesto de defesa. Antoinette corou violentamente. Depois recomeçou a dansa, que só interrompia de quando em quando para approximar muito o rosto transtornado do rosto desfeito de Henri. A unica illuminação do quarto provinha de uma lampada velada sobre a mesinha de cabeceira. O vulto de uniforme branco deslisava como um phantasma em volta da cama. O rapaz murmurou debilmente:

— Ninguem me salvará?

Antoinette curvou-se sobre elle. Não percebeu que a porta do quarto se entreabria e que dois olhos febris brilhavam na escuridão da sala adjacente. A porta se fechou de novo. Cinco minutos depois Henri Dosignol estava morto.

* * *

Pela manhã o commissario Pujci foi informado dessa ultima tragedia.

Accendeu um cigarro e se entregou a um raciocinio desesperado e sombrio.

Era preciso arranjar uma explicação que a satisfizesse. Todas as suas tentativas para estabelecer uma ligação entre os diversos casos haviam falhado. Repentinamente, ergueu um punho fechado e uma exclamação se escapou de seus labios. Levantou-se e correu para a porta, mas antes de attingil-a ella foi aberta pelo continuo, que disse:

— Trouxeram agora mesmo a noticia de uma nova morte. Mademoiselle Martin, que mora com Madame Boyer. Madame Boyer tambem está doente, mas os medicos acham que se salvará. O medico diz que foi uma intoxicação alimentar que a victimou. Madame Boyer foi removida para uma casa de saude.

— Vou interrogar Madame Boyer. Digam os medicos o que disserem, estou onvencido de que vimos assistindo a diversos assassinatos praticados impunemente. Mas agora ha de ser differente.

E o commissario sahiu. Soube que Antoinette Sierri estivera tratando da ultima victima da série

estranha da morte. Seria a enfermeira a ligação entre os varios casos?

Foi procural-a em casa e fez-lhe uma pergunta, á qual ella respondeu:

— Acho-me numa situação embaraçosa, senhor commissario. Uma enfermeira não póde entender mais de certas coisas que os proprios medicos. E o senhor sabe que os medicos affirmam que todas as mortes se deveram a causas naturaes.

E a enfermeira sahiu da saleta onde recebera o commissario, voltando pouco depois com uma garrafa e dois copos. Serviu o vinho e offereceu um dos copos ao commissario, ficando com o outro.

O commissario agradeceu e sahiu sem beber.

* * *

O commissario Pujci estava convencido de que a enfermeira Sierri havia sido a causadora da série de mortes. Mas para prendel-a precisava de obter uma prova que corroborasse aos olhos dos outros as suas suspeitas.

Assim, esperou. Em breve Antoinette Sierri foi chamada para cuidar de Madame Gouin, que adoecera de um mal com todas as apparencias de coisa sem importancia.

Entendeu-se com o medico assistente da senhora e providenciou para que todos os copos e colheres usados para administrar alimento ou remedios á doente fossem immediatamente enviados ao laboratorio da policia.

Suas suspeitas se confirmaram inteiramente. Um dos copos revelou ao exame conter restos de arsenico. Antoinette Sierri foi presa. Infelizmente, porém, Madame Gouin não restistiu ao veneno, sendo a ultima victima da tresloucada..

* * *

Inquirida com firmeza, Antoinette Sierri confessou:

— E' verdade. Matei-os.

— Mas por que? Que ganhava com isso?

— Não sei. Queria vel-os morrer. Amei realmente Henri Rosignol, mas emquanto o tratava fui vencida pelo desejo de vel-o passar pelas agonias da morte.

* * *

Procederam á exhumação de todos os cadaveres daquelles que haviam sido tratados por Antoinette. A autopsia revelou que todos haviam sido envenenados por arsenico.

O commissario Pujci ordenou que se investigasse se na ascendencia de Antoinette Sierri haveria pessoas anormaes. Assim não parecia acontecer. Seus paes tinham sido italianos perfeitamente sadios que se haviam muito jovens ainda estabelecido no sul de França.

Um psychiatra notavel, o Dr. Vincent, foi chamado para observar a moça. Declarou que em sua opinião ella era uma creatura perfeitamente normal tanto physica como mentalmente, mas que apenas parecia ter perdido inteiramente a noção do bem e do mal.

Antoinette Sierri foi processada e submettida a julgamento. Na França as mulheres não são mais condemnadas á morte, mas a antiga enfermeira mereceu uma sentença de prisão para toda a vida.

O occaso do Sol negro

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 94)

cada abaixo. Não tive opportunidade de fazer nenhuma observação. Quando eu e d'Aigues chegámos perto da Bugatti os dois pombinhos estavam tão ennovellados que não era possivel dizer onde começava um e acabava outro. Riam e choravam e não faziam nenhum esforço para "guardar as conveniencias".

* * *

D'Aigues e eu fizemos o que devem fazer dois cavalheiros em circumstancias como essas. Demos as costas e nos dirijamos ao bar, onde pedimos dois whiskies.

— Não se esqueça, amigo branco, — disse-me elle, erguendo o copo, — tenho a sua promessa.

— Por Deus, homme! — exclamei. — Mas será considerado um heroe! Pois então matou o terrivel **caco** e não quer que ninguem saiba?

— Não é de heroes que a minha terra necessita, — replicou elle gravemente, — mas de liberdade. Conservo a sua promessa e a do rapaz.

Estendi-lhe a mão, que elle apertou agradecido.

— Sempre achei que você, pelo menos, é um **gentleman.** Agora vamos, tenho uma coisa a lhe entregar. E quero outra promessa. Mas é mais simples, desta vez.

Eu lhe prometteria tudo quanto quizesse!

Voltámos á Bugatti e encontramos o casal ainda perfeitamente atracado, mas os dois se separaram quando nos approximámos. Cutting balbuciou os seus agradecimentos a d'Aigues, mas o mulato apenas sorriu, entrando no carro. Apresentou-nos um pequeno embrulho, de dez pollegadas de comprimento por tres de espessura.

— Tome, Carrington. Isto são os restos mortaes de Hannibal Zev. Prometta-me só abrir o em-

brulho quando o navio deixar a bahia.

Prometti. No olhar de Zelda havia um brilho que não comprehendi, um brilho de malicia que ella procurava supprimir.

Hyacinthe d'Aignes inclinou-se e beijou galantemente a sua mão, depois despediu-se de nós. Tinha um ar tragico, pensei, imaginando acertar em parte com o que se passava em seu intimo.

Afastou-se, entoando a canção **Choucoune** de Oswald Durant:

Os passarinhos da floresta nos [viram sorrir;
Se elles soubessem afogar-se-iam [na dor,
Pois os dois pés do amante de [Choucoune
Estavam mergulhados em pesadas correntes...

O **Columbo** largou ás nove horas da manhã do dia seguinte. No caes, acenando com o chapéo, a cabelleira grisalha ao vento, vimos Hyacinthe d'Aigues.

— **Au revoir,** minha Choucoune branca! — exclamou.

E se afastou. Zelda chorou. Cuttings não entendia nada. Lembrei-me do embrulho, do embrulho que continha os restos mortaes de Hannibal Zev.

Abri-o. Continha muito papel de seda. E dentro havia um b lo de pelle negra e cabellos carapinhados, assim: tres pedaços de pelle, uma triangular, sem cabellos, e as outras em fórma aproximada decrescentes, com muito cabello. Não comprehendi. Chamei os meus dois amigos.

— D'Aigues disse-me, ao me fazer entrega do embrulho que continha **isto,** que me confiava os restos mortaes de Hannibal Zev. Não entende nada. Algum de vocês entende?

E então Zelda Painter Cutting estourou uma gargalhada. Riu, riu, riu. Pensei que fosse se suffocar de riso, como acontece ás creanças. Afinal ella poude dizer:

— Mas são realmente os restos mortaes de Hannibal Zev.

— Muito bem, Toots, acredito... — balbuciou o marido. — Mas provas o que dizes?

E ella provou.

— Hannibal Zev, o gigantesco bandido negro, e Hyacinthe d'Aigues, o alto mulato, são, ou melhor, foram uma só pessaoa. Fiquei sabendo cinco minutos depois delle... me ter rapatado·

— Ah, sim? — fiz eu. — Pois então eu sou Poncio Pilatos.

— Mas não comprehendem? — insistiu a moça. — E' uma mascara! E' feito de **baudruche,** como elle diz. Uma membrana negra que se extrae dos bois. E' claro que ninguem o poderia reconhecer. Não comprehendem?

Comprehendemos. Examinei melhor a mascara e fiquei admirado. Depois disso ouvi falar num prisioneiro que escapou da Ilha do Diabo usando uma mascara semelhante. Zelda disse-nos ainda que d'Aigues não proseguiria com as actividades do supposto negro reivindicador. O que elle mais queria, afinal, era expulsar-nos do Haiti e destruir a Companhia.

— Elle está convencido de que a Companhia não irá lá das pernas sem o senhor, Mr. Carrington, — disse-me a jovem. — E, oh! querido, — a Cutting — eu sabia que devias estar soffrendo! Hontem, quando foram á casa delle, eu estava lá, conversando com uma irmã que elle tem e que passa a maior parte do tempo em Paris.

E ahi está.

Mas houve mais.

Treze horas, exactamente, depois da nossa partida, o radio de bordo dava-nos a noticia:

> **Hyacinthe d'Aigues, conhecido director do diario haitiano, "Le Noir Nouveau", suicidou-se em sua residencia de Bizoton, nas cercanias de Port-au-Prince. Riquissimo e gosando de boa saude, não ha nenhum motivo que justifique um fim tão triste. Quando morreu tinha ao lado um volume do poeta haitiano Oswald Durant.**

Estranho sujeito, d'Aigues... Pobre sujeito!

Ambiente Adequado

(CONCLUSÃO DA PAGINA 98)

riam. Atiravam ditos ironicos e jocosos ao rapaz, sobre a sua aventura, que acreditavam ter sido puramente imaginaria. O rapaz ouvia os gracejos gravemente, sem replicar. Tinha noção da realidade dos factos da vida e sabia que quem affirma ter visto um morto levantar-se para apagar uma vela não merece credito.

Ao chegar á casa de Breede e encontrar a porta aberta, o grupo de investigadores entrou sem ceremonias, tomando para a esquerda, onde ficava o quarto da janella destruida. E ahi encontraram o cadaver de um homem.

Estava cahido de lado, com um braço sob o corpo e o rosto encostado ao chão. Tinha os olhos desmesuradamente abertos; seu olhar era horrivel de ver. O maxillar inferior cedera; sob a bocca aberta, no chão, formara-se uma poça de saliva. Uma mesa tombada, uma vela meio consumida, uma cadeira e algumas folhas de papel manuscriptas era tudo o que continha a peça. Os homens examinaram o cadaver, voltando-lhe o rosto um a um. O rapaz ficou do lado da cabeça do cadaver, em attitude de proprietario. Era o momento mais feliz da sua vida. Um dos homens lhe disse:

— Tinha razão.

Essa observação foi recebida pelos outros com gestos de acquiescencia. Era o Scepticismo dando uma satisfação á Verdade. Depois um dos homens apanhou do chão as folhas soltas e se acercou da janella, pois as sombras da tarde escureciam a floresta. O canto agoirento de um passaro se ouviu á distancia e um escaravelho monstruoso passou zumbindo pelo vão da janella, zumbido que foi morrendo aos poucos. O homem leu:

O Manuscripto

Antes de commetter o acto que, com ou sem razão, resolvi pôr em pratica e comparecer ante o meu Creador para ser julgado, eu, James R. Colston, creio ser o meu dever de jornalista fazer uma declaração ao publico. Meu nome, se não me engano, é sufficientemente conhecido como o de um escriptor de contos tragicos, mas a mais sombria imaginação jamais concebeu algo tão tragico como a minha propria vida e a minha historia. Não em incidentes: minha vida foi desprovida inteiramente de aventuras e de acção. Mas a minha carreira mental foi fantastica em experiencias de morte e de maldição. Não vou narral-os aqui. Algumas estão escriptas e promptas para serem publicadas. O objectivo destas linhas é explicar a quem possa interessar que a minha morte é voluntaria, um acto expontaneo. Morrerei á meia-noite em ponto do dia 15 de julho, anniversario significativo para mim, porque foi nesse dia e a essa hora que o meu amigo no tempo e na eternidade. Charles Breede, cumpriu o juramento feito a mim de realizar o mesmo acto que a sua fidelidade ao nosso compromisso me obriga agora a imitar. Suicidou-se na sua pequena casa da floresta de Copeton. Sobre a sua morte foi feito o veredicto de um caso de "alienação temporal". Se houvesse declarado durante as investigações tudo quanto sabia, teriam dito que eu estava louco".

Seguia-se um trecho exidentemente grande que o homem que lia em voz alta passou a ler para si. Mas leu o final para todos:

"No emtanto, resta-me uma semana de vida para resolver os meus assumptos temporaes e preparar-me para a grande transformação. E' mais do que sufficiente, pois tenho pouco a fazer e ha quatro annos a morte é para mim uma obrigação imperiosa.

Encontrarão este manuscripto com o meu cadaver. A quem o encontrar, peço que o entregue ao juiz.

James R. Colston."

"P. E. — Willard Marsh: Neste dia fatal, 15 de Julho, entrego-te o presente manuscripto para que o abras e leias nas condições combinadas e no logar por mim designado. Abandono a intenção de conserval-o commigo para explicar as circumstancias da minha morte, que não são importantes; servirá para explicar as circumstancias da tua. Irei te buscar durante a noite para ter a certeza de que leste o que escrevi. Conheces-me o bastante para ter confiança. Mas, amigo, **irei depois da meia-noite em ponto."**

MODAS

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 116)

não ha resultado nesse mal. O limão é excellente para tirar qualquer nodoa que haja na unha ou na pelle em volta.

Deve-se enterrar as pontas dos dedos em a metade de um limão, deixando-as impregnar-se bem no summo.

As unhas que se quebram facilmente ganham fortaleza banhadas com oleo de amendoas amargas.

Unhas existem que são frageis, delicadas, quebradiças, emquanto outras são extremamente duras.

Para as primeiras dá-se como causa a saude fragil e para as outras uma saude robusta.

Mas, para ambos os casos, existem remedios. Para as unhas frageis: 30 grammas de oleo de aroeira, derretido em fogo brando, mexendo-se sempre, com 20 grammas de resina, 5 de sal, 5 de cêra branca.

Estende-se o preparado sobre as unhas.

Para as unhas duras basta um cold-cream qualquer, de boa qualidade.

RECEITA DE BELLEZA

Pór Merle Oberon

Minha receita de belleza começa e termina com um conselho: cuidae da vossa alimentação, para que as vitaminas, calorias, mineraes, não falhem na collaboração importante á vossa belleza.

Cultivae a belleza do corpo com exercicios proprios. As caracteristicas mais importantes de uma mulher, seja qual fôr o seu trabalho, são o seu rosto e a sua figura. Quando se possue um corpo formoso esbelto, quando a pelle é avelludada, livre de impurezas, quando os olhos irradiam vida, optimismo, o mundo é nosso...

Contra a opinião de muitas, não são precisas feições classicas, linhas perfeitas, para a conquista da belleza e da fama. Se tal fosse preciso, a maior parte das actrizes de cinema estariam longe della. Mas o que nós necessitamos, o que necessita toda mulher de 8 a 80 annos, é esbelteza, saude, energia.

Esbelteza, energia e saude, qualquer mulher póde adquirir com boa vontade e paciencia. O exercicio physico, intelligentemente praticado, procura uma e dá logo com a outra e, logicamente, encontra a terceira. Muitos são os livros de exercicios que estão publicados e paginas inteiras andam em revistas e jornaes, orientando e diffundindo os methodos preferidos. Eu, humildemente, offereço, nesta lição, o meu exercicio preferido a todas as mulheres que, como eu, levam a desvantagem na propensão de engordar nas cadeiras.

Primeiro — Com os pés levemente separados, levantar os braços por sobre a cabeça e dobrar, com lentidão, o direito até cruzal-o deante do rosto.

Segundo — Estirar o braço esquerdo e dobrar o corpo para o mesmo lado, mantendo os joelhos direitos.

Terceiro — Seguir, dobrando o corpo lentamente para o lado esquerdo, sempre com os joelhos firmes. Estirar os musculos das cadeiras com a pressão do corpo ao inclinar-se.

Quarto — Inclinar-se até que a mão esquerda alcance o chão.

Este exercicio repete-se sobre o lado direito e é executado diariamente, em 15 minutos, durante um mez.

Os resultados são incriveis.

A belleza da cutis, o brilho dos olhos, não depende dos cosmeticos, cuja missão é accentuar, unificar.

O sangue puro é o maior producto de belleza e se consegue com vida sã e comidas proprias.

O ASSASSINO

LOUIS DARMONT

Estando o rapido, com mais de uma hora de atrazo, a senhorita Elisa de Prangins receiava muito não alcançar o trem de baldeação. Tendo partido de Paris, á tarde do dia anterior, não lhe havia sido possivel dormir porque se mostrava bastante excitada com o crime sensacional sobre o qual os jornaes da vespera haviam se occupado com detalhes minuciosissimos. Vinte e quatro horas mais cedo, naquelle mesmo trem, um assassinato horrivel havia sido perpetrado. Num compartimento de 1.ª classe, os tres viajantes que ahi se encontravam tinham sido assassinados durante a viagem. O roubo fôra o unico movel do crime. Graças ás informações que puderam ser fornecidas pelos outros viajantes dos compartimentos visinhos, possuia-se os signaes quasi com-

pletos do assassino. Segundo os jornaes, tratava-se de um homem beirando os cincoenta annos, de estatutra bastante alta, delgado, vestido com alguma elegancia, que usava luvas cinzentas e tinha á cabeça uma cartola alta, de mil e um reflexos. Ao peito, sem duvida para afastar melhor as suspeitas, ostentava a fita encarnada da Legião de Honra. Mas, detalhe particular e muito interessante, sobre o qual, a imprensa insistia á installação da prefeitura de policia, esse individuo, que era moreno e usava a barba fechada, tinha, acima da sobrancelha direita, uma grande cicatriz, bastante vizivel, proveniente, sem duvida, dum golpe de faca. Tinha, talvez, segundo os indicios dados, sido identificado á anthropometria, pois era um velho conhecido da policia, um cavallo de volta evadido do banho.

Como facilmente se deduz, os companheiros e companheiras reunidos por acaso no mesmo compartimento onde se achava Elisa de Prangins, não mais que esta ultima, não quizeram dormir e se tinha passado o tempo atrocar impressões sobre o feito do dia, sobre esse assassinato commettido com um terrivel sangue frio. Um senhor lembrou que o drama não tinha sido descoberto senão na estação de Marselha. Elisa se sentia ainda mais impressionada, porque viajava sosinha e pela primeira vez; o seu pae, que a deveria acompanhar, havia ficado detido na capital por negocios urgentes, emquanto que ella não poderia adiar a sua partida, por isso que deveria estar no Midi, em casa de uma sua tia, para assistir ao casamento de uma de suas primas. O que mais a impressionara, foi saber que, conforme tudo indicava, o criminoso deveria ter descido na estação de bifurcação, onde ella iria deixar o rapido para proseguir a sua viagem num outro ramal.

O trem apenas tinha parado e, já, a joven viajante, saltando rapidamente sobre a plataforma, encarregou um empregado do transporte da sua valise. Quando disse a este que se dirigia para La Tour-des-Platanes, o empregado lhe pediu para apressar os passos, pois corria o risco de perder o trem, visto a Companhia ter o cuidado de prevenir que as baldeações não são asseguradas.

Por este motivo, ella seguiu o homem apressadamente; atravessaram as plataformas e se encontraram deante do pequeno trem-omnibus, que tinha, já, todas as portas fechadas.

— Entre! Entre!... — gritavam os agentes.

Ella se metteu no primeiro compartimento de primeira classe que estava ao seu alcance. Estava mesmo na hora da partida. Um apito e o comboio começou a mover-se seguido de um barulho de molas que se entrechocavam. A partida foi tão brutal que a rapariga teve que forçar o equilibrio para não cahir sobre o unico passageiro que lhe havia precedido nesse compartimento e que, a um canto, lhe fazia, "vis-a-vis".

— Oh!... — fez ella simplesmente.

O viajante sorriu e saudou-a com uma ligeira inclinação da cabeça.

Ella lançou sobre o personagem um olhar furtivo. Fôra o estupor de mistura com o medo. Este camarada parecia-se o mais exactamente possivel com os signaes, fornecidos pelos jornaes, do assassino do rapido.

Procurou acalmar-se e dissimular o sentimento de terror que a agitava. Para consegui-lo, tomou ao acaso um jornal e os seus olhos, machinal e instinctivamente, se detiveram sobre a noticia, já lida, do crime... Sim, era bem isso... Ali estava tudo: a fita da Legião de Honra, o chapéo de mil e um reflexos... estatura alta... delgada, muito moreno, barba fechada e... acima da sobrancelha direita, a cicatriz! Nenhuma duvida seria possivel: era bem o assassino!...

E estava só, sem soccorro possivel. Que fazer?... Levantar-se, puxar o freio de alarme!... Não! antes de o fazer, elle se lançaria sobre si e, senhor dos seus movimentos, estrangula-la-ia, maltrata-la-ia, talvez... Lastimou amargamente que, nas estradas de ferro auxiliares, os vagões, mesmo de primeira classe, não tivessem corredor... Pegou-se á esperança de que o malvado não ousaria arriscar-se a um attentado dessa natureza, dentro de um lapso de tempo tão curto e que, certamente, esperaria a opportunidade, na esperança de que ella effectuasse um trajecto maior, que passasse além da primeira estação. Ora, esta seria La Tour-des-Platanes e... estaria salva! Não lhe restaria senão denunciar a presença do assassino no trem, ao chefe da estação ou a um agente da policia, caso visse algum.

As suas mãos estavam agitadas de um tal tremor convulsivo que se viu obrigada a pousar o jornal sobre os joelhos e simulou estar absorvida pela contemplação da paysagem meridional, mas, em verdade, não tirava a vista do miseravel. Este a observava com um vivo interesse e Elisa de Prangins sonhou "in petto" "que elle não tinha um máo aspecto e que os bandidos, ás vezes, se parecem extranhamente com as pessoas honestas".

Mentalmente, ella projectava, se elle fazia o menor gesto suspeito, de offerecer-lhe espontaneamente a sua bolsa e sua joia, quando, de repente, o viu tirar um lenço do bolso. Horror! o lenço estava sujo de sangue!... O viajante enrubeceu até a ponta das orelhas, como alguem pre-

so em falta, e quiz escamotear o objecto importuno. Desgraçadamente, e devido á sua precipitação, deixou-o cahir ao chão; apressou-se em apanha-lo e apercebendo-se que ella não havia perdido menor detalhe desta scena curta, a olhou e disse docemente:

— Sou estupido!... Tinha esquecido completamente... que tive esta manhã uma forte hemorrhagia nasal... Desculpe--me...

Ella ficou muda, aterrada, opprimida, a garganta fechada...

Surprehendido sem duvida ou desejando entabolar conversa, disse ainda, de um tom compassivo:

— A senhorita está extremamente pallida. Com certeza, da fadiga da viagem. Vem de longe, vê-se bem... Supponho que o crime do rapido Paris-Marsella perturbou o seu somno... E'-se tão impressionavel á sua idade... Ah! eis um que não irá muito longe; toda a policia está em campo e não tardará a descobrir-lhe a pista...

— Sim... — murmurou ella, mas de uma forma tão imperceptivel que elle não se sentiu desejoso de insistir.

Entretanto, accrescentou ao ouvir o apito da locomotiva:

— Chegamos a La Tour-des-Platanes.

Um instante depois, o trem parava e a moça apercebeu sobre a plataforma da pequena estação, não sem espanto, uma grande multidão, tão densa que um cordão de isolamento parecia ter sido improvisado, pois soldados e agentes de policia formavam uma linha dupla deante do povaréo que se comprimia uns de encontro aos outros.

— Está preso!... — sonhou ella.

O viajante, tranquillamente e como se nada tivesse notado, abriu a porta, desceu e estendeu galantemente a mão á passageira.

— Obrigada! — recusou, ella, num tom secco, bastante impertinente.

Sem auxilio, desceu á plataforma onde foi recebida, desmaiada, nos braços de sua tia, que lhe disse abraçando-a, emquanto se afastava, cercado pela policia e seguido pela multidão, aquelle de quem havia tido tanto medo:

— Tiveste muita sorte, minha querida sobrinha.

— Eu?... — gritou, ella, assombrada.

— Então? Viajaste em companhia do senhor Prefeito, que veio a La Tour-des-Platanes inaugurar, hoje, o monumento levantado em honra de não sei qual grande homem que nasceu em nossa cidade...

O amor é cego

J. Lander

Com o objectivo de ter um bom retrato de sua esposa, o sr. Gardel entrara em combinação com o pintor Perroti que estava muito em voga e cujos quadros eram bastante solicitados e remunerados com certa prodigalidade.

— Neste momento — disse-lhe — minha mulher se encontra num balneario por prescripção medica. Tem uma ligeira ponta de rheumatismo, sem importancia, porém o bastante para que eu não possa descansar, porque a sua saude me preoccupa mais do que a minha. Assim é que me impuz o sacrificio de separar-me della por uns dias. Quando um homem ama sua mulher como eu a amo, estas ausencias são desconsoladoras. Mas, que se ha de fazer? Meus negocios não me permittiram acompanhal-a, como era do meu desejo. Emfim, depois de amanhã já a teremos de volta, e o senhor poderá começar o seu retrato calmamente

— Com muito gosto — respondeu o pintor.

— Creia-me que o invejo — proseguiu o marido, — porque ella vae passar diante do seu cavallete largas horas de calma e de silencio. Se desejo retirar-me dos negocios é para poder con-

sagrar-me a ella toda a vida. Somos um casal modelo. Desculpe estas ridiculas expansões do meu coração. Mas eu amo-a tanto!

— Ao contrario, cavalheiro — replicou galantemente o pintor; — acho-as muito naturaes. Isto demonstra que o meu futuro modelo é uma mulher digna, por todos os titulos, de despertar um amor tão profundo e digna, tambem, de ser perpetuada na téla.

— E' uma mulher ideal. Terá occasião de confirmal-o — accrescentou, despedindo-se do pintor. Dentro de dois dias, virei com ella ao atelier com o proposito de lhe apresentar e de que seja começado, em seguida, o trabalho.

Perroti não se maravilhou de ouvir falar assim um velho de sessenta e poucos annos. Conhecera varios exemplares semelhantes, que até na ultima etapa da vida não renunciam a acreditar-se em plena lua de mel.

— Este pobre homem — disse de si para si — é dos que á ultima hora se casam com uma das muitas mulheres jovens e formosas que andam pelo mundo em busca de posição. Pode ser o amante que paga. Mas percebe-se que ella é habil e o obrigou a ser o pretendente que se casa...

E, sem conhecel-a, imaginava a vida da sra. Gardel no balneario, em companhia, certamente, de outro banhista joven e com outra ponta de rheumatismo igual á do seu proximo modelo. Já por estas razões, tinha vivo desejo de conhecel-a.

No dia indicado, a senhora Gardel se apresentou no atelier de Perroti, mas sem o esposo.

— Convenci meu marido — disse — de que a sua presença não é necessaria, uma vez que já falára ao senhor e assim elle não precisa distrahir-se uma tarde de seus negocios...

O pintor estava estupefacto.

— Mas... A senhora é a esposa do sr. Gardel? — perguntou-lhe?

— E quem o senhor queria que fosse? — respondeu a referida senhora, sorrindo.

— A esposa do senhor que esteve aqui ha dias e que me falava para que eu pintasse o retrato da senhora? — insistiu Perroti, duvidando.

— Eu mesma.

— A senhora que estava no balneario para curar-se de uma ponta de rheumatismo?

— Tambem lhe disse que padeço de rheumatismo? O pobre se preoccupa tanto commigo que não ha meio de convencel-o do contrario.

Mas o pintor não insistiu. Toda a sua attenção estava concentrada na contemplação de seu modelo. Uma mulher de mais de cincoenta annos, toda pintada, e que trazia na mão uma enorme caixa de papelão!

— Trago nesta caixa — disse a senhora Grandel — o vestido de "soirée" com que meu pobre esposo quer que me retrate. E', de todos, o que elle mais gosta. Onde posso vestil-o?

Perroti não sabia o que devia dizer. Deveria mostrar-lhe o "boudoir", onde os modelos faziam a "toilette"? Ainda que o preço fosse tentador, não tinha o menor desejo de começar nem de proseguir um retrato que, artisticamente, não o interessava. Que podia fazer com um original semelhante?

— A senhora tem muito interesse em que eu a retrate? — insinuou o pintor. Porque poderia recommendal-a a algum dos meus companheiros. Tenho tanto trabalho neste momento!...

Ella adivinhou com exactidão o que Perroti pensava e replicou resolutamente:

— Por que devemos de fazer soffrer a um homem bom? O senhor seria capaz de commetter a crueldade de fazel-o comprehender que sou uma mulher velha e já acabada? Em trinta annos de matrimonio, meu marido não deixou um momento de me acreditar formosa. Eu lhe supplico, não por mim, senão por elle, por sua felicidade de esposo apaixonado, que não o desperte da sua cegueira.

Perroti accedeu, sinceramente commovido. Quando, porém, a senhora Gardel appareceu vestida para pousar, o espectaculo tornou-se mais horrivel. Seu vestido, excessivamente decotado, não occultava nenhuma das desillusões da velhice.

— Não lhe parece que, se puzesse uma echarpe, uma coisa

qualquer sobre os hombros ficaria melhor o retrato? — atreveu-se o pintor a insinuar-lhe.

— Senhor, — respondeu ella com voz dolorosa: meu esposo deseja que saiam no retrato as minhas espaduas, meu peito... Eu fui tão formosa, e meu marido me ama tanto que não notou ainda a transformação, talvez porque os annos tenham operado muito lentamente... Pedi-lhe justamente que não viesse aqui commigo para eu poder confessar ao senhor estas debilidades, para contar algo da nossa vida que se tem desenrolado sem o menor desgosto, numa doçura constante. Temos vivido tão unidos, elle me tem amado com tanta sinceridade, que não me viu envelhecer. Para elle, sou a mesma que conheceu ha trinta annos, época em que nada havia de estranho que eu fosse seductora como tantas outras.

— E assim deve ser — senhora — affirmou Perroti, algo convencido.

— Supplico-lhe que não deixe de fazer este retrato, apesar de comprehender que, para o senhor, pintor da moda, acostumado a retratar as mulheres mais celebres da nossa sociedade por sua belleza, ha de ser uma tarefa mui pouco agradavel... Vou levar o meu atrevimento até a pedir-lhe que seja meu cumplice... Sou uma mulher velha, fatigada, acostumada, porém, a viver rodeada de todo o genero de afagos e ternuras, por parte de meu esposo, e seria muito doloroso, para mim, soffrer, nos meus ultimos annos, a tristeza da realidade. A felicidade de meu marido tem suas raizes em mim mesma. Sou eu, cavalheiro, quem deve fazer o possivel para que ellas não morram. Seria a destruição da arvore de sua vida. O sr. me comprehende, certamente. Para felicidade de meu marido, elle precisa continuar amando-me.

— Comprehendo, senhora, — respondeu Perroti.

— De modo que, se o senhor, em sua consciencia de artista, pintasse o que está vendo o resultado seria, para mim, espantoso. Supplico-lhe que, com a habilidade de sua arte, com esse grande talento de pintor que tem e que todos reconhecem e elogiam com enthusiasmo, imagine todos os encantos que eu tive até á idade de trinta annos e os passe para a téla.

Perroti lia no rosto da velha senhora, que não se desconhecia a si mesma, o grande interesse que tinha em manter a ignorancia de seu marido, que, enamorado della loucamente, não reparara em sua decadencia, não se apercebera de que os annos não haviam passado em vão por sua esposa, pois, como acontecia com elle, o tempo havia deixado claramente as suas marcas...

Qual dos dois era o mais ridiculo? Nenhum. Através de um mundo cheio de crueis realidades, haviam tido o privilegio de libertar dellas seus corações e mantel-os na deliciosa região de um sonho felicissimo...

— Estou disposto a ser seu cumplice, senhora, — affirmou o pintor, convencido.

Durante muitos dias, a sra. Gardel sempre ia posar, reconhecendo que das mãos do pintor ia sahir uma das suas melhores obras.

Os pinceis do artista adivinharam, pelos traços da velhice, os encantos da juventude.
Ella mesma, quando tinha vinte e cinco annos, quando ainda os annos não haviam passado e gozava de toda a sua juventude, na plenitude de sua belleza.

— Creio que a senhora já pode trazer o seu esposo para que a veja retratada — disse o pintor, quando estava prestes a terminar o quadro.

E no dia seguinte appareceu o sr. Gardel, em companhia de sua

esposa, e em breves phrases demonstrou a sinceridade de sua alma.

— Admiravel! — exclamou. E' de uma semelhança assombrosa! E' ella, ella! Parece que está falando!

E dirigindo-se confidencialmente a Perroti, emquanto ella estava distraida:

— Tudo: sua garganta, suas espaduas, seu peito, tudo está maravilhosamente reproduzido.

— Estás satisfeito? — perguntou-lhe a esposa.

— Satisfeito e agradecidissimo.

Os dois cumplices trocaram um olhar.

O pintor estava intimamente orgulhoso de haver contribuido para a felicidade de um homem bom.

ATTENTADO

Cneto de AFFONLO HERNANDES CATA'

Uma singular narração, que é um fino estudo psycologico e que suggere bem interessantes idéas a respeito de responsabilidade dos deliquentes.

E' uma contrariedade parecer-se esse homem com meu pae. Eu contava quatro annos quando meu pae morreu e a recordação que delle tenho, ter-se ia perdido se não fosse um retrato no qual está com um outro senhor que não sei quem é. Perdi esse retrato ha bastante tempo; mas quando o velho advogado entrou esta manhã na cella, sentou-se junto a mim, tornei a ver a photographia como se tivesse deante dos olhos, ainda melhor, como se estivesse dentro della... Porque eu sou "o outro senhor" e o advogado é o meu pae, e a mesa que está entre nós é aquella mesa... Sim, o mesmo olhar, o mesmo lento piscar, o mesmo peito de camisa entre-aberta, pelo qual transborda uma barba de conego. Noutro tempo, essa semelhança me surprehenderia; hoje não...

Contraria-me, mas não me surprehende. Elle é o meu pae e eu sou o senhor que não sei quem é, como fui "o outro", o que oxalá nunca houvesse sido... O meu verdadeiro mal é ser como uma fronha de homem na qual entram outras pessoas, outros homens que, occultos dentro do que de mim fica, tomam-me por disfarce e vão pela vida, irresponsaveis, servindo-se de meus pés, de minhas mãos de minhas usurpação.

Quando o advogado se poz de pé e, olhando-me no fundo dos olhos, disse-me: "O senhor hade reconsiderar o seu acto. Estou designado para tratar de si e quero ouvir tudo que possa dizer-me em sua defesa... Hoje voltarei dentro de dois ou tres dias e então falaremos..." quando me disse estas palavras com voz de meu pae, eu baixei a cabeça como convém a um filho submisso, e respondi:

Perdoe-me a anterior violencia... Nada tenho a dizer, nada posso dizer. Acceito de boa vontadea pena que queiram impôr-me os meus juizes...

A morte? a morte. A prisão. a prisão... Nada posso dizer em minha defesa, mas se o senhor insiste, e se obstina em voltar volte quando quizer.

Olhou-me attentamente um momento, como surpreso do quanto cresci. sahiu em silencio. De novo entre as quatro brancas paredes, que transpiram humidade, lembrou-me o que já lembrara antes: Porque não podia continuar sendo o senhor do retrato?

Recordo-me bem que, sentado, com as pernas cruzadas, olhando no vacuo alguma cousa que o meu pae olha ao mesmo tempo que elle, não tem cara de homem máo... As rugas, da fronte não são rugas de preoccupação; dous extremos de uma corrente pendurada de uma casa de collete, vão perder-se nos seus bolsos, traçando duas curvas parecidas a um cortinado. Não devia ser rico nem pobre, nem muito tropego nem muito agil... Eu ficaria sendo perfeitamente elle, já que me é ncessario sobreviver á minha verdadeira morte. Mas o outro, o terrivel "outro", o que ordena, o que me trouxe para aqui, o que me impede de descobrir o segredo, viu meu corpo vazio e refugiou-se nelle, com a avidez de um caminheiro que, surprehendido pelo temporal, vê uma arvore frondosa, na planicie...

Nada devo dizer. Nós os mortos somos mais discretos que os vivos e, no entanto... Se esse velho advogado volta, ses se senta outra vez como meu pae está sentado no retrato, se um momento me permitte a fortuna de sentir dentro de mim o outro senhor que não sei quem é, presinto que lhe contarei tudo como se não se tratasse de mim, como se lhe contasse um conto phantastico...

Bem; o senhor sabe que querendo salvar uma menina, fui apanhado por um trem e jogado fóra da linha, na apparencia, levemente machucado, mas na realidade morto. O senhor não sabia? Não estranho: eu tão pouco o soube antes que elle m'o dissesse... Mas tem razão, começarei do principio para não confundir-me... E' absurdo que as cousas possam começar pela segunda parte, que é... Sim, renuncio ás digressões. Vou contar o caso com methodo; ouça-me e se convencerá que tudo foi horrivelmente simples.

Eu era agente da estação quando se deu esse salvamento de que lhe falei. Vinte e sete annos de trabalho habituaram-me a essa vida, mais do que dura, monotona. Entre o telegrapho e o continuo trafego dos trens, não eram os dias longos para mim. O senhor conhece a minha estação, que até esse acontecimento ninguem conhecia, pois embora na occasião fallassem de mim, não foi tanto como agora. Perdida entre montanhas, em meio de dois tunneis, que a espreitam, é uma estação de pouco movimento. Só tem quatro empregados, e dois delles vivem no povoado, que está a dois kilometros numa encosta ingreme e penhascosa.

Não fica bem eu, um empregado, critique a companhia, mas bem podia fazer um pavilhãosinho annexo para nos evitar a insuffiencia de pessoal... Realmente, é muito penoso para mim pensar que verei mais a minha mesa com o Morse, as divisões para os bilhetes, a guarita de paredes granulosas pintadas de cinzento, e o grande relogio com as suas duas espheras.

Ora ! Afinal vi tudo isso mais tempo do que devia: desde o dia da minha morte até o dia que a policia me prendeu... Não farei nenhuma outra digressão; não se impaciente, que entro immediatamente no assumpto.

Seguramente ninguem tivera a idéa de destacar meu nome da multidão de empregados até aquelle dia. Imagine quantos nomes haverá nessa interminavel lista. Era uma tarde de gelo, e em todos os serviçoshavia um atrazo atroz. Quando me annunciaram, da estação immediata, a sahida do mixto 422, abotoei o dolman e sahi para o desvio. Além de dous ou tres passageiros, estavam alli, uma mulher com uma creança de peito e outra já maiorsinha. Não sei como foi; parece que a rapariga quiz inclinar-se para ver se o trem já alcançára a curva de entrada... O caso é que escorregou, que a vimos estendida a todo o comprimento entre os trilhos. A mãe quiz atirar-se, eu, de um salto tomei-a nos braços... Mas já o trem estava alli sobre nós... E a mãe teve que esperar que passasse a interminavel fila de vagões para ver o que nos tinha acontecido... Porque o barbaro do machinista, para compensar o atrazo, vinha a setenta á hora, e não poude parar senão a grande distancia. A menina estava salva, e eu, embora pisado, desado, depois de um desmaio achei-me perfeitamente: algumas erosões, um grande ruido dentro da cabeça, mas nada mais. Isso acreditaram todos, isso acreditei eu mesmo. Agora começa o extraordinario... Uma noite eu dormitava em minha cama de vento junto á mesa; o primeiro trem — de carga — só passava ás quatro e meia; tinha tempo de dormir um bom somno... Já ha muito eu vinha a vigilia me desesperava. E não era verdadeiramente vigilia, porque, como ter somno, ora se eu tinha somno !... e não podia dormir. Comecei a contar até mil; quando cheguei a quatrocentos, veiu-me a idéa de calcular de memoria os bilhetes vendidos durante a semana... Nada.

De repente o Morse começou a andar... Tac, tac-tac, tac... O senhor ha de conhecer perfeitamente esses pequenos golpes seccos... Ponto, traço, dois traços, ponto... Da cama ia eu coordenando primeiro letras, depois syllabas, palavras afinal. Os sons succediam-se com tão pequeno intervallo, que apezar de quinze annos de pratica, e de ser um dos melhores telegraphistas — perdoe a immodestia de ouvido... Juro-lhe que nunca senti tal impressão de terror; quiz levantar-me para ver e o telegrapho escreveu duas vezes seguidas: "Não te levantes; na tira de papel nada fica escripto. Escuta dahi sem mexer-te"...

Ao receber esta ordem, já me seria impossivel faltar a ella; fui como um louco; cahi senti que os meus ossos se faziam gelatinosos; quasi com os olhos dilatados, todo o ser posto nos ouvidos ouvidos, para escutar o tac tac do telegrapho. E então elle começou as suas revelações:

— Tic tac, tic tac, tac, tac, tac... Escuta... Estás usurpando uma vida. O encontrão que te deu a locomotiva, aquella dor que sentiste na espadua esquerda, foi o coração que deixou de pulsar. Estás morto e bem morto... Tu já não existes; teu corpo está vazio.

Foi, papae, como uma grande luz que se accendesse dentro de mim; comprehendi logo que ella dizia a verdade... Já em mim surgira varias vezes uma obscura consciencia disso, mas tão vaga, que a idéa fugia quando fazia esforço para fital-a. Aquella communicação illumi[illegible]a... Eu estava morto. Ao primeiro terror porém, succedeu uma sensação de tranquillidade... Não, de existencia... Sem que os meus labios se movessem, tive este pensamento: "E tu', que falas commigo, quem és?"

O tic tac recomeçou

— Sou... A mim acontece o contrario do que se passa comtigo; meu corpo morreu e o meu espirito vive... Sem duvida, onheces-me. Sou Francisco Geur, o anarchista a quem fuzilaram ha tres mezes... Não foi obra da justiça, não; foi um assassinato; eu não era culpado da conspiração que me imputaram.

O governo temia-me e quiz livrar-se de mim... Elle não sabe que só o meu corpo morreu, e tu' não podes dizel-o a ninguem, porque entre os mortos os segredos são inviolaveis... E' extraordinario, não é verdade? Tu' és só corpo e eu sou só espirito. Os dois unidos fariamos um homem...

Aqui o tic tac accelerou-se tanto, que não pude entender. Parece-me que de uma feita suspirou: "Ah! se quizesses"... Depois, sempre com precipitação, disse-me que São Christovão vinha communicar-lhe que Deus o chamava a toda a pressa. Prometteu voltar e, com effeito, na noite seguinte voltou.

Mas não posso contar tudo de uma vez. Eu julgava que ser orador era profissão de folgazões. Uma vez, num "meeting" onde fui para ver o que isso era, occorreu-me a idéa ouvindo falar um senhor que queria ser deputado. E não, ora se cansa falar... Se o senhor quer saber o resto, peça um copo de vinho e qualquer coisa de comer. Como não tenho senão corpo, sou escravo de todas as suas necessidades... Até nisto tive má sorte.

Não, é melhor que não me pretenção sua de que repita a contrarie, depois falarei dessa historia deante de seu irmão... Acabe de ouvil-a e depois veremos. Mas, sente-se aqui, junto á mesa, e eu me sentarei do outro lado, ponha a mão sobre o livro, da mesma forma que no retrato...

De outro modo não poderia continuar contando. Naquelle dia trabalhei automaticamente, como trabalha um corpo que se

Por fim chegou a noite que esperava com tanta impaciencia e elle tambem, á mesma hora que na noite anterior, com a exactidão de um trem expresso.

— Tic tac, tic tic, tic... Estou aqui.

— Esperava-te.

— Venho contentissimo... Aposto que não adivinhas para o que Deus me mandou chamar?

— Não posso saber; já sabes que o meu espirito morreu.

— Na verdade, na verdade... Deu-me licença por fim... O meu assassinato não ficará impune!

— Deu-te licença para que?

— Para vingar-me!

O Morse teve uma trepidação demorada e colerica. Depois continuou imperativamente:

— Preciso do teu corpo. Sem um corpo não poderei fazer nada: nem esgrimir uma faca, nem atirar uma bomba... E' preciso que me emprestes teu corpo, que sejas meu braço.

Eu me levantei para gritar:

— Não, não!... Não quero ser o teu instrumento!... Eu fui um homem honrado!... Lamento o mal que te fizeram, recuso-me a servires-te de mim...

— Preciso de ti! Tenho a permissão de Deus!... Não me obrigues a ser violento!

— Jamais te servirei para um crime!... Procura outro corpo qualquer... Tem compaixão de mim. Jámais me prestarei a isso!

— Sim!

— Não, nunca!... Opponho-me com todas as minhas forças!

— E' a tua ultima palavra?

— Deixa-me, deixa-me! Que mal te fiz eu?

— Sim...

— Nunca... nunca!

— Nunca?... Verás...

De repente, e isto foi terrivel, papae, o tic tac cessou, e a voz delle repassada de ironia e de triumpho, falou. De onde julga que falou papae?

Falou dentro de mim...

— Eu teria preferido um accordo — disse. — E'-me penoso entrar violentamente num corpo alheio, embora renegue a propriedade... E' inutil qualquer resistencia... Na realidade, o que quero que faças por mim não será muito violento nem te obriga a sahir da tua profissão... outra, trocam-se as agulhas e Puxar uma alavanca em vez de está acabado... O trem em que viaja o ministro passará amanhã por aqui.

— Que podia eu fazer, senão o que fiz? Não podia metter a minha propria mão dentro de mim para tiral-o; além disso, embora o tivesse feito, um espirito é immaterial. Nem ao menos podia falar, nem desejar a sua sahida, porque a minha voz já não era a minha voz, nem tinha pensamento que não fosse o seu... Faz bem o senhor em entenecer-se; eu tambem choraria lagrimas naquella noite se ao menos pudesse dispôr das minhas lagrimas. O senhor sabe o resto quasi tão bem como eu... No dia seguinte, o trem que devia passar como um meteoro pela frente da minha pequena estação, tomou um caminho errado

De córte muito simples, seu unico adorno está na golla, no cinto ou num bordado, ás vezes apenas num toque, em tom contrastante. As combinações são originaes — violeta e verde, vermelho e "parma", "fusalina" e azul. São cores dominantes com o negro. Bruyére substitue os botões por "clips" dourados, segurando um "drapé" e assim dando luz ao conjunto.

Nina Ricci apresenta modelos bem juvenis, com gollas altas, com prégas e alguns com molsinhos levando um galão de chorão.

Jean Patou offerece de suas elegantes vestidas de "jersey", com cintos largos de couro, ás

vezes com adornos de bolsinhos simulados. Sobre um modelo que é de "crépe marrocain", negro, vemos um cinto "echarpe", de

setim branco que, ao enrolar-se duas vezes ao redor do tulhe, tem um ligeiro movimento ascendente na frente, com um effeito de bolero. Muito "chiffon", em um so tom, emprega-se para os vestidos da noite, de amplas saias.

Chanel usa o "chiffon" em cores vivas, combinadas com encaixes bonitos. Rochas creou uma capa de "chiffon" preto, para cobrir um vestido tambem preto.

O abrigo transparente é muito visto em Paris algumas vezes de encaixe e outras de "chiffon".

Rouff colloca um casaco de "chiffon" cor de laranja sobre um vestido de setim verde.

Nos algodões os desenhos são passaros e flores e as cores ão bem interesantes, reflectindo uma influencia accidental e tiroleza, de onde concluimo que são de tintas muito alegres.

Molyseus dá a sua opinião sobre a elegancia da mulher americana do norte sobre o seu andar. E o seu córte severo contrasta com os laminados, com os velludos, de grande riqueza. São luxuosos os seus trajos de estylo alfaiate, para a noite. Emquanto os hombros seguem altos, largos, importantes, os da creação Molyneux são em linha recta, desde a golla ao extremo

do hombro, por meio de um enchimento bem collocado, que não se faz muito largos.

Os materiaes e os adornos são bastante bellos e elegantes.

O vestido eleito, mais que em nenhum outro anno, parece o inteiriço.

Esse "petite robe", que se leva todo o dia e se permitte numa ceia, é o mais offerecido por todos os modelistas. Embora muito simples em sua linha exterior, não deixa o seu corte de ser rebuscado, maravilhosamente com-

detalhes, como, por exemplo, uns minusculos "depassants", em tres fileiras, de tecido vermelho, "beije" e azul, recortados em dentes, sob a roda da saia, nas mangas e na abertura do decote. Uma serie de bolsinhos quadrados, com bordas de setim vão

binado, em cada modelo o seu decote renovado, de modo original e graça indiscutivel. Como o negro domina, é necessario empregar fantasia nos adornos e

sobre o corpinho. E' importante recordar que um cinto de camurça clara, mais ora menos largo, dá vida ao vestido todo preto. Quanto ao córte, á linha modeladora da saia, insinuam-se detalhes de assignalada attracção. As mangas já não são tão curtas, nem por demais compridas — um pouco abaixo do cotovelo, na metade do ante-braço sempre armadas no extremo.

As mais diversas fantasias se observam nos chapéos para a tarde, emquanto os da manhã guardam uma deliciosa simplicidade.

Na proxima chronica nos deteremos sobre esses novos encantos.

MAQUILLAGE

O novo maquillage para noite é de dois tons e chega, ás vezes, a ser de tres e quatro! Já vão longe os dias em que uma caixa de pó e um baton bastavam para conservar o prestigio da belleza feminina durante toda uma noite. E' necessario, pelo menos, dois tons de pó e um baton escuro e brilhante, para dar a attracção que as noites

modernas exigem da mulher elegante.

Isso parece-lhe complicado? Pois está redondamente enganada; é a coisa mais simples misturar os pós e rouges e obter os effeitos mais encantadores.

Os rostos bochechudos podem dar a impressão de finos e as pelles pallidas podem rivalizar com as naturalmente rosadas. Misturando cuidadosamente os tons adequados dos cosmeticos necessarios ás varias especies de pelle, você pode escurecel-a ou clareal-a á vontade para que combine com a côr do seu vestido de noite. Dois batons usados intelligentemente destacam a belleza dos labios. Um maquillage harmonioso nas palpebras, pestanas e sobrancelhas, dá uma nova attracção aos olhos.

A base do maquillage nocturno deve ser feita com um preparado em forma de crême, pó ou loção, indifferentemente, mas que seja exactamente do tom natural da pelle. Depois, se quizer clarear a côr natural da sua pelle, faça a primeira

applicação de pó do mesmo tom claro que desejar que ella possua, depois de terminado o maquillage.

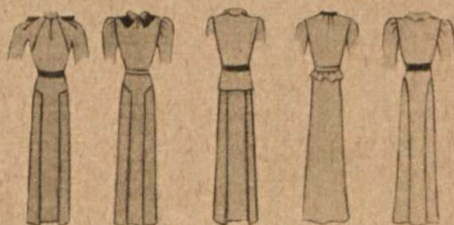
Mas, se pelo contrario, quizer dar uma tonalidade mais escura a uma pelle clara, a primeira camada de pó deve ser escura. O tom da pelle deve ser dado aos poucos; é preciso ser paciente.

Mas, comecemos pelo principio. Em primeiro logar, limpe a pelle e depois passe um tonico refrescante sobre o rosto e o pescoço para remover todo o preparado de limpeza. Depois disso, se você possue uma pelle escura e deseja dar-lhe um tom de alabastro, precisará de um rouge em crême ou em pasta um pouco mais claro do que o que costuma usar. Se quizer escurecel-a, use, naturalmente, o rouge de um tom mais escuro que o normal. Espalhe levemente o rouge sobre as faces, mas não abuse da quantidade.

O preparado basico deve ser usado depois. Deve ser do mesmo tom

da pelle ou inteiramente incolor. Espalhe esse preparado basico sobre a pelle e o rouge, é claro, em uma quantidade razoavel. Lembre-se de que o seu unico fim é reter o maquillage, e que, quando é posto em excesso, dá á pelle um aspecto artificial.

Faça, após isso, a primeira applicação de pó, que deve ser do mesmo tom que deseja possuir depois de terminado o maquillage. Use uma pluma de lã macia para collocar o pó sobre a base do maquillage. Retire o excesso de pó com uma escova especial de pellos macios, longa e estreita, para poder penetrar nos cantos do nariz e dos olhos.

Agora, que a sua pelle adquiriu um tom mais definido, você deve cuidar de modelar o contorno do rosto. Se deseja afinar um rosto

ge nocturno é: *usar pó escuro para afinar, e claro, para elevar ou destacar.*

Um rosto demasiado fino e comprido dá a impressão de mais redondo quando se colloca pó escuro sobre o queixo, mixto sobre a testa e claro sobre as maçãs do rosto, exactamente em frente da orelha.

Quando o rosto estiver completamente empoado, você notará que

bochechudo, applique um pó escuro sobre os seus lados. Um queixo e um nariz demasiado salientes tornam-se mais delicados e menores com a applicação de pó escuro. A regra fundamental para o maquilla-

o rouge está sufficientemente visivel.

Trate agora do maquillage dos olhos. No centro da pagina ha uma tabella que indica qual o tom que você deve usar para dar sombra ás palpebras e colorido ás pestanas e sobrancelhas.

Escove as pestanas inferiores com um pouco de vaselina, para retirar todo o pó que houver nellas e dar-lhes brilho. Nunca se deve pintar as pestanas inferiores, porque o tom escuro pode espalhar-se pela parte inferior dos olhos, provocando olheiras envelhecedoras.

E agora, o colorido dos labios! Você precisará de dois tons, um escuro e um claro, para dar aos labios uma côr adequada, uma linha perfeita e a maciez necessaria. Applique o tom escuro no labio superior e o claro no inferior. Não use dois tons desconcertantes de baton. Dois tons de morango ou de escarlate, podem ser usados,

mas, sempre que fizer a combinação, repare que os dois tons tenham uma mesma côr basica.

Colloque uma farta quantidade de baton e deixe-o permanecer durante um minuto, para fixar. Depois, espalhe o colorido com as pontas dos dedos. Após isso, aperte um pedaço de tecido entre os labios para retirar todo o excesso de pintura. Faça isos duas ou tres vezes, até que o colorido dos labios fique bem firme, mas não exaggerado.

O toque final do maquillage deve ser dado pelo rouge facial em pó.

Colloque na pluma apenas um pouco de rouge e espalhe-o pelas maçãs do rosto com muita leveza. Estude cuidadosamente a côr do rouge que destaca a belleza do seu typo, e trate de combinal-a com a côr do baton.

As caixinhas de transportar a pintura devem ser cuidadosamente escolhidas. Escolha uma que combine em tamanho e feitio com o seu typo e cujo colorido esteja de accordo com o da toilette que vae usar. Se estiver em duvida quanto ao feitio, escolha as caixinhas de

metal redondas, que são as mais communs e harmonizam com todos os typos. Ha algumas em fórma de estrellas, corações, lua crescente, etc., que são encantadoras; vêm, muitas vezes, cobertas de pedras e ficam deliciosas com os vestidos de noite.

PARA TER BELLAS MÃOS

Mãos bonitas... E' uma graça, mas não é tudo! Mãos fidalgas... Não se illudam as mulheres pensan-

do que as joias bastam, porque as verdadeiras, as legitimas joias das mãos são as unhas.

São ellas que indicam, verdadeiramente, o gráo de requinte e os habitos de elegancia da creatura.

Joalheiro nenhum, por preço algum, poderia fornecer esse ornamento natural, essas preciosas joias, que as mulheres querem como as mais raras.

E as joias bellas são adquiridas pela constancia no tratamento, sem descuidos imperdoaveis, negando-lhes uns minutos diarios, necessarios á sua belleza.

Tendo-se esse habito diario, é muito certo que as unhas se transformam em petalas de rosas.

A primeira coisa será a fórma: curtas demais são feias, porque fazem os dados largos, chatos. Compridas demais, são incommodas e difficeis de mantel-as polidas, perfeitas em seu tamanho igual umas ás outras, tanto se quebram.

Condição indispensavel á belleza é tambem a meia lua.

Quando se vê a meia lua, pode-se notar que no pollegar ella é muito maior, emquanto nos outros diminue e no minimo mal se divisa. A meia lua é um contraste bonito com o rosado da superficie da unha.

Ha pessoas que possuem esse pequeno disco mesmo sem cuidar das unhas, mas, em geral, para possuil-o, é preciso empurrar a pelle que o invade.

A operação de afastar a pelle que circunda a unha é, assim, muito necessaria, pois, além de descobrir o semi-circulo branco, ajuda o crescimento da substancia dura, dando-lhe uma forma mais longa. A pelle, assim, empurrada não se despega em pelliculas que, sendo cortadas sem grandes cuidados, derivam infecções.

Acontece ainda, muitas vezes, sem razão comprehendida, que apparecem debaixo das unhas umas manchas brancas, para as quaes outro remedio não ha senão deixal-as or com o crescimento.

Ha quem applique e recommende o uso do limão, mas, em verdade,

(Continua no fim da Revista)

O DISCO

(Continuação da pagina 7)

Era insupportavel, aquelle isolamento, cada um fechado na sua propria dor — e ella odiara a propria resolução, que os mettera em camisa de força. Estranho, reflectira, que quatro ou cinco palavras tivessem aquelle poder; que provocassem aquella mysteriosa e terrivel sensação de separação, de perda absoluta do ser amado. Olhou para o relogio do carro — meio dia, já! Era necessario que se apressasse. Mrs. Congrave, no emtanto, era uma **chauffeuse** que não estava habituada a fazer mais de vinte e cinco milhas horarias. Receiou encontrar os cães de caça — Sheila devia estar caçando.

Entrou na estrada que havia transposto uma semana antes e as recordações daquelle trecho do percurso eram menos importunas. O seu estado de espirito havia sido então mais de vertiginosa espectativa de felicidade e de incerteza — com o terror de que alguma coisa impedisse o encontro desejado. Mas como se sabe pouco, **antes,** como contam pouco os livros e o cinema da realidade do amor, pensou — das suas agonias, da luta que a destroçara, da simplicidade ingenua e cheia de ternura que succedera á luta, da paz profunda e maravilhosa que era tão mais profunda e maravilhosa do que todas as alegrias faceis narradas nos livros. Aquelle aspecto tremendo do amor, então não o conheciam os escriptores?

Os pneus iam tragando a estrada, o olhar ausente de Geraldine acariciava a paisagem; fechada no circulo de seus pensamentos intimos, de suas secretas anciedades e da sua mysteriosa felicidade, pelos campos suaves e pallidamente coloridos, ella ia conduzindo o automovel para a frente, sempre para a frente.

* * *

O major George Congrave chegou á casa á hora do almoço. Não imaginara chegar antes da tarde; mas acceitara o convite para fazer a viagem á noite, no automovel de uns conhecidos, dormira no club, em Londres, e pela manhã resolvera o que devia resolver com o alfaiate e o sapateiro, conseguindo tomar o trem das 11,40 e passar um telegramma avisando da sua chegada. Embora normalmente sociavel, dava um grande valor a duas ou tres horas a mais que conseguisse para passar na serenidade do lar. Depois do almoço, foi passear no jardim, observando com attenção concentrada tudo que já vira tão bem antes — as trepadeiras subindo pelas velhas paredes, os novos canteiros, os chrysanthemos do lado de fóra da estufa e as margaridas sob os grandes cedros.

De quando em quando consultava o relogio. Esperara encontrar Geraldine em casa para o almoço; ella costumava fazer a viagem de volta pela manhã. Mas a residencia de Sheila ficava distante — umas cento e trinta milhas — e Geraldine não gostava de conduzir com muita velocidade. Carregou dois jarros onde haviam sido recentemente plantados dois pés de chrysanthemos e collocou-os sobre a escrivaninha de Geraldine — eram côr de telha, como sabia que elle mais apreciava. Sentira-se satisfeito no jardim, mas dentro de casa, respondendo á correspondencia que havia chegado, aguçava o ouvido a todo ruido de automovel que passasse pela estrada, esperando ouvir o motor diminuir a marcha e os pneus rangerem depois sobre as pedrinhas da avenida interna.

A' hora do chá estava francamente inquieto. A casa não era a mesma sem Geraldine. — O salão, com a mesa do chá arrumada perto da lareira, parecia não estar completo; com um gesto impaciente, abriu a janella e afastou as cortinas, para ouvir melhor quando o carro se approximasse — George era um pouco surdo.

A's cinco horas passou para a bibliotheca, onde ficava o telephone, com a intenção de telephonar a Sheila — mas nesse momento ouviu o ruido de um outro automovel, e prestou attenção; sim, dessa vez era Geraldine. Sahiu e foi ao encontro da mulher na garage, guardando o carro para ella e carregando as suas maletas.

Quando appareceu de novo no salão Geraldine estava sentada ao lado da lareira, tomando chá.

— Você se atrazou, — observou George. — Que aconteceu?

— Estourei um pneu, — replicou ella, satisfeita de ter realmente estourado um pneu na sexta-feira, pois George costumava inspeccionar cuidadosamente o carro depois de todas as suas sahidas.

Mas quando poderia imaginar que elle chegasse antes das seis e cincoenta? Sentia-se ainda enervada pelo choque de encontral-o já em casa. Discorreram sobre o accidente do pneu durante algum tempo e finalmente elle disse:

— Bem, o essencial é que você esteja sã e salva. Eu já ia telephonar a Sheila para me informar do que poderia ter acontecido.

Mrs. Congrave, subitamente, deixou cahir a colherinha, que tirou um som secco do pires de porcellana. George apanhou para ella a colherinha.

— Você está nervosa! — notou com carinho. — Não se divertiu bastante, filha?

— Muito, — replicou ella. — Mas acho que vou me deitar para descançar um pouco, — accrescentou.

George disse que era isso mesmo que ella devia fazer e Geraldine deixou-o. Mas, deitada, não conseguia conciliar o somno. O perigo que correra deixava-a com os nervos tensos. Ficou parada, os olhos abertos, fixos nas cortinas floridas do quarto tão graciosamente decorado e cheio dos reflexos do fogo da lareira, sentindo-se percorrida por ondas successivas de terror. Sim, estava realmente exhausta. Vestiu-se, observou com attenção o rosto ao espelho — não, depois de pintada quasi não se notava, George não diria nada.

Mas George notou. A' mesa do jantar, disse de repente:

— Você está muito abatida, Geraldine. Que andaram fazendo, você e Sheila? Não está se sentindo bem?

A viagem havia sido fatigante, replicou ella, e em casa de Sheila haviam jogado bridge todas as noites até muito tarde. George resmungou que Sheila deveria ter mais juizo.

— Você está mesmo abatidissima. Tem certeza de que não se sente mal?

— Não se preoccupe, querido, — disse Geraldine com uma certa impaciencia. — Não posso me impedir de ficar cançada, uma vez ou outra.

mava inspeccionar cuidadosa-

Percebeu a' surpreza no olhar delle ao se ouvir chamado de "querido" — quasi nunca o chamava assim. Adquirira o habito falando com Nigel. Oh, era preciso que fosse mais cautelosa! Mas como prestar attenção a tudo, quando se sentia tão cançada? George se levantou e abraçou-a:

— Vamos para a sala da frente para que você se estique um pouco no sofá, — disse. — Vou buscar a farra de vinho do porto para t' marmos.

Que bondoso era George! Deitou-se no sofá, sentindo-se criminosa, e apanhou o tricot.

— Viu os chrysanthemos? Trouxe-os hoje para dentro. Lindos, não? — perguntou George, trazendo a bandeja e indicando as flores sobre a escrivaninha.

— Lindissimos. Obrigada, George, — agradeceu ella, continuando a tricotar.

Oh, porque tinha elle tirado aquelle dia, justamente, para ser mais attencioso que nos outros, por que? Ficava mais difficil. Elle a estava observando, tambem, percebia-o por sob as pestanas; e a sua tensão nervosa augmentou.

George observava-a, realmente. Estava vagamente ntrigado. Geraldine tinha um ar de extrema fadiga, inexplicavel depois de uma simples viagem de automovel e uma semana de repouso. Sua attitude era estranha, tambem — não parecia dar attenção ou importancia a coisa nenhuma, nem demorara o olhar nos chrysanthemos, ella que sempre se extasiava com as flores frescas que enfeitassem o interior da casa. Dava a impressão de não estar ali, de estar longe — quando o chamara de "querido", pouco antes, elle tivera a sensação de que se dirigia a uma outra pessoa. Secretos, invisiveis, como uma corrente occulta, o medo e o conhecimento della impressionavam o subconsciente de George, dando-lhe uma sensação de arrepio. Mas George não era o que se chama um imaginativo, e estava satisfeito por ter novamente Geraldine a seu lado. Desanuviou o espirito e dirigiu-se para a victrola. Geraldine gostou — poderia fechar os olhos para ouvir musica, o que seria melhor do que ficar como estava. Olhando para a victrola, lembrou-se de como o sol entrava pela janella e illuminava o modernismo vulgar do ambiente na manhã em que decidira acceitar o convite de Nigel. E nesse momento ouviram-se as primeiras notas do disco de Robeson.

— Oh, outra coisa, por favor! — exclamou Geraldine, sem reflectir.

George voltou-se para ella, admirado.

— Pensei que você gostasse, — murmurou, mudando o disco.

— Sim, gosto, não leve em conta o que disse. Mas é que já o ouvimos tantas vezes...

— Gosto de ouvil-o, depois de ter passado tantos dias fóra de casa, — disse George lentamente. — Sempre tive a sensação de que este é o **seu** disco, Geraldine, pois acreditava que você o preferisse aos outros. Mas tocaremos outra coisa, se você quer.

— Não, esse mesmo, George... eu gosto.

Sim, depois daquillo era preciso que o deixasse tocar o disco. Céos, quão seu era aquelle disco! Fechou os olhos. Por certo não haveria nenhum mal em ficar assim, immovel?

A voz encheu a sala, encheu-a tambem toda; deu-lhe uma consciencia de que não se julgava capaz, musica e palavras vibrando em conjunto, expandindo-se...

Rio profundo, moro para lá do Jordão...

Oh, sim — morava para lá do Jordão, agora, encontrava a morada de seu coração. Mas era preciso que ficasse quieta, immovel.

Houve a mudança de tom, a voz se fez ouvir de novo na segunda parte, mais penetrante, mais pesquizadora, attingindo maiores profundezas...

Oh, não queres ir
A' festa do Evangelho?
A essa Terra Promettida
Onde tudo é paz?

E nos agudos e graves daquellas notas, nas ultimas duas linhas, de subito, ella comprehendeu o que a canção sempre significara, mas não soubera antes. A paz, para ella e para Nigel — aquella paz mais profunda e mysteriosa que tudo na vida, a paz que ella e Nigel haviam encontrado depois das horas de lu-

e foi fazer-se em pedaços contra outro trem. Foi uma catastrophe formidavel. Do monte de escombros sahia fumo e cinza; vi uma mulher com uma farpa espetada no pescoço e dois homens despedaçados e depois cozidos por um jorro de vapor de agua quente. Setenta e dois mortos e quarenta feridos: uma coisa horrivel... Mas o ministro salvou-se milagrosamente. Depois tive uma suspeita? Não lhe parece?... Imaginei que elle me enganou, que Deus não lhe déra licença para fazer aquillo.

Não quiz dar-lhe um desgosto na sua idade e por isto eu tornei a contar tudo diante deste senhor. Ha dois dias já esteve aqui o porteiro, disse-me que era medico forense. Como não sabia que era seu irmão, papae, limitei-me a responder-lhe sim ou não; os senhores comprehenderão que não ia revelar-lhes o segredo. Pois bem: tratando-se de um tio e para agradar-lhe...

— Continua o senhor com a cantiga de que me salvou a vida? Satisfaça-se com haver-m'a dado pela primeira vez, papae; o senhor tem a obstinação dos velhos. Como me póde salvar a vida se não a tenho! E' uma questão de senso commum. Não me ouviu dizer 2 vezes que morri no mesmo dia que salvei a menina?... Claro está que isso são rabugices da idade.

Eu, que era caritativo, que tinha perdido a vida para salvar uma menina, não poderia fazer o que elle me obrigou a fazer.

Ah! quero pedir-lhes um favor... Se elles, por não saberem de nada, condemnarem-me á morte, façam os senhores que partam meu corpo em pedaços; que não o deixem inteiro, por Deus! não torne elle a vir, ponha uma faca na minha mão e me obrigue a cortar o pescoço de quem muito bem elle queira, do ser mais querido para mim... do senhor mesmo, papae, se lhe aprouver. Porque se levantam assim, de repente? Tem tanta pressa? Escutem primeiro uma coisa para que se convençam que naquella tarde eu não era eu...

A LINHA

AMALIA GUGLIELMINETTI

Os dois commensaes passaram ao salão de fumar e accenderam os cigarros. A propria Ida serviu o café e distribuiu o assucar; depois estendeu a Gustavo Anders, o celebre retratista, uma revista de arte, e a Ernesto Lima, o homem ocioso, uma revista franceza de modas. Mas nem um nem outro as abriu.

— Minha querida amiga — disse rindo Gustavo Anders á dona da casa — dê esta revista de arte a Ernesto, que tem necessidade de se instruir e a mim a de modas. Sabe que sou um fervoroso adorador e um moderno interprete da elegancia feminina.

— Sei — respondeu a senhora com leve sorriso de reprovação, abrindo sob seus olhos as grandes paginas de cores delicadissimas — e sei tambem o que dizem do senhor os criticos mais severos.

— Que copio em meus retratos um figurino da moda e depois ponho em cima uma cabeça que se assemelhe vagamente ao meu modelo. E isto não é verdade? Mas a verdad é ainda peor: eu não retrato senão mulheres que se approximem todo o possivel da ultima creação da moda franceza. Meu gosto detesta a natureza e a simplicidade, não ama nada além do artificioso, do falso, do voluvel, toda essa apaixonada e subjugadora perversidade que é o caracter e a essencia da elegancia feminina de nossos tempos.

— E' paradoxal amigo Anders.

— E's absurdo, querido Gustavo.

— Adoro esses rostos "maquillés", avivados, de linhas remarcadas, atormentados pelo desejo de agradar; esses olhos excessivamente grandes, esses labios rubros, esses corpos adelgaçados até o inverosimil, essa pouca carne refinada e macerada pela adoração de si mesma e pela avidez da adoração alheia.

— O senhor é o perverso Baudelaire em prosa — disse Ida, rindo suavemente entre a fumaça e espalhando as volutas, com a mão delicada.

— Eu diria qualquer coisa mais forte, se o respeito que devo á nossa amiga não me contivesse — observou Ernesto Liana, levantando-se bruscamente.

E saiu para a sacada, aberta na noite, suspensa sobre a rua negra, sob um céo mais negro ainda.

Anders sacudiu a cabeça desorientado e disse, brincalhão:

— Não sabia que Ernesto fosse um homem moral.

— Não é um homem moral, é um homem infeliz — respondeu Ida em voz baixa. Contar-lhe-ei algum dia a historia dolorosa e comica de sua vida, se é que....

Interrompeu-se, porque Ernesto Liana voltava a apparecer; via-se claramente que obrigava a bocca a um sorriso, com os labios ainda contraidos pela ira contida de pouco antes.

— Perdoa-me se me excedi — disse com certa amargura; — sou, ás vezes, um enfermo com quem é preciso complacencia.

Gustavo Anders esboçou um gesto de negligente indulgencia e Ida tomou-lhe a mão, obrigou-o a sentar-se a seu lado e disse paternalmente.

— Não pense em coisas tristes, meu amigo.

— Sim, penso nellas; tenho necessidade de pensar e de falar — insistiu, com o rosto e a voz alterados pela idéa fixa. Relatarei a Gustavo minha tragedia mascarada em farça, ou minha farça mascarada em tragedia, para que comprehenda meu irreflectido impulso de colera.

Tirou o cigarro, bebeu um golle de café e proseguiu:

— Talvez ignores, pois quasi todos o ignoram, que sou casado e não vivo com minha mulher ha mais de doze annos. Casei-me, ha cerca de tres annos, por amor, e adorava-a por sua belleza viçosa, sã e alegre de mulher moça e feliz. Agradava-me por sua vitalidade clara, quasi primitiva, por suas faces tingidas de rosa, por sua plastica formosura de estatua grega, por tudo que havia nella de inconsciente animalidade e de graça magnifica e serena.

Um inverno, em Nice, conheceu a condessa Balmes, a mulher mais delgada e mais elegante de toda aquella aristocracia e ambas sentiram-se logo, ligadas pela mais viva amizade. Nunca existiram dois sêres mais diversos de corpo e de alma. A condessa Balmes passava em Paris quatro mezes do anno e era a mulher de teus sonhos e de tua arte. Gustavo, com tudo isso que chamas a perversidade apaixonada da elegancia moderna: refinada, artificiosa e falsa, quanto minha mulher era simples, espontanea e sincera.

Eu a detestava e ella o sabia. Causava-me medo e asco com esse não sei que de macabro que tinha nos olhos pintados e no arco dos dentes demasiado brancos; e ella o comprehendia. Foi essa mulher quem deu á minha esposa umas poucas revistas francezas de modas e se promptificou a inicial-a no culto e nos mysterios da elegancia parisiense.

— Que pena, "Blanchette", que te falte a linha! — suspirava cada vez que a observava.

Minha mulher chamava-se Branca e aquelle diminutivo equivoco irritava-me como uma chicotada no rosto. Mas Branca não se irritou; reflectiu, meditou, e se propoz a obter a linha. Os especificos para emmagrecer, os collodios e os ioduretos invadiram o toucador e as gavetas; o cozinheiro recebeu ordens severissimas e a senhora submetteu-se ao regimen mais mortificante que um austero confessor pudesse impor á mais voraz peccadora de gula. Quando morreu "Bobs", o cãozinho inglez a quem Branca queria com ternura, affligiu-se tanto que não tocou em alimento algum por espaço de quarenta horas; mas quando se apercebeu de que esta dôr lhe tinha diminuido o peso mais do que as pillulas e as bebidas, chegou a se alegrar com a morte de "Bobs" e desejar para si mesma qualquer outra desventura semelhante.

Cada um tem na vida um ideal, ao qual sacrifica tudo ou quasi tudo. Gustavo, tens tua gloria; eu, minha paz; e o ideal de minha mulher consistiu em emmagrecer. E tudo em torno della foi submettido e immolado á comica ferocidade de sua aspiração.

Todos os annos passavamos um mez de verão no mar, onde minha incuravel preguiça de homem pacifico gozava voluptuosamente os longos ocios da praia, as longas contemplações vazias de pensamentos com o corpo estendido na areia morbida.

Naquelle anno, Branca annunciou-me que os banhos de mar eram contraproducentes para o seu regimen e que o medico lhe ordenava a montanha, com possibilidade de muito movimento e de muitas excursões.

Subimos, em mulas, para um hotel encravado no alto da montanha, mas, depois de uma semana, percebemos que faltavam as possibilidades de excursões. Sahiam todos os dias pequenas comitivas, para escalar os cimos; mas era gente bem diversa e afastada de nós; rostos curtidos pelo sol e os gellos, que se riam de nossas mãos brancas e de nossos trajes apropriados para montanha scenographica.

Mas, certa manhã, Branca entrou no meu aposento com um sorriso radiante.

— Chegou Balestraux. Acabo de falar com elle; partirá amanhã para uma excursão e prometteu levar-me.

Balestraux era um joven advogado meu amigo, apaixonado, adorador e temerario escalador de picos; moreno, delgado, todo nervos e musculos, amava a montanha como se ama uma mulher para cercal-a e subjugal-a no silencio e no perigo.

Receando que elle faltasse á promessa Branca esteve a seu lado o dia inteiro, e não se offendeu nem retrocedeu com as subtis brincadeiras com que elle tentava dissuadil-a de seu audaz proposito. Partiram no dia seguinte, ao alvorecer, e o dia pareceu-me eterno. A' noite, de regresso, emquanto Branca dormia em seu quarto, morta de cansaço, Balestraux, comendo á minha mesa, dizia-me:

— Tem necessidade de treinamento, mas será uma grande alpinista.

Treinou durante uma semana, antes de tentar a grande ascensão que devia durar dois dias e uma noite, e eu não a via senão em breves momentos, nas horas de refeição.

Na tarde da vespera, eu fumava a um angulo do escuro terraço, quando, de repente, appareceu na zona de luz da porta aberta Branca seguida por Balestraux. Elle pedia, em voz baixa:

— Rogo-te que me deixes ir só, é uma fadiga sobrehumana para ti, um esforço inutil. Seremos obrigados a nos determos em meio do trajecto.

Ella riu seccamente, apoiada á balaustrada, sem olhal-o.

— Não te illudas — disse — irei a todo custo; dei-me a ti por isto, bem o sabes; só por isso.

Elle curvou a cabeça e entrou. Ella tambem desappareceu, não sei como... porque eu fechara os olhos para não sentir minha queda no vacuo, com a fronte gelada de suor e a bocca amarga, como se tivesse ingerido veneno. A quanto chegara! A darse áquelle homem sem amor, para submettel-o áquella outra paixão maior, para encadeal-o a

ella, para obrigal-o a que a levasse ao longo dos caminhos franqueados por precipicios e atalhos perigosos. Chegára a sacrificar-me e a sacrificar-se á ferocidade ridicula de sua monomania!

Mais tarde, entrei em seu quarto e encontrei-a de penteador, desprendendo, diante do espelho, os cabellos que os possuia longos e bellissimos. Emmagrceera muit onaquelles mezes e sua belleza adquirira uma madureza e uma intensidade mais aguda e vibrante; mas, ao mesmo tempo, notava nella qualquer coisa de desafiante e hostil que me repellia.

— Amanhã não sairás do hotel — disse eu com toda calma.

Voltou-se bruscamente pallida, entre as ondas dos cabellos soltos.

— Deves estar louco!

— Não; raciocino perfeitamente. Amanhã partirás commigo e não com teu amante.

Ella retrocedeu uns passos, com os braços cruzados sobre o peito, numa attitude de defesa e perguntou-me se brincava, com os labios contraidos em um sorriso de terror.

— Ha pouco eu estava no terraço — expliquei brevemente. Não te resta mais do que escolher. Ou partes commigo amanhã, esta noite, ou agora mesmo, se quizeres, e eu esqueço e perdôo tudo, ou ficas um só dia e não ha mais nada entre nós.

Branca, sentou-se, cruzou os Parti naquella mesma noite e — Fico.

Parti naquella mesma noite e no dia seguinte iniciei os passos para o divorcio.

O narrador enxugou a fronte com o lenço de seda e occultou por um instante o rosto entre as mãos, em silencio; depois, com voz suffocada, accrescentou:

— Não tornei a vel-a.

E saiu para a sacada, para que sómente a noite soubesse sua angustia e não sorrisse.

Gustavo Anders inclinou-se para a amiga e commentou em voz baixa:

— Que mulher interessante! Se a encontrasse pelo mundo, palavra de honra, far-lhe-ia um retrato!

— Cale-se, homem cynico — admoestou Ida, sorrindo

E foi reunir-se a Ernesto Liana, na sacada aberta para a noite, e suspensa sobre a rua negra, sob um céo mais negro ainda...

O CAVALLEIRO DAS TREVAS

Edmond Jaloux

Parece que lord Horatio está muito preoccupado esta noite — disse sir William Nasch, olhando para o Porto dourado com que acabava de encher o seu calice. Que poderiamos fazer para distrair o nosso amigo? Terá a sua imaginação esgotado a taça de todos os prazeres deste mundo? Londres não é uma cidade muito divertida. Sabemos tudo o que contém; é bem pouca coisa, por certo. Seria preciso criar um novo club: o das pessoas aborrecidas. Nelle seriam admittidos todos aquelles que inventassem uma nova forma de matar o tempo. Ha na capital, segundo se diz, cerca de tres mil cafés. E' inverosimil pensar na semelhança que têm entre si. Como inventar uma coisa nova?...

Lord Horatio Ribblesbane sorriu apenas, sem responder.

Sir William Nasch voltou-se então para o terceiro interlocutor, que bebia em silencio, e accrescentou:

— Tens de me ajudar, Reginald. E' impossivel deixarmos o nosso amigo nessa tristeza, cuja causa não quer confessar-nos. Sei bem que não te distingues precisamente pelo talento criador. Posso accrescentar que não te distingues em nada... Porém, como até os homens mais desprovidos de originalidade costumam ter ás vezes uma chispa de genio... Que podes suggerir?

— Nunca na minha vida me diverti — respondeu Reginald Polwhele. E não será justamente hoje que isso me ha de occorrer. Se Horatio se aborrece tanto como eu, peor para elle e para mim. Tens razão ao affirmar que não sirvo para nada. Nunca achei remedio para o tédio, a não ser a bebida. Isso me faz passar por um ébrio, o que constitue um erro: um ébrio é um homem que bebe mais do que o razoavel, e eu bebo sempre muito menos do que o razoavel. Se alguma vez me acontecesse embriagar-me, então havia de ver-se até que alturas de concepção pode elevar-se um homem amante do vinho do Porto. Mas, infelizmente, ainda não chegamos a essa perfeição...

— Talvez pudessemos dar um baile de mascaras original — proseguiu sir Nascn. E imaginar tanto os convidados, que nem se lembrassem de ter commettido semelhante loucura.

— Não tenho fé nos bailes de mascaras — disse lord Horatio Ribblesbane.

— Desde quando?

— Desde que o coronel Luttrel fez a sua entrada num delles, deitado num ataude e vestido como um "gentleman" que se visse obrigado a usar esse póstumo meio de transporte. A idéa em si não era má, mas teve consequencias lamentaveis; creio que elle matou, por assim dizer, o espirito da mascarada, porque é difficil inventar coisa melhor.

- Eu preferia um baile romano — disse sir William. Poderiamos vestir-nos com pelles de tigre, e entrar a quatro patas numa sala onde as moças mais bonitas de Londres estivessem amarradas em postes especiaes, inteiramente nuas. Seria a unica forma dellas parecerem boas christãs. Quanto á continuação da festa, deixo á imaginação dos meus amigos o modo de completal-a.

— Na verdade, a idéa não é má! — exclamou sir Reginald. O peor é que teriamos de aprender a rugir.

A conversação entre os tres nobres inglezes tinha logar no salão circular do velho castello, propriedade de lord Horatio Ribblesbane.

Era um salão immenso e o tecto estava adornado de losangos formando a cruz de Malta. A luz entrava por seis grandes janellas, separadas umas das outras por artesonados escuros. Duas figuras de sereia dominavam uma chaminé monumental, no centro da qual um medalhão de marmore representava, em baixo relevo, os amores de Leda e do cysne.

Em frente, no outro extremo do salão, uma consola dourada sustinha uma collecção de crystaes de Veneza.

Poltronas enormes, cadeiras de couro e alguns tamboretes completavam a mobilia.

— Não creio que possam fazer nada por mim — disse lord Horatio. Nem ninguem. Estou saturado de prazeres, e não sei de ninguem que se cure de uma doença contraindo outra. Malditas sejam todas essas invenções! Ha dez annos que faço tudo que me apetece, e parece-me que vou começar a não o poder fazer. Porque o que eu desejo não existe, ou porque não sei ao certo o que quero.

— E o amor? — perguntou sir William.

Lord Ribblesbane inclinou a cabeça para traz, olhando para o tecto.

— Pode ser — disse lentamente — que exista em qualquer parte alguma coisa que se chame amor, que tenha a virtude de dar ao homem um sentimento de poderio e de felicidade illimitada. Mas eu nunca conheci isso. Não ignoro o que as mulheres procuram no amor, e que é bem pouca coisa. Tambem não ignoro o que os homens encontram nelle, e que é menos ainda. Não creio que Shakespeare e todos os poetas do tempo de Isabel, quando falavam de amor, tivessem diante dos olhos a imagem do beijo vulgar, que desanima. Eu quereria achar um termo médio, entre esse desejo e esse desgosto; esse termo médio deve ser o que os poetas chamaram "amor". Pois bem. Creio que no nosso tempo, e aqui, sob o reinado de Sua Majestade o rei Jorge IV, não ha uma só mulher que possa inspirar esse amo[illegible] um homem, nem um homem que possa despertar o amor numa mulher. Acreditei, durante muito tempo, que a satisfação do proprio anélo era a unica moral conveniente. Aprendi á minha custa que a moral é muito sabia, quando diz que o prazer gasta o homem mais depressa que o frio, a chuva e a fome.

Calou-se. Sir William levantou-se.

— Nessas condições — disse — creio que o melhor que podemos fazer por ti é deixar-te em paz, Horatio. Voltaremos a visitar-te quanto te encontrares noutro estado de espirito.

— Ee se não voltarem não se perderá nada — [illegible] Horatio. Passarão sem mim com tanta facilidade como eu. A amizade, no nosso tempo, vale tanto como o amor.

* * *

Quando os amigos sahiram, lord Ribblesbane subiu ao seu quarto. Em vez de se vestir com a elegancia e o cuidado de um homem da sua posição, tirou do [illegible]-roupa o traje mais humilde, um verdadeiro uniforme de empregado de armazem. Depois, calçando uma botas sujas, o chapéo desabado sobre os olhos, sahiu de casa rapidamente, por uma porta dissimulada no fundo do jardim.

Um nevoeiro esverdeado estendia-se pouco a pouco sobre as ruas.

Sempre que se sentia amargurado, lord Ribblesbane não achava nada melhor do que vagar assim pelas ruas de Londres, attes, deixando-se atropelar pelas outras pessoas, pela gente do povo, quasi sem o sentir.

O rumor da rua não lhe chegava aos ouvidos. Os pensamentos mais estranhos formavam em seu espirito imagens confusas, e comprazia-se em complical-os mais, em seguil-os, para augmentar o torvellinho. Chegava assim a sentir-se num estado parecido com a somnolencia.

Esse trabalho involuntario não tinha para elle um objectivo definido; procurava apenas tirar conclusões, apurar circumstancias e factos que não se parecessem com as coisas certas da vida vulgar.

Lord Ribblesbane chegou assim á City. Tudo era silencio em redor, ou porque se houvesse aventurado pelas ruas mais estreitas e solitarias, ou porque a hora tardia assustasse os transeuntes, fazendo-os refugiarem-se nas tabernas.

Nesse momento, lord Horatio pensava numa mulher que era sua amante, lady Arabello Dayes, e dizia comsigo mesmo que não podia supportal-a mais tempo. Não havia, a seus olhos, coisa mais detestavel do que aquella belleza altaneira, fria, nacarada, assim como a monotonia das suas phrases.

De repente, ouviu atraz delle, nas pedras da rua, a cadencia de um duplo trote. Os cavallos deviam trazer uma grande velocidade. Era tão extraordinario que os cavalleiros se aventurassem áquellas horas por um bairro tão afastado, que lord Horatio se voltou para olhar. E viu então um raro espectaculo: dois cavallos pretos avançavam na bruma, conduzidos por um só cavalleiro. Os cavallos eram negros, e pareceram a lord Horatio muito maiores do que os que elle costumava montar.

Ao chegar junto do passeante, um dos animaes — o que não ia montado — parou, negou-se a seguir e deu meia volta, como assustado. O homem que o conduzia puxou-lhe as redeas, e teve muito trabalho para o dominar. Lord Ribblesbane viu que o focinho do animal estava cheio de espuma, e que os seus olhos desorbitados, ardiam num olhar estranho.

Seguiu o seu caminho quando o ruido dos cascos se perdeu ao longe. E viu então a seu lado, em pé na calçada, uma moça que tinha parado para observar a scena.

Era ella de pequena estatura, delicada, e os seus olhos de menina pareciam reflectir um estado de paz interior e secreta ventura: um olhar que se vê muito raramente nos seres communs. Aquelles olhos eram de uma côr estranha: nem pardos, nem azues, nem verdes.

Lord Horatio procurou a palavra que pudesse traduzir aquella expressão, mas não a achou; não era candura, nem ingenuidade. Era uma especie de assombro feliz e doce, a persistencia incrivel da infancia num rosto de mulher.

O joven seguiu-a. Ella caminhava rapidamente, nervosa. Chegou assim diante de uma casa baixa, escura, na qual entrou. Lord Horatio reparou bem na casa; e no dia seguinte, ao cahir da tarde, esperou á porta. No outro dia tambem. E só no terceiro dia viu sahir a moça. Abordou-a, então, como era seu proposito.

Se elle se lhe apresentasse tal qual era, vestido como um "dandy" que tinha a honra de ser amigo de Georges Bryan Brummel, nunca Daisy Nowes teria dado ouvidos ás suas palavras. Mas a modesta apparencia de lord Horatio depunha muito a seu favor. E o que melhor pre-

dispunha a joven era aquelle rosto fino, regular, de exquisita pallidez, sob o humilde chapéo velho.

Daisy não suspeitou que o homem que adoptara aquella mascara, se na realidade fosse o que parecia, não poderia exprimir-se com a correcção que lord Ribblesbane punha em suas phrases.

— Vim aqui muitos dias para vel-a. Não conseguia o meu proposito. O peior era a minha ignorancia a seu respeito: não sabia se a senhorita morava aqui, ou se tinha vindo em visita.

— Não deve falar-me assim — disse a moça. Não fica bem. Sempre me prohibiram de deixar-me abordar na rua por um desconhecido.

O joven poz-se a rir.

— E' certo que a senhorita não me conhece, mas eu conheço-a. Vi-a outro dia, e deslumbrou-me. Não deve pensar que sou um sujeito perigoso que se dedica a zombar das raparigas. A senhorita é uma creatura a quem seria impossivel fazer victima de qualquer pilheria. Se lhe falo, é porque me inspira um profundo respeito. Não me interessa senão tornar a vel-a.

— Quem é o senhor? — perguntou ella.

— Chamo-me John Matthews. Sou "garçon" no Café Lloyd, perto da Bolsa. Ganho a vida, e seria muito feliz se a senhorita consentisse em passear commigo.

Daisy Knowes lutava entre a prudencia e o desejo de ouvir o desconhecido. Caminharam juntos um bocado. Daisy disse ao seu acompanhante que era orphã, que vivia com uma parenta muito velha e muito pobre, que fazia flores artificiaes para as lojas.

Não tinha outra distracção além de ir á igreja aos domingos, e passear pelas ruas quando ia entregar o seu trabalho. Não conhecia ninguem no mundo, além de sua tia e do padre da igreja; não sabia o significado da palavra "prazer", e a propria vida era uma coisa ignorada para ella, fora dos ensinamentos do Apocalypse, que sua tia lia sem cessar.

As suas associações de idéas, os seus erros de apreciação, as suas opiniões sobre as coisas formavam o conjunto mais estranho e divertido que lord Ribblesbane pudera imaginar. Experimentava, ao ouvil-a, uma especie de terno respeito por aquella mulher que parecia vir da lua, e que mostrava ser tão ignorante como a criança que estende os bracinhos ao recem chegado que a convida a andar.

No dia seguinte ao daquelle encontro, lord Horatio Ribblesbane confessou á moça que a amava. O mais curioso é que não mentia, porque a ingenuidade, a graça, o encanto de Daisy Knowes tinham impressionado o orgulhoso homem de mundo, como não o conseguira fazer nenhuma das mulheres que o tinham amado.

* * *

De todos os "dandys" que rodearam a mocidade do rei Jorge IV, o mais orgulhoso, o mais elegante, o mais cynico, depois de Georges Bryan Brummel, foi sem duvida lord Horatio Ribblesbane.

Não podia dar-se uma ceia no Carlton nem uma festa no Almack, sem contar com a sua presença; e mais de uma beldade da côrte se apaixonara loucamente por aquella figura vaidosa e altaneira, de rosto pallido, sem que um olhar se dignasse pousar nella, sem que um sorriso lhe distendesse os labios finos. Porque lord Horatio Ribblesbane nunca amara nada nem ninguem a não ser os cavallos que enchiam as suas cavallariças.

Esse homem, que tudo aborrecia, tinha no emtanto um prazer: vestir-se como um simples empregado do commercio, e passear de noite pelas ruas desertas, ao longo do Tamisa; assistir com a população ás brigas de gallos; entrar, emfim, nalguma sordida taberna, e beber um copo em companhia dos marinheiros, encontrados ao acaso.

Só isso o distraia um pouco, e naquelles momentos de abandono esquecia o seu luxo, a inutilidade da sua vida, a sua escravidão dourada, o peso glacial do seu tedio.

Porém, desde o dia em que conheceu Daisy Knowes tudo mudou. Aquelle Horatio fátuo, ferino, mostrou-se com essa joven, submisso e affectuoso; sempre attento ás suas menores tristezas, ás suas indisposições, aos seus caprichos. Nada no mundo o perturbara nunca; mas quando via a sua amiguinha preoccupada ou triste, faria o impossivel para apagar daquelle semblante a sombra que o affligia.

Muitas vezes se assombrava elle mesmo de tal mudança, e pensava talvez a ignorancia do seu proprio caracter o levara a transformar-se no que todo mundo via nelle, no manequim detestavel da alta sociedade.

Como sentia a necessidade de ver a amiga com toda a liberdade, alugou e mobiliou para ella uma casinha situada no Soho. Era uma velha construcção de commodos altos, onde Horatio se entregou á tarefa de rodear a joven de um conforto, mesmo de um luxo a que ella não estava acostumada.

Daisy abandonou sua tia com o pretexto de ir trabalhar na provincia, e foi viver na casa que

o amante installara para ella. Quando se mostrava admirada da belleza das coisas que Horatio lhe offerecia, elle dizia-lhe a rir:

— Não te inquietes, Daisy. Tudo que aqui vês é falso. O antiquario da esquina não te daria uma libra por tudo isto. Não vale absolutamente nada.

— Mas, de qualquer maneira — replicava ella — isto custa-te dinheiro...

Elle proseguia, rindo sempre:

— Tenho algumas economias, e além disso deves saber que os freguezes do Café Lloyd são muito generosos.

Quanto á casa, fez crer a Daisy que pertencia a um desses freguezes, que a entregara a John Matthews para que olhasse por elle na sua ausencia.

E Daisy Knowes sabia tão pouco da vida, que as pequenas mentiras do seu amigo lhe pareciam verdades irrefutaveis.

Passavam juntos longos serões, e elle lia alguns livros. Lindas tragedias do tempo da rainha Isabel ou comedias extravagantes. Daisy chorava ou ria ás verdade, assim como os magnificos crystaes e as pratarias do amigo lhe pareciam falsas. Imaginava que lhe contavam coisas antigas mas verdadeiras, reaes.

Uma ou duas vezes, para distrail-a, lord Horatio levou-a ao Jardim de Vauxhall.

O povo comia e bebia ao ar livre. De um estrado alumiado por duas lampadas enormes vinha o ruido frenetico de uma orchestra, e na beira do estrado uma mulher decotada cantava uma romança interminavel. A multidão apinhava-se a seus pés, erguendo os olhos para lhe admirar a peruca branca, o cordão preto que lhe rodeava o pescoço e o pequeno e gracioso rosto.

Sir William Nasch, que passeava com sir Reginald e o duque de Chamberry, viu Horatio e disse em voz alta:

— Vejam aquelle empregadito, que tem a ousadia de se parecer com o nosso amigo Horatio Ribblesbane! Quando eu o disser a lord Horatio, elle morrerá de vergonha. Que será de nós, se os homens dessa classe podem ser tão bellos como o mais bello dos nossos nobres?

Lord Ribblesbane fingiu não ouvir essas palavras, e arrastou Daisy para outro grupo. Mas prometteu a si mesmo vingar-se dos seus amigos de qualquer forma, sem os deixar perceber o motivo do seu rancor.

O incidente dissuadiu-o de sair mais a miudo com Daisy. Por outra parte, ella sentia-se muito intimidada em meio de uma multidão habituada á elegancia e ao ruido: preferia cem vezes os serões solitarios na casinha de Soho, onde ouvia ler as tragicas historias da vida de Ricardo III ou as inverosimeis aventuras venezianas.

Passaram-se assim dez annos; dez annos durante os quaes, sem trair nunca o seu incognito, o falso John Matthews ia todos os dias ao encontro da sua amiga. A's vezes prevenia-a de que chegaria muito tarde, porque lhe tinham dado no café um trabalho supplementar; e nessa noite era visto na côrte ou em casa da condessa de Lincoln, imperturbavel, esplendido, glacial.

Assim, longe de todos, no mysterio, ao longo dos mezes mais monotonos e mais aprazivies, viveu lord Horatio Ribblesbane junto dessa coisa singular que se chama felicidade. E quando regressava ao seu magnifico palacio, quasi esquecido, e se contemplava no espelho, parecia-lhe impossivel que John Matthews não tivesse existido sempre.

A's vezes sentia o receio de que a sua amiga se aborrecesse.

— Que queres que faça para te distrair? De que precisas?

E dir-lhe-ia de todo o coração, como aquelle dos seus contemporaneos que viu a sua amante admirando a lua: "Não a contemples assim: não posso offerecer-ta!"

Mas Daisy Knowes erguia para elle o seu olhar innocente, e respondia com toda a simplicidade da sua alma:

— Que mais posso desejar, se já me déste tudo?

* * *

Dirigia-se lord Horatio Ribblesbane á casa da sua amiga, numa tarde de outomno chuvosa e fria. Recusara um convite para jantar no palacio do duque de Moosberry. Havia algum tempo que a saude de Daisy o preoccupava muito. Não se tratava de uma doença definida, mas de uma subita pallidez, de uma dor estranha que a obrigava a levar a mão ao coração, como para conter um agudo soffrimento.

— Que tens? — perguntava-lhe.

— Nada. Um pouco de fadiga que não sei a que attribuir. Levo a vida mais tranquilla e menos fatigante que se possa imaginar...

Horatio mandou chamar um medico, que prescreveu vagos remedios, perorou um bocado, e ao ver um objecto magnifico, uma anfora de jade, disse com assombro:

— Nunca vi coisa semelhante. Seria preciso uma fortuna para adquirir um objecto desta especie.

— Uma fortuna? — gritou Daisy. Mas é falso...

— Falso? — replicou o medico.

— Não pôde continuar, porque atraz delle John Matthews disse, com o tom secco e cortante de lord Ribblesbane:

— Mandei-o vir para saber a sua opinião sobre a saude da senhora, e não para apreciar o valor da mobilia!

O medico desculpou-se, balbuciou qualquer coisa e retirou-se muito intrigado, perguntando a si mesmo como é que um homem humildemente vestido, com um nome tão vulgar, podia possuir aquellas maneiras de grande senhor e aquelles valiosos "bibelots".

Tudo isto passava agora pela recordação de lord Horatio, emquanto caminhava em direcção ao Soho; e á medida que se approximava da casa, a sua inquietação crescia, transformando-se até em angustia.

Ouviu atraz delle a cadencia peculiar de dois cavallos trotando ruidosamente sobre o pavimento.

Um estremecimento percorreu lord Horatio. Precisava de se voltar? Não sabia já que aquelles dois cavallos eram negros, de grande talhe, e conduzidos por um só postilhão? E tambem desta vez, ao approximar-se de lord Ribblesbane, um dos animaes recusou-se a avançar mais; houve uma dura luta entre elle e o cavalleiro. E então, olhando melhor, lord Horatio viu que o homem levava um tricórnio, e que uma mascara lhe cobria o rosto.

Quando o estranho grupo passou, lord Horatio subiu a velha escada que o recebia ha dez annos. Como lhe pareciam altos agora os degráos! Ou seriam as suas pernas que eram mais pesadas? Deteve-se uma ou duas vezes, limpando o rosto com um lenço de linho grosseiro. No emtanto não fazia calor...

No momento de dar volta á chave na fechadura, interrompeu-se. Ouviu do outro lado da porta uns ruidos indistinctos, uma especie de estranho concerto de gemidos, palavras entrecortadas e rumor de passos.

Pela primeira vez na sua vida lord Horatio teve medo. Quando avançava no vestibulo, alguem

que não conhecia se approximou delle:

A criada da senhora chamou-nos esta manhã. A senhora estava muito mal.

Lord Ribblesbane reagiu, e

— E agora?

A pessoa desconhecida desappareceu sem responder.

Lord Horatio entrou na alcova e viu, sobre o leito amplo, um semblante suave, quieto, inerte para sempre, repousando com tanta calma e serenidade, sobre o travesseiro, que dava a impressão de que não pudera sobreviver á intensidade da sua ventura.

Lord Horatio experimentou uma grande dor, e não houve nada que o pudesse consolar. Voltou ao seu mundo, não por gosto, mas porque ninguem se occupava delle, e todo mundo ignorava o soffrimento que o torturava.

No emtanto, notaram o seu mutismo, o seu ar ausente, a sua tristeza.

Parecera sempre tão distante, tão melancolico, tão afastado das coisas do mundo, que todos suppuzeram que o seu máo humor se aggravara, simplesmente. E não procuraram mais o motivo secreto do seu desequilibrio moral.

Novas mulheres se lhe approximaram, e elle repelliu-as. Pois haveria no mundo um ser que pela sua graça, ternura e devoção, pudesse comparar-se com Daisy, com a sua amada morta?

Lord Ribblesbane voltava para o seu esplendido palacio, e escondido no canto mais afastado chorava, evocando as recordações de Daisy: as flores humildes na anfora de jade, as conversas interminaveis, os passeios entre a bruma, pelas ruelas sombrias...

Tornava a ver o seu sorriso, os seus gestos, as suas caricias, as suas attitudes. Mas as recordações fugiam, e encontrava-se novamente sozinho, com as mãos vazias. Então, lia para si só aquellas tragedias antigas, que tanto encantavam a imaginação da moça.

Punha-se em pé e imitava as attitudes dramaticas dos reis, os gestos desesperados dos amantes, as gargalhadas do truões. E voltava-se, ás vezes, como se a sua amiga o estivesse ouvindo... Sempre só!... Tornava então a cair na sua poltrona, inerte, indifferente. E bebia, até altas horas da noite.

Em breve todo mundo começou a notar que lord Ribblesbane envelhecia; o seu rosto adquiria pouco a pouco a tonalidade do marfim velho, a sua mão tremia ao levar uma taça aos labios. Olhavam para elle a sorrir, mas ninguem se atrevia a dizer-lhe que os máos habitos lhe arruinavam a saude. Todos sabiam já a resposta:

— Creio que a minha saude me pertence. Talvez seja a unica coisa de minha absoluta propriedade. Posso fazer della o que quizer; até mesmo arruina-la...

* * *

Uma noite, jantando em casa do duque de Moosberry, lord Ribblesbane teve por vizinha de mesa lady Arabella Dayes, a quem amara antes de conhecer Daisy. Lady Arabella não parecia ter envelhecido desde então.

Olhou para lord Horatio com o ar de insolencia que adoptara desde a sua apresentação na sociedade, e disse:

— Alegra-me vel-o de novo. Sei que sahi menos do que antes, e commigo se dá o mesmo. Como supponho que no dia de juizo final o vale de Josaphat estará cheio de gente, não confie nessa circumstancia para que nos tornemos a encontrar...

Lord Horatio não respondeu. Ha muito tempo que elle renunciara vel-a, neste mundo e no outro. Depois de um silencio, limitou-se a dizer:

— Creio que ainda terei o prazer de encontral-a, senhora, porque Londres não é muito grande e nós não somos assim tão numerosos. E' certo que saio muito menos, e que a sociedade perdeu para mim todo o attractivo... Um attractivo, aliás, que eu nunca lhe descobri...

— Mas, para desprezal-a assim tanto, o senhor viveu nella com muita frequencia — observou Arabella.

— Procurava alguma coisa que não pude encontrar... porque não existe.

— E que se encontra em outra parte?

— Sim: que se encontrava em outra parte.

Ella teve um sorriso ironico, e replicou:

— Será permittido perguntar em que consiste isso que procurava?

— E' uma coisa demasiadamente simples, para ser dita num jantar tão brilhante como este. Uma coisa tão pobre, tão modesta, que se a mencionasse aqui todo este luxo, toda esta elegancia se desvaneceria, ou a humilde coisa se transformaria em pó definitivamente.

Lady Arabella pareceu rebuscar na memoria aquillo em que pudesse consistir o phenomeno, o extravagante phenomeno de que lhe falava o seu antigo apaixonado. Por fim, exclamou:

— Devo confessar-lhe, meu caro Horatio; que o seu enigma é mais difficil de resolver do que aquelle que custou a vida á Esphinge! Não posso comprehender a que se refere.

— Repito-lhe que não se pode dizer aqui.

— O que primeiro penso — disse Arabella — é se quererá referir-se ao amor. Mas creio que o senhor não dará importancia a uma coisa tão corrente e tão vulgar... como o amor que todo mundo julga sentir. O senhor tambem...

Ao dizer estas ultimas palavras, dirigiu ao seu interlocutor um olhar malicioso.

— Eu tambem, com effeito — respondeu elle, inclinando a cabeça. Devo reconhecer que muitas vezes julguei sentir o amor...

— E enganou-se sempre, não é verdade?

— Todas as vezes que pensei encontral-o "aqui"...

A colera e o rancor inflammavam tanto lady Arabella, que não pôde conter a conversação num terreno tão perigoso. E forçou lord Ribblesbane a dizer coisas irremediaveis.

— Não houve uma circumstancia, uma só, em que o senhor tenha podido sentir verdadeiramente o amor?

— Talvez a senhora ignore — respondeu elle — que esse sentimento é de um pudor tal, que foge logo que se quer misturar com elle a vaidade. Por essa razão, creio eu, o amor não visita nenhum dos nossos amigos communs, e evita esta sociedade em que vivemos. Cada vez que uma mulher me amou ou me disse que me amava, perguntei a mim mesmo o que ella teria feito se eu me apresentasse com o meu verdadeiro caracter, com as minhas qualidades, com o meu espirito, mas vestido com um traje miseravel. Isso me obrigou, lady, a adoptar uma attitude sceptica entre as declarações que ouvi na minha vida inutil; e mais sceptica ainda quando era eu que fazia essas declarações. Porque sempre tratei de me enganar a mim mesmo.

— Mas o senhor, meu amigo, o senhor que fala com tanta eloquencia, deve experimentar, ao dirigir-se a uma mulher, os mesmos sentimentos que ella experimenta. Alguma vez amou uma moça vulgar, uma mulher qualquer?

— Se fosse incapaz de o fazer, considerar-me-ia um miseravel.

— Isso é uma phrase... A circumstancia deu-se, realmente?...

— Lady Arabella. Não estamos no confessionario. Respondi a algumas das suas perguntas, mas não responderei a todas.

Lady Arabella inclinou-se para o seu vizinho e disse-lhe em voz baixa:

— E' verdade, então, o que por ahi se murmura... que o senhor amou ás escondidas, em qualquer parte, uma mulher desconhecida, e que a perdeu?

Lord Horatio teve necessidade de todo o seu imperio sobre si mesmo, de toda a sua magnifica educação de "gentleman", habituado a não ceder ás impressões e a conservar em todas as circumstancias a calma necessaria, para não deixar que explodisse a sua surpresa, a sua colera e o seu desgosto, para não deixar transbordar a sua dor. Só respondeu:

— Não me incommoda, lady Arabella, saber em que consiste a minha lenda. Todos temos uma, e isso é talvez o mais precioso de nossas vidas, porque é a unica coisa que faz de nós personagens menos estupidos do que na realidade somos. Com que então, dizem, isso por ahi? Não me desagrada. E de quem mais se murmura?...

— O senhor sempre gostou de se collocar em situações exquisitas, Horatio. Recordo os tempos em que não faltava a nenhuma briga de gallos, e era visto nas peores tabernas com a gente do povo. Tudo isso faz parte da sua lenda?

— Exactamente. Mas em toda a lenda ha uma parte de verdade. A arte de cada um consiste em provocar nos outros admiração e assombro...

— E o senhor perdeu essa mulher? — perguntou lady Arabella, depois de um curto silencio.

Lord Horatio Ribblesbane fez um esforço para se conter, e respondeu com um sorriso:

— Só se perde o que nunca se amou, lady Arabella. Se realmente estivemos vinculados a alguma coisa ou a alguem, por nada o podemos perder.

E como nesse momento os convidados deixavam a mesa, lord Ribblesbane inclinou-se ante a sua amiga e disse-lhe com accentuada ironia:

— Adeus, senhora... Agora me parece que não tornaremos a ver-nos...

* * *

Indo certa noite William Nasch com lord Ribblesbane ao Drury-Lane, entraram ambos, durante um entreacto, no salãozinho verde onde os "habitués" elegantes costumavam ir conversar com os actores.

Nasch falava com todo mundo e dizia pilherias, quando Horatio notou, a um canto, uma joven vestida de ninfa que tremia de frio. Embora se tratasse de uma humilde corista, tinha entrada nesse logar, privilegiado porque o director do theatro a favorecia com a sua benevolencia.

Havia na sua timidez, na tristeza dos seus olhos, qualquer coisa que emocionou lord Ribblesbane, porque lhe recordava Daisy.

Interrogou a joven com bondade, interessou-se pela sua vida,

pelas suas aptidões para o theatro. Ella respondeu atabalhoadamente, assustada com tantas perguntas, acostumada como estava ao desprezo e á desconsideração.

— Vossa Senhoria é muito gentil, interessando-se por uma humilde creatura como eu... Não tenho talento, e creio que o meu futuro é muito incerto. Meu pae foi ponto durante trinta annos, no Theatro Drury-Lane, e quiz fazer-me actriz. Mas vejo que a minha vida se arrastará, sempre miseravel, na sombra dos bastidores...

— A unica coisa que lhe desejo — disse lord Horatio — é que esse prognostico seja errado. Quereria fazer alguma coisa pela senhorita, mas não me occorre o que possa ser... Tem algum desejo em que me seja possivel ajudal-a?

— Agradeço-lhe muito, senhor, mas receio que não possa fazer nada. Se eu fosse sozinha, se não temesse meu pae, renunciaria á arte dramatica e faria qualquer outra coisa para ganhar a vida. Não posso supportar que todo mundo olhe para mim. Sinto-me feliz quando passo desapercebida, no bairro mais pobre e abandonado.

Havia, nessas palavras, qualquer coisa que evocava o tom e as idéas de Daisy. Aquella moça emocionava lord Horatio.

Nessa noite, ao regressar á casa, lord Horatio teve a impressão de que penetrava nella uma nova alegria. Era como se uma parte do seu coração se tivesse feito mais leve; era como se os seus membros, entorpecidos pela idade, recuperassem a elasticidade de outros tempos. Não podia distinguir se se tratava de um capricho ou de amor. Sabia simplesmente que a tristeza o deixara.

Emquanto caminhava, ia pensando que alugaria, em algum recanto de Londres, um apartamento para receber a mulher desconhecida; reuniria para ella outros moveis, outros "bibelots", outros quadros.

Desde a morte de Daisy, não quizera desfazer-se da casa nem das coisas que tinha comprado para ella; nunca lá ia, mas sabia que, em alguma parte da cidade, um cantinho conservava o calor da sua antiga paixão.

Lord Horatio estava seguro de que não amava a joven corista como amara Daisq, mas a idéa de installar uma casa para ella, e de conservl-a depois do rompimento, era-lhe muito agradavel. Pensava que aqui, ali, em bairros differentes, havia aposentos mudos, fechados, escuros, onde perduraria docemente a recordação de um amor immenso ou de uma terna amizade. E pela primeira vez desde muito tempo, teve a sensação de que o seu destino não se cumprira ainda de todo.

Alguns dias depois, Violette Harris apresentou-se, muito perturbada, em casa de lord Ribblesbane .Vestia com simplicidade, e já não tinha aquelle aspecto contrariado do theatro.

Ella não sabia com precisão o que queria aquelle personagem, mas sentia-se tão fraca, tão desprezada que não tinha coragem de negar coisa alguma e acceitava as circumstancias como ellas se lhe apresentavam.

— Peisei muito na senhorita desde aquella noite — disse-lhe lord Horatio. Peço-lhe que tome isto em consideração, porque não estou habituado a pensar em nada com insistencia, e muito menos numa mulher. A senhorita suggeriu-me uma nova maneira de ver as coisas, e estou-lhe muito agradecido. Mas, agora que a tenho aqui a meu lado, afigura-se-me muito maior a difficuldade de fazer qualquer coisa por si. Não tem nada a pedir-me?

— Se eu fosse livre — disse ella — o meu sonho seria não depender daquelle director que me persegue e me aterroriza.

— Precisaria para isso de um novo contracto?

— Quereria sahir de Londres, para viver no campo. Não sei o que faço na cidade, nem o que represento no palco. Creio que seria muito feliz numa granja...

Violette ruborizava-se a cada palavra. A' medida que ella falava, lord Ribblesbane via mais claramente a vaidade do seu novo desejo. Ninguem se parecia menos com a incomparavel Daisy do que esta desventurada creatura, que erguia de vez em quando para elle um olhar de supplica.

Em Daisy, apesar da modestia da sua origem, havia uma especie de arte superior da vida; acceitou com encantadora indifferença as coisas mais raras com que elle a presenteava, cercando-a de um ambiente de bom gosto. E' certo que ella as julgava falsas, mas não seria outra a sua attitude se soubesse o seu verdadeiro valor.

Violette, ao contrario, como ella mesmo dizia, parecia ter nascido para viver na sombra, na sociedade mais humilde. Não sabia o que dizer, e emquanto ouvia o homem que a tinha chamado, abria e fechava nervosamente as suas mãos vermelhas de frio.

Lord Horatio percebeu que a

sua visão da outra noite não era mais que isso: uma visão. Como pudera enganar-se a si mesmo sobre os seus sentimentos, sobre os seus anhelos?

Parecia-lhe ridiculo ter chamado aquella moça e ter-lhe dado esperanças tão improvaveis. Tinha pressa que ella se fosse, porque se afastara da sua vida; para que não lhe recordasse a sua pena e o seu erro...

Levantou-se para despedil-a e declarou:

— Farei pela senhorita o que me pede. Terá uma granja afastada de Londres, onde levará a vida que deseja.

Ella quiz lançar-se aos pés do seu bemfeitor e tomar-lhe as mãos para beijal-as. Mas elle repelliu-a suavemente.

— Não faço isto por si — disse-lhe.

E accrescentou intimamente:

— Nem eu sei na realidade por quem o faço, nem por que.

* * *

Outra tarde de outomno. Sir William Nasch e Reginald Polwhele estavam, como antes, com lord Horatio no salão circulas, cujas seis janellas se abriam sobre a espessura do parque. O duque de Moosberry chegava os pés para o lume da chaminé. Immovel, com a cabeça inclinada para diante, lord Ribblesbane escutava as divagações dos seus amigos.

Sir William ergueu o copo cheio de Xerez dourado e olhou para elle.

— Só na sua casa, Horatio, se pode beber um vinho como este

— disse. Tem todas as virtudes que se podem exigir. Exalta e reanima a memoria. Contém ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro.

— Pobre liquido, então! — commentou Ribblesbane. Quer outra coisa? Tokay ou vinho do Rheno?

— Não. Este Xerez é perfeito. Mais perfeito do que o seu estado de espirito, Horatio. Não posso deixar de lembrar que eu e Reginald sempre procuramos fazer que tomasse gosto pela vida. Uma noite, sobretudo, ha muito tempo...

— Ha trinta annos! — exclamou Horatio com vivacidade. Faz hoje trinta annos, dia por dia. E por que lhe occorreu pensar precisamente nessa data, William? Estavamos nestas mesmas poltronas; a vida era um pouco mais joven, apenas... e nós tambem...

— Trinta annos, sim. Parece nada, em comparação com os seculos transcorridos desde o nascimento de Christo; mas foi o bastante para transformar os homens ageis que nós eramos então em...

— Cale-se, Nasch! — interrompeu Polwhele. Essas coisas não se dizem...

O duque de Moosberry emittiu um grunhido: era a sua maneira de intervir na conversação.

Perdido em suas recordações, William Nasch tornava a ver Ribblesbane tal qual lhe apparecera naquella noite; sereno, altaneiro, com o seu rosto pallido, os olhos de aço, as attitudes graciosas e distantes... Como o amigo se parecia pouco com aquella imagem longinqua! Mas em redor delle tudo continuava igual: a vasta sala com os seus artesonados e o tecto em losangos, as sereias da chaminé, o medalhão central com a sua Leda e o cysne, e sobre uma consola a collecção de crystaes de Veneza.

Dentro em poucos annos lord Ribblesbane iria reunir-se com os seus antepassados, mas ar arvores continuariam a deixar cair as folhas amarellas, e as poltronas continuaram abrindo os braços aos mais differentes amigos.

— Naquella noite, procuramos um meio suave de divertir Sua Graça — disse Reginald.

Sir William suspirou.

— E não encontraram nada — disse Horatio, com um sorriso.

— O prazer não se encontra procurando-o — interrompeu Nasch. Só ha prazer no imprevisto.

— Para gozar a vida plenamente — disse Reginald — é preciso desprezal-a. Assim como as coisas, assim como os seres. Quando os tomamos a sério, a desgraça apodera-se de nós.

— Quem lhe disse isso, Reginald? — perguntou lord Horatio.

— A experiencia.

— Naquella noite — proseguiu William Nasch — o senhor disse-nos que nenhum sêr podia inspirar nem trazer em si o amor, e mostrou-se invejoso de Shakespeare e dos poetas que viveram num tempo em que essas coisas ainda eram possiveis. Fui então para casa e, recordando as suas palavras, puz-me a ler alguns sonetos. Estava indeciso a respeito da verdade da sua affirmação. Hoje, quando a minha vida declina e não posso já esperar que o destino me offereça o que não conheci na mocidade, sinto-me ainda mais incapaz de resolver esse problema. Supponho que se dará o mesmo comsigo, Reginald, e isso confirma as opiniões de lord Ribblesbane.

— Eu disse sempre — respondeu Reginald — que se chegasse a encontrar uma mulher verdadeiramente tola, havia de amal-a até á morte. Não tive a sorte de encontral-a. E' uma mentirosa lenda, isso a que chamam a tolice das mulheres. As que são mais tolas na apparencia possuem duas ou tres idéas: o bastante para tornar impossivel a existencia dos pobres homens que vivem com ellas.

Lord Horatio ouvia os amigos sem pronunciar uma palavra. Mas, por fim, não pôde mais conter-se.

— Só ha uma coisa — declarou — que estabelece uma differença entre um vivo e um morto: é que o primeiro se apaixona e o segundo não. Mas um vivo que ignora o amor, é semelhante a um morto. Vocês todos tres são mortos, ou antes, não nasceram nunca. Eu olho e não os vejo; escuto e não os ouço; toco-os e não tenho a sensação das suas presenças.

Sacudiu levemente sir William e poz-se a rir.

— Então, Horatio, já que o conheceu, diga-nos o que é o amor! — exclamou Reginald.

— Não. Não me é permittido fazer isso. E não poderia. Ninguem póde comprehender o que não sentiu. Mas... já falamos demais no assumpto.

Levantou-se e deu alguns passos pelo salão. Entrou um "valet" e accendeu as luzes. Fóra, a noite apoiava nos vidros as suas mãos negras.

Nesse momento, quatro homens appareceram no umbral, trazendo instrumentos de musica. Era um quartetto que costumava vir entreter lord Ribblesbane. O duque de Moosberry, que tinha horror a essa especie de harmonias, retirou-se logo; os outros dois ficaram, não pela musica, mas pelo Xerez.

Emquanto os musicos tocavam, Horatio recordava que ha trinta annos, depois dos amigos se retirarem, subira á sua alcova. Abria um armario, vestia uma roupa coçada, punha uma capa grotesca. Saia por uma portinha occulta do jardim, e caminhava pela rua humida e fria. A tristeza daquella noite vinha através do tempo, lacerar-lhe o coração.

Caminhava ao acaso, atravessando a cidade. Depressa chegou á City. Viu-se de repente, com os olhos da memoria, parado no meio da rua, escutando o rumor de um duplo trote, sonoro e compassado, batendo nas pedras do chão.

Dois cavallos chegaram ao pé delle, augmentados pelo nevoeiro; um delles deteve-se e quiz fugir ao postilhão que o conduzia...

Nesse momento, um véo cobriu os olhos do lord. Ouviu um sino a bater furiosamente dentro de seus ouvidos, e desmaiou.

— Basta! Basta! — gritou Nasch aos musicos. Sua Graça está indisposto.

Lord Horatio tinha cahido da cadeira, e estava estendido no chão.

A indisposição de lord Horatio Ribblesbane não teve consequencias graves; mas depois daquelle mal estar, Sua Graça envelhecia a olhos vistos. A's vezes acontecia-lhe perder a memoria e confundir os amigos uns com os outros.

Um dia chamou pelo nome de Daisy á duqueza de Devonshire, cujo nome era Gladys. Falava pouco, e parecia sempre absorto em dolorosas meditações; ou então, fluctuava numa especie de inconsciencia, que o fazia ver sem relevos as coisas que o cercavam.

Os medicos que o tratavam aconselharam-no a renunciar á bebida. Ouviu-os cortezmente, e disse que elle tambem era dessa opinião. Nunca acreditou que o vinho servisse para nada, a não ser isolar o homem. E quando elle dizia com negligencia "isolar o homem", os sabios comprehendiam que queria referir-se á vida inteira.

Depois da consulta não interrompeu as suas libações; mas, como queria fazer algum sacrificio em homenagem á sciencia, diminuiu consideravelmente os

seus alimentos. Passou a comer cada vez menos. Raramente ia a algum jantar da sociedade. Achava um pouco divertido ver como envelheciam os seus contemporaneos, como surgiam avós onde elle conhecera crianças.

A monotonia do destino humano, essa identidade de gestos, de actos e de emoções, dava-lhe a impressão de uma farsa um pouco triste mas divertida.

Deixou de passear á noite pelas ruas solitarias, e sentava-se diante de um mappa de Londres, seguindo com o dedo um velho itinerario...

E numa noite de baile em casa da duqueza de Devonshire, no momento de se vestir, lord Ribblesbane experimentou uma emoção muito estranha, uma especie de indifferença glacial pela gente que ia visitar. Pareceu-lhe impossivel poder terminar a sua "toilette".

Tornou a sentar-se, em "robe-de-chambre", ao pé da estufa, e olhou demoradamente, sem ver, para o copo que tinha na mão. Regressou em seguida ao seu quarto, e vestiu a roupa que acabara de tirar. Não. Decididamente não iria ao baile da duqueza de Devonshire. Não iria á casa della, nem a nenhuma outra...

Ouviu o trote dos cavallos que se approximavam a trote. Reconheceu a cadencia dos seus cascos, um rythmo que seria capaz de distinguir entre mil. Nenhum animal do mundo possuia aquella cadencia.

Horatio não experimentou surpreza nem ansiedade. Pousou o copo em cima duma mesa de mosaico de Florença, levantou-se e abriu as janellas. Os cavallos negros resfolegavam diante da casa.

Lá em baixo, o cavalleiro que conduzia os dois ginetes não ergueu a cabeça. Evidentemente, não tinha pressa...

Então, lord Ribblesbane dirigiu-se para a porta. Fez por se manter direito, por não mostrar nenhuma emoção. Desceu pesadamente os degráos.

— Não importa! — disse comsigo mesmo. Mostrarei que ainda sou um bom cavalleiro!

Fóra, o nevoeiro tinha uma cor esverdeada, como no dia em que vira Daisy pela primeira vez.

Oancião tomou as rédeas do cavallo immovel, e montou. O animal prestou-se á manobra sem demonstrar nenhum nervosismo.

Nesse instante, o postilhão tirou cortezmente o tricórnio; e lord Horatio viu que o homem levava a mesma mascara do dia em que parara diante da casa da sua amiga. Mas desta vez notou que a bocca, apenas visivel por baixo do velludo negro, era uma bocca sem labios...

— Vamos! — disse simplesmente lord Horatio, sem que o assustasse aquella cavalgada nas trevas.

O postilhão esporeou os flancos do animal... Num galope furioso através do nevoeiro e da noite, os dois cavallos da morte desappareceram com lord Horatio Ribblesbane.

FACTOS DA HISTORIA

A JUSTIÇA DE EL-REI

Certa noite de julho do anno de 1465, estava sentado um homem em um commodo dos altos de uma casa á rua de Santo Eloy, na cidade de Paris. O ar cálido penetrava por uma janella sem vidros e, de quando em quando, ruidos de armas e passos de homens subiam até onde estava a nossa personagem inclinada sobre a mesa que tinha deante de si.

Estava-se no reinado de Luiz XI.

O aposento estava bem illuminado. Em parte por meia duzia de velas oscillantes, collocadas em candelabros pregados nas paredes e, em parte, por uma lampada dependurada do tecto de vigas de madeira, directamente em cima da mesa, lampada cuja luz, projectando claridade sobre o homem, deixava ver que era de regular idade, moreno, bem parecido, de physionomia resoluta e vestido de modo que correspondia a um homem de posição. Estava examinando com curiosidade o exterior de uma caixinha de prata que tinha á sua frente sobre a mesa, uma caixinha de prata das usadas naquella época, para rapé.

— E' muito bonita, murmurava, com estranho sorriso nos labios, mas muito bonita mesmo.

E dava-lhe voltas e mais voltas. Subito, ao ouvir o ruido do abrir e fechar da porta do pavimento inferior, cobriu a caixa com as mãos e endireitou o busto, ficando na attitude de escutar.

— Está só, Sr. de Tocqueville? — perguntou uma voz.

— Sim, senhor, respondeu o interpretado logo.

Com um sorriso, tomou a caixinha e guardou-a sob o justilho.

— Emfim! — murmurou.

— Subirei, então, disse a voz do que falára primeiro, e em segundo depois ouviam-se passos que subiam a escada.

Abriu-se a porta e entrou um homem. Era um jovem alto e delgado, de cabello louro e vestido á ultima moda daquella época.

O ocupante do commodo poz-se de pé.

— Muito bem vindo sejaes, Sr. Visconde.

O recem-chegado saudou cortezmente e, tirando o chapéo e a capa, arrojou-os sobre uma cadeira.

— Boas noites tenhaes, Sr. de Tocqueville, respondeu, e sentou-se á mesa. Apenas tenho disponiveis duas horas, continuou, de maneira que, se o senhor quizer reencetar a nossa partida de jogo, isso tem de ser já.

O outro riu ligeiramente, exclamando:

— Sois muito impaciente, amigo. Mas, faça-se-vos a vontade.

— Obrigado.

Atravessou o aposento, chegou-se a uma especie de secretaria, tirou um baralho de cartas e tornou a sentar-se no logar em que tinha estado.

— As apostas como hontem não é assim? — perguntou quando cortava para saber a quem cabia dar as cartas.

O visconde indicou que sim com a cabeça. Tocou-lhe a elle dar, e, tomando as cartas, baralhou-as e deu.

— O rei está bem? — interrompeu Tocqueville, ao olhar para as cartas que lhe tocavam.

— Demasiado bem, physicamente, respondeu o outro, com um ligeiro sorriso, mas não de espirito. Por minha fé, penso que é o proprio diabo em pessoa.

Tocquevilel olhou-o curiosamente.

— Algumas vezes eu creio, meu amigo, que não gostaes do nosso bom Luiz, disse-lhe.

— Não gosto delle nem o odeio, respondeu distraidamente o visconde. E' bastante bom para me chamar seu amigo, e eu devo dar-me por satisfeito com isso. Entretanto, asseguro-vos que não é uma grande honra a gente ser tratado como se trata a um verdugo e a um barbeiro.

O de mais idade ergueu as sobrancelhas como surprehendido.

— Trata-vos assim?

O visconde cravou nelle o olhar.

— Nome de Deus! — exclamou. — Quereis dizer que não sabeis que Oliver Duim, seu barbeiro, e Tristão, o ermitão, seu verdugo, são seus favoritos? Vamos, homem, toda Paris sabe isso.

— E elle trata-vos como a elles, a vós, o visconde de St. Clar, e soffreis isso? Meu amigo, surprehendeis-me.

St. Clar franziu o cenho e olhou rapidamente o companheiro.

— E' isso mesmo, respondeu com petulancia. Mas, se achaes bom, começaremos.

O outro occultou um sorriso por detrás das cartas, depois moveu a cabeça affirmativamente e o jogo principiou.

Durante meia hora a sorte mostrou-se equitativa com ambos, não fazendo nenhum ganhar, ou ganhando somente para voltar a perder outra vez.

— Isso é monotono, disse Tocqueville. Vamos. Dupliquemos as apostas.

Dahi a pouco, elle tornou a fa lar:

— As coisas vão ficando difficeis para o meu amigo...

St. Clar riu-se asperamente:

— Difficil, senhor, não é a palavra adequada ás circumstancias. Hontem, perdi o castello St. Clar, hoje...

Surprehendeu os olhos do outro cravados curiosamente nelle. Empallideceu e calou-se.

— Hoje perdestes... — continuou Tocqueville.

— Mil e quinhentas corôas, murmurou o visconde soltando uma praga.

Tocqueville deitou um olhar para a ardosia em que se assentava o jogo, dizendo:

— E' isso mesmo.

Depois, inclinando-se sobre a mesa, accrescentou com um sorriso particular:

— Não vos parece que é sufficiente?

St. Clar poz-se em pé de um salto.

— Que quereis dizer? — gritou.

O outro fez-lhe signal de que se sentasse de novo.

— Socegae, meu amigo, e sentae-vos.

Calou-se um momento e depois proseguiu:

— Quero dizer isto, Sr. Visconde: o castello e terras de St. Clar são minhas, e vós me deveis ainda mil e quinhentas corôas.

Sorriu-se do outro extremo da mesa, epilogando.

— Mil e quinhentas corôas é uma bella somma, meu amigo.

O visconde evitou-lhe o olhar.

— E então? — murmurou.

— Duvido que seja coisa boa para o senhor, disse, porque creio que deveis saber, como eu, ou melhor que eu, que não me podeis pagar.

St. Clar nem se moveu nem falou. Tinha os olhos cravados nas cartas que lhe estavam deante, e tamborilava com os dedos na mesa.

Sabia que aquillo era verdade e nada tinha que dizer. Por fim, o outro quebrou o silencio.

— Não é verdade, meu amigo?

E a voz de Tocqueville tornou-se suave.

St. Clar respondeu essa pergunta com outra.

— Se sabeis isso, por que jogastes commigo?

Tocqueville vacillou um momento, dizendo depois em voz muito baixa, mas distincta.

— Porque eu precisava de vós, meu amigo.

O visconde levantou-se a meio do seu logar.

— Nome de Deus! — exclamou.

— Que quereis dizer?

Lenta e meditadamente, Tocqueville disse:

— Vós, meu amigo, estaes do lado de Luiz de França. Eu... vou confessar-vos isto — sou de Felippe de Bourbon. Nisso se concentra o assumpto. Luiz e Felippe, como sabeis, são inimigos mortaes, dos mais terriveis, ou o meu senhor não estaria sitiando Paris. Ora, é vontade de meu amo que Luiz morra. Para isso é que eu aqui estou e, preparae-vos, meu amigo, é para isso que de vós necessito.

Acabou de falar e o jovem poz-se de pé, a cara coberta de mortal pallidez.

— Nome de Deus! — gritou. Necessitaes de mim para matar o rei?

Tocqueville fez-lhe signal de se sentar.

— Devagar! Devagar! Eu não quero que o mateis por vossas proprias mãos. Ha um modo melhor e mais seguro.

— Um modo melhor e mais seguro! — repetiu o visconde com curiosidade... Mas ... eu... que tenho a ver com isso?!

— Tendes sim, meu amigo... E' um modo melhor... melhor, pelo menos, para vós.

Levou a mão ao seio e tirou a caixinha de rapé. Pol-a, depois, sobre a mesa, deante de St. Clar.

— Conheceis isto? — perguntou-lhe com um sorriso.

Os olhos de St. Clar cravaram-se nella como fascinados.

— Nome de Deus! — murmurou. — E' a caixinha do rapé do rei.

Tocqueville riu-se.

— Não, meu amigo, não é a do rei, observou. Mas uma tão parecida que o proprio Luiz não a distinguiria da outra.

— Meu Deus! — murmurou outra vez o jovem, e tel-a-ia aberto se Tocqueville não lh'a houvesse tirado da mão, de chofre, gritando:

— Não! Não! Por vossa vida, não a abraes!

St. Clar olhou-o com olhos desmesuradamente abertos. A cara de Tocqueville estava branca e a sua respiração era agitada.

— Por minha fé! — exclamou Tocqueville, com voz tremula. Assustaste-me. Se a houvesseis aberto, disse, inclinando-se quanto poude para o outro, dentro de dez minutos serieis um homem morto. Olhae.

Erguendo a caixinha, abriu-a cuidadosamente e, ao fazel-o, uma laminazinha do tamanho de um alfinete della saiu de repente, voltando instantaneamente de novo ao seu logar. Olhou para a cara de St. Clar.

— Vistes aquella laminazinha? O contacto com ella significaria a morte certa.

— Deus meu! — disse pela terceira vez St. Clar.

E, levantando-se de sua cadeira, encaminhou-se para a janella, onde parou, encostando-se ao peitoril.

O outro acompanhou-o com o olhar.

— Comprehendeis? — disse.

Os olhos de St. Clar relampagueavam de ira.

— Comprehendo demasiado, e desembainhou até meio a espada, dizendo: e, vive Deus! vou matar-vos por isso, Sr. de Tocqueville!

O outro riu-se.

— Bobagem, Sr. Visconde. Não vos servirá de nada a espada. Vêde a prova.

E deu uns estallidos com os dedos.

— André! — chamou elle.

— Prompto, monsenhor!

A porta abriu-se, apparecendo no limiar tres homens de espadas desembainhadas.

— Agora, que dizeis, Sr. Visconde?

— Que eu não farei isso que quereis! — respondeu soltando uma praga.

O outro deteve-o com um movimento das mãos.

— Não, não! Não digaes isso, meu querido amigo. Ainda não ouvistes as condições. Para começar, meu amigo, tenho-vos em meu poder. St. Clar me pertence, e me deveis mil e quinhentas corôas. Não podeis pagar-me e tendes outras dividas... que não são pequenas, a bom recato. Já vêdes que conheço a vossa vida. Uma palavra minha e... puf... sois um homem arruinado e deshonrado, um pária da vossa classe. Eu posso salvar-vos ou perder-vos e por minha honra algumas destas coisas farei!

E o seu tom era feroz.

— Entretanto, mais depressa faria a primeira.

E olhou para a cara do outro.

— Sim, meu amigo, preferia fazer antes a primeira.

— Sim, porque ao fazel-a a mim, a farieis em vosso beneficio, interrompeu St. Clar.

O outro riu.

— Bem dito! E' assim, mas não é só por isso, observou. E, agora, vamos ás condições. Vós, como favorito do rei, tendes accesso aos seus aposentos em Tournelles. Será uma coisa simples, porque em um momento, quando virdes a caixinha do rei, não tereis mais que tomal-a e substituil-a por esta.

E empurrou a caixa pela mesa a fóra.

— Ha pouco ou nenhum risco e em troca de tão pouco é grande a recompensa. As terras e o castello de St. Clar serão vossos de novo, a divida será cancellada e sereis dono de dez mil corôas mais.

E largou uma curta gargalhada.

— Por minha honra meu amigo, continuou, se eu estivesse nos vossos sapatos, saltaria no acto para não desperdiçar a occasião.

St. Clar meneou a cabeça.

— As condições são boas, convenho. E quem reinará em logar de Luiz?

Tocqueville deteve-se.

— Felippe de Borgonha! — respondeu, com a voz tremenda de emoção.

— Por Deus! — respondeu rindo. — Tentaes-me grandemente.

Encaminhou-se para a janella e assomou ao peitoril. A tentação era grande. Um homem mais forte que elle haveria sido vencido e elle não era dos mais fortes.

De um lado a ruina e a deshonra, e o que podia significar uma vida de mendicidade e vergonha vieram-lhe ao pensamento. Do outro, riquezas, uma vida commoda e quando governasse o de Borgonha, uma boa posição na côrte porque sabia que o de Borgonha não esqueceria nenhum serviço que lhe fizessem. Em verdade, a tentação era grande, e... o risco pequeno.

Esteve de pé alguns minutos cavilando incessantemente e dando volta á idéa no cerebro, de subito se virou, rindo com doçura, e disse abobalhadamente.

— Bem. Encarrego-me disso... Dae-me a caixa.

E estendeu a mão.

Tocqueville poz-se vermelho e uma luz de triumpho lhe brilhou nos olhos, que desappareceu em um instante. Passou a caixa ao visconde e observou em voz normal:

— Sois prudente. Acreditae-me, sois prudente.

— Prudente ou não, replicou o visconde, encarrego-me do negocio. Depois, reclamarei a recompensa, tomae nota.

— Que vos será entregue, quando Luiz deixar de existir. E recordae isto, meu amigo. Só uma pessoa além de nós o saberá, o meu senhor, e isso por vosso bem. Para toda a outra gente meus labios estarão fechados.

St. Clar moveu a cabeça.

— E já é gente bastante.

Poz o chapéo e a capa dirigindo-se para a porta. Antes, porém, de sair, accrescentou em tom sinistro:

— Lembrae-vos, tambem vós, de uma coisa, senhor; se eu fôr descoberto, não soffrerei sozinho o castigo.

— Com cuidado, meu amigo, não sereis descoberto. E agora, boas noites.

— Boas noites, respondeu o visconde.

E desceu as escadas, para a rua escura e quasi deserta já.

Os pensamentos de St. Clar, espantar que assim fosse. Não é quando na manhã seguinte se dirigia para o palacio de Tournelles, não eram os mais agradaveis, sem que houvesse razão de ninguem se pouca coisa projectar a morte de qualquer homem, e muito maior será — concordemos — quando esse "qualquer homem" é um rei. Sabia que se fosse descoberto, Luiz não teria misericordia que aliás não mereceria. Conhecia a indole do rei, a sua fama vingativa, a sua villeza e a sordidez de sua mente. Mas tambem sabia, como lhe dissera, a noite anterior Tocqueville, poucas probabilidades havia, tendo cuidado de ser descoberto.

Apenas poude reprimir um sorriso quando pensou no mez que havia passado e viu como havia sido conduzido a este ponto em que estava. Com que habilidade tinha sido projectada a coisa, e quão bem pensada. Nenhum outro homem, a não ser elle, se poderia encarregar da parte que elle ia ter na tragedia. Comprehendia, agora, por que Tocqueville tinha fingido o desejo de estar em sua companhia, procurando-o com tanta frequencia, manifestando-se tão amistoso... Era tudo para este unico fim. E apesar de agora odiar esse homem não podia deixar de o admirar. Os homens dessa especie vão longe.

Já a essa altura ia atravessando os jardins do palacio, e uns poucos minutos depois se encontrou em presença do rei e alguns dos companheiros de Luiz: o condestavel de França, Santiago Costier, seu medico, Olivier Daim, e Tristão, o ermitão. Estavam discutindo, com caras graves, o estado dos assumptos dentro e fóra dos muros da cidade. O rosto delgado e secco de Luiz estava pallido, e nesse momento o rei falava com grande rapidez, mas conteve-se quando seus olhos se fixaram em St. Clar, e fez-lhe signal de que se approximasse.

— Onde estivestes hontem á noite, visconde? — perguntou-lhe com dureza.

St. Clar sobresaltou-se, e durante um segundo não soube o que responder. Como um relampago atravessou-lhe a mente o pensamento de que Luiz tinha conhecimento da conspiração, mas, tambem, raciocinou: como poderia elle saber isso! Respondeu, pois, sinceramente:

— Estive visitando o meu amigo, o sr. Tocqueville.

Os olhos de Luiz brilharam maliciosamente.

— Visitando! exclamou. Visitando quando sabeis como estamos! Borgonha á porta, a canalha ficando cada vez mais ingovernavel. Vosso logar é aqui commigo e não em outra parte. Mas, por Deus! Acontece isso com todos vós? Vindes a mim, quando necessitaes de alguma coisa, e se fosse só pelo vosso cuidado, já me podiam ter feito prisioneiro, e enforcado na forca mais proxima.

Tristão o ermitão, o verdugo, avançou e disse:

— Não podeis dizer isso de mim, sire.

— E tão pouco de mim apressaram-se a dizer os outros. Só o condestavel, com um sorriso de desdem se ficou atraz e calado.

Os finos labios de Luiz contrairam-se com suprema mofa.

— Digo-o por todos vós, repetiu. Depois, fez um gesto com a mão, e continuou:

— Mas, é bastante. O assumpto que estavamos tratando deve ser elucidado.

Voltou-se para o visconde:

— Discutiamos sobre a conveniencia de uma sortida amanhã de noite. O condestavel aconselha-a. Eu não concordo, e Tristão e Oliver estão de meu lado. Qual é a vossa opinião, meu amigo?

St. Clar ia responder quando o rei lhe indicou silencio com um gesto silencio.

— Primeiro, disse elle, trazei-me uma planta de Paris e de seus arredores. Encontrareis uma no meu quarto de dormir.

E voltou-se para os outros.

O visconde subiu a ampla escada que o conduziu ao andar onde ficava a camara de el-rei. Esteve procurando por algum tempo a planta. Tinha caido de sobre uma cadeira, e estava meio occulta pelas colchas da cama. Apanhou-a e voltava-se já, quando pensou que era agora a opportunidade de trocar as caixinhas. Hesitou um momento, escutando attentamente. Não ouviu nada e retrocedeu, esquadrinhando tudo. A caixa do rei não estava por ali. Provavelmente o soberano tinha-a comsigo, ou, então, estaria no quarto de vestir.

Deteve-se um momento dominado pela duvida. Depois passou á outra sala. Procurou em todos os moveis, encontrando-a, afinal, com uma exclamação de alegria, em cima de uma mesa, ao pé da janella. Tirou a que Tocqueville lhe dera e collocou-a ao pé da outra. Tocqueville dissera a verdade affirmando que nem o proprio Luiz daria pela troca. Era mtão parecidas como duas gottas de agua.

Mas, tendo ouvido um ruido atraz de si voltou-se rapidamente, ficando gelado de medo.

E com razão, pois Luiz estava ali parado, a cara contraida numa careta e a cabeça inclinada a um lado como um passaro.

— Por isso, visconde, vos demorastes tanto? Por isto? disse amavelmente apresentando as duas caixas. Que significa?

St. Clar não respondeu. Foi-lhe impossivel achar palavras. O cerebro parecia gelado e um suor frio lhe corria pela espinha dorsal.

Luiz deu uma gargalhada espantosa. Depois, sacudiu-o ferozmente pelo hombro, gritando-lhe ao mesmo tempo.

— Por Deus! Que significa isto?

St. Clar não teve remedio senão dizer a verdade, e assim o fez, tremendo visivelmente.

Luiz ouviu-o, rindo forçadamente, de quando em quando, com uma praga:

— A vossa caixa qual é visconde?

O moço indicou-a, e Luiz a ergueu cautelosamente entregando-lha.

— Tomae-a! disse-lhe. E escutae-me cautelosamente.

Inclinando-se para o visconde falou durante cinco minutos em voz baixa e vehementemente.

— Quando, sire? — perguntou o visconde.

— Amanhã, ás duas.

O dia seguinte era uma quinta-feira. O sr. de Tocqueville estava só, no mesmo aposento em que havia planejado o complot, pensando no futuro, e tão absorto se achava nos seus pensamentos, que não ouviu abrir-se a porta no andar de baixo, nem os passos de mais de uma pessoa que subiam furtivamente a escada. Só quando a porta se abriu e St. Clar entrou no aposento elle se levantou, então de um salto, e vendo quem era soltou uma exclamação de alegria, e o rosto moreno cobriu-se-lhe de subita côr carmezim.

Notou que o semblante de St. Clar estava pallido, que elle tremia, que parecia a imagem de um homem possuido do terror, e sem se poder conter correu ao seu encontro.

— Prompto? — gritou.

St. Clar não respondeu. Em troca, os olhos voltaram-se-lhe para a porta, e pareceu escutar. Tocqueville murmurou uma praga.

— Não ha ninguem aqui, disse petulantemente. Estou só Alguem vos viu trocal-as?

St. Clar meneou a cabeça.

— Estaria eu aqui, se me houvessem descoberto? — replicou.

— Então, por que tanto medo? — perguntou zombeteiramente.

O visconde estremeceu.

— Se houvesseis passado pelo que eu passei, senhor, terieis medo, replicou.

— Medo! Ora! Quem vae saber isso? E a vossa recompensa pelo risco corrido, pequeno por certo, não vos resarcirá? Mas, tendes ahi a outra caixa? — accrescentou anciosamente.

O visconde deitou um olhar rapido ao seu interlocutor, e depois metteu a mão no seio e tirou a caixa. Os olhos de Tocqueville brilharam e um sorriso lhe illuminou o semblante, ao dar-lhe volta por todos os lados.

Sentou-se á mesa e collocou-a diante de si. Pareceu esquecer-se de St. Clar, e descansando a cabeça sobre uma mão olhou para a janella sem vidros, permanecendo em attitude contemplativa. Viu-se já grande e poderoso, o braço direito do rei. Sonhou nesses poucos minutos sonhos heroicos e bravos, e só voltou a este mundo quando, ao voltar-se, os olhos se lhe encontraram com os de St .Clar. Poz-se de pé e deu-lhe umas palmadinhas no hombro.

— Cumpristes bem, vossa missão, meu amigo, disse-lhe condes-

cendentemente. E recebereis vosso premio.

Os olhos fixaram-se-lhe uma vez mais na caixinha, e levantou-a.

— Por minha honra! — murmurou, tão parecidas como duas gottas de agua e entretanto, accrescentou, com um sorriso horrivel, tão differentes.

Abriu-a e, então, com os olhos desmesuradamente abertos e expressão de terror, deixou-a cair, e olhou o dedo pollegar. Sobre a carne branda resaltava uma linha fina, vermelha que se ia ampliando á medida que o sangue brotava.

— Santo Deus! — gritou espantado e olhando fascinado para a caixa.

St. Clar dirigiu-se para a porta, e abrindo-a exclamou, vibrando-lhe a voz com um timbre de triumpho.

— Entrae, sire!

E entraram no commodo el-rei Luiz XI. Tristão Oliver, e meia duzia de guardas.

Luiz cumprimentou zombeteiramente e disse, rindo:

— Bons dias tenhaes, sr. de Tocqueville.

Os olhos deste voltaram-se para o rei, e relampaguearam com uma feroz expressão de odio.

— Maldito sejaes!

Depois, voltando-se furiosamente para St. Clar, rugiu:

— Infame! Cão servil! E confiei em ti!

— Não, não, meu amigo! zombou Luiz. Não o deveis accusar. Estava cumprindo a sua missão quando eu o surprehendi. Não deveis accusal-o... Isso é obra minha, só minha!

E riu-se alegremente.

— Mas pensae, accrescentou, que o tempo vae passando. Não seria melhor que dissesseis as vossas orações? Já passaram cinco, dos dez minutos.

Tocqueville olhou em torno do circulo de caras estranhas e curiosas. Depois, num relampago, puxou da adaga, levantando-a no ar, e deu um salto á frente. Teria traspassado o coração do rei se um guarda não se houvesse mettido de permeio, deixando-o inutilizado para atacar. O esforço foi superior ás suas forças e elle caiu ao sólo, presa de convulsões e retorcendo-se.

Lutou por se pôr de pé, mas os membros puzeram-se-lhe rigidos e caiu de costas. Soltou uma ultima maldição, a cara contraiu-se-lhe de dor, agonizante, os olhos brilharam por um momento tristemente, um espasmo o sacudiu e depois ficou-se estendido, pallido, inerte.

A cara de Luiz estava branca como cera, e elle tremeu violentamente:

— Os santos nos protejam! murmurou enxugando a fronte. E essa morte estava destinada para mim. E tu', St. Clar maldito, permittirias que eu assim soffresse! Eras o encarregado de o fazer! Por Deus! Guardas! Deitae-lhe a mão!

Os guardas saltaram violentamente a cumprir a ordem, mas St. Clar andou mais ligeiro que elles. Rapido, poz entre elle e os guardas a mesa, dizendo:

— Não é assim, não! gritou. Se tenho de morrer, morrerei lutando.

E puxou a espada.

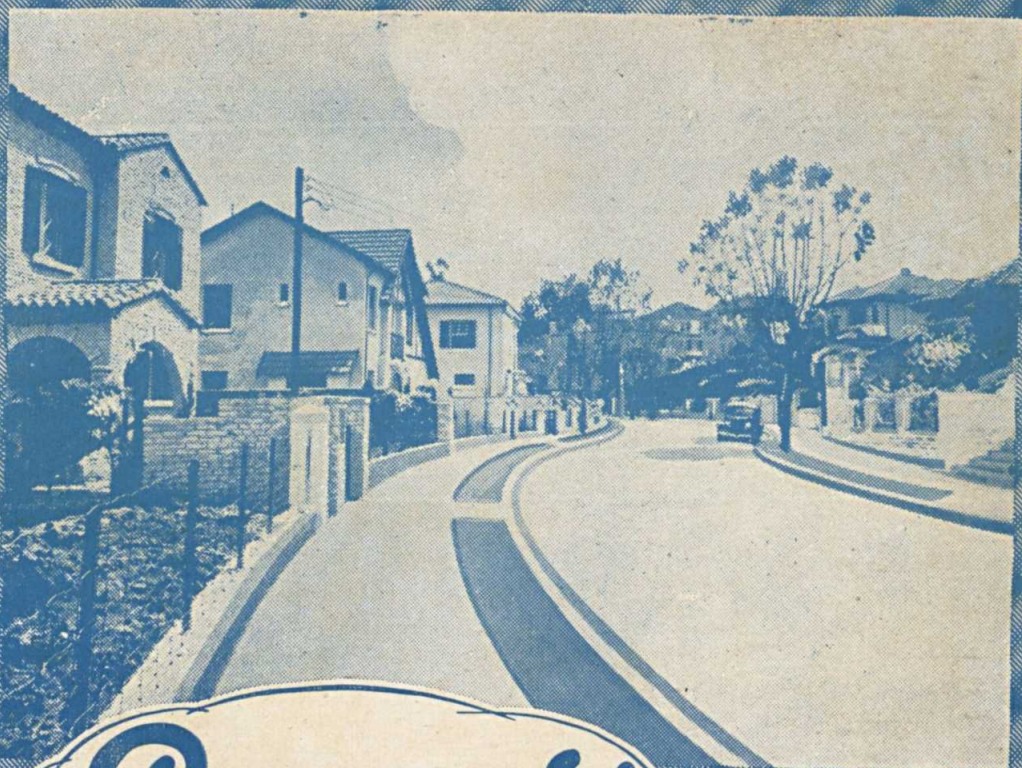
Os guardas saltaram violentamente a tres de cada lado, e em poucos segundos tudo estava acabado. Defend u-se valentemente, mas não havia dado uma duzia de estocadas, quando lhe fizeram saltar a espada da mão. Pronunciou uma maldição, olhou por um segundo o rei, e a seguir arrojou-se sobre a ponta da espada dos guardas. A espada atravessou-o, e um minuto depois o visconde morria.

Luiz XI persignou-se, murmurando, outra vez:

— Os santos nos protejam! Mãe santissima, defendei-nos!

E encaminhou-se para a porta.

No limiar voltou-se e por um momento contemplou os cadaveres.

— Assim pereçam todos os traidores! disse. Foi a vontade de Deus.

O ASPECTO da Rua Atibaia, aqui reproduzido photographicamente, dá bem uma idéa dos melhoramentos já introduzidos nesse magnifico bairro-modelo, projectado e construido — *como todos os bairros-modelos de São Paulo* — pela Companhia City.

As ruas do Pacaembú têm a extensão global de vinte kilometros Muitas dellas já se acham pavimentadas, no todo ou em grande parte: Ruas Minas Geraes, Bahia, Ceará, Goyaz, Avaré, João Florencio, Bragança, Avenida Dr. Arnaldo, Ruas Candido Espinheira e Atibaia. Outras, numa extensão de mais de 5 kilometros, ficarão completamente asphaltadas dentro de oito mezes Avenida Pacaembú, Praça do Estadio Municipal do Pacaembú, Ruas Itapolis, Itatiára e Itapecuá, bem como duas novas ruas destinadas a estabelecerem as ligações da Rua Itapolis com as Ruas Capivary e Itapecuá. A extensão linear das ruas em asphaltamento, sommada á das que já se acham pavimentadas, representa a maior parte das vias publicas do Pacaembú

Examine com o necessario cuidado, indispensavel em materia de tão grande alcance, como é a compra de uma casa, ou mesmo de um terreno, destinado a receber, quanto antes, os alicerces do seu lar, esse aspecto do problema Depois, não perca mais tempo — escolha o seu lote e, com a nossa cooperação technica e financeira, mande construir a sua residencia

— O Pacaembú é a nova maravilha urbana!

Bairro modelo • Serviços publicos • Lotes a partir de 137$ por mez • Financiamento IMMEDIATO para construcções independente do pagamento integral do terreno.

COMPANHIA CITY

A maior organização immobiliaria e urbanistica da America do Sul estabelecida em S. Paulo desde 1912

89, RUA LIBERO BADARÓ

Oforeno
OFORENO
REGULADOR HORMONICO DO CICLO MENSTRUAL
OFORENO
Mercantil Ltda.
Ao OFORENO devo o viço das rosas de minha face
OFORENO é o regulador por excellencia do cyclo menstrual
Formula do Prof. *Fernando Magalhães*
Associação opotherapica de effeito rapido e seguro
DEPOSITARIOS:
Araujo Freitas & Cia.
RIO DE JANEIRO